



~~~~~  
"UM DOS MELHORES AUTORES DE AVENTURAS HISTÓRICAS  
DE NOSSO TEMPO." — THE WASHINGTON POST

---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

AUTOR DA TRILOGIA *AS CRÔNICAS DE ARTUR* E DA SÉRIE *CRÔNICAS SAXÔNICAS*

---

*A Batalha de*  
**S H A R P E**

~~~~~  
ESPANHA, MAIO DE 1811

*AS AVENTURAS
DE UM SOLDADO
NAS GUERRAS
NAPOLEÔNICAS*

~~~~~

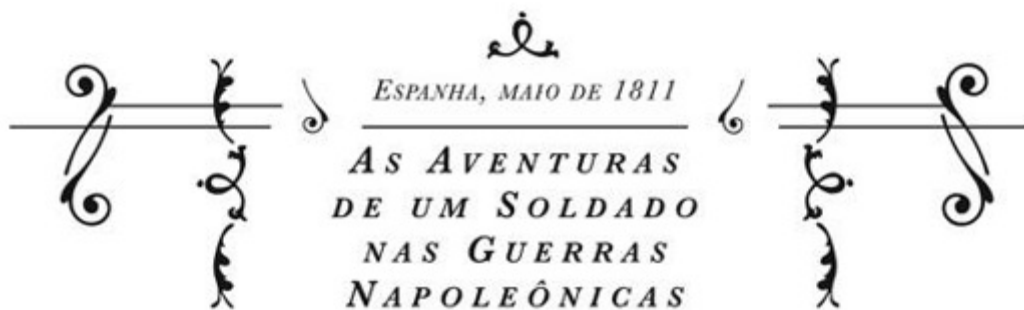


---

*B E R N A R D*  
**C O R N W E L L**

---

*A Batalha de*  
**S H A R P E**



Traduzido por Kleber de Souza Andrade

Da edição espanhola em 20/07/2014

## SINOPSE

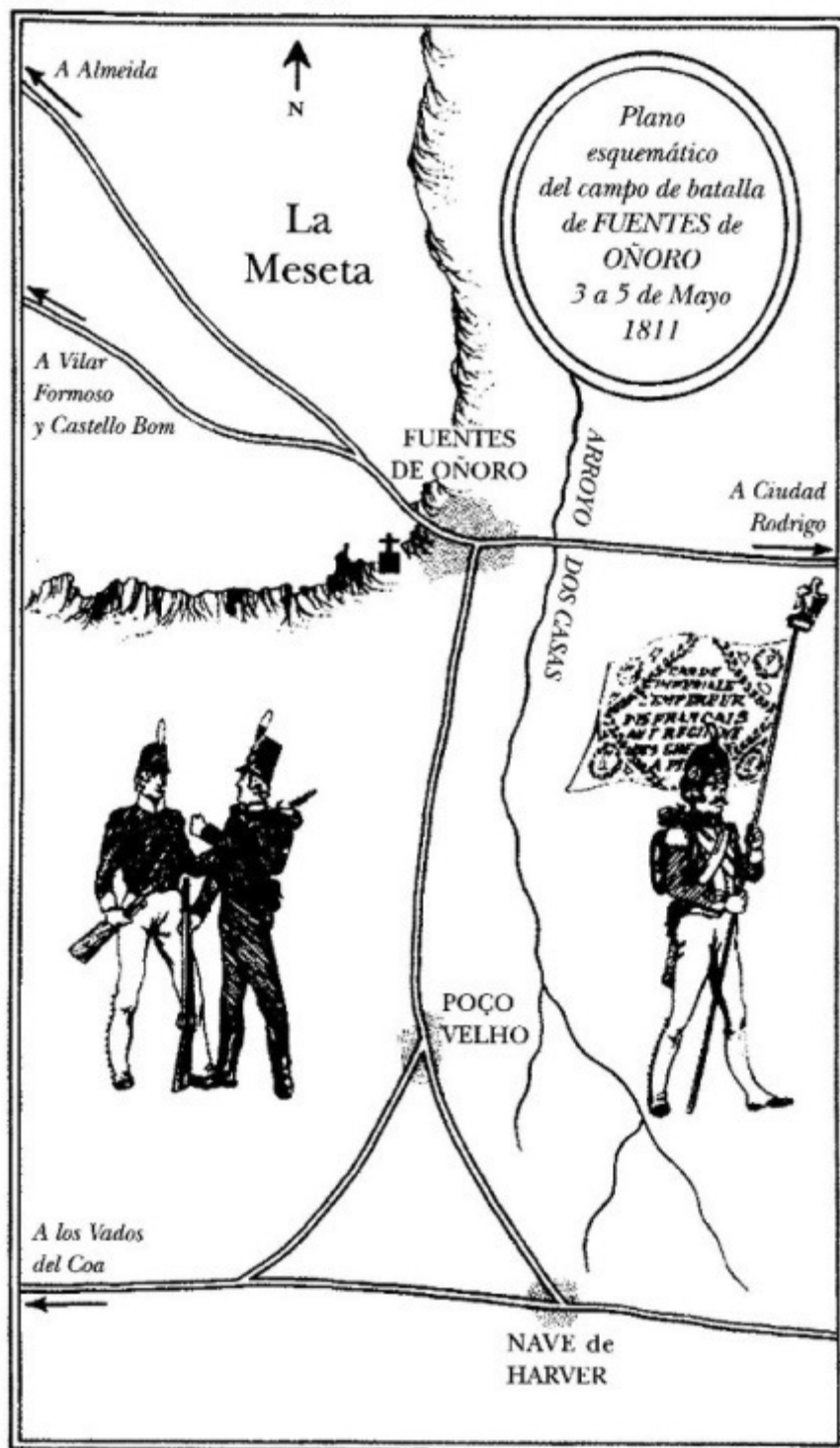
Depois de um desastroso fracasso ao ser atacado em um forte português por tropas de elite napoleônicas, no qual perdeu boa parte de seus homens, a carreira do fuzileiro Richard Sharpe parece à beira de um abrupto e desonroso fim.

A única possibilidade de evitá-lo e de se redimir está no campo de batalha. E é aí onde Sharpe terá sua oportunidade. A tremenda batalha de Fontes de Onor, que durou três dias e na qual se lutou por cada palmo de terreno, inclusive porta por porta, será uma prova memorável para Sharpe e seus homens, mesmo quando não se encontra entre os combates que Wellington mais gostava de recordar; porque cometeu nele um erro estratégico garrafal sobre o qual a história oficial britânica passou na ponta dos pés, mas que Sharpe não deixa de apontar.

Por outro lado, o autoproclamado “Filho querido da Vitória”, o marechal Masséna, foi convocado de imediato à Paris como consequência da batalha, e Napoleão não tardou em substituí-lo pelo marechal Marmont no comando das tropas francesas na Península.

Adaptada para a televisão, com um desenlace distinto, *A batalha de Sharpe* encontra-se entre os romances da série mais valorizados e conhecidos por seus fãs.

*A batalha de Sharpe é para Sean Bean*



---

## PREFÁCIO

Este é outro dos livros de Sharpe que foi escrito fora de sequência e, uma vez mais, para a Televisão, que queria uma história peninsular extra, ainda que ao final não fosse capaz de enviar o livro terminado no prazo previsto para os produtores. E esta é a razão pela qual o capítulo da série *Sharpe's Battle* segue bastante de perto a primeira metade do livro, mas depois oferece um final alternativo.

O livro narra a história de uma batalha, a de Fontes de Onor, travada entre 3 e 5 de maio de 1811. Narra também a “guerra de fronteiras” que consumiu grande parte dos esforços de Wellington na fase inicial da guerra peninsular. A fronteira, certamente, era a da Espanha e Portugal, e Wellington necessitava assegurar as grandes fortalezas que bloqueavam aquela faixa peninsular. A queda das imensas fortalezas espanholas é contada na *Companhia de Sharpe*, mas este livro viaja um ano atrás no tempo, quando as defesas da fronteira ainda frustravam os ingleses. Os franceses controlavam os dois grandes baluartes espanhóis e um dos dois portugueses, Almeida, que estava sitiado pelos ingleses. Masséna, o marechal francês, tenta romper o sítio e, para detê-lo, Wellington combate em Fontes de Onor, situado na própria fronteira.

Foi uma batalha notável. Em primeiro lugar, e de forma pouco habitual para as guerras napoleônicas, durou mais de um dia. A duração da batalha dá fê de sua importância e ferocidade. Em segundo lugar, foi, assim como Waterloo, fruto de uma impulsiva e genial manobra militar. Wellington encarou uma importante decisão em Fontes de Onor. Podia proteger as estradas pelas quais seu exército deveria se retirar se perdesse a batalha, ou podia bloquear o caminho para Almeida, mas não podia fazer as duas coisas. Tentou fazê-las e fracassou, e a decisão que tomou ao final foi valente e arriscada. Masséna esteve muito perto de ganhar a batalha com seu esplêndido movimento envolvente pela esquerda, e a narração de como se retirou a Divisão Ligeira Inglesa pela planície ao sul de Fontes de Onor, salvando assim a ala direita do exército de Wellington, é extraordinária. Como é natural, Sharpe está no meio de tudo isto, assim que deixarei que o romance conte a história.

Contudo, o que diferenciou Fontes de Onor de todas as demais batalhas da campanha foi o combate na própria vila. Fontes de Onor era uma localidade grande, construída na ladeira de uma colina, uma confusão de ruelas, becos, casas e edifícios anexos. Não havia lugar para formações disciplinadas em semelhante labirinto, nem para colunas nem linhas. Foi uma luta rueira, corpo a corpo, brutal e sangrenta. Os dois lados soltaram seus melhores homens naquela vila, que se converteu em uma caldeira de horror. Como é natural, Sharpe também está ali.

A batalha freou a tentativa de Masséna de liberar Almeida do sítio inglês, ainda que a maior parte da guerra de fronteiras não foi tão dramática, senão bem mais uma tarefa de desgaste diário patrulhando colinas vazias enquanto se vigiava o inimigo. No romance, Sharpe

é destacado durante um tempo para o forte de São Isidro, que inventei, ainda que a uns poucos quilômetros de Fontes de Onor haja um lugar assim, o forte Concepção, que está abandonado e meio desmantelado: os ingleses o explodiram para negar seus muros aos franceses, e o fizeram de forma torpe, matando alguns de seus homens na explosão. Em seus dias, o forte Concepção deve ter custado o equivalente a um porta-aviões novo, embora agora esteja vazio e é um lugar perfeito para uma merenda campestre. Quando, há vinte anos, fiz uma viagem sem um centavo para a Espanha e Portugal, para ver os lugares sobre os quais pretendia escrever, nunca pensei em passar mais de uma tarde no forte Concepção, mas terminei passando uma semana acampado em seu hornaveque. Então, por que não o utilizei no romance? Porque fica no lugar incorreto. Se Sharpe tivesse sido destacado para o forte Concepção, provavelmente nunca teria sido requerido em Fontes de Onor, pois seria melhor ter ficado onde estava para proteger a ala esquerda do exército; assim que, para fazê-lo passar por outro inferno, inventei um remoto forte chamado São Isidro. Pobre Sharpe.



# PRIMEIRA PARTE



---

## CAPÍTULO 1

Sharpe lançou uma maldição. Depois, desesperado, voltou a girar o mapa.

— Daria no mesmo não ter nenhum mapa maldito — disse —, este não serve nem para limpar a bunda.

— Poderíamos usá-lo para acender fogo — sugeriu o sargento Harper. — É difícil encontrar boa isca para o fogo por estas colinas.

— Não serve para mais nada — disse Sharpe. O mapa desenhado à mão mostrava um punhado de roças, umas poucas linhas vacilantes para os caminhos, riachos ou rios, e vagos sombreados para indicar as colinas, ainda que a única coisa que Sharpe podia ver eram montanhas. Nem caminhos nem povoações, somente cinzas e inóspitas montanhas pedregosas com seus picos envolvidos em névoa, e vales que atravessavam riachos brancos e cheios pelas chuvas primaverais. Conduzira a sua companhia para as terras altas da fronteira norte entre a Espanha e Portugal, e ali haviam se perdido. Ainda que a sua companhia, quarenta soldados com fardos, embornais, caixas de cartuchos e armas, parecia não se importar. Agradeciam àquele inesperado ponto morto das hostilidades, assim que se sentaram ou se recostaram junto à vereda coberta de grama. Alguns acendiam seus cachimbos, outros cochilavam, enquanto o capitão Richard Sharpe voltava a virar o mapa e depois, enfurecido, o convertia em uma bola enrugada. — Nós nos perdemos — disse e depois, para ser justo, corrigiu-se. — Eu me perdi.

— Meu avô se perdeu uma vez — observou Harper servil. — Tinha comprado um boi de um tipo da paróquia de Cloghanelly, e decidiu pegar um atalho para casa pelas montanhas de Derryveagh. Então a névoa surgiu, e meu avô não podia distinguir sua esquerda de sua direita. Estava perdido como um cordeirinho, quando de repente o boi rompeu filas e saiu disparado pela névoa e se precipitou por um barranco ao vale de *Barra*. Meu avô contava que ouviu a pobre criatura berrando enquanto caía; depois ouviu um golpe seco, como quando se atira uma gaita desde a torre de uma igreja, só que mais forte, dizia ele, porque calculava que deviam de ter ouvido aquele golpe até em Ballybofey. Anos depois, costumávamos rir daquilo, mas não naquele momento. Por Deus, não, naquele momento foi uma verdadeira tragédia. Não podíamos nos permitir perder um bom boi. Nunca soube o havia feito o boi correr daquela forma...

— Pelas lágrimas de Cristo! — interrompeu Sharpe. — Eu não posso me permitir perder um maldito sargento que não tem nada melhor a fazer que tagarelar sobre um boi maldito!

— Era uma besta valiosa! — protestou Harper. — Além disso, nós o perdemos. Não temos nada melhor a fazer para passar o tempo, senhor.

O tenente Price tinha permanecido na retaguarda da coluna, mas agora se reuniu com seu oficial comandante.

— Estamos perdidos, senhor?

— Não, Harry, vim aqui só por que quis. Onde quer que estejamos — Sharpe deu uma espiada, desanimado, para o úmido e sombrio vale. Orgulhava-se de seu senso de orientação e de sua habilidade para cruzar territórios desconhecidos, mas agora estava completamente perdido, e as nuvens eram tão espessas que escondiam o sol, de maneira que nem sequer podia saber em qual direção ficava o norte. — Precisamos de uma bússola — disse.

— Ou de um mapa? — sugeriu despreocupadamente o tenente Price.

— Já temos um maldito mapa! — Sharpe lançou o mapa enrugado para as mãos do tenente. — O major Hogan o desenhou para mim, e não consigo ver-lhe nenhum sentido.

— Nunca fui bom com mapas — confessou Price. — Uma vez me perdi levando uns recrutas de Chelmsford para os barracões, e era uma estrada reta. E tinha um mapa comigo. Acho que devo ter certo talento para me perder.

— Meu avô também era assim — disse Harper orgulhoso. — Podia se perder enquanto entrava e saía por uma porta. Estava aqui contando para o capitão da vez que subiu com um boi a Slieve Snaght. Fazia mau tempo, veja, e ele tomou um atalho e...

— Pare — disse Sharpe com brusquidão.

— Pegamos o caminho equivocado naquele lugarejo em ruínas — disse Price, franzindo o cenho enquanto olhava o mapa enrugado. — Acho que devemos ter seguido pelo outro lado do riacho, senhor — Price mostrou o mapa a Sharpe. — Se é que isso é o lugarejo. É difícil de dizer na realidade. Mas se for assim, creio que deveríamos ter cruzado o riacho, senhor.

Sharpe tinha a leve suspeita de que Price estava certo, mas não queria admitir. Fazia duas horas que tinham cruzado o riacho, assim que só Deus sabia onde estavam agora. Nem ao menos sabia se estavam em Portugal ou na Espanha, ainda que tanto a paisagem como o clima parecessem mais próprios da Escócia. Supunha-se que iam a caminho de Vilar Formoso, onde sua companhia, a Companhia ligeira do Regimento de South Essex, ficaria designada ao alcaide da cidade como unidade de guarda, perspectiva que desanimava a Sharpe. Sua tarefa em uma guarnição de vilória era pouco melhor que a de ser governador, e ser governador era o degrau mais baixo da vida militar, mas o South Essex andava carente de homens, então o regimento fora afastado da frente de batalha e agora fora designado para tarefas administrativas. A maior parte do regimento escoltava carros de boi carregados de suprimentos, que embarcavam Tejo acima desde Lisboa, ou vigiavam os prisioneiros franceses a caminho dos barcos que os levariam para a Inglaterra. Mas a Companhia ligeira tinha se perdido, e tudo porque Sharpe havia ouvido um canhonaço distante que se assemelhava a um trovão distante e tinha decidido marchar para o sul, só para descobrir que seus ouvidos tinham lhe aplicado uma peça. O ruído da escaramuça, se é que tinha sido de fato uma escaramuça e não um trovão de verdade, havia sumido, e agora Sharpe não tinha nem ideia de onde estava.

— Não me atreveria a jurar, senhor, pois como lhe disse não sou muito bom lendo mapas. Poderia ser qualquer um desses garranchos, senhor, ou nenhum.

— Então, por que demônios está me mostrando?

— Com a esperança de que o inspire, senhor — acrescentou Price ferido. — Estava tentando ajudar, senhor. Tentava levantar os ânimos — voltou a olhar para o mapa. — Talvez este não seja um bom mapa — sugeriu.

— Será bom para acender fogo — repetiu Harper.

— Uma coisa é segura — disse Sharpe enquanto tirava o mapa de Price —, não cruzamos o riacho, o que significa que esses riachos devem de correr para o oeste. — Ficou calado. — Ou provavelmente corram para o oeste. A menos que o maldito mundo tenha se invertido, o que é bastante provável nestes tempos, mas seguiremos os malditos riachos para o caso de não ser assim. Isto — estendeu o mapa para Harper —, para fazer fogo.

— Foi o que fez meu avô — disse Harper, guardando o enrugado mapa em sua descolorada e surrada casaca verde. — Seguiu o curso do...

— Cale-se — disse Sharpe, mas desta vez sem irritação. Falou com acalma, e ao mesmo tempo fez um gesto com a mão esquerda para indicar a seus acompanhantes que se agachassem. — Um maldito franchinote — sussurrou —, ou o que seja... Nunca tinha visto um uniforme como esse.

— Demônios — disse Price, ao mesmo tempo em que se deixava cair à terra.

Havia aparecido um cavaleiro a apenas uns duzentos metros da vereda. O homem não vira a infantaria inglesa nem tampouco parecia estar buscando inimigos. Com o cavalo ao passo, saiu perambulando de um vale lateral e se deteve; então o cavaleiro desceu com preguiça de cima da sela de montar e pendurou as rédeas em um braço, enquanto desabotoava os largos calções e urinava na vereda. A fumaça de seu cachimbo se elevava lentamente no ar úmido.

O fuzil de Sharpe deu um estalido quando este puxou o percussor para trás. Todos os homens de Sharpe, inclusive aqueles que estavam dormindo, estavam agora em alerta deitados sobre a grama, tão agachados que ainda que o cavaleiro tivesse olhado em sua direção, provavelmente não teria visto à infantaria. A companhia de Sharpe era uma unidade experimentada de veteranos, curtida por dois anos de combates em Portugal e Espanha, e tão bem treinada como qualquer soldado do continente.

— Reconhece o uniforme? — perguntou Sharpe a Price em voz baixa.

— Nunca o havia visto antes, senhor.

— Pat? — perguntou Sharpe para Harper.

— Parece um maldito russo — disse Harper.

O sargento nunca havia visto um soldado russo, mas tinha a torta ideia de que tais criaturas se vestiam de cinza, e aquele misterioso cavaleiro vestia um uniforme cinza. Usava uma casaca curta cinza de dragão, calções cinza e um penacho de crina cinza em seu capacete cinza acerado. Ou talvez, pensou Sharpe, só era uma cobertura de tecido para evitar que o metal do capacete refletisse a luz.

— Espanhol? — perguntou Sharpe em voz alta.

— Esses faceiros sempre vão carregados de enfeitiños, senhor — disse Harper. — não gostam de morrer com roupas sem lustre.

— Pode ser que seja um guerrilheiro — sugeriu Sharpe.

— Suas armas são franchinotes — disse Price —, e seus calções também.

De fato, o cavaleiro mijão ia armado como um dragão francês. Levava uma espada reta, uma carabina de cano curto embainhada no estojo de sua sela e um par de pistolas enganchadas em seu cinturão. Também usava os característicos *saroual*, calças largas muito do gosto dos dragões franceses, mas Sharpe nunca havia visto um dragão francês com um todo cinza como aquele nem, sem dúvida, com uma casaca cinza. Os dragões inimigos vestiam sempre casacas verdes, mas não o verde escuro de caçador dos gabões dos fuzileiros ingleses, mas um verde mais claro e mais brilhante.

— estarão ficando sem tinta verde esses sacanas? — sugeriu Harper, depois se fez silêncio enquanto o cavaleiro abotoava seus enrugados calções e voltava a montar. O homem esquadrinhou detalhadamente o vale, não viu nada alarmante e esporeou seu cavalo para o lado oculto da ladeira.

— Estava explorando — disse Sharpe em voz baixa. — Devem tê-lo enviado para ver se havia alguém por aqui.

— Pois fez um trabalho penoso — comentou Harper.

— Mesmo assim — disse Price com fervor —, seria bom que tomássemos a direção contrária.

— Nada disso, Harry — disse Sharpe. — Vamos ver quem são esses sacanas e o que estão fazendo. — Apontou para o alto da colina. — Harry, vá à frente. Leve seus homens e suba até a metade da ladeira, depois espere.

O tenente Price subiu a empinada ladeira com os casacas-vermelhas da companhia de Sharpe. A metade da companhia vestia as casacas vermelhas da infantaria de linha inglesa, enquanto que a outra metade, como o próprio Sharpe, usava as casacas verdes dos regimentos dos fuzileiros de elite. Tinha sido um acidente de guerra o que fez Sharpe e seus fuzileiros entrarem em um batalhão de casacas-vermelhas. Mas era a pura inércia burocrática o que os mantinha ali e agora já era difícil distinguir os fuzileiros dos casacas-vermelhas devido ao quão surrados e descoloridos estavam seus respectivos uniformes. À distância, todos os uniformes pareciam marrons devido ao barato tecido português que os homens foram forçados a usar para os remendos.

— Acredita que cruzamos as linhas? — perguntou Harper a Sharpe.

— É muito provável — respondeu Sharpe com amargura, pois ainda estava chateado consigo mesmo. — Como se alguém soubesse onde estão as malditas linhas — disse em sua defesa; e em parte tinha razão. Os franceses estavam se retirando de Portugal. O inimigo havia permanecido todo o inverno de 1810 diante das linhas de Torres Vedras, a apenas meio dia de marcha de Lisboa, e ali haviam morrido de frio e de fome em vez de se retirar para seus depósitos desuprimento na Espanha. O marechal Masséna sabia que essa retirada deixaria

todo Portugal nas mãos dos ingleses. Enquanto que atacar as linhas de Torres Vedras seria um autêntico suicídio. Portanto, simplesmente decidira ficar ali, sem avançar nem se retirar, morrendo pouco a pouco de fome durante o inverno e olhando os enormes vãos das linhas, que foram destroçados e arrasados de uma cadeia de colinas diante da estreita península ao norte de Lisboa. Os vales entre as colinas tinham sido bloqueados com imensos diques ou com intrincadas barricadas de arbustos, enquanto que nos cumes e suas prolongadas ladeiras cavaram trincheiras com aberturas, armadas com uma bateria de canhões atrás de outra. As linhas, uma fome invernal e os incessantes ataques de guerrilheiros finalmente acabaram com a tentativa francesa de capturar Lisboa, e em março tinham começado a se retirar. Agora, já em abril, a retirada estava se demorando nas colinas da fronteira espanhola, pois era ali onde o marechal Masséna tinha decidido assentar sua posição. Lutaria e derrotaria os ingleses nas abruptas colinas cortadas por rios, de modo que Masséna teria sempre a suas costas as fortificações gêmeas de Badajoz e Cidade Rodrigo. Aquelas duas cidadelas espanholas convertiam a fronteira em um formidável dique de contenção, embora por enquanto o que preocupava a Sharpe não era a desalentadora campanha de fronteira que se aproximava, mas o misterioso cavaleiro cinza que se afastava.

O tenente Price havia alcançado uma zona de terreno ermo à meia ladeira, onde seus homens se ocultaram enquanto Sharpe indicava a seus fuzileiros que avançassem. Era uma ladeira empinada, mas os casacas-verdes a subiram depressa porque, como todo homem de infantaria experiente, sentiam um medo sã pela cavalaria inimiga, e sabiam que as ladeiras escarpadas eram uma barreira efetiva contra os cavaleiros, de modo que quanto mais alto subissem, mais seguros e despreocupados se sentiriam.

Sharpe ultrapassou o grupo dos fuzileiros agachados e seguiu subindo para a crista de um esporão que separava os dois vales. Quando estava perto do cume, fez um gesto para que seus fuzileiros se jogassem ao chão e depois subiu se arrastando até a crista para dar uma espiada no pequeno vale no qual o cavaleiro cinza tinha desaparecido.

E a uns sessenta metros abaixo, viu os franceses.

Todos aqueles homens vestiam o estranho uniforme cinza, mas Sharpe já sabia que eram franceses porque um dos homens da cavalaria levava uma bandeira. Era uma pequena bandeira de cauda de andorinha presa em uma lança para orientação no caos da batalha, e esta bandeira, surrada e destruída, mostrava o vermelho, o branco e o azul do inimigo. O porta-estandarte estava montado em seu cavalo no meio de uma pequena aldeia abandonada, enquanto que seus companheiros desmontados revistavam a meia dúzia de casas de pedra e palha, que pareciam ter sido construídas para dar refúgio a umas famílias durante os meses de verão, quando os granjeiros das terras baixas tinham que subir seus rebanhos para os pastos altos.

Só havia uma meia dúzia de cavaleiros no povoado, mas junto deles estava um punhado de soldados de infantaria, que também vestiam os monótonos e simples gabões cinzas, em vez de seu azul habitual. Sharpe contou dezoito homens de infantaria.

Harper subiu a colina rastejando até chegar junto de Sharpe.

— Jesus, Maria e José — disse ao ver a infantaria. — Uniformes cinzas?

— Pode ser que tenha razão — disse Sharpe —, pode ser que esses sacanas tenham ficado sem tinta.

— Pois preferiria que tivessem ficado sem balas de mosquete — disse Harper. — Então, o que fazemos?

— Nos largamos — disse Sharpe. — Não tem sentido combater por capricho.

— Amém a isso, senhor — Harper começou a deslizar se afastando da crista. — Já podemos ir?

— Dê-me um minuto — disse Sharpe e levou um braço às costas para sacar sua luneta, que estava em um bolso de sua mochila francesa de couro de boi. Depois, com a viseira da luneta estendida para dar sombra à lente externa e evitar que seu reflexo chegasse colina abaixo, orientou-a para os barracos. Sharpe era qualquer coisa menos um homem rico, ainda que a luneta fosse um instrumento delicado e caro fabricado por Matthew Berge de Londres, com ocular de latão, obturadores e uma pequena placa gravada montada sobre seu tubo de nogueira. “Em agradecimento”, dizia a placa, “AW. 23 de setembro, 1803”. AW eram as iniciais de Arthur Wellesley, agora visconde de Wellington, tenente-general e comandante dos exércitos inglês e português que havia perseguido o marechal Masséna até a fronteira espanhola; mas no 23 de setembro de 1803, o honorável comandante general Arthur Wellesley cavalgava em um cavalo que foi atingido no peito, de maneira que derrubou seu cavaleiro nas filas da frente inimiga. Sharpe ainda podia recordar os estridentes gritos de triunfo dos soldados quando o general de casaca vermelha caiu entre eles, ainda que se recordasse de muito poucos segundos do que sucedeu depois. Contudo, tinham sido aqueles poucos segundos que o haviam catapultado de entre as tropas rasas e fizeram dele, um homem nascido na miséria e marginalização, um oficial do exército inglês.

Agora enfocou o presente de Wellington para os franceses abaixo, e viu um soldado de cavalaria desmontado que transportava um balde cheio de água desde o riacho. Por um ou dois segundos, Sharpe pensou que aquele homem levava água para seu cavalo, mas o dragão se deteve entre duas casas e começou a jogar a água no piso.

— Procuram comida — disse Sharpe —, com o truque da água.

— Grandes mortos de fome — disse Harper.

Os franceses foram expulsos de Portugal mais pela fome que pela força das armas. Quando Wellington se retirou de Torres Vedras, deixou atrás de si um território devastado, de estábulos vazios, poços envenenados e celeiros cheios de eco. Os franceses resistiram cinco meses de fome, revistando toda aldeia deserta e vila abandonada em busca de alimentos escondidos, e uma maneira de encontrar potes de cereal enterrados era derramar água no piso, pois onde o solo havia sido cavado e tapado de novo a água sempre desaparecia mais depressa, e assim mostrava onde foram escondidos os potes.

— Ninguém esconderia comida nestas colinas — disse Harper desdenhoso. — Ninguém subiria até aqui com mais comida que a necessária.

Então ouviram um grito de mulher.

Por alguns instantes, tanto Sharpe como Harper pensaram que o som provinha de um animal. A distância teria amortecido e distorcido o berro, e não havia sinal algum de civis no pequeno povoado, mas então o eco do terrível alarido foi devolvido pelas distantes ladeiras da frente, de forma que os dois homens captaram todo seu horror.

— Sacanas... — sussurrou Harper.

Sharpe fechou a luneta.

— Ela está em uma das casas — disse. — E dois homens com ela? Três, talvez? O que quer dizer que não pode ter mais de trinta desses sacanas aí abaixo.

— Nós somos quarenta — disse Harper com receio.

Não é que lhe assustassem as probabilidades, mas tal vantagem não era tão esmagadora para lhes garantir uma vitória sem derramamento de sangue.

A mulher gritou de novo.

— Vá chamar o tenente Price — ordenou Sharpe a Harper. — Diga a todos que carreguem e que se mantenham fora do cume — girou para trás. — Dan! Thompson! Cooper! Harris! Subam aqui — os quatro eram seus melhores atiradores. — Mantenham as cabeças baixas! — Advertiu aos quatro homens, depois esperou até que chegassem ao cume. — Em um minuto, levarei os outros fuzileiros lá embaixo. Quero que vocês quatro fiquem aqui e atirem em qualquer sacana que pareça problemático.

— Aqueles sacanas já vão partir — disse Daniel Hagman. Hagman era o homem mais velho da companhia e o atirador mais certo. Era um caçador clandestino de Cheshire ao qual lhe ofereceram a possibilidade de se alistar ao exército, em lugar de afrontar o desterro por roubar alguns faisões de um terratenente absentista.

Sharpe voltou a olhar para baixo. Os franceses estavam partindo, ou melhor, a maioria deles, pois a julgar pela forma que os da retaguarda da coluna de infantaria olhavam para trás e gritavam para as casas, tinham deixado alguns de seus camaradas dentro da casa onde a mulher havia gritado. Com meia dúzia de soldados de cavalaria à cabeça, o grupo principal avançava com dificuldade riacho abaixo para o vale maior.

— Estão se tornando descuidados — disse Thompson.

Sharpe assentiu. Deixar homens no povoado era um risco, e não era próprio dos franceses correrem riscos em terreno aberto. Espanha e Portugal estavam infestados de guerrilheiros, os guerrilheiros que lançavam escaramuças curtas e letais, uma forma de lutar muito mais amarga e cruel que as batalhas mais formais entre os franceses e os britânicos. Sharpe conhecia bem aquela crueldade, pois no ano anterior cruzara o agreste território do norte para buscar ouro espanhol, e seus companheiros eram guerrilheiros cujo selvagerismo lhe horrorizara. Um deles, Teresa Moreno, tinha sido amante de Sharpe, ainda que agora chamava a si mesma “a agulha”, e todo francês que esfaqueava com sua lâmina comprida e estreita era uma pequena parte da interminável vingança que prometera infligir aos soldados que abusaram dela.



Teresa estava agora muito longe, lutando nas cercanias de Badajoz, e nesse momento, no povoado aos pés de Sharpe, outra mulher estava sofrendo as atenções dos franceses, e o capitão se perguntava uma vez mais por que aqueles soldados de uniforme cinza acreditavam que era seguro deixar alguns homens terminarem seu crime naquele povoadozinho isolado. Estavam tão seguros de que não havia nenhum guerrilheiro à espreita naquelas montanhas?

Harper regressou, respirando pesadamente depois de guiar os casacas-vermelhas de Price colina acima.

— Deus salve a Irlanda — disse enquanto se deixava cair junto a Sharpe —, mas aqueles sacanas já estão indo.

— Acho que deixaram para trás alguns homens. Está preparado?

— Claro que estou — Harper engatilhou o percussor de sua espingarda.

— Mochilas ao solo — disse Sharpe para seus fuzileiros enquanto tirava a sua dos ombros, depois se voltou para olhar o tenente Price. — Espere aqui, Harry, e esteja atento ao apito. Duas apitadas significam que quero que abra fogo daqui de cima, e três que quero que desça ao povoado — olhou para Hagman. — Não abra fogo, Dan, até que eles nos vejam. Se pudermos chegar lá embaixo sem que aqueles sacanas percebam, será mais fácil — levantou a voz para que os demais fuzileiros pudessem ouvir-lhe. — Vamos descer depressa — disse Sharpe. — Estão todos preparados? Têm suas armas carregadas? Então vamos! Agora!

Os fuzileiros saltaram por cima da crista e se lançaram colina abaixo atrás de seu capitão. Ele seguiu olhando para sua esquerda, onde a pequena colina francesa se dobrava junto ao riacho, mas nenhum dos da colina se virou, e o ruído dos cascos dos cavalos e das botas cravejadas dos infantes devia de suavizar sem dúvida o som dos casacas-verdes ao correr colina abaixo. Mesmo assim, justo quando Sharpe estava a alguns metros da casa mais próxima, um francês se voltou e deu o alarme. Hagman disparou naquele mesmo instante, e o som de seu fuzil Baker ressoou primeiro na ladeira mais afastada do pequeno vale, depois no remoto flanco do vale maior. O eco seguiu quicando, cada vez mais fraco, até que foi afogado quando os outros fuzileiros do cume da colina abriram fogo.

Sharpe avançou o último trecho de um salto. Lançou-se ao chão ao aterrizar, levantou-se e passou correndo junto de um monte de esterco empilhado contra o muro de uma casa. Só havia um cavalo atado a um pino de aço, cravado no solo junto a um dos barracos, em cuja porta apareceu de repente um soldado francês. Aquele homem usava uma camisa e um gabão cinza, mas estava nu da cintura para baixo. Levantou seu mosquete quando Sharpe apareceu correndo, mas depois viu os fuzileiros que vinham atrás dele, então deixou cair o mosquete e levantou as mãos para se render.

Sharpe tinha desembainhado sua espada enquanto corria para a porta da casa. Uma vez ali, afastou com o ombro o soldado com as mãos levantadas e entrou correndo no casebre, que só tinha uma habitação de pedra desnuda com vigas de madeira e teto de lousas e grama. O interior estava às escuras, mas não a ponto de impedir Sharpe de ver uma garota nua arrastando-se pelo piso de terra em um canto. Tinha sangue nas pernas. Outro francês, este com calças de cavalaria à altura dos tornozelos, tentou se levantar e pegar sua espada

embainhada, mas Sharpe lhe deu um chute nas bolas. Golpeou-lhe tão forte que o homem gritou, mas não pôde recuperar o fôlego para gritar outra vez e caiu no chão ensanguentado, onde ficou gemendo e com os joelhos encolhidos para o peito. Havia outros dois homens no piso de terra batida, mas quando Sharpe se voltou para eles com sua espada desembainhada viu que os dois eram civis e estavam mortos. Tinham sido degolados.

O crepitar dos mosquetes ressoava no vale. Sharpe regressou para a porta, onde o soldado de infantaria francês estava de joelhos com as mãos entrelaçadas atrás da cabeça.

— Pat! — chamou Sharpe.

Harper estava organizando os fuzileiros.

— Temos esses merdas dominados, senhor! — gritou o sargento em tom tranquilizador, adiantando-se à pergunta de seu capitão.

Os fuzileiros haviam se agachado junto às casas e disparavam dali, recarregavam e voltavam a disparar. Das bocas de seus fuzis Baker saíam espessas volutas de fumaça branca que cheirava a ovos podres. Os franceses devolviam o fogo, e as balas de seus mosquetes atingiram as casas de pedra quando Sharpe recuava de volta ao interior. Pegou as duas armas dos franceses e as jogou para fora pela porta.

— Perkins! — gritou.

O fuzileiro Perkins correu para a porta. Era o mais jovem dos homens de Sharpe, ou se supunha que era o mais jovem, pois ainda que Perkins não conhecesse nem o dia nem o ano de seu nascimento, ainda não necessitava se barbear.

— Senhor?

— Se qualquer um destes sacanas se mover, atire.

Perkins podia ser jovem, mas a expressão de seu magro rosto assustou o francês que não estava ferido, que levantou uma mão em sinal de paz como suplicando ao jovem fuzileiro que não lhe disparasse.

— Vigiarei estes porcos, senhor — disse Perkins, e depois calou sua baioneta de cabo de latão na boca do fuzil.

Sharpe viu que a roupa da garota estava jogada debaixo uma mesa tosca. Pegou as gordurentas vestes e entregou a ela. A jovem, apenas recém saída de sua infância, estava pálida e aterrorizada, e soluçava sem parar.

— Sacanas — disse Sharpe para os dois prisioneiros, depois saiu correndo para a débil luz do exterior. Uma bala de mosquete passou zumbindo por cima de sua cabeça enquanto avançava encolhido para pôr-se a coberto junto a Harper.

— Aqueles merdas são bons, senhor — disse o irlandês com má vontade.

— Achava que já os tinha dominado.

— Eles pensam outra coisa a respeito — disse Harper, depois saiu a descoberto, apontou, disparou e voltou a agachar-se. — Aqueles merdas são bons — voltou a dizer enquanto

começava a recarregar.

E os franceses eram bons. Sharpe tinha a esperança de que o pequeno grupo de franceses se afastasse correndo do fogo dos fuzis, mas em vez disso tinham se dispersado em uma linha de escaramuça, convertendo assim o alvo fácil de uma coluna em marcha em uma série dispersa de difíceis alvos. Ao mesmo tempo, a meia dúzia de dragões que acompanhava a infantaria havia desmontado e começava a disparar de pé, enquanto um deles tirava ao galope os cavalos do alcance dos fuzis, e a mistura de carabinas dos dragões e mosquetes da infantaria ameaçava superar aos fuzileiros de Sharpe. Os fuzis Baker eram muito mais certos que as armas dos franceses, e podiam matar a uma distância quatro vezes maior, mas eram desesperadamente lentos de carregar. As balas, cada uma envolvida em um pedaço de couro para que se apertasse ao interior do cano, tinham que ser empurradas com força pelas estrias e campos do cano, enquanto que uma bala de mosquete podia ser empurrada com facilidade em um cano de alma lisa. Os homens de Sharpe já estavam abandonando os pedaços de couro para carregar mais depressa, mas sem o couro a alma rajada não podia imprimir seu giro à bala, tirando do fuzil uma grande vantagem: sua letal precisão. Hagman e seus três companheiros seguiam disparando desde a crista, mas eram muito poucos como para fazer qualquer diferença, e só o que estava evitando que os fuzileiros de Sharpe fossem dizimados era a proteção das muretas de pedra que rodeavam as casas.

Sharpe pegou um pequeno apito do bolso de sua bandoleira e o soprou duas vezes; depois soltou seu próprio fuzil, assomou-se pelo canto da casa e apontou para a fumaceira que flutuava vale abaixo. Disparou. Sentiu o forte retrocesso do fuzil justo quando uma bala de mosquete francês se incrustava no muro junto à sua cabeça. Um pedaço de pedra arranhou sua bochecha cheia de cicatrizes, fazendo-lhe sangrar, e não lhe atingiu um olho por muito pouco.

— aqueles merdas são realmente muito bons. — De má vontade, Sharpe repetiu como um eco o elogio de Harper; pouco depois, uma estrondosa descarga de mosquetes anunciou que Harry Price já havia alinhado seus casacas-vermelhas no alto da colina, e disparavam para os franceses.

A primeira descarga de Price bastou para decidir o combate. Sharpe ouviu uma voz francesa dando ordens e, um segundo depois, a linha de escaramuça do inimigo começava a recolher-se e desaparecia. Harry Price só teve tempo para uma descarga mais antes que o inimigo de uniforme cinza saísse de seu campo de tiro.

— Green! Horrell! McDonald! Cresacre! Smith! Sargento Latimer! — Sharpe chamava seus fuzileiros. — Formem uma linha de piquete a cinquenta passos vale abaixo, mas voltem aqui a toda pressa se aqueles sacanas regressarem para buscar mais. Movam-se! Os outros permaneçam onde estão.

— Jesus, senhor, deveria ver isto! — Harper havia aberto a porta da casa mais próxima com a ponta de sua espingarda de sete canos. A arma, que em origem tinha sido desenhada para ser disparada dos conveses dos navios de guerra ingleses, era um conjunto de sete canos de meia polegada disparados por uma única pederneira. Parecida com um canhão em miniatura, só os homens mais fortes podiam disparar aquela espingarda sem se ferir nos

ombros. Harper era um dos homens mais fortes que Sharpe havia conhecido, mas era também um dos mais sentimentais, e agora o enorme irlandês parecia estar à beira das lágrimas.

— Oh, louvado seja Jesus Cristo nosso senhor — disse Harper enquanto se benzia —, malditos sacanas...

Sharpe já havia sentido o cheiro de sangue e agora, ao olhar além do sargento, sentiu que o asco lhe dar um nó na garganta.

— Por Deus... — disse em voz baixa.

O casebre estava embebido em sangue, suas paredes salpicadas, e espalhados sobre seu piso empapado jaziam os corpos inertes de alguns meninos. Sharpe tentou contar os pequenos cadáveres, mas não podia distinguir onde terminava um corpo ensanguentado e onde começava o outro. Era evidente que tinham desnudado os meninos e depois lhes haviam cortado as gargantas. Também mataram um cachorrinho, e seu corpo, com a cacheada pelagem amassada pelo sangue, tinha sido jogado sobre os meninos, cuja pele parecia de uma brancura antinatural em contraste com os intensos salpicos de sangue quase negro.

— Oh, louvado seja o Senhor — disse Sharpe enquanto se afastava das sombras fedorentas para tomar uma baforada de ar fresco. Havia superado seu limite de contemplação de horrores. Filho de uma rameira pobre, nascido em uma ruela de Londres, tinha seguido os tambores ingleses de Flandres a Madras pelas guerras indianas, e agora desde as praias de Portugal à fronteira da Espanha, mas nunca, nem sequer nas câmaras de tortura do sultão Tipu em Seringapatam, havia visto meninos degolados empilhados em um monte como se fossem animais em um matadouro.

— Aqui tem mais, senhor! — avisou o cabo Jackson. Jackson acabava de vomitar na entrada de um casebre no qual os corpos de dois anciãos jaziam em um charco de sangue. Tinham sido torturados de mil formas, era muito evidente.

Sharpe pensou em Teresa, que estava combatendo aos mesmos malditos que estripavam e atormentavam suas vítimas; depois, incapaz de suportar a torrente de imagens que agitavam seus pensamentos, formou um megafone com as mãos e gritou para o alto da colina.

— Harris! Desça aqui!

O fuzileiro Harris era o homem culto da companhia. Antes tinha sido mestre de escola e chegou a ser respeitado, mas a chateação o havia levado à bebida e a bebida fora sua ruína, ou pelo menos a causa pela qual se uniu ao exército, onde ainda lhe encantava demonstrar sua erudição.

— Senhor? — disse Harris ao chegar ao povoado.

— Você fala francês?

— Claro, senhor.

— Há dois franchinotes naquela casa. Averigue a que unidade pertencem e o que faziam aqui. E Harris!

— Senhor? — O melancólico e ruivo Harris se voltou para trás.

— Não precisa ser comedido com aqueles sacanas.

Mesmo Harris, que estava acostumado com Sharpe, parecia surpreso com o tom de voz de seu capitão.

— Não, senhor.

Sharpe voltou a atravessar a pequena área situada no centro do povoado. Seus homens haviam revistado as duas casas na parte mais afastada do riacho, mas ali não acharam corpos. O massacre tinha se reduzido evidentemente às três casas da margem mais próxima, onde o sargento Harper permanecia com um gesto vazio e ferido em seu rosto. Patrick Harper era um tipo do Ulster, de Donegal, que havia chegado às fileiras do exército inglês impulsionado pela fome e a pobreza. Era um grandalhão um palmo mais alto que Sharpe, que passava de um metro e oitenta de altura. Em combate, Harper era uma figura imponente, ainda que na realidade fosse um indivíduo afável, divertido e tranquilo cuja benevolência ocultava a contradição que governava sua vida. Não sentia apreço algum pelo rei por quem lutava, e muito menos pelo país cuja bandeira defendia, ainda que houvesse poucos soldados melhores que ele em todos os exércitos do rei Jorge e nenhum que fosse mais leal com seus amigos. Era por esses amigos que Harper lutava, e seu amigo mais próximo, apesar da diferença de categoria, era o próprio Sharpe.

— Eram apenas crianças — disse agora Harper. — Quem faria algo assim?

— Eles — Sharpe moveu sua cabeça em direção ao pequeno vale onde o riacho se unia ao caudal maior. Os franceses de uniforme cinza tinham parado ali; muito longe para estar ao alcance dos fuzis, mas ainda perto o bastante para ver o que sucedia no povoado onde roubaram e assassinaram.

— Alguns destes meninos foram... Estuprados — disse Harper.

— Eu vi — disse Sharpe sombrio.

— Como puderam fazer isso?

— Não há uma resposta, Pat. Só Deus sabe — Sharpe se sentia enjoado, exatamente como Harper, mas se perguntar sobre as raízes do pecado não vingaria os meninos mortos nem manteria a cordura da garota estuprada, e tampouco enterraria os mortos empapados em sangue. E menos ainda ajudaria a encontrar um caminho de regresso para as linhas inglesas. Sua pequena Companhia ligeira, Sharpe compreendeu agora, estava perigosamente exposta à borda das linhas avançadas francesas. — Peça uma resposta a algum maldito capelão, se é que alguma vez poça encontrar algum fora dos bordéis de Lisboa — disse Sharpe com crueza, depois se virou para as casas da matança. — Como demônios vamos enterrar a todos?

— Não podemos, senhor. Basta que derrubemos as casas em cima deles — disse Harper. Deu uma espiada vale abaixo. — Poderia matar àqueles a pauladas. O que vamos fazer com esses dois que capturamos?

— Matá-los — disse Sharpe cortante. — Conseguiremos uma ou duas respostas — disse ao ver que Harris saía agachado da casa. Harris estava com um dos capacetes cinzas de dragão, e Sharpe viu que não estava coberto de tecido, que era fabricado de metal e tinha um

comprido penacho de crina de cavalo cinza.

Harris passou sua mão direita pelo penacho enquanto caminhava para Sharpe.

— Já sabemos quem são, senhor — disse ao aproximar-se mais. — Pertencem à brigada Loup, a brigada lobo. Chama-se assim por seu comandante em chefe, senhor, um tipo chamado Loup, general-de-brigada Guy Loup. Loup significa lobo em francês, senhor. Dizem que são uma unidade de elite. Sua tarefa foi manter aberta a estrada que cruza as montanhas no inverno passado, e o fizeram massacrando os civis. Se algum dos homens de Loup morria, ele matava cinquenta civis em vingança. E ao que parece, era isso o que estavam fazendo aqui, senhor. Dois de seus homens caíram emboscados e foram assassinados, e este é o preço — Harris indicou com um gesto as casas dos mortos. — E Loup não anda longe daqui, senhor — acrescentou a modo de advertência. — A menos que aqueles homens estejam mentindo, coisa que duvido. Deixou aqui um destacamento e levou um esquadrão para pegar alguns fugitivos no vale vizinho.

Sharpe olhou o cavalo de um dos soldados, que seguia atado no meio do povoado, e pensou no soldado de infantaria que havia capturado.

— Essa brigada Loup — perguntou —, é de cavalaria ou de infantaria?

— A brigada tem soldados das duas armas, senhor — disse Harris. — É uma brigada especial, formada para lutar contra os guerrilheiros, e a de Loup tem dois batalhões de infantaria e um regimento de dragões.

— E todos eles se vestem de cinza?

— Como lobos, senhor — disse Harris em tom amável.

— Pois todos nós sabemos o que se faz com os lobos — concluiu Sharpe, depois se voltou quando o sargento Latimer deu o alarme.

Latimer estava ao comando da pequena linha de piquete que permanecia entre Sharpe e os franceses, mas não era um novo ataque o que tinha feito o sargento dar o alarme, mas a aproximação de quatro cavaleiros franceses. Um deles portava a bandeira tricolor, ainda que agora a pequena bandeira de cauda de andorinha estava ocultada pela metade por uma suja camisa branca que fora cravada na ponta da lança da bandeira.

— Ao que parecer, aqueles sacanas querem falar conosco — disse Sharpe.

— Eu falarei com eles — resmungou Harper, ao mesmo tempo em que engatilhava sua espingarda de sete canos.

— Espere, Harper — disse Sharpe. — Volte com a companhia e diga a todo mundo que não abra fogo, e é uma ordem.

— Como ordene, senhor — Harper baixou o percussor; depois, com um olhar carrancudo para os franceses que se aproximavam, foi avisar aos casacas-verdes para que controlassem seu temperamento e afastassem seus dedos dos gatilhos.

Sharpe, com seu fuzil pendurado no ombro e sua espada ao lado, avançou para os quatro franceses. Dois dos cavaleiros eram oficiais, enquanto que os dos flancos eram porta-

estandartes, e a proporção entre bandeiras e homens era tão desequilibrada que era impertinente, quase como se os dois oficiais que se aproximavam se considerassem melhores que o resto dos mortais. A bandeira tricolor teria sido estandarte suficiente, mas a segunda bandeira era extraordinária. Era uma águia francesa com asas douradas estendidas presa no alto de uma haste, que tinha um travessão cravado justo debaixo do pedestal da águia. A maioria das águias levavam uma tricolor de seda na haste, mas esta era acompanhada por seis caldas de lobo enganchadas no travessão. De certa forma, o estandarte era bárbaro, pois recordava os dias distantes em que exércitos pagãos de soldados a cavalo trovejavam pelas estepes para estuprar e arrasar à cristandade inteira.

E se o estandarte das caldas de lobo tinha feito o sangue de Sharpe gelar nas veias, não foi nada comparado com o homem que esporeou seu cavalo para adiantar-se a seus acompanhantes. Somente suas botas não eram cinza. Seu gabão era cinza, seu cavalo era cinza, seu capacete era coroadado com um esplêndido penacho cinza, e sua peliça cinza era debruada com pele de lobo cinza. Faixas de pele de lobo rodeavam a parte de cima do cano de suas botas. Sobre a sela levava um odre cinza, a comprida bainha de sua espada reta e o estojo de sua carabina eram ambas cobertas de pele de lobo, enquanto que a flocinheira de seu cavalo era feita com uma tira de pele cinzenta. Inclusive a barba daquele homem, uma barba curta, pulcra e cuidada, era grisalha, mas o resto de seu rosto, selvagem e impiedoso e cheio de cicatrizes, parecia de pesadelo. Um olho injetado em sangue e o outro velado e leitoso olhavam daquele rosto curtido pela intempérie e endurecido pelas batalhas quando o homem deteve seu cavalo junto a Sharpe.

— Meu nome é Loup — disse —, general-de-brigada Guy Loup do exército de sua majestade imperial. — Seu tom de voz soava estranhamente suave, sua entonação cortês, e seu inglês tinha um leve sotaque escocês.

— Sharpe — disse o fuzileiro. — Capitão Sharpe. Do exército inglês.

Os outros três franceses haviam parado uns dez metros mais atrás. Vigiam enquanto seu comandante tirava o pé do estribo e se deixava cair ao solo com leveza. Não era tão alto como Sharpe, mas mesmo assim era um homem grande, muito musculoso e ágil. Sharpe supôs que o brigadeiro francês teria uns quarenta anos, seis anos mais que ele próprio. Loup pegou agora dois charutos de sua bolsa com rebordos de pele e ofereceu um a Sharpe.

— Não aceito presentes de assassinos — espetou Sharpe.

Loup soltou uma risada para indignação de Sharpe.

— É você quem perde, capitão. É assim como se diz em inglês? Você quem perde, capitão? Fui prisioneiro, como pode ver, na Escócia. Em Edimburgo. Uma cidade muito fria, mas com mulheres bonitas, muito bonitas. Algumas delas me ensinaram os rudimentos do inglês, e eu lhes ensinei como enganar seus chatos esposos calvinistas. Nós, os oficiais em liberdade condicional, vivíamos nas imediações de Candlemaker Row. Conhece o lugar? Não? Deveria visitar Edimburgo, capitão. Apesar dos calvinistas e da comida, é uma cidade de primeira, muito educada e acolhedora. Depois de ser assinada a paz de Amiens, estive a ponto de ficar ali — Loup se calou para golpear riscador e pederneira, depois soprou sobre o

trapo carbonizado de sua caixa de isca, até conseguir uma chama com a qual acendeu seu charuto. — Quase fiquei por lá, mas já sabe como é isso. Ela estava casada com outro homem e eu sou amante da França, então que aqui estou e lá está ela, e não tenha dúvidas de que sonha comigo muito mais do que sonho com ela — suspirou. — Mas este tempo me recorda dela. Costumávamos ficar na cama para ver a chuva e a névoa passar pelas janelas de Candlemaker Row. Hoje faz frio, né?

— Mas você está vestido para aguentá-lo, general — disse Sharpe. — Usa tantas peles como uma puta no Natal.

Loup sorriu. Não foi um sorriso agradável. Faltavam-lhe dois dentes e os que lhe restavam estavam manchados de amarelo. Havia se dirigido a Sharpe com bastante amabilidade, inclusive com encanto, mas era o encanto bajulador do gato a ponto de matar. Voltou a chupar seu charuto, fazendo que a ponta se avermelhasse brilhante, enquanto seu único olho, injetado em sangue, olhava com dureza para Sharpe de baixo da viseira cinza de seu capacete.

Loup via um homem alto com um fuzil usado ao ombro e uma maltratada espada com a lâmina dentada no quadril. O uniforme do inglês estava surrado e cheio de manchas e remendos. O cordão negro de sua casaca pendia feito farrapos entre botões de prata, alguns dos quais pendia de um fio. Debaixo da casaca, Sharpe usava um macacão reforçado com couro da cavalaria francesa. Os restos de uma faixa vermelha de oficial rodeavam sua cintura, e ao redor do pescoço tinha um cachecol negro atado sem apertar. Esse era o uniforme de um homem que havia deixado para trás há muito tempo os adornos do soldado em tempos de paz, para substituí-los pela comodidade pragmática do homem de combate. Um homem duro, sem dúvida, supôs Loup não somente pela prova da cicatriz da face de Sharpe, como também pela forma de agir do fuzileiro, incômoda e cortante, como se Sharpe preferisse lutar a falar. Loup deu de ombros, deixou de cortesias e foi direto ao ponto.

— Vim recolher meus homens — disse.

— Então se esqueça deles, general — replicou Sharpe. Tinha decidido que não honraria aquele francês com o tratamento de “senhor” ou “*monsieur*”.

Loup levantou as sobrancelhas.

— Estão mortos?

— Estarão.

Loup afastou com a mão uma mosca persistente. As correias chapadas em aço de seu capacete pendiam junto a seu rosto, parecidas com as *cadenettes* ou tranças que os hussardos franceses gostavam de usar nas têmporas. Voltou a dar uma chupada no charuto e depois sorriu.

— Deveria recordar-lhe, capitão, as normas da guerra?

Sharpe dedicou a Loup uma palavra que sem dúvida o francês não teria ouvido muito entre a culta sociedade de Edimburgo.

— Não aceito ensinamentos de assassinos — continuou Sharpe —, não quanto às normas



da guerra. O que seus homens fizeram nesse lugarejo não tem a ver com a guerra. Foi uma festa de selvagens.

— Claro que tem a ver com a guerra — disse Loup sem se alterar —, e não necessito que me dê lições a esse respeito, capitão.

— Pode ser que precisamente necessite isso, general, uma maldita lição.

Loup soltou uma risada. Virou-se e caminhou para a margem do riacho onde estirou os braços e bocejou ruidoso, depois se agachou para levar um pouco de água à boca. Girou-se para Sharpe.

— Deixe-me que lhe explique no que consiste meu trabalho, capitão, e ponha-se depois em meu lugar. Pode ser que dessa maneira deixe de lado suas irritantes certezas morais inglesas. Meu trabalho, capitão, é patrulhar estas montanhas e assegurar assim a passagem de carretas para fornecer a munição e os alimentos com os quais planejamos empurrar vocês, os ingleses, de volta para o mar. Meu inimigo não é um soldado de uniforme com uma cor determinada e um código de honra, mas sim uma ralé de civis que se incomoda com minha presença. Bem! Deixemos que se incomodem, esse é seu privilégio, mas se me atacam, capitão, então me defenderei, e o farei de forma tão feroz, tão impiedosa e tão contundente que pensarão mil vezes antes de voltar a atacar meus homens. Sabe o que é essa estratégia superior chamada guerra de guerrilha? É o horror, capitão, o autêntico horror, assim que me asseguro de ser mais horrível que meu inimigo, e meu inimigo nesta zona já é bastante horrível. Já ouviu falar do Castrador?

— O Castrador? — perguntou Sharpe.

— É como é conhecido, porque isso é o que faz aos soldados franceses; faz enquanto ainda estão vivos, e depois deixa que sangrem. O Castrador, lamento dizer, ainda está vivo, mas lhe asseguro que nenhum de meus homens foi castrado em três meses, e sabe por quê? Porque os homens do Castrador me temem mais do que temem a ele. Eu o derrotei, capitão, fiz que estas montanhas ficassem seguras. De toda a Espanha, estas são as únicas colinas nas quais os franceses podem cavalgar seguros, e por quê? Porque empreguei a estratégia dos guerrilheiros contra eles mesmos. Castro-os assim como eles teriam castrado a mim, exceto que uso uma faca sem afiar — Loup dedicou a Sharpe um sorriso doentio. — Agora, diga-me, capitão, se você estivesse em meu lugar e se seus homens tivessem sido castrados, cegados, estripados e esfolados vivos, e depois abandonados a uma morte segura, não faria o que eu faço?

— A crianças? — Sharpe apontou o povoado com o polegar.

O olho de Loup se abriu surpreso, como se achasse a objeção de Sharpe imprópria de um soldado.

— Pouparia a vida de um rato só porque fosse jovem? As alimárias são alimárias, capitão, seja qual for sua idade.

— Pensava que tinha dito que as montanhas eram seguras — disse Sharpe —, para que seguir matando então?

— Porque na última semana dois de meus homens caíram em uma emboscada e foram assassinados em um povoado não longe daqui. Os familiares dos assassinos vieram até aqui em busca de refúgio, pensando que não os encontraria. Encontrei, e agora lhe asseguro, capitão, que mais nenhum de meus homens sofrerá uma emboscada em Fontes de Onor.

— Não se eu os encontrar ali.

Loup moveu a cabeça entristecido.

— Você é muito rápido em suas ameaças, capitão. Porém, caso me enfrente acho que aprenderá a ser prudente. Por ora, devolva-me meus homens e partiremos.

Sharpe se ficou pensando em silêncio, depois deu de ombros e se virou.

— Sargento Harper!

— Senhor?

— Traga aqueles dois franchinotes aqui!

Harper vacilou como se quisesse saber o que Sharpe pretendia antes de obedecer a sua ordem, mas depois voltou a contragosto para as casas. Um momento depois, apareceu com os dois presos franceses, ambos ainda nus da cintura para baixo, e um deles encolhido ainda pela dor.

— Está ferido? — perguntou Loup.

— Dei-lhe um chute nas bolas — disse Sharpe. — Estava estuprando uma menina.

Para Loup a resposta lhe pareceu divertida.

— Você é melindrado com os estupros, capitão Sharpe?

— Estranho em um homem, não é mesmo? Pois sim, sou.

— Temos alguns oficiais assim — disse Loup —, mas um par de meses na Espanha os curarão imediatamente de seus escrúpulos. Aqui as mulheres brigam igual aos homens, e se uma mulher acha que suas saias a protegerão, está muito equivocada. O estupro é parte do horror, mas também serve a um propósito secundário. Permita a seus soldados que estuprem e já não se preocuparão em passar fome ou que seu pagamento esteja um ano atrasado. O estupro é uma arma como outra qualquer, capitão.

— Lembrarei disso, general, quando marche sobre a França — disse Sharpe, depois se voltou para as casas. — Detenha-se aí, sargento! — os dois prisioneiros haviam sido escoltados até a mureta que rodeava parte da vilória. — E sargento!

— Senhor?

— Dê-lhes suas calças. Faça que se vistam como é devido.

Loup, satisfeito em como estava resultando sua missão, sorriu para Sharpe.

— Você está sendo sensato e isso é bom. Odiaria ter que lutar contra você da mesma forma que luto contra os espanhóis.

Sharpe olhou o uniforme pagão de Loup. Era uma fantasia, pensou, para assustar a uma

criança, a fantasia de um homem lobo de pesadelo, mas a espada daquele homem lobo não era mais comprida que a de Sharpe, e sua carabina era muito menos precisa que o fuzil inglês.

— Suponho que achará difícil lutar contra nós, general — disse Sharpe —, somos um exército de verdade, veja bem, não um grupo de mulheres e meninos desarmados.

Loup se pôs tenso.

— Logo verá, capitão Sharpe, que a brigada Loup pode lutar contra qualquer homem, em qualquer lugar e de qualquer maneira. Eu não perco, capitão, contra ninguém.

— Então, se nunca perde, general, como foi feito prisioneiro? — disse Sharpe com desprezo. — Estava dormindo ou o quê?

— Viajava para Egito, capitão, quando o barco em que ia como passageiro foi capturado pela a marinha real. Isso quase não se pode considerar uma derrota — Loup observou como seus dois homens vestiam as calças. — Onde está o cavalo do soldado Godin?

— O soldado Godin não vai necessitar de um cavalo lá aonde vai — disse Sharpe.

— Pode caminhar? Suponho que sim pode. Muito bem, cederei meu cavalo para ele — observou Loup, magnânimo.

— Vá ao inferno, general — disse Sharpe. — Permito que se vistam porque ainda são soldados, e inclusive seus asquerosos soldados merecem morrer com as calças postas — virou-se para o povoado. — Sargento! Ponha-os de face para o muro! Quero um pelotão de fuzilamento, quatro homens para cada prisioneiro. Carreguem!

— Capitão! — gritou Loup, e sua mão se dirigiu para a empunhadura de sua espada.

— Você não me assusta, Loup. Nem você nem sua fantasia de gala — disse Sharpe. — Desembainhe essa espada e enxugaremos seu sangue com sua bandeira de trégua. Tenho atiradores naquela crista que poderiam tirar-lhe o olho são da cara a mais de cento e oitenta metros, e um desses atiradores está lhe apontando agora mesmo.

Loup olhou para o alto da colina. Podia ver os casacas-vermelhas de Price ali em cima, e um casaca verde, mas era incapaz de distinguir com certeza quantos homens havia na cambada inglesa. Voltou a olhar para Sharpe.

— Você é capitão, nada mais que capitão. O que significa que tem, o quê? Uma companhia? Talvez duas? Os ingleses não lhe confiariam mais de duas companhias a um simples capitão, mas em um raio de menos de um quilômetro eu tenho o restante de minha brigada. Se matarem meus homens, serão perseguidos como cachorros e morrerão como cachorros. Esquecerei as normas da guerra, capitão, assim como você se propõe a ignorá-las com meus homens, e me assegurarei de que morra da mesma forma que meus inimigos espanhóis. Com um faca muito pouco afiada, capitão...

Sharpe ignorou a ameaça e se voltou para o povoado.

— O pelotão está pronto, sargento?

— Está pronto, senhor. E ansioso para disparar!

Sharpe voltou a olhar para o francês.

— Sua brigada está a vários quilômetros, general. Se estivesse mais perto, você não estaria aqui falando comigo, mas dirigindo o ataque. Agora, se me perdoa, tenho que encarregar-me de uma execução.

— Não! — disse Loup com tanta brusquidão que fez Sharpe se virar. — Tenho um acordo com meus homens. Entende o que é isso, capitão? Você é um líder, eu sou um líder, e prometi a meus homens que nunca os abandonarei. Não me faça quebrar minha promessa.

— Importa-me um caralho a sua promessa — disse Sharpe.

Loup já esperava esse tipo de resposta e encolheu os ombros.

— Então pode ser que também lhe importe um caralho o que vou lhe dizer, capitão Sharpe. Sei quem é você, e se não me devolver meus homens, porei preço por sua cabeça. Darei uma razão a todo homem de Portugal e Espanha para persegui-lo e pegá-lo. Mate esses dois homens e assinará sua própria sentença de morte.

Sharpe sorriu.

— Você é um mau perdedor, general.

— E você não?

Sharpe se afastou.

— Nunca perdi — respondeu por em cima do ombro —, assim que não posso saber.

— É sua sentença de morte, Sharpe! — gritou Loup.

Sharpe levantou dois dedos. Tinha ouvido que, em Azincourt, os arqueiros ingleses, ameaçados pelos franceses com a perda dos dois dedos que usavam para disparar seus arcos ao final da batalha, primeiro ganharam a batalha e depois inventaram o gesto brincalhão só para mostrar àqueles sacanas arrogantes quem eram os melhores soldados. Agora Sharpe voltava a usá-lo.

Depois se dispôs a executar os homens do homem lobo.

O major Michael Hogan descobriu que Wellington estava inspecionando uma ponte sobre o rio Tourões, onde uma força de três batalhões franceses havia tentado bloquear o avanço inglês. A batalha resultante tinha sido rápida e brutal, e agora um rastro de cadáveres franceses e ingleses contava a história da escaramuça. Uma linha inicial da maré de corpos marcava onde se chocaram os dois bandos, uma horrível mancha de grama ensanguentada mostrava onde dois canhões ingleses haviam varrido o inimigo, e depois outros corpos espalhados acusavam a retirada francesa pela ponte que seus engenheiros não tiveram tempo de destruir.

— Fletcher acredita que a ponte é de construção romana, Hogan — disse Wellington a modo de saudação ao major irlandês.

— Às vezes me pergunto, meu lorde, se alguém terá construído alguma ponte em Portugal

ou na Espanha depois dos romanos — Hogan, envolvido em uma capa devido ao frio úmido do dia, cumprimentou cordialmente os três ajudantes de lorde Wellington, e depois entregou ao general uma carta selada. O selo, onde se via o real escudo de armas espanhol, já tinha sido aberto. — Tive a precaução de ler a carta, milorde — explicou Hogan.

— Algum problema? — perguntou Wellington.

— De outra forma não lhe teria incomodado, milorde — respondeu Hogan entristecido.

Wellington franziu o cenho ao ler a carta. O general era um homem charmoso, de quarenta e dois anos, mas tão em forma como qualquer homem de seu exército. E, conforme pensava Hogan, mais sensato que a maioria. Como o major sabia bem, o exército inglês tinha um estranho dom para encontrar os homens menos qualificados e ascendê-los aos comandos mais altos. Contudo, de alguma maneira o sistema havia funcionado mal com aquele homem, e sir Arthur Wellesley, agora visconde de Wellington, tinha recebido o comando do exército de Sua Majestade em Portugal, proporcionando portanto ao exército a melhor liderança possível. Pelo menos era assim que ele pensava; ainda que Michael Hogan admitisse que talvez tivesse preconceitos neste aspecto. Afinal, Wellington tinha impulsionado a carreira de Hogan, convertendo o perspicaz irlandês na cabeça de seu departamento de inteligência, e o resultado tinha sido uma relação tão próxima como frutífera.

O general voltou a ler a carta, desta vez olhando a tradução que amavelmente Hogan lhe fizera. Enquanto isso, o irlandês dava uma espiada no campo de batalha, que alguns destacamentos de fãxina estavam limpando dos restos da escaramuça. Ao leste da ponte, onde a pista descia suavemente pela ladeira da montanha em uma série de amplas curvas, uma dúzia de destacamentos de trabalho procuravam corpos e suprimentos abandonados entre os arbustos. Os mortos franceses eram desnudados e amontoados como se fossem lenha, junto a uma vala comprida e superficial que um grupo de escavadores estava tentando ampliar. Outros grupos de homens estavam empilhando mosquetes franceses ou jogavam no caixão de uma carroça cantis, cartucheiras e cobertores. Outra parte do butim era inclusive mais exótica, pois, ao se retirarem, os franceses carregaram o que tinham saqueado em milhares de roças portuguesas, e agora os homens de Wellington estavam recuperando vestiduras eclesiásticas, castiçais e prataria.

— É surpreendente o que pode carregar um soldado em fuga — comentou o general para Hogan. — Encontramos um morto com uma banqueta de ordenha. Uma banqueta de ordenha simples e comum! Em que estaria pensando? Em levá-la para a França? — Estendeu a carta para Hogan. — Maldição — disse em tom afável, e depois com mais força. — Maldito seja! — Com um gesto da mão fez que seus ajudantes o deixassem sozinho com Hogan. — Quanto mais aprendo sobre Sua Muito Católica Majestade o Rei Fernando VII, Hogan, mais me convenço de que deveriam tê-lo afogado ao nascer.

Hogan sorriu.

— O método mais distinto, milorde, é a asfixia.

— De verdade?

— De verdade, milorde, e não tem nenhum mais acertado. Simplesmente a mãe explica virou enquanto dormia, pegando à bendita criaturinha sob seu corpo, e é assim, conforme explica a santa Igreja, como nasce outro valioso anjo.

— Em minha família — disse o general — os meninos não desejados eram enviados ao exército.

— Tem um efeito muito parecido, milorde, exceto no dos anjos.

Wellington esboçou um leve sorriso, depois fez um gesto para a carta.

— Como isto chegou até nós?

— Pelo canal habitual, milorde, tirada às escondidas de *Valençay* pelos serventes de Fernando, e levada ao sul até os Pirineus, onde foi entregue aos guerrilheiros para que fizessem chegar até nós.

— Com cópia para Londres, não? Há alguma possibilidade de interceptar a cópia que vai para Londres?

— Sinto muito, senhor, saiu há duas semanas. Provavelmente já esteja lá.

— Demônios, demônios e mais demônios. Maldito seja! — Wellington olhou com gesto lúgubre para a ponte, onde uma carroça com um guincho estava recuperando um canhão francês caído. — Então, o que fazemos, hem, Hogan? O que podemos fazer?

O problema era bastante simples. A carta, cuja cópia havia sido enviada ao príncipe regente em Londres, era do exilado rei Fernando da Espanha, que agora era prisioneiro de Napoleão no *château* francês de *Valençay*. A carta se comprazia em anunciar que Sua Muito Católica Majestade, com ânimo de cooperar com seu primo da Inglaterra e por seu grande desejo de expulsar o inimigo francês do sagrado solo de seu reino, havia ordenado à Real Companhia Irlandesa, da guarda da casa de Sua Muito Católica Majestade, que se unisse às forças de Sua Majestade inglesa sob o comando do visconde de Wellington. Um gesto semelhante, ainda que soasse generoso, não satisfazia ao visconde de Wellington, que não necessitava de uma companhia de guardas de palácio real. Um batalhão de infantaria bem instruído e bem equipado para o combate sim serviria de algo, mas uma companhia de tropas de cerimônia era quase de tanta utilidade para Wellington como um coro de eunucos cantando salmos.

— E já chegaram — disse Hogan em voz baixa.

— Já o quê?! — A pergunta de Wellington pôde ser ouvida a quase cem metros, onde um cachorro, ao achar que lhe repreendiam, afastou-se de umas vísceras que, enegrecidas pelas moscas, levavam até o corpo estripado de um oficial de artilharia francês. — Onde estão? — perguntou Wellington feroz.

— Em algum lugar perto do Tejo, milorde, embarcando para chegar até aqui.

— Como diabos chegaram a Portugal tão rápido?

— Conforme meu informante, milorde, de barco. Em nossos barcos — Hogan pôs uma pitada de rapé na sua mão esquerda e depois inalou um pouco do pozinho por cada orifício de

seu nariz. Ficou em silêncio por um instante, os olhos se umedeceram de repente e depois espirrou. As orelhas de seu cavalo se moveram em direção ao ruído. — O comandante da Real Companhia Irlandesa afirma que fez seus homens marcharem até a costa oriental da Espanha, milorde — prosseguiu Hogan —, depois embarcou para Minorca, onde nossa Marinha real os recolheu.

Wellington ofegou a modo de zombaria.

— E os franceses permitiram que isso ocorresse? O rei José ficou só olhando sua guarda partir? — José era o irmão de Bonaparte e a quem tinha sido concedido o trono da Espanha, ainda que mantê-lo ali estava custando trezentas mil baionetas aos franceses.

— A quinta parte da guarda real, milorde — corrigiu educadamente Hogan ao general. — E sim, isso é exatamente o que diz lorde Kiely. Kiely é, sem dúvida, seu comandante.

— Kiely?

— Um nobre irlandês, milorde.

— Maldição, Hogan, conheço a nobreza irlandesa. Kiely. O conde de Kiely. Exilado, né? E sua mãe, conforme recordei, deu dinheiro a Tone nos anos noventa — Wolfe Tone havia sido um patriota irlandês que reuniu fundos e homens na Europa e América para tentar provocar uma rebelião contra os ingleses em sua Irlanda natal. A rebelião se convertera em uma guerra aberta em 1798, quando Tone decidiu invadir Donegal com um pequeno exército francês que havia sofrido uma derrota completa, e o próprio Tone tinha preferido se suicidar na prisão de Dublin a ser enforcado com uma soga inglesa. — Não acho que Kiely seja melhor que sua mãe — disse Wellington em tom grave —, e ela era uma bruxa a quem deveriam ter asfixiado ao nascer. Pode-se confiar em sua senhoria, Hogan?

— Pelo que ouvi, milorde, é um bêbado e um preguiçoso — disse Hogan. — Deram-lhe o comando da Real Companhia Irlandesa porque era o único aristocrata irlandês de Madri, e porque sua mãe tinha influência sobre o rei. Agora ela está morta, que Deus guarde sua alma — observou como um soldado tentava recolher com sua baioneta os intestinos espalhados do oficial francês. As tripas escorregavam no fio, e por fim um sargento gritou ao soldado que recolhesse as entranhas com suas mãos ou, se não, que as deixasse para os corvos.

— O que fez essa guarda irlandesa desde que Fernando deixou Madri? — perguntou Wellington.

— Viver um purgatório, milorde. Vigiar *El Escorial*, abrilhantar suas botas, não se meter em problemas, ter filhos, frequentar as putas, embebedar-se e cumprimentar os franceses cortesmente.

— Mas não combatiam os franceses.

— Em absoluto — Hogan se calou. — É tudo muito... Oportuno, milorde — continuou. — Permite-se à Real Companhia Irlandesa abandonar Madri, embarcar e vir até nós, e enquanto isso uma carta que sai às escondidas da França diz que a companhia é uma atenção de Sua Aprisionada Majestade para o senhor. Tudo isto me cheira a franchinote preso, milorde.

— Então, dizemos a essa maldita guarda que parta?

— Duvido muito que possamos. Em Londres, o príncipe regente se sentirá sem dúvida bajulado pelo gesto, e assuntos Exteriores, pode estar seguro disso, considerará qualquer mínima ofensa à Real Companhia Irlandesa como um insulto a nossos aliados espanhóis, o que significa, milorde, que temos que engolir esses sacanas.

— Servirão para algo?

— Estou seguro de que serão pouco mais que decorativos — concedeu Hogan desconfiado.

— E a decoração custa dinheiro — disse Wellington. — Suponho que o rei da Espanha teve a precaução de enviar um cofre com o pagamento de sua guarda, né?

— Não, milorde.

— E isso significa que tenho que lhes pagar? — A pergunta de Wellington soava perigosa, e quando a única resposta de Hogan foi um sorriso angelical, o general soltou um grosseria. — Malditas sejam suas caveiras! Acham que vou pagar esses sacanas? Enquanto eles me apunhalam pelas costas? É para isso que estão aqui, Hogan?

— Não saberia dizer, milorde. Mas suspeito que sim.

Uma explosão de gargalhadas chegou desde um destacamento de faxina que acabava de descobrir alguns desenhos íntimos escondidos no bolso do gabão de um cadáver francês. Wellington fez uma careta pelo ruído e afastou seu cavalo do ruidoso grupo. Alguns corvos disputavam um monte de vísceras que uma vez estiveram dentro de um soldado. O general contemplou a desagradável cena, depois fez um gesto de asco.

— E o que sabe você dessa guarda irlandesa, Hogan?

— Atualmente são espanhóis em sua maioria, milorde, ainda que mesmo os guardas nascidos na Espanha têm que ser descendentes de exilados irlandeses. A maioria de seus membros são recrutados de três regimentos irlandeses a serviço da Espanha, mas imagino que um punhado deles sejam desertores de nosso próprio exército. Suspeito que a maioria deles são leais à Espanha, e é provável que desejem lutar contra os franceses, mas não tenho dúvidas de que alguns são afrancesados, certamente mais oficiais que soldados rasos, pois quase todos os que apoiavam os franceses provêm das classes mais cultas. — Hogan esmagou uma mutuca que pousara no pescoço de seu cavalo. — Não é nada, *Jeremiah*, só é uma mosca faminta — explicou a sua sobressaltada montaria, depois se aproximou de Wellington. — Não sei por que os enviaram aqui, milorde, mas estou seguro de duas coisas. Primeiro, será impossível livrar-se deles diplomaticamente, e em segundo lugar, temos que assumir que são os franceses que os querem aqui. O rei Fernando, isso não duvido, foi obrigado a escrever a carta. Ouvi que não tem muitas ideias, milorde.

— Mas você sim, Hogan. Por isso o tolero a meu lado. Então, o que fazemos? Fazemos que cavem latrinas?

Hogan meneou a cabeça.



— Se o senhor empregar a guarda da casa do rei da Espanha em tarefas servis, milorde, considerarão isso um insulto a nossos aliados espanhóis, assim como a Sua Católica Majestade.

— À merda Sua Católica Majestade — grunhiu Wellington, e depois olhou carrancudo para a vala com forma de trincheira onde agora estavam colocando os franceses mortos em uma fileira longa, branca e nua. — E a Junta? — perguntou. — O que se passa com a Junta?

A Junta de Cádiz era o conselho regente que governava a Espanha, não ocupada, na ausência de seu rei. Não havia dúvida alguma de seu patriotismo, mas não se podia dizer o mesmo de sua eficiência. A Junta era famosa por suas brigas internas e seu suscetível orgulho, e poucas questões tinham ferido tão diretamente àquele orgulho como a modesta proposta de que Arthur Wellesley, visconde de Wellington, fosse nomeado generalíssimo de todos os exércitos da Espanha. Wellington já era marechal general do exército português e comandante das forças inglesas em Portugal, e ninguém que tivesse uma pitada de senso comum negaria que era o melhor general dos aliados; sua nomeação não só se sustentava por ser o único que ganhava as batalhas, mas porque ninguém negaria a lógica de que todos os exércitos que enfrentavam os franceses na Espanha e Portugal estivessem sob um comando unificado; contudo, apesar de reconhecer o valor da proposta, a Junta era resistente a outorgar tais poderes a Wellington. Argumentavam que os exércitos espanhóis deviam ser comandados por um espanhol, e ainda que até o momento nenhum espanhol tenha se mostrado capaz de vencer uma campanha contra os franceses, aquilo não era assunto para discutir. Era melhor um espanhol derrotado que um estrangeiro vitorioso.

— A Junta, milorde — respondeu Hogan cuidadoso —, pensará que isto é o ângulo agudo de uma cunha muito larga. Pensarão que se trata de um complô inglês para dominar pouco a pouco os exércitos espanhóis, e vigiarão como falcões, milorde, para ver que trato se dá à Real Companhia Irlandesa.

— O falcão — disse Wellington em tom amargo — deve de ser dom Luis.

— Exato, milorde — disse Hogan. O general dom Luis Valverde era o observador oficial que acompanhava os exércitos ingleses e portugueses, e o homem cuja recomendação seria necessária se é que alguma vez os espanhóis chegassem a nomear Wellington de generalíssimo. Era uma nomeação altamente improvável, pois todo o grande orgulho e nada do escasso senso da Junta se concentravam no general Valverde.

— Maldito seja — disse Wellington ao pensar em Valverde. — E aí, Hogan? Você é pago para que me aconselhe, então faça jus a seu maldito salário.

Hogan ficou em silêncio para reunir seus pensamentos.

— Temo que teremos que dar uma boa acolhida à lorde Kiely e seus homens — disse uns segundos depois —, mesmo que desconfiemos deles, e para isso me parece, milorde, que teremos que fazer todo o possível para que se sintam incômodos. Tão incômodos que, ou regressem para Madri, ou partam para Cádiz.

— Que os desgastemos? — disse Wellington. — E como?

— Em parte, milorde, fazendo-lhes acampar tão perto dos franceses como seja possível, de modo que os guardas que queiram desertar tenham facilidade. Ao mesmo tempo, milorde, diremos que os destinamos a uma zona de risco como cumprimento por sua reputação na hora de lutar, apesar de que sem dúvida devemos assumir que, ainda que a Real Companhia Irlandesa seja perita em vigiar as portas do palácio, demonstrará ser menos experta na tarefa mais mundana de combater os franceses. Portanto, deveríamos insistir em que se submetam a um período de instrução severa sob supervisão de alguém em quem possamos confiar que vai converter sua vida em um verdadeiro suplício.

Wellington lhe dedicou um austero sorriso.

— Fazer que esses soldados de cerimonial dobrem a costas? Fazê-los lamber o pó até que se afoguem nele?

— Exato, milorde. Não me resta nenhuma dúvida de que esperam ser tratados com respeito e inclusive gozar de certos privilégios, assim que temos que decepcioná-los. Teremos que lhes fornecer um oficial de enlace, alguém veterano o suficiente para aplacar a lorde Kiely e para tirar as suspeitas do general Valverde, mas por que não lhes dar também um instrutor? Um tirano, mas um com astúcia suficiente para arejar seus segredos.

Wellington sorriu, depois dirigiu seu cavalo de volta para onde estavam seus ajudantes. Sabia com exatidão o que Hogan tinha em mente.

— Duvido que nosso lorde Kiely se agrade muito com o senhor Sharpe — disse o general.

— Não posso nem imaginar que vão se apegar, milorde.

— Certamente, onde está Sharpe agora?

— Hoje deveria estar a caminho de Vilar Formoso, milorde. Para seu desgosto, foi designado para a guarda do alcaide.

— Então o alegrará que, em vez disso, seja designado a Kiely, não acha? E a quem indicaremos como oficial de enlace?

— Qualquer bobão conciliador servirá para esse posto, milorde.

— Muito bem, Hogan, eu procurarei o bobão e você se encarregará do resto — o general picou esporas nos lados de seu cavalo. Ao ver que o general estava preparado para partir, os ajudantes agarraram suas rédeas, mas o general se deteve de repente. — O que queria fazer um homem com uma banquetta de ordenha, Hogan?

— Manter o traseiro seco durante as noites de vigília, milorde.

— Inteligente ideia, Hogan. Não me ocorre por que não a tive eu mesmo. Bem pensado — Wellington esporeou seu cavalo e se afastou dos restos da batalha trotando para o oeste.

Hogan observou sua marcha e depois fez uma careta. Os franceses, disso não tinha dúvida, queriam lhe causar alguns problemas, e agora ele, com a ajuda de Deus, iria lhes devolver parte do mal. Daria as boas-vindas à Real Companhia Irlandesa com palavras melosas e promessas descomedidas, e depois designaria Richard Sharpe para esses sacanas.

A garota se agarrava ao fuzileiro Perkins. Doíam-lhe as entranhas, sangrava e mancava, mas havia insistido em sair do casebre para ver a morte dos dois franceses. De fato insultou sem cessar àqueles dois homens, lhes cuspiu e gritou, e depois riu quando um dos dois caiu de joelhos e juntou suas mãos levantando-as para Sharpe.

— Diz que ele não estava estuprando a garota, senhor — traduziu Harris.

— Então por que estava com as calças abaixadas até os tornozelos, o grande sacana? — Perguntou Sharpe, e depois olhou para seu pelotão de fuzilamento de oito homens. O normal era que fosse difícil encontrar homens que quisessem servir em pelotões de fuzilamento, mas desta vez não houve dificuldade. — Apontar! — ordenou Sharpe.

— *Non, monsieur, je vous prie! Monsieur!* — suplicou o francês que estava ajoelhado. Tinha o rosto banhado em lágrimas.

Os oito fuzileiros apontaram para os dois franceses. O outro cativo mostrou seu desprezo e manteve a cabeça alta. Era um homem charmoso, ainda que seu rosto estivesse machucado graças ao tratamento que Harris lhe dera. O outro, ao ver que suas súplicas não obteriam resposta, baixou a cabeça e começou a soluçar descontrolado.

— *Maman* — disse lastimoso. — *Maman!*

O general-de-brigada Loup, em cima de novo de sua sela de montar com rebordos de pele, assistiu às execuções de uma distância de quarenta e cinco metros.

Sharpe sabia que legalmente não tinha direito de fuzilar prisioneiros. Sabia inclusive que esta ação poderia pôr em perigo sua carreira, mas depois pensou nos corpinhos cheios de sangue negro dos meninos estuprados e assassinados.

— Fogo! — ordenou.

Os oito fuzis soaram ao mesmo tempo. A fumaça se elevou para formar uma nuvem de odor acre e fétido, que escureceu a confusão de salpicos de sangue sobre o muro de pedra do casebre ao mesmo tempo em que os dois corpos eram impulsionados com força para trás, e depois se encolhiam para frente até cair no chão. Um dos homens se estremeceu por alguns segundos, e depois ficou imóvel.

— Você é um homem morto, Sharpe! — gritou Loup.

Sharpe levantou dois dedos para o brigadeiro, mas não deu ao incômodo de virar-se para ele.

— Que eles enterrem esses franceses de merda — disse perto dos prisioneiros executados —, mas derrubaremos as casas sobre os espanhóis mortos. Porque são espanhóis, não é assim? — perguntou a Harris.

Harris consentiu.

— Nós entramos na Espanha, senhor. Talvez dois ou três quilômetros. É o que diz a pequena.

Sharpe olhou para a menina. Não era mais velha que Perkins, talvez tivesse uns dezesseis anos, e ainda que sua comprida cabeleira morena estivesse úmida e suja, sem dúvida era bastante bonita, pensou Sharpe, e imediatamente se sentiu culpado por ter aquele pensamento. A garota sofria. Vira assassinar sua família, e depois só Deus sabia quantos homens abusaram dela. Agora, enquanto mantinha apertadas em torno de seu magro corpo suas roupas esfarrapadas, olhava com intensidade para os dois soldados mortos. Cuspiu neles e depois afundou sua cabeça no ombro de Perkins.

— Ela terá que vir conosco, Perkins — disse Sharpe. — Pois se ficar aqui, aqueles sacanas a matarão.

— Certamente, senhor.

— Então cuide dela, garoto. Ele disse seu nome?

— Miranda, senhor.

— Então cuide de Miranda. Você é responsável por sua segurança — disse Sharpe; depois foi até onde Harper estava organizando os homens que iam demolir as casas para que cobrissem os cadáveres. O odor de sangue inundava tudo, e uma massa de moscas zumbia dentro das casas onde a matança ocorrera. — Aqueles porcos nos perseguirão — disse Sharpe enquanto movia a cabeça para os observadores franceses.

— Sim, senhor, o farão. — O sargento se mostrou de acordo.

— Seguiremos pelos cumes das colinas — disse Sharpe. A cavalaria não poderia chegar ao alto das rochosas colinas, pelo menos não em boa ordem, e sem dúvida não antes que seus líderes tivessem sido derrubados pelos melhores atiradores de Sharpe.

Harper olhou para os dois franceses mortos.

— Podia ter feito isto, senhor?

— Quer dizer, se é permitido executar prisioneiros de guerra nas normas do rei? Não, claro que não. Portanto não diga nada a ninguém.

— Nem uma palavra, senhor. Não vi nada, senhor, e me assegurarei de que os meninos digam o mesmo.

— E algum dia — disse Sharpe enquanto observava a figura do general-de-brigada Loup na distância — porei ele diante de um muro e lhe dispararei.

— Amém — disse Harper —, amém. — Virou-se e ficou olhando o cavalo francês que seguia atado diante de um dos casebres. — O que faremos com o cavalo?

— Não podemos levá-lo — disse Sharpe. As colinas eram muito abruptas, e havia planejado limitar-se às alturas rochosas onde os cavalos dos dragões não pudessem lhes seguir. — Mas que um raio me parta antes de devolver um cavalo em bom estado ao inimigo. — Engatilhou seu fuzil. — Odeio fazer isto.

— Quer que eu faça, senhor?

— Não — disse Sharpe, ainda que quisesse dizer que sim, pois realmente não queria

disparar no cavalo. Mesmo assim, atirou sem mais demora. O eco do disparo quicou nas colinas e voltou, abafado e retumbante, enquanto o cavalo se agitava em sua sangrenta agonia.

Os fuzileiros cobriram os mortos espanhóis com pedras e palha, mas largaram de fora os dois soldados franceses para que seus camaradas os enterrassem. Depois subiram até as neblinosas alturas para abrir caminho para o oeste. Ao cair da noite, quando desceram ao vale do rio Tourões, comprovaram mais uma vez se lhes seguiam. Não perceberam o fedor de cavalos com chagas devido às selas de montar, e tampouco viram o reflexo de luz cinza sobre aço cinza; de fato, não havia sinal nem odor de perseguição alguma em toda à tarde, exceto uma só vez, justo ao empalidecer a luz e quando as primeiras luzes de candeias cintilavam nas casinhas junto ao rio, quando de repente um lobo lançou seu uivo melancólico nas colinas cada vez mais escuras.

Foi um uivo longo e desolado, com um eco persistente.

E Sharpe sentiu um arrepio.

---

## CAPÍTULO 2

Do castelo de Cidade Rodrigo se viam as colinas do outro lado do rio, aonde haviam se concentrado as forças inglesas, ainda que a noite fosse tão escura e úmida que nada era visível, exceto o resplendor de duas tochas no interior de um passadiço, com um arco na entrada, que atravessava as imensas muralhas da cidade. Ao cair perto da luz das chamas, a chuva refulgia prateada e empapava o escorregadio calçamento. Periodicamente um sentinela aparecia na entrada da passagem e a forte luz se refletia na brilhante lâmina de sua baioneta calada. Além disso, não havia sinal algum de vida. A tricolor francesa ondeava sobre a porta, e estalava desanimadamente na escuridão, debaixo da chuva que caía a rajadas sobre os muros do castelo e às vezes chegava inclusive a colar-se dentro da profunda seteira, de onde um homem vigiava o arco de entrada. A cintilante luz da tocha se refletia nas grossas lentes de seu binóculo com armação de latão.

— Pode ser que não venha — disse a mulher que estava junto à chaminé.

— Se Loup disse que virá — respondeu o homem sem virar-se para ela —, virá. — O homem tinha uma voz notavelmente profunda que não casava com sua aparência, pois era esbelto, quase de aspecto frágil, com um rosto magro de intelectual, olhos míopes e faces cheias de cicatrizes por uma varíola de infância. Ainda que vestisse um simples uniforme azul-escuro sem distintivos de categoria, Pierre Ducos não necessitava de chamativas correntes nem estrelas, borlas ou dragonas trançadas para demonstrar sua autoridade. O major Ducos era o homem de Napoleão na Espanha, e qualquer um que tivesse importância, do rei José para abaixo, sabia.

— Loup... — disse a mulher —, significa “lobo”, não?

Desta vez Ducos virou-se.

— Seus compatriotas o chamam “o lobo” — disse —, e lhes assusta.

— A gente supersticiosa se assusta com facilidade — disse a mulher, desdenhosa.

Era alta e delgada, e seu rosto, mais que bonito, era digno de recordar. Um rosto duro, inteligente e singular, difícil de esquecer depois de tê-lo visto, de boca grande, olhos afundados e expressão de desdém. Teria uns trinta anos, mas era difícil de saber por que sua pele estava tão escurecida pelo sol que recordava à de uma camponesa. Outras mulheres de alto berço procuravam manter sua pele tão pálida como o gesso e tão suave como a coalhada, mas esta dama não se preocupava nem com a aparência nem com os vestidos da moda. Sua paixão era a caça, e quando ia atrás de seus cachorros montava a cavalo e por isso se vestia como um homem: calções, botas e esporas. Nesta noite vestia uniforme de hussardo francês, com ajustados calções de cor azul-céu que tinham um intrincado padrão de renda húngara na parte dianteira das coxas, uma casaca adornada com peles e botões de cor ameixa com punhos azuis e passamanaria trançada de seda branca, e uma peliça escarlata debruada com pele

negra. Rumorejava-se que senhora Joaninha de Elia possuía um uniforme de cada regimento aos quais pertenciam os homens com quem se deitara, e que seu guarda-roupa devia ser tão amplo como os salões da maioria da gente. Aos olhos do major Ducos, senhora Joaninha de Elia não era mais que uma prostituta extravagante e o brinquedo de algum soldado, e no turvo mundo de Ducos a extravagância era uma desvantagem letal, mas Joaninha via a si mesma como uma aventureira e uma afrancesada, e qualquer espanhol que quisesse se aliar à França nesta guerra era útil para Pierre Ducos. Além do mais, admitiu a contragosto, esta aventureira amante da guerra estava disposta a correr grandes riscos pela França, pelo que Ducos se sentia inclinado a tratá-la com um respeito que normalmente não concedia às mulheres.

— Fale-me do Lobo — pediu senhora Joaninha.

— É um brigadeiro de dragões — respondeu Ducos. — Ao que parece, começou sua carreira militar como cavaliço do exército real. É bravo, exigente e, acima de tudo, impiedoso. — Em geral, Ducos tinha pouco tempo para os soldados, aos quais considerava tontos românticos muito dados às poses e aos gestos grandiloquentes, mas Loup lhe agradava. Loup era decidido, violento e não se iludia com nada, qualidades que possuía também o próprio Ducos, a quem agradava pensar que, se fosse um autêntico soldado, seria como Loup. A verdade era que, assim como Joaninha de Elia, Loup tinha certa extravagância, mas Ducos perdoava o brigadeiro suas pretensões de pele de lobo simplesmente porque era o melhor soldado que Ducos tinha descoberto na Espanha, e o major estava decidido a que Loup recebesse uma recompensa apropriada. — Também é um triunfador, e algum dia Loup será marechal da França — acrescentou Ducos —, e o quanto antes melhor.

— Não se o marechal Masséna puder evitar, né? — perguntou Joaninha.

Ducos grunhiu. Sempre dispunha de informação privilegiada, mas lhe desgostava confirmá-la em outras fontes, ainda que a antipatia que o marechal Masséna sentia por Loup era tão bem conhecida no exército que Ducos não tivera necessidade de ocultá-la.

— Os soldados são como veados, *madame* — disse Ducos. — Lutam para demonstrar que são os melhores de sua manada, e sentem mais aversão por seus rivais mais ferozes que pelas bestas que não acham competentes. Assim que lhe sugeriria, *madame*, que entendesse a aversão do marechal pelo brigadeiro como uma confirmação das autênticas habilidades de Loup. — Também era, pensava Ducos, uma amostra típica de uma pose esbanjadora. Não era de admirar que a guerra da Espanha estivesse sendo tão longa e problemática quando um marechal da França esbanjava seu mau gênio contra o melhor brigadeiro de seu exército.

Virou-se para a janela quando o ruído de cascos ressoou no túnel de entrada da fortaleza. Ducos escutou o santo-e-senha, depois ouviu como chiavam as dobradiças ao abrir-se a porta e, um segundo depois, viu que diante do arco iluminado pelas tochas aparecia um grupo de cavaleiros cinzentos.

Dona Joaninha de Elia havia se aproximado de Ducos. Estava tão perto dele que podia sentir o perfume de seu chamativo uniforme.

— Qual deles é ele? — perguntou ela.

— Aquele está na frente — replicou Ducos.

— Monta bem — disse Joanhina de Elia com um esforçado respeito.

— É um cavaleiro nato — disse Ducos. — Sem florituras. Não faz o cavalo bailar, faz que lute. — Afastou-se da mulher. Desagradava-lhe tanto o perfume como concordar com aquela rameira.

Os dois esperaram em um incômodo silêncio. Há muito tempo que Joanhina de Elia percebera que suas armas não funcionavam com Ducos. Havia se convencido de que Ducos não gostava de mulheres, mas a verdade era que o major só as via como um passatempo necessário. De vez em quando ia a algum bordel para soldados, mas só depois que algum cirurgião lhe desse o nome de uma garota limpa. A maior parte do tempo podia prescindir de tais distrações, pois preferia uma dedicação monacal à causa do imperador. Agora se sentou ante sua mesa e folheou alguns papéis enquanto tentava ignorar a presença da mulher. Em algum lugar da cidade, o relógio de uma igreja deu nove horas, e então o eco da voz de um sargento se alçou de algum pátio interno enquanto um esquadrão de homens marchava pelas muralhas. A chuva caía sem cessar. Depois, por fim, botas e esporas ressoaram no corredor que levava para a grande câmara de Ducos, e dona Joanhina levantou o olhar expectante.

O brigadeiro Loup não se incomodou em bater à porta de Ducos. Entrou como uma agitação e soltando fumaça pela ira.

— Perdi dois homens! Maldito seja! Dois homens bons! Por culpa dos fuzileiros, Ducos, os fuzileiros ingleses. Eles os executaram! Puseram-nos diante de um muro e os fuzilaram como a animais! — Tinha se aproximado da mesa de Ducos e estava se servindo conhaque da licoreira. — Quero que se ponha preço à cabeça de seu capitão, Ducos. Quero as bolas daquele homem no caldeirão de refogado de meus homens. — calou-se de repente, detido pela exótica visão da mulher uniformizada que estava em pé junto ao fogo. Por alguns instantes, Loup achara que a figura com uniforme de cavalaria era um jovem especialmente afeminado, um daqueles dândis parisienses que gastavam mais dinheiro em seus alfaiates que em seus cavalos e armas, mas depois se deu conta de que o dândi era uma mulher, e que o penacho negro que caía em cascata por suas costas era sua cabeleira e não o adorno de um capacete. — É sua, Ducos? — perguntou Loup com malícia.

— *Monsieur* — disse Ducos com muita formalidade —, permita-me apresentar-lhe dona Joanhina de Elia. *Madame*? Este é o general-de-brigada Guy Loup.

O brigadeiro Loup olhou para a mulher junto ao fogo e gostou do que viu, e dona Joanhina de Elia devolveu o olhar ao general dragão e também lhe agradou o que viu. Viu um homem robusto e caolho com um rosto brutal e curtido pela intempérie, que usava curtos seu cabelo grisalho e sua barba grisalha, e um uniforme cinza debruado de pele como uma fantasia de carrasco. Em sua pele brilhavam gotas de chuva que fazia sair o odor de animal, um odor que se misturava com os embriagadores aromas de selas de montar, tabaco, suor, óleo para pistolas, pólvora e cavalos.

— Brigadeiro — disse ela cortesmente.



— *Madame* — respondeu Loup, e depois olhou de cima abaixo seu ajustado uniforme sem se envergonhar —, ou deveria dizer coronel?

— Pelo o menos brigadeiro — respondeu Joaninha —, se não é *maréchal*.

— Dois homens? — Ducos interrompeu o flerte. — Como perdeu dois homens?

Loup lhe contou a história de seu dia. Andava de um lado ao outro da câmara enquanto falava, mordendo de vez em quando uma maçã que pegara da mesa de Ducos. Contou como tinha levado uma cambada de homens para as colinas atrás dos fugitivos da vila de Fontes de Onor e como, depois de ter se vingado dos espanhóis, fora surpreendido pela chegada dos casacas-verdes.

— Eram comandados por um capitão chamado Sharpe — disse.

— Sharpe... — repetiu Ducos, e então começou a folhear um livro imenso no qual anotava todo fragmento de informação sobre os inimigos do imperador. O trabalho de Ducos era saber daqueles inimigos e recomendar como podiam ser destruídos, e seu conhecimento era tão abundante como seu poder. — Sharpe! — disse outra vez ao encontrar a entrada que procurava. — E diz que é um fuzileiro? Suspeito que pode ser o mesmo tipo que capturou uma águia em Talavera. Só estava com casacas-verdes ou também o acompanhavam casacas-vermelhas?

— Tinha casacas-vermelhas.

— Então é o mesmo homem. Por alguma razão que nunca descobrimos, presta serviço em um batalhão de casacas-vermelhas — Ducos estava escrevendo um adendo a suas notas no livro que continha entradas similares sobre uns quinhentos oficiais inimigos. Algumas das entradas estavam riscadas com uma linha negra que indicava que os homens estavam mortos, e Ducos imaginava às vezes o glorioso dia em que todos aqueles heróis inimigos, ingleses, portugueses e também espanhóis, fossem riscados em negro por um arrasador exército francês. — Nas tropas de Wellington — disse agora Ducos —, o capitão Sharpe é considerado um homem notável. Ascendeu desde soldado raso, brigadeiro, uma proeza pouco comum na Inglaterra.

— Para mim foi ascendido desde uma manada de porcos, Ducos, quero seu couro cabeludo e quero suas bolas.

Ducos não aprovava semelhantes rivalidades pessoais, pois temia que interferissem com obrigações mais importantes. Fechou o livro.

— E não seria melhor — sugeriu com frieza — que me permitisse apresentar uma queixa formal pela execução? Não acredito que Wellington a deixe de lado.

— Não — disse Loup. — Não necessito que advogados se encarreguem de minhas vinganças. — A irritação de Loup não fora causada pela morte de seus dois homens, pois a morte era um risco que todos os soldados aprendiam a sobrelevar, mas bem mais pela maneira como haviam morrido. Os soldados tinham que morrer em batalha ou na cama, não contra um muro como vulgares criminosos. Loup também estava ressentido porque outro soldado lhe havia vencido. — Mas se como posso matá-lo nas próximas duas semanas, Ducos, então pode

escrever sua maldita carta. — Foi uma permissão a contragosto. — É mais difícil matar soldados que civis — continuou Loup —, e levamos muito tempo lutando contra civis. Agora minha brigada terá que aprender de novo a destruir inimigos de uniforme.

— Achava que a maioria de soldados franceses preferiam lutar contra outros soldados antes que contra guerrilheiros — disse dona Joaninha.

Loup assentiu.

— A maioria sim, mas eu não, *madame*. Especializei-me em combater a guerrilha.

— Conte-me como — perguntou ela.

Loup olhou para Ducos como se lhe pedisse permissão, e Ducos consentiu. Incomodava-se com a tensão sexual que percebia entre aqueles dois. Era uma atração tão elementar como a luxúria de uma perdiz, uma luxúria tão palpável que Ducos quase enrugava o nariz pelo fedor que exalavam. Se deixasse aqueles dois sozinhos por meio minuto, pensou, seus uniformes acabariam formando um único monte no piso. Não era a luxúria o que o ofendia, mas o fato desta os distrair dos assuntos que tinham entre as mãos.

— Prossiga — disse a Loup.

Loup deu de ombros como se na realidade não tivesse nenhum segredo a respeito.

— Tenho as tropas melhor treinadas do exército. Melhores que a Guarda Imperial. Combatem bem, matam bem e recebem boas recompensas. Mantenho-os afastados. Não se alojam nem se misturam com as outras tropas, e desta maneira ninguém sabe onde estão ou o que estão fazendo. Se seiscentos homens forem mandados em uma marcha para Madri, eu garanto que todos os guerrilheiros daqui a Sevilha saberão antes que saiam. Nunca ocorrerá isso com meus homens. Não contamos a ninguém o que estamos fazendo ou aonde vamos, simplesmente vamos e fazemos. E temos nosso próprio lugar para viver. Esvaziei uma aldeia de seus habitantes e o converti em meu depósito, mas não ficamos lá simplesmente. Viajamos aonde queremos, dormimos onde queremos e, se os guerrilheiros nos atacam, morrem, e não só eles, também morrem com eles suas mães, seus filhos, seus sacerdotes e seus netos. Nós os aterrorizamos, *madame*, assim como eles tentam nos aterrorizar, e por enquanto minha manada de lobos é mais aterradora que os guerrilheiros.

— Que bom — disse simplesmente Joaninha.

— A zona de patrulha do brigadeiro Loup destaca-se por estar livre de guerrilheiros — disse Ducos a modo de generoso tributo.

— Não livre de tudo — acrescentou Loup em tom grave. — O Castrador ainda está vivo, mas eu utilizarei sua própria faca com ele. Talvez a chegada dos ingleses lhe anime a mostrar o focinho outra vez.

— E é pelo que estamos aqui — disse Ducos, assumindo o comando da habitação. — Nosso trabalho é nos assegurar de que os ingleses não fiquem aqui, mas que façam sua bagagem. — E depois, com sua voz profunda e quase hipnótica, descreveu a situação militar tal como a compreendia. O general-de-brigada Loup, que havia passado o último ano lutando

para manter as passagens das colinas da fronteira livres de guerrilheiros, e assim se poupava dos desastres que afligiram o exército do marechal Masséna em Portugal, escutava extasiado enquanto Ducos contava a história real, e não as mentiras patrióticas que se vendiam nas colunas do *Moniteur*. — Wellington é astuto — admitiu Ducos. — Não é brilhante, mas é hábil e o subestimamos. — Os franceses não sabiam da existência das linhas de Torres Vedras até que estavam a um tiro de canhão das defesas, e tiveram que esperar, cada vez com mais fome e com mais frio, durante todo o inverno. Agora o exército estava de novo na fronteira espanhola, e à espera de um assalto de Wellington.

Um assalto que seria duro e sangrento por culpa das duas imensas fortalezas que bloqueavam as únicas estradas transitáveis através das montanhas fronteiriças. Cidade Rodrigo era a cidadela do norte, e Badajoz a do sul. Badajoz estivera em mãos espanholas até um mês atrás, e os engenheiros de Masséna tinham perdido a esperança de chegar a render suas massivas muralhas, mas Ducos tinha arrumado um grande suborno e o comandante espanhol havia entregado as chaves da fortaleza. Agora, as duas chaves para entrar na Espanha, Badajoz e Cidade Rodrigo, estavam firmemente seguras pelas mãos do imperador.

Mas havia uma terceira fortaleza na fronteira que também estava em mãos francesas. Almeida ficava dentro de Portugal e, ainda que não fosse tão importante como Cidade Rodrigo ou Badajoz, e apesar de seu enorme castelo e a vizinha catedral terem sido destruídos em uma explosão de pólvora que fez tremer a terra no ano anterior, as grossas muralhas em forma de estrela da cidade e sua numerosa guarnição francesa ainda representavam um formidável obstáculo. Qualquer força inglesa que sitiasse Cidade Rodrigo teria que empregar milhares homens para se proteger ante a ameaça de que a guarnição de Almeida saísse para atacar as linhas de abastecimento, e Ducos considerava que Wellington nunca toleraria semelhante ameaça à retaguarda de seu exército.

— A prioridade básica de Wellington será capturar Almeida — disse Ducos —, e o marechal Masséna fará tudo o que possa para liberar a fortaleza do sítio inglês. Em outras palavras, brigadeiro — Ducos falava mais para Loup que para dona Joanhinha —, haverá uma batalha perto de Almeida. Existem poucas coisas seguras na guerra, mas acredito que disto podemos estar seguros.

Loup olhou fixamente o mapa e depois consentiu.

— A menos que o marechal Masséna retire a guarnição — disse com tom de desprezo dando a entender que Masséna, seu inimigo, era capaz de qualquer bobagem.

— Não o fará — objetou Ducos com a certeza de alguém que tinha o poder de ditar a estratégia para os marechais da França. — E a razão é que não estará lá — acrescentou Ducos, dando um golpezinho no mapa enquanto falava. — Observe isto — Loup se inclinou obediente sobre o mapa. A fortaleza de Almeida aparecia como uma estrela para imitar a silhueta de sua fortificação dentada. Ao seu redor, estavam as marcas pontilhadas das colinas, mas atrás destas, entre Almeida e o resto de Portugal, fluía um profundo rio, o *Coa*. — Corre por uma garganta, brigadeiro — disse Ducos —, e só o cruza uma ponte em Castelo Bom.

— Conheço-o bem.

— Então, se derrotamos o general Wellington deste lado do rio — disse Ducos —, então os fugitivos de seu exército se verão forçados a retirar-se por uma única ponte de apenas três metros de largura. Essa é a razão pela qual deixaremos a guarnição em Almeida, porque sua presença obrigará lorde Wellington a lutar nesta margem do *Coa*, e quando o faça o destruiremos. E assim que os ingleses tenham ido, brigadeiro, empregaremos suas táticas de terror para acabar com toda resistência em Portugal e Espanha.

Loup se endireitou. Havia se impressionado com a análise de Ducos, mas também lhe deixava dúvidas. Necessitou um par de segundos para formular sua objeção, e encheu esse tempo acendendo um longo e escuro charuto. Exalou a fumaça, e depois decidiu que não existia uma maneira diplomática de expor sua dúvida, assim que a expôs cruamente.

— Não estive em batalha com os ingleses, major, mas ouvi que são uns sacanas teimosos quanto às defesas — Loup deu um toquezinho no mapa. — Conheço bem a região. É cheia de colinas e de vales ribeirinhos. Dê a Wellington uma colina e você poderia morrer de velho antes de poder fazer que se mova do lugar. Seja como for, isso é o que ouvi — Loup terminou dando de ombros, como para diminuir a importância de sua própria opinião.

Ducos sorriu.

— E se supomos, brigadeiro, que há umas maçãs apodrecidas no cesto do exército de Wellington?

Loup considerou a pergunta, depois assentiu.

— Ele virá abaixo — confirmou convencido.

— Bom! Porque essa é precisamente a razão pela qual queria que conhecesse dona Joaquina — disse Ducos, e a dama sorriu para o dragão. — Dona Joaquina cruzará as linhas — continuou Ducos —, e viverá entre nossos inimigos. De vez em quando, brigadeiro, ela o contactará para que você lhe entregue determinados suprimentos que eu mandarei para você. Quero que converta em sua máxima prioridade a entrega desses suprimentos a dona Joaquina.

— Suprimentos? — perguntou Loup. — Refere-se a armas? Munição?

Dona Joaquina respondeu por Ducos.

— Nada disso, brigadeiro, isso não se pode transportar nos alforjes de um burro de carga.

Loup olhou para Ducos.

— Acha que é fácil cavalgar de um exército a outro? Demônios, Ducos, os ingleses têm uma defesa de cavalaria, e há os guerrilheiros e nossos piquetes, e Deus sabe quantos outros postos de observação com sentinelas ingleses. Não é o mesmo que dar um passeio pelo *Bois de Boulogne*.

Ducos parecia não se interessar.

— Dona Joaquina fará seus próprios preparativos, e tenho confiança neles. O que você deve fazer, brigadeiro, é familiarizar esta dama com suas guaridas. Tem que saber onde e como achá-lo. Pode encarregar-se disto?

Loup consentiu, depois olhou para a mulher.

— Pode cavalgar comigo amanhã?

— Todo o dia, brigadeiro.

— Então cavalgaremos amanhã — disse Loup —, e talvez também no dia seguinte?

— É possível, general, é possível — respondeu a mulher.

Ducos voltou a interromper seus flertes. Era tarde, a janta estava esperando e ainda tinha várias horas de papelada para ver.

— Seus homens — disse a Loup — estão agora na linha de piquetes das tropas. Assim que quero que preste atenção à chegada de uma nova unidade ao exército inglês.

Loup, suspeitando que o tratavam como se tivesse nascido ontem, franziu o cenho.

— Sempre prestamos atenção a coisas como essa, major. Somos soldados, lembra?

— Especial atenção, brigadeiro — Ducos quase não se alterou para a irritação de Loup. — Espera-se que uma unidade espanhola, a Real Companhia Irlandesa, una-se logo aos ingleses, e quero saber quando chegam e qual é sua posição. É importante, brigadeiro.

Loup olhou fixamente para Joaninha, pois suspeitava que a Real Companhia Irlandesa estivesse conectada de alguma forma com sua missão, mas o rosto dela não deixava transluzir nada. Quem se importa, pensou Loup, a mulher lhe contaria tudo antes que passassem as duas próximas noites.

— Se um cachorro soltar um peido nas linhas inglesas, major, será o primeiro a sabê-lo.

— Bom! — disse Ducos pondo fim à conversa. — Não o entreterei mais, brigadeiro. Estou seguro de que tem planos para esta noite.

Com permissão para se retirar, Loup recolheu seu capacete, cujo penacho de pelo cinza ainda estava úmido.

— Senhora — observou enquanto abria a porta do corredor —, não é esse o tratamento para uma mulher casada?

— Meu marido, general, está enterrado na América do Sul — Joaninha encolheu os ombros. — A febre amarela, por desgrça.

— E minha esposa, *madame* — disse Loup —, está enterrada em sua cozinha de Besançon. Por desgrça. — Estendeu uma mão para a porta, oferecendo-se para escoltá-la pelas sinuosas escadas, mas Ducos reteve a espanhola.

— Está preparada para partir? — perguntou Ducos a Joaninha quando Loup já não podia ouvir-lhe.

— Tão cedo? — respondeu Joaninha.

Ducos deu de ombros.

— Suspeito que a Real Companhia Irlandesa já tenha chegado às linhas inglesas, ainda que talvez seja mais provável que o façam pelo final do mês.

Joaninha consentiu.

— Estou preparada — guardou silêncio. — Ducos, os ingleses suspeitarão das verdadeiras motivações da Real Companhia Irlandesa?

— Claro que sim. Seriam tontos se não o fizessem. Ademais, essa é precisamente minha intenção. Nossa tarefa, *madame*, é desestabilizar o nosso inimigo, assim que permitamos que desconfiem da Real Companhia Irlandesa, e talvez assim não percebam a verdadeira ameaça, não acha? — Ducos tirou seus óculos e os limpou com o bordo de sua casaca simples. — Que tal lorde Kiely? Está segura de seus afetos?

— É um bobão bêbado, major — respondeu Joaninha. — Fará tudo o que eu lhe diga.

— Não provoque seus ciúmes — advertiu Ducos.

Joaninha sorriu.

— Pode dar-me lições sobre muitas coisas, Ducos, mas quando se trata de homens e suas mudanças de humor, creia-me, sei tudo o que há para saber. Não se preocupe com milorde Kiely. Eu o mantereí muito suave e muito obediente. Isso é tudo?

Ducos voltou a colocar os óculos.

— Isso é tudo. Desejo que tenha um bom descanso esta noite, *madame*.

— Estou segura de que será uma noite esplêndida, Ducos. — Dona Joaninha sorriu e saiu do quarto. Ducos escutou o som de suas esporas descendo os degraus; depois a ouviu rir quando se encontrou com Loup, que a estivera esperando ao pé da escada. Ducos fechou a porta ao som de seus risos e voltou a aproximar-se lentamente da janela. Na noite a chuva seguia caindo, mas na agitada mente de Ducos não havia nada mais que a visão da glória. Não dependia apenas de Joaninha e Loup cumprirem seu encargo, como também do inteligente plano de um homem a quem inclusive Ducos reconhecia como seu igual, um homem cuja paixão por derrotar os ingleses igualava à paixão de Ducos em ver a França triunfante, e um homem que já estava atrás das linhas inglesas, aonde ia semear a discórdia que primeiro faria uma falha no exército inglês, e depois o conduziria a uma armadilha junto a um estreito barranco. O magro corpo de Ducos se estremeceu enquanto aquela visão se agitava em sua imaginação. Viu como o insolente exército inglês era erodido por dentro, e depois era pego e derrotado. Viu a França triunfante. Viu o desfiladeiro de um rio cheio até suas rochosas bordas de cadáveres ensanguentados. Viu seu imperador governando em toda Europa e depois, quem sabe, em todo o mundo conhecido. Alexandre tinha conseguido, por que não Bonaparte?

E, com um pouco de astúcia por parte de Ducos e seu agente mais secreto, tudo começaria às margens do *Coa*, perto da fortaleza de Almeida.

— É uma oportunidade, Sharpe, por minha alma que é uma oportunidade. Uma verdadeira oportunidade. Não aparecem muitas oportunidades na vida de um homem e ele tem que aproveitá-las. Foi meu pai que me ensinou isso, ele era bispo, veja, e ninguém passa de coadjutor a bispo se não for aproveitando suas oportunidades. Entende?

— Sim, senhor.

As imensas nádegas do coronel Claud Runciman estavam bem assentadas no banco da pousada, e diante dele, em uma mesa simples de madeira, estavam os restos de um suntuoso banquete. Havia ossos de frango, o ramo desordenado de um cacho de uvas, cascas de laranja, ossinhos de coelho, um pedaço de cartilagem inidentificável e um odre de vinho vazio. A copiosa refeição havia obrigado o coronel Runciman a desabotoar sua casaca, o colete e a camisa para poder afrouxar os cordõezinhos de sua cinta, e a consequente distensão de seu ventre esticava a corrente de um relógio, que pendia pesada e cheia de pingentes, sobre uma faixa de carne nua e estirada como a pele de um tambor. O coronel soltou um portentoso arroto.

— Há por aí uma garota corcunda que serve a comida, Sharpe — disse Runciman. — Se vir à garota, diga-lhe que levarei um pouco de bolo. Pode ser com um pouco de queijo. Mas não se for queijo de cabra. Meu estômago não suporta o queijo de cabra, me dá acidez, sabe? — A casaca vermelha de Runciman tinha as bordas amarelas e passamanaria de prata do 37º, um bom regimento de linha de Hampshire que estava há mais de um ano sem ver a generosa sombra do coronel. Há pouco tempo, Runciman havia sido o general responsável pela bagagem dos suprimentos e equipamentos do Real Corpo de Suprimentos e de seus arrieiros auxiliares portugueses, mas agora tinha sido designado como oficial de enlace da Real Companhia Irlandesa.

— É uma honra, certamente — disse a Sharpe —, mas não inesperado nem imerecido. Já disse a Wellington quando me nomeou general responsável pela bagagem que assumiria o trabalho como um favor para ele, mas que esperava uma recompensa por fazê-lo. Ninguém quer passar a vida embrutecendo-se entre intendentes de pouco miolo, por Deus, não. Aí está a corcunda, Sharpe! Está ali! Chame-a, Sharpe, seja um bom menino! Diga-lhe que quero bolo e algum queijo decente!

Serviram-lhe bolo e queijo e outro odre cheio de vinho, além de um tigela com cerejas, para satisfazer os últimos vestígios possíveis do apetite de Runciman. Um grupo de oficiais da cavalaria, que estavam sentados a uma mesa do outro lado do pátio, apostavam sobre quanta comida poderia consumir aquele gordo coronel, mas este não levava em conta suas zombarias.

— É uma oportunidade — voltou a dizer depois devorar seu bolo. — Não saberia lhe dizer o que você sacará daí, sem dúvida, ainda que de toda forma um tipo como você provavelmente não espera muito da vida, mas calculo que para mim se trata de uma oportunidade de fazer-me com o Tosão de Ouro. — Olhou de soslaio para Sharpe. — Você sabe o que significa “real”, né?

— Do rei, senhor.

— Então que não é do todo inculto, hem? Sim, do rei, Sharpe. A guarda do rei! Aqueles irlandeses são do rei! Não são uma turma de arrieiros e muladeiros ordinários. Têm conexão com a realeza, Sharpe, e isso significa recompensas reais! Penso que pode ser que a corte espanhola conceda uma pensão junto com o Tosão de Ouro. Acho que se dão uma estrela e um colar de ouro, mas uma pensão também seria bem recebida. Em recompensa por um trabalho

bem feito, não acha? E isso só por parte dos espanhóis! Somente o bom Deus sabe o que poderia vir de Londres. Um título de cavalheiro? O príncipe regente gostará de saber que fizemos um bom trabalho, Sharpe, se interessará pessoalmente, percebe? Estará esperando que tratemos daqueles tipos de boa maneira, como corresponde a uma guarda real. No mínimo a Ordem de Bath, acredito. Pode ser inclusive um viscondado. Por que não? Só tem um problema — o coronel Runciman voltou a arrotar, e depois levantou uma nádega por alguns segundos. — Deus meu, mas assim está melhor — disse. — Tem que soltar os gases, isso é o que diz meu médico, para que o corpo não apodreça por dentro. Agora, Sharpe, o grão-de-bico negro em nosso ensopado é o fato de que todos aqueles guardas reais sejam irlandeses. Alguma vez já comandou irlandeses?

— Uma ou outra, senhor.

— Bem, pois eu comandi dezenas desses pilantras desde que fundiram o corpo de Suprimentos com os Corpos Irlandeses de Suprimentos, e não há muito que não saiba sobre os irlandeses. Serviu alguma Vez na Irlanda, Sharpe?

— Não, senhor.

— Eu estive lá uma vez, de guarnição no castelo de Dublin. Seis meses de miséria, Sharpe, sem uma só refeição bem preparada. Só Deus sabe, Sharpe, que me esforcei para ser um bom cristão e amar a meu próximo, mas havia vezes em que os irlandeses o faziam difícil. Não é que não haja alguns que não sejam os tipos mais encantadores que alguém possa encontrar, mas podem chegar a ser tão obtusos! Ai, Sharpe, às vezes me perguntava se me estavam pegando no meu pé, fingindo que não entendiam até as ordens mais simples. Não acha? E há algo mais, Sharpe. Temos que ser diplomáticos você e eu. Os irlandeses — e aqui Runciman se inclinou com torpeza para frente, como se estivesse confiando algo importante para Sharpe — são em sua maioria católicos, Sharpe. Papistas! Teremos que vigiar nosso discurso teológico se não queremos alterar seu gênio! Pode ser que você e eu saibamos que o Papa é a reencarnação da Rameira Escarlata da Babilônia, mas não ajudará a nossa causa que o digamos em voz alta. Você sabe a que me refiro?

— Quer dizer que não teria Tosão de Ouro, senhor?

— Bom menino. Sabia que entenderia. Exatamente. Temos que ser diplomáticos, Sharpe. Temos que ser compreensivos. É preciso tratar àqueles garotos como se fossem ingleses — Runciman cismou sobre aquela afirmação, e depois torceu o gesto. — Ou quase como ingleses, como quer que seja. Você ascendeu desde soldado raso, não é verdade? Assim que pode ser que estas coisas não sejam tão evidentes para você, mas apenas se lembrando de manter silêncio com relação ao Papa não dará muito fora. E diga o mesmo a seus garotos — acrescentou imediatamente.

— Um bom número de meus homens são católicos, senhor — disse Sharpe —, e irlandeses.

— Assim tem que ser. Um terço deste exército é irlandês! Se alguma vez chegasse a haver um motim, Sharpe... — O coronel Runciman estremeceu só de pensar que os casacas-vermelhas papistas pudessem enlouquecer. — Bem, não vale à pena pensar nisso, né? —



continuou. — Assim que ignore aqueles infames hereges, Sharpe, simplesmente ignore-os. A ignorância é a única causa possível do papismo, como dizia sempre meu amado pai, e queimar atado a um poste a única cura conhecida. Ele era bispo, assim que entendia destes assuntos. Oh, e outra coisa mais, Sharpe, agradeceria se não me chamasse de coronel Runciman. Ainda não me substituíram, de modo que ainda sou general responsável pela bagagem, pelo que deveria tratar-me por general Runciman.

— Certamente, general — disse Sharpe, dissimulando um sorriso.

Depois de dezenove anos no exército, havia conhecido muitos homens como o coronel Runciman. Aquele homem tinha comprado suas ascensões até chegar a ser tenente-coronel, e aí havia ficado emperrado porque as ascensões para cima daquele posto dependiam unicamente da veteranice e do mérito; mas se Runciman quisesse que o chamassem de general, Sharpe seguiria a corrente um pouco. Percebia perfeitamente que Runciman não era um tipo difícil, pelo que tinha pouco sentido inimizá-lo com ele.

— Bom menino! Ah! Vê aquele garoto esquelético que está saindo? — Runciman apontou para um homem que saía da pousada naquele momento. — Juraria que deixou meio odre de vinho em sua mesa. Vê? Vá e agarre-o, Sharpe, que você ainda está em forma, antes que a garota corcunda lhe ponha as garras em cima. Eu mesmo o faria, mas a maldita gota me está agonizando muito hoje. Vá, homem, que tenho sede!

Sharpe poupou-se a indignidade de recolher sobras das mesas dos outros como um mendigo graças à chegada do major Michael Hogan, que lhe indicou com um gesto que voltasse para os restos do almoço de Runciman.

— Boa tarde, coronel — disse Hogan —, e um grande dia também, não é mesmo? — Sharpe notou que Hogan exagerava a propósito seu sotaque irlandês.

— E quente! — respondeu Runciman, secando com o guardanapo o suor que gotejava por suas gordas bochechas antes mesmo de olhar seu interlocutor; depois de ver Hogan, consciente de repente que sua barriga estava exposta, tentou em vão juntar as bordas de sua cinta. — Maldito calor — acrescentou em um sussurro.

— É o sol, coronel — disse Hogan com muita seriedade. — Percebi que, nestas latitudes, o sol parece ir esquentando mais e mais ao longo do dia. O senhor notou?

— Bem, certamente que é o sol! — disse Runciman confuso.

— Assim que tenho razão! Não é assombroso? Porém, o que ocorre com o inverno, coronel?

Runciman lançou um olhar de angústia para o odre abandonado. Estava a ponto de ordenar uma vez mais a Sharpe que o recolhesse, quando a criada o levou.

— Maldito seja — disse Runciman penalizado.

— Dizia algo, coronel? — perguntou Hogan enquanto pegava um punhado das cerejas de Runciman.

— Nada, Hogan, só foi uma pontada da gota. Preciso de um pouco mais de água de

Husson, mas é difícil encontrar a maldita. Talvez possa pedir à Guarda Montada de Londres. Deveriam perceber que por aqui necessitamos de medicamentos. E uma coisa mais, Hogan.

— Diga, coronel. Sou seu para o que ordene.

Runciman se ruborizou. Sabia que zombava dele, mas ainda que sua patente fosse superior à do irlandês, ficava nervoso com a proximidade que existia entre Hogan e Wellington.

— Ainda sou, como o senhor sem dúvida sabe, general responsável pela bagagem — disse Runciman com solenidade.

— Sim, coronel, sim. E uma excelente, maldição, tenho que dizê-lo. O milorde me dizia outro dia. “Hogan”, dizia, “alguma vez em todos os dias de sua vida já viu carroças tão bem dirigidas?”

— Wellington disse isso? — perguntou Runciman atônito.

— Ele disse, coronel, certamente que disse.

— Bem, na realidade não me surpreende — observou Runciman. — Minha querida mãe sempre dizia que eu tinha talento para a organização, Hogan. Mas o caso é, major — seguiu dizendo Runciman —, que até que não se encontre um substituto ainda sou o general responsável pela bagagem — insistiu na palavra “general” —, e ficaria enormemente agradecido caso se dirigisse a mim como...

— Meu estimado oficial da bagagem — Hogan interrompeu a laboriosa petição de Runciman —, por que não me disse antes? Certamente que me dirigirei ao senhor como oficial da bagagem, e peço desculpas por não ter pensado nessa simples cortesia eu mesmo. Mas agora, oficial da bagagem, se desculpa minha ousadia, a Real Companhia Irlandesa chegou aos arredores da cidade e necessitamos passar revista, se é que o senhor está pronto — Hogan indicou com um gesto a saída da pousada.

Runciman parecia se acovardar com a perspectiva de fazer qualquer esforço.

— Justo agora, Hogan? Neste momento? Pois não posso. Ordens do médico. Um homem de minha constituição necessita de um descanso depois de... — Parou, enquanto buscava a palavra apropriada. — Depois de... — prosseguiu e voltou a ficar em silêncio.

— Um descanso depois do trabalho? — sugeriu docemente Hogan. — Muito bem, oficial da bagagem, direi a lorde Kiely que se encontrará com ele e com seus homens na recepção do general Valverde esta tarde, enquanto Sharpe conduz os homens até o forte de São Isidro.

— Então, esta tarde na casa de Valverde, Hogan — aceitou Runciman. — Muito bem. E Hogan. Sobre o fato de eu ser general responsável pela bagagem...

— Não é necessário que me agradeça, oficial da bagagem. Só me envergonha com sua gratidão, assim que, nem uma palavra mais! Respeitarei seus desejos e direi a todos os outros que façam o mesmo. Agora, vamos, Richard! Onde estão seus companheiros de verde?

— Na taberna aí da frente, senhor — disse Sharpe. Seus fuzileiros iam se encontrar com Sharpe no forte de São Isidro, uma fortificação abandonada na fronteira portuguesa, onde colaborariam na instrução da Real Companhia Irlandesa no uso de mosquetes e táticas de

escaramuça.

— Meu Deus, Sharpe, grande estúpido é aquele Runciman! — Espetou Hogan alegremente quando os dois saíam pela porta da pousada. — É um estúpido genial, mas sem dúvida foi o pior general responsável pela bagagem da história. O cachorro de McGilligan teria feito melhor o trabalho, e isso apesar do cachorro de McGilligan ser famoso por ser cego e epilético, e porque costumava andar bêbado. Você não conheceu McGilligan, né? Foi um bom engenheiro, mas caiu do Cais Velho de Gibraltar e se afogou; isso sim, depois de ter bebido um litro e meio de xerez, que Deus guarde sua alma. Não se pôde consolar ao seu pobre cachorro e teve que ser morto. O 73º de Highlanders se encarregou do assunto com todo um pelotão de fuzilamento, e depois lhe renderam honras militares. Ainda que Runciman seja o tipo adequado para bajular os irlandeses, e sem dúvida fará que pensem que os levamos a sério; mas esse não é seu trabalho, Sharpe. Entende o que lhe digo?

— Não, senhor — objetou Sharpe —, não entendo nem um pouco, senhor.

— Você está sendo lento, Richard — disse Hogan, e depois se deteve e agarrou um dos botões de prata da casaca de Sharpe para dar ênfase a suas palavras seguintes. — O objetivo de tudo o que estamos fazendo agora é desagradar à lorde Kiely. Seu trabalho é se converter em um espinho nas nádegas daquele lorde irlandês, e irritá-lo. Não o queremos aqui, e tampouco queremos aqui sua maldita Real Companhia, mas não podemos lhes dizer que partam porque não seria diplomático, assim que seu trabalho é conseguir que partam por vontade própria. Oh! Ah, sinto muito — soltou de repente a modo de desculpa, ao ficar com o botão na mão. — Aqueles grandes canalhas não tramam nada bom, Richard, e temos que encontrar uma forma diplomática de nos livrar deles, então faça tudo o que possa para que sua permanência aqui seja a mais incômoda, faça-o e confie em que o roliço Runciman suavizará as coisas para que não achem que estamos sendo grosseiros de propósito — Hogan sorriu. — Apenas lhe culparão de não ser um cavalheiro.

— Mas realmente não o sou, não?

— Pois ocorre que sim, você é, este é um de seus defeitos; mas não nos preocupemos agora com isso. Simplesmente livre-se de Kiely em meu nome, Richard, e de todos seus alegres garotos. Faça que se arrastem! Faça-os sofrer! Porém, acima de tudo, Richard, por favor, por favor, faça que aqueles sacanas partam o quanto antes.

A Real Companhia Irlandesa tinha o nome de companhia, mas de fato era um pequeno batalhão, um dos cinco que compunham o corpo de guarda da realeza da Espanha. Tinha exatamente trezentos e quatro guardas nos registros da companhia quando esta prestava serviço no palácio de O Escorial, fora de Madri, mas o encarceramento do rei da Espanha e o favorável descuido da ocupação francesa tinham reduzido suas filas; além disso, a viagem de barco ao redor da Península para se reunir com o exército inglês tinha diminuído ainda mais suas filas, de modo que, quando a Real Companhia Irlandesa formou aos arredores de Vilar Formoso, só restavam uns cento e sessenta e três soldados. Estes eram acompanhados por trinta oficiais, um capelão, oitenta e nove esposas, setenta e quatro meninos, dezesseis

serventes, vinte e dois cavalos, uma dúzia de mulas “e uma amante”, contou Hogan para Sharpe.

— Uma amante? — perguntou Sharpe incrédulo.

— Bem, é provável que haja uma vintena de amantes — disse Hogan —, ou duas vintenas! O mais seguro é que seja um bordel andante, mas lorde Kiely me disse que temos que encontrar um alojamento adequado para ele e para sua amiguinha. Não é que ela já esteja aqui, você me entende, mas milorde me disse que está a caminho. Supõe-se que dona Joaninha de Elia abrirá caminho graças a seus encantos através das linhas inimigas para esquentar a cama de milorde e, caso se trate da mesma Joaninha de Elia da qual ouvi falar, tem muita prática em esquentar camas. Sabe o que se diz dela? Que coleciona um uniforme do regimento de cada homem com quem se deita! — Hogan riu entre os dentes.

— Se cruzar as linhas por aqui — disse Sharpe —, necessitará uma sorte de mil demônios para escapar da brigada Loup.

— Como demônios você sabe de Loup? — perguntou Hogan no mesmo instante. A maior parte do tempo o irlandês era uma alma alegre e engenhosa, mas Sharpe sabia que aquela bonomia ocultava uma mente muito aguda, e o tom da pergunta trouxe à superfície sua agudeza.

Por um décimo de segundo, Sharpe teve a tentação de confessar que havia se encontrado com o brigadeiro, e que depois havia executado ilegalmente dois de seus soldados de uniforme cinza; afinal de contas, Hogan era um amigo; contudo, considerou que o melhor era esquecer aquela façanha.

— Aqui todo mundo sabe de Loup — respondeu em vez de confessar. — Não se pode passar um dia nesta fronteira sem ouvir falar de Loup.

— Isso é bastante verdade — admitiu Hogan, dissipando suas suspeitas. — Mas não se sinta tentado a investigar mais, Richard. É um mau tipo. Deixe que eu me ocupe de Loup, enquanto isso você se encarrega desses fantoches — Hogan e Sharpe, seguidos pelos fuzileiros, haviam dobrado uma esquina e agora viam como a Real Companhia Irlandesa desfilava arrastando os pés em um descampado frente a uma igreja inacabada. — Nossos novos aliados — disse com amargura Hogan —, creia ou não, em trajes de trabalho.

Supunha-se que o traje de trabalho era o uniforme de serviço que um soldado vestia diariamente, mas o traje de trabalho da Real Companhia Irlandesa era muito mais chamativo e elegante que todos os melhores trajes da maioria dos batalhões de linha ingleses. Os guardas vestiam curtas jaquetas vermelhas com rebordos negros e bainhas com bordas douradas. O mesmo cordão negro adornado com ouro debruava suas casas e colarinhos, enquanto que os punhos, bordas e forros eram de cor verde-esmeralda. Seus calções e coletes eram brancos, suas botas de cano alto, cinturões e bandoleiras eram de couro negro, enquanto que suas faixas eram verdes, do mesmo verde que o alto penacho que todos os homens usavam de lado de seu bicornio negro. As insígnias douradas de seus chapéus mostravam uma torre e um leão rampante, os mesmos símbolos que exibiam nas magníficas faixas verdes e douradas que levavam ao ombro os sargentos e os tamborileiros. Enquanto se aproximava, Sharpe viu que aqueles esplêndidos uniformes estavam surrados, remendados e descoloridos, ainda que ainda

fossem uma impressionante exibição da brilhante luz do sol de primavera. Inclusive os homens eram impressionantes, apesar de parecerem desanimados, cansados e irritados.

— Onde estão seus oficiais? — perguntou Sharpe a Hogan.

— Foram à taberna para almoçar.

— Não comem com seus homens?

— É evidente que não. — A desaprovação de Hogan era ácida, mas não foi tão amarga como a de Sharpe. — Não venha agora simpatizar com eles, Richard — advertiu Hogan. — Supõe-se que não tem que gostar destes garotos, recorda?

— Falam inglês? — perguntou Sharpe.

— Tão bem como você ou eu. Cerca da metade deles são irlandeses de nascimento, a outra metade descende de emigrantes irlandeses, e bastantes, tenho que reconhecer, vestiram em outro tempo casacas vermelhas — disse Hogan, referindo-se ao fato de serem desertores do exército inglês.

Sharpe se virou e fez um sinal para Harper para que se aproximasse.

— Vamos dar uma espiada nesta guarda de palácio, sargento — disse. — Ordene que formem para revista.

— E como me dirijo a eles? — perguntou Harper.

— Como batalhão? — insinuou Sharpe com ironia.

Harper deu uma profunda inspiração.

— Batalhão! Sentido! — Sua voz foi forte o bastante para fazer os homens que estavam mais perto estremecerem e os mais afastados saltarem de surpresa, mas só alguns poucos ficaram em posição de sentido. — Em ordem de revista! Abram filas, volver! — berrou Harper, e de novo muito poucos guardas se moveram. Uns poucos olharam boquiabertos para Harper, enquanto a maioria olhava para seus sargentos em busca de orientação. Um daqueles sargentos com magníficas faixas se aproximou de Sharpe, com a intenção evidente de averiguar que autoridade possuíam os fuzileiros, mas Harper não esperou as explicações. — Movam-se de uma vez, sacanas! — gritou com seu sotaque de Donegal. — Agora estão na guerra, não vigiando o urinol real! Comportem-se como as boas putas que somos todos e abram filas, agora!

— E ainda me recordo de quando não queria ser sargento — disse Sharpe a Harper em voz baixa ao mesmo tempo em que os surpreendidos guardas obedeciam por fim à ordem do sargento casaca-verde. — O senhor vem, major? — perguntou Sharpe a Hogan.

— Esperarei aqui, Richard.

— Então, vamos lá, Pat — ordenou Sharpe, e os dois homens começaram a passar revista à fila da frente da companhia. O inevitável bando de meninos brincalhões da povoação se colocou atrás dos dois casacas-verdes fingindo ser oficiais, mas com um cascudo o irlandês fez o mais exibido partir choramingando, e os outros preferiram se dispersar a fazer sofrer

mais castigos.

Mais que aos homens, Sharpe passou revista aos mosquetes, ainda que se assegurasse de olhar nos olhos de cada soldado para avaliar o tipo de confiança e vontade tinham aqueles homens. Os soldados suportavam a inspeção com ressentimento, algo que não lhe surpreendia, pensou Sharpe, pois muitos daqueles guardas eram irlandeses que deviam ter vivido uma confusão de sentimentos ao serem incorporados ao exército inglês. Apresentaram-se como voluntários à Real Companhia Irlandesa para proteger Sua Muito Católica Majestade o rei, e aqui estavam, aguentando a hostilidade do exército de outro rei que, ademais, era protestante. Pior ainda, muitos deles seriam fervorosos patriotas irlandeses, encarniçados defensores de seu país como só os exilados podiam ser, e agora receberam ordens de lutar com as tropas dos opressores estrangeiros de sua pátria. Contudo, enquanto Sharpe percorria as filas, percebia mais nervosismo que ira, e se perguntou se esses homens simplesmente temiam serem ordenados a se converterem em verdadeiros soldados, pois, se seus mosquetes serviam de indício, fazia tempo que a Real Companhia Irlandesa renunciara a qualquer pretensão de ser uma companhia militar. Aqueles mosquetes eram uma vergonha. Os homens levavam os práticos e robustos mosquetes espanhóis, de martelo reto para trás, mas aquelas armas eram qualquer coisa menos práticas, porque seus percussores estavam oxidados e suas almas obstruídas pela imundice. Alguns não tinham pederneira, outros não tinham o assento de couro da pederneira, e havia inclusive uma arma que nem sequer tinha o parafuso que mantinha a pederneira em seu lugar.

— Alguma vez já disparou este mosquete, filho? — perguntou Sharpe ao soldado.

— Não, senhor.

— Alguma vez já disparou um mosquete, filho?

O rapaz olhou nervoso para seu próprio sargento.

— Responda ao oficial, garoto! — grunhiu Harper.

— Uma vez, senhor. Um dia — disse o soldado. — Somente aquela vez.

— Se quisesse matar alguém com essa arma, filho, teria que golpear com ela na cabeça. Isso sim — Sharpe devolveu o mosquete para as mãos do soldado —, parece grande o bastante para fazê-lo.

— Como se chama, soldado? — perguntou Harper.

— Rourke, senhor.

— Não me chame de “senhor”. Sou sargento. De onde é?

— Meu pai é de Galway, sargento.

— Pois eu sou de Tangaveane, no condado de Donegal, e me envergonha, garoto, me envergonha que um compatriota irlandês não saiba manter uma arma em um estado decente. Jesus, garoto, não poderia dispará-la em um francês com esse troço, e menos ainda em um inglês — Harper desceu do ombro seu próprio fuzil e o colocou debaixo do nariz de Rourke. — Olhe isto, garoto! Limpa o bastante até para tirar meleca das narinas do rei Jorge. Este é o

aspecto que deve ter uma arma! Armas corretas, senhor — Harper acrescentou as últimas três palavras em voz baixa.

Sharpe se virou para ver dois cavaleiros que galopavam pelo descampado para ele. Os cascos de seus cavalos levantavam nuvens de poeira. O cavalo que ia à cabeça era um magnífico semental negro. Era cavalgado por um oficial com o chamativo uniforme da Real Companhia Irlandesa, e seu gabão, o cobertor de sua sela, seu chapéu e os arreios de seu cavalo tinham uma profusa decoração de borlas, franjas e laçadas. O uniforme e a sela do segundo cavaleiro eram adornados com uma decoração igualmente esplêndida. Atrás deles vinha um grupo de cavaleiros que se deteve quando Hogan os interceptou. O major correu atrás dos dois primeiros cavaleiros, mas era tarde demais para impedir que chegassem junto de Sharpe.

— Que demônios o senhor está fazendo? — perguntou o primeiro homem enquanto puxava as rédeas justo diante de Sharpe. Tinha o rosto magro e bronzeado, com um bigode de pontas finas cuidado e engordurado. Sharpe supôs que o homem seria ainda vintaneiro, mas apesar de sua juventude seu rosto áspero e estragado tinha toda a autoridade não impostada de uma criatura nascida para a alta classe.

— Estou passando revista — respondeu friamente Sharpe.

O segundo cavaleiro parou do outro lado de Sharpe. Era bem maior que seu companheiro, e usava gabão e calções amarelo-brilhante dos dragões espanhóis, ainda que seu uniforme estivesse tão carregado de trancinhas entrelaçadas e passamanaria dourada que Sharpe pensou que aquele homem devia de ser pelo menos general. Seu rosto alongado e com bigode tinha o mesmo ar imperioso que o de seu acompanhante.

— Não aprendeu a pedir permissão a um oficial ao comando antes de passar revista a seus homens? — perguntou com um marcado sotaque espanhol, e depois deu uma ordem em espanhol a seu jovem companheiro.

— Sargento-mor Noonan — gritou o homem mais jovem, transmitido evidentemente a ordem do outro —, fechem filas, volver!

O obediente sargento-mor da Real Companhia Irlandesa fez seus homens ficarem em formação fechada justo quando Hogan chegava ao lado de Sharpe.

— Aqui estão os senhores, milordes — Hogan se dirigia a ambos cavaleiros. — E que tal foi a refeição?

— Foi uma merda, Hogan. Não a daria de comer a um cachorro — disse o mais jovem, a quem Sharpe supôs que era lorde Kiely, com uma voz crispada cheia de indiferença, ainda que também ligeiramente pastosa pelo álcool. Sharpe assumiu que milorde teria bebido bem durante o almoço, o bastante para liberar-se de qualquer inibição que tivesse. — Conhece a esta criatura, Hogan? — O lorde fez um gesto com a mão para apontar para Sharpe.

— Sim, milorde. Permita-me que lhe apresente ao capitão Richard Sharpe do South Essex, o homem escolhido pelo próprio Wellington para ser seu assessor tático. Richard, tenho a honra de apresentar-lhe ao conde de Kiely, coronel da Real Companhia Irlandesa.

Kiely olhou com altanaria ao andrajoso fuzileiro.

— Então o senhor é nosso instrutor de manobras? — Sua voz soou duvidosa.

— Também ensino a matar, milorde — disse Sharpe.

O espanhol de uniforme amarelo zombou da afirmação de Sharpe.

— Estes homens não necessitam que lhes ensinem a matar — disse em seu inglês com sotaque. — São soldados da Espanha, e já sabem como fazê-lo. Necessitam aprender a morrer.

Hogan interrompeu.

— Permita-me que lhe apresente a Sua Excelência dom Luis Valverde — disse a Sharpe. — O general é o representante da Espanha mais valorizado por nosso exército — Hogan deu uma piscada para Sharpe escondido dos cavaleiros.

— Aprender a morrer, milorde? — perguntou Sharpe ao general, perplexo pela declaração daquele homem e se perguntando se era devido a um incompleto domínio do inglês.

Em resposta, o general de uniforme amarelo tocou os flancos de seu cavalo com as pontas de suas esporas para fazer que o animal caminhasse obediente diante da linha frontal da Real Companhia Irlandesa, e, sem comprovar se Sharpe o seguia ou não, deu um sermão ao fuzileiro de sua sela de montar.

— Estes homens vão à guerra, capitão Sharpe — disse o general Valverde em um tom alto o bastante como para que uma boa parte da guarda o ouvisse. — Vão lutar pela Espanha, pelo rei Fernando e por Santiago, e lutar significa permanecer em pé e reto frente ao inimigo. Lutar significa olhar nos olhos de seu inimigo enquanto ele lhe dispara, e o lado vencedor, capitão Sharpe, é aquele que aguenta mais tempo em pé e reto. Assim que não ensine a meus homens como matar ou como lutar, mas a ficar quietos quando todos os demônios do inferno se lancem contra eles. Isso é o que lhes ensinará, capitão Sharpe. Instrua-os. Ensine-lhes a obedecer. Ensine-os a resistir mais tempo que os franceses. Ensine-lhes... — e por fim, o general se voltou em sua sela para olhar de cima para o fuzileiro — a morrer.

— Preferiria ensinar-lhes a disparar — disse Sharpe.

O general soltou um suspiro ante o comentário.

— Já lhe disse que sabem disparar! — espetou. — São soldados!

— Sabem disparar com esses mosquetes? — perguntou Sharpe brincalhão.

Valverde cravou seu olhar em Sharpe com um gesto de pena em seu rosto.

— Durante os últimos dois anos, capitão Sharpe, estes homens permaneceram em seu posto de guarda para resistir aos franceses — Valverde falou no tom que teria usado com uma criança curta das ideias. — Acha de verdade que os teriam deixado permanecer ali se tivessem suposto uma ameaça para Bonaparte? Quanto mais deterioradas estivessem suas armas, mais confiariam os franceses neles, mas agora estão aqui, e os senhores podem proporcionar-lhes novas armas.



— Para que façam o quê? — perguntou Sharpe. — Para que se fiquem em seu lugar e morram como bois?

— Então, como lhe agradaria que lutassem? — Lorde Kiely havia seguido os dois homens e fez a pergunta de trás de Sharpe.

— Como meus homens, milorde — disse Sharpe —, com inteligência. E se começa a lutar com inteligência matando os oficiais inimigos! — Sharpe levantou a voz para que toda a Real Companhia Irlandesa pudesse ouvi-lo. — Não se vai à batalha para ficar quieto e morrer como um bezerro no matadouro, se vai para ganhar, e se começa a ganhar quando os oficiais inimigos caem mortos. — Sharpe havia se afastado de Kiely e de Valverde, e estava empregando a voz que tinha desenvolvido como sargento, uma voz modulada para atravessar esplanadas de desfile em dias ventosos e impor-se no fragor dos campos de batalha. — Começa-se buscando os oficiais inimigos! São fáceis de reconhecer porque são uns sacanas bem pagos e bem vestidos, e porque levam espada, e tem que apontar primeiro neles. Tem que matá-los como quer que seja. Com disparos, golpes, baionetas ou estrangulando-os se for preciso, mas matem aqueles sacanas e depois disso matem os sargentos, e então podem começar a matar os outros sacanas sem comandante. Não é assim, sargento Harper?

— Sim, com toda segurança! — disse Harper em resposta.

— E quantos oficiais você já matou em batalha, sargento? — perguntou Sharpe sem olhar para o sargento dos fuzileiros.

— Mais dos que posso contar, senhor.

— E eram todos eles oficiais franchinotes, sargento Harper? — perguntou Sharpe, e Harper, surpreendido com a pergunta, não respondeu, então Sharpe deu a resposta ele mesmo. — Certamente que não. Matamos oficiais de casaca azul, de gabão branco e inclusive de casaca vermelha, porque não me importa com que exército ele luta ou qual a cor de seu uniforme ou a que rei serve. Um mau oficial só é bom se estiver morto, e um bom soldado tem que aprender bem como matá-lo. Não é correto, sargento Harper?

— Totalmente correto, senhor.

— Sou o capitão Sharpe — Sharpe parou o meio da frente da Real Companhia Irlandesa. As caras que o observavam mostravam uma mistura de assombro e surpresa, mas agora havia captado sua atenção e nem Kiely nem Valverde se atreveram a interferir. — Sou o capitão Sharpe — disse outra vez —, e comecei onde você estão. Nas fileiras, e vou acabar onde ele está, em uma sela - apontou para lorde Kiely. — Mas enquanto isso meu trabalho é lhes ensinar a ser soldados. Atrevo-me a dizer que há entre vocês alguns bons assassinos e também alguns excelentes lutadores, mas logo vão ser também bons soldados. Esta tarde faremos todos uma boa caminhada antes que escureça e, quando chegarmos, terão comida e alojamento e nos informaremos de quando receberam seu pagamento pela última vez. Sargento Harper! Terminaremos a inspeção mais tarde. Ponha-os em movimento!

— Senhor! — gritou Harper. — Batalhão, meia volta, volver! Para esquerda! Em marcha!

Sharpe nem sequer olhou para lorde Kiely, tampouco pediu permissão ao general Valverde

para fazer a Real Companhia Irlandesa marchar. Em vez disso, ficou observando como Harper fazia a guarda sair do descampado em direção à pista principal. Ouviu passos atrás dele, mas tampouco se virou.

— Por Deus, Sharpe, está tentando sua sorte. — Era o major Hogan que falava.

— É tudo o que tenho para tentar, senhor — disse Sharpe com frieza. — Nasci para o comando, senhor, mas não tenho rendas para comprá-lo nem os privilégios para conquistá-lo, assim que devo que tentar a pouca sorte que tenho.

— Dando lições sobre como matar oficiais? — A voz de Hogan soou glacial por sua desaprovação. — Lorde Wellington não gostará disto, Richard. Fede a republicanismo.

— À merda o republicanismo — disse Sharpe com ferocidade. — Foi o senhor que me disse que não se podia confiar na Real Companhia Irlandesa. Mas lhe direi, senhor, que se há alguma animosidade aqui não provém da tropa. Esses soldados não compactuam com as más intenções dos franceses. Não têm poder suficiente. Esses homens são o que os soldados sempre são: vítimas de seus oficiais. E se quer saber onde os franceses semearam sua má vontade, senhor, terá que buscar entre aqueles malditos oficiais bem pagos, bem vestidos e bem alimentados. — Sharpe lançou uma olhada furibunda para os oficiais da Real Companhia Irlandesa, que se transformou em um meio sorriso ao ver que não pareciam estar seguros se tinham que seguir ou não seus homens para o norte. — Aí tem suas maçãs apodrecidas, senhor — continuou Sharpe —, não entre as filas. Lutaria junto daqueles guardas, tão contente como junto de qualquer outro soldado do mundo, mas não confiaria minha vida a essa rale de palhaços perfumados.

Hogan fez um gesto tranquilizador com a mão, como se temesse que a voz de Sharpe pudesse chegar aos desconcertados oficiais.

— Já expôs sua teoria, Richard.

— Minha teoria, senhor, é que o senhor me disse para que não se sentissem cômodos. E é isso o que estou fazendo.

— Mas não pretendia que começasse uma revolução durante o processo, Richard — objetou Hogan —, e sem dúvida não diante de Valverde. Tem que ser amável com dom Luis. Algum dia, com um pouco de sorte, poderá matá-lo em meu nome, mas até que chegue esse dia feliz tem que dourar a pílula desse sacana. Se em algum momento quisermos conseguir o comando de todos os exércitos espanhóis, Richard, os sacanas como dom Luis Valverde terão que ficar bem engabelados, assim que me faça o favor de não pregar a..., a revolução diante dele. Apesar de ser um aristocrata simplório incapaz de pensar muito além de sua próxima refeição ou sua última amante, se queremos derrotar os franceses, vamos necessitar de seu apoio. E ele espera que tratemos bem a Real Companhia Irlandesa, assim que quando esteja por perto, Richard, poderia ser um pouco mais diplomático? — Hogan se voltou quando o grupo de oficiais da Real Companhia Irlandesa, dirigido por lorde Kiely e o general Valverde, aproximou-se. Entre os dois aristocratas cavalgava um sacerdote alto, gordo e grisalho que montava uma ossuda égua poncho.

— Este é o padre Sarsfield, major Hogan — Kiely apresentou o sacerdote ignorando de maneira ostentosa a Sharpe —, nosso capelão. O padre Sarsfield e o capitão Donaju se alojarão esta noite com a companhia; o restante dos oficiais irá à recepção do general Valverde.

— Onde conhecerão o coronel Runciman — prometeu Hogan. — Acredito que milorde o achará muito de seu agrado.

— Refere-se a que sabe como tratar as tropas reais? — perguntou o general Valverde, olhando de propósito para Sharpe enquanto falava.

— Sei perfeitamente como tratar guardas reais, senhor — interveio Sharpe. — Não é o primeiro corpo de guarda real com o qual já cruzei.

Kiely e Valverde desceram a vista para Sharpe com olhares pouco menos que de desprezo, mas Kiely não pôde resistir à isca que supunha o comentário de Sharpe.

— O senhor se refere aos lacaios da casa de Hanover? — disse com voz de quem esta meio bêbado.

— Não, milorde — disse Sharpe. — Foi na Índia. Eram guardas reais que protegiam a um gordo filho da puta da realeza chamado sultão Tipu.

— Sem dúvida o senhor também os instruiu, não? — perguntou Valverde.

— Não, senhor, eu os matei — disse Sharpe —, e também ao gordo filho da puta. — Suas palavras apagaram bruscamente os olhares desdenhosos dos dois, enquanto o próprio Sharpe se sentiu de repente emocionado pela recordação daquele túnel transbordado que o corpo de guarda de Tipu, armado com mosquetes enfeitados e sabres de lâminas largas, enchia com seus gritos. Sharpe estava metido até os joelhos em águas fecais, lutando na escuridão, acabando com os guardas um por um para chegar até aquele desgraçado obeso, de olhos brilhantes e pele oleosa, que havia torturado até a morte alguns de seus companheiros. Lembrou o eco dos gritos, os clarões dos mosquetes que se refletiam nas águas revoltas e o brilho das gemas que cobriam as roupas de seda de Tipu. Também veio à sua mente a morte do sultão, uma das poucas mortes que se alojaram na memória de Sharpe como algo reconfortante. — Era um autêntico sacana da realeza — disse Sharpe com sentimento —, mas morreu como um homem qualquer.

— O capitão Sharpe — Hogan interveio depressa — tem certa reputação em nosso exército. De fato, pode ser que milorde tenha ouvido falar dele. Foi ele quem tomou a águia de Talavera.

— Com o sargento Harper a meu lado — acrescentou Sharpe, e os oficiais de Kiely olharam para Sharpe com renovada curiosidade. Qualquer um que tivesse capturado um estandarte inimigo era considerado um soldado de renome, e nos rostos da maioria de oficiais da guarda se via agora esse respeito, mas foi o capelão, o pai Sarsfield, que reagiu de maneira mais efusiva.

— Meu Deus, e eu sem me lembrar! — disse entusiasmado. — Por acaso isso não emocionou a todos os patriotas espanhóis de Madri? — desceu com torpeza de seu cavalo e

estendeu uma mão gorda para Sharpe. — É uma honra, capitão, uma verdadeira honra! Mesmo que o senhor seja um pagão protestante! — Disse isto último com um sorriso amplo e afável. — O senhor é realmente um pagão, Sharpe? — perguntou o sacerdote, já mais a sério.

— Eu, padre, não sou nada.

— Todos somos algo aos olhos de Deus, meu filho, e por isso nos ama. O senhor e eu temos muito que falar, Sharpe. Eu lhe falarei de Deus, e o senhor me contará como arrancou a águia daqueles malditos franceses. — O capelão se virou sorridente para Hogan. — Por Deus, major, o senhor nos honra dando-nos a um homem como o capitão! — O fato de o sacerdote ter dado sua aprovação ao fuzileiro fizera os oficiais da Real Companhia Irlandesa relaxarem, ainda que no rosto de Kiely ainda se percebesse um nimbo de desgosto.

— Já terminou, padre? — perguntou Kiely sarcástico.

— Irei com o capitão Sharpe, milorde, e nos veremos pela manhã?

Kiely assentiu, e depois se afastou em seu cavalo. Seus outros oficiais o seguiram, deixando que Sharpe, o sacerdote e o capitão Donaju seguissem atrás da coluna que formavam a bagagem, as mulheres e os serventes da Real Companhia Irlandesa.

Ao cair da noite, a Real Companhia Irlandesa já estava instalada no remoto forte de São Isidro, que Wellington e Hogan haviam escolhido cuidadosamente como alojamento da guarda real. O forte era velho e antiquado, e fazia muito que fora abandonado pelos portugueses, assim que a primeira coisa que os cansados recém chegados tiveram que fazer foi limpar os imundos barracões de pedra que iam ser seu novo lar. A casa da guarda do forte foi reservada para os oficiais; ali se acomodaram o pai Sarsfield e Donaju, enquanto Sharpe e seus fuzileiros tomaram posse de um dos armazéns para se alojar. Sarsfield havia trazido em sua bagagem uma bandeira real da Espanha, que foi içada com orgulho sobre as velhas muralhas do forte, junto da Union Jack – bandeira britânica.

— Tenho sessenta anos — o capelão disse a Sharpe enquanto observava a bandeira britânica —, e nunca pensei que algum dia serviria sob esta bandeira.

Sharpe levantou a vista para a bandeira.

— E isso lhe preocupa, padre?

— Bem mais me preocupa Napoleão, meu filho. Derrotemos Napoleão, e depois poderemos nos dedicar aos inimigos menores, como vocês! — Fez o comentário em tom amistoso. — O que também me preocupa, meu filho — prosseguiu o padre Sarsfield —, é que tenho oito garrafas de um tinto decente e um punhado de bons charutos, e só conto com o capitão Donaju para comparti-los. Dar-me-á a honra de se unir a gente para o jantar? Diga-me, o senhor não tocará algum instrumento? Não? Lástima. Costumava viajar com um violino, mas o perdi em algum lugar, mas o sargento Connors é excepcional tocando flauta, e os homens de sua seção cantam maravilhosamente. Cantam sobre sua pátria, como pode supor, capitão.

— Sobre Madri? — perguntou Sharpe com malícia.

Sarsfield sorriu.

— Sobre a Irlanda, capitão, sobre a Irlanda, nosso lar do outro lado do mar, onde poucos de nós pôs os pés e a maioria não porá nunca. Venha, vamos jantar. — O padre Sarsfield pôs um amistoso braço sobre o ombro de Sharpe e o conduziu para a casa da guarda. Soprava um vento frio sobre as montanhas nuas ao cair à noite, e os primeiros fogos para cozinhar mandavam suas volutas de fumaça azul para o céu. Nas colinas, uivavam os lobos. Havia lobos por toda a Espanha e Portugal e, no inverno, às vezes iam diretos às linhas de piquetes com a esperança de roubar um pouco de comida de algum soldado distraído, mas esta noite os lobos faziam Richard se recordar dos franceses de uniforme cinza da brigada de Loup. Sharpe jantou com o capelão e depois, sob um céu cheio de brilhantes estrelas, percorreu as muralhas com o sargento Harper. Abaixo deles, a Real Companhia Irlandesa se queixava de seus alojamentos e do destino que os havia largado naquela inóspita fronteira entre a Espanha e Portugal. Sharpe, que tinha ordens de afetar seu ânimo, se perguntava se em vez de fazê-lo não seria melhor convertê-los em verdadeiros soldados que atravessassem com ele as colinas para Espanha, até o lugar no qual tinha que procurar, pegar e matar a um lobo.

Pierre Ducos esperava ansioso as primeiras notícias sobre a chegada da Real Companhia Irlandesa ao exército de Wellington. O maior temor do francês era que a unidade fosse destacada para tão longe da frente que fosse inútil para seus propósitos, ainda que esse fosse um risco que Ducos estava obrigado a correr. Desde que a inteligência francesa havia interceptado a carta na qual lorde Kiely pedia permissão ao rei Fernando para levar a Real Companhia Irlandesa à guerra junto aos aliados, Ducos sabia que o êxito de sua estratégia dependia tanto da cooperação involuntária dos aliados como de sua própria inteligência. Ainda que de nada valeria a inteligência de Ducos se os irlandeses não conseguissem chegar até as posições de Wellington, assim que esperava com uma impaciência crescente.

Poucas notícias chegavam de atrás das linhas inglesas. Durante alguns meses, os homens de Loup haviam se movido com total impunidade de ambos os lados da fronteira, mas agora os exércitos inglês e português apertavam firmemente a zona e, para suas investigações, Loup tinha que depender do minúsculo punhado de civis que quisessem vender sua informação aos odiados franceses, dos interrogatórios de desertores e de suposições baseadas nos descobrimentos que faziam seus homens ao vigiar a montanhosa fronteira com suas lunetas.

Foi um daqueles exploradores o primeiro em dar notícias a Loup sobre a Real Companhia Irlandesa. Uma tropa de dragões com uniforme cinza havia chegado ao cume de uma colina solitária que oferecia uma ampla vista de Portugal; daquela colina, com um pouco de sorte, uma patrulha poderia ver alguma evidência de concentração de forças inglesas que pudesse indicar um novo avanço. O posto de vigilância dominava um largo e estéril vale no qual brilhava um riacho antes da terra se elevar por uma crista rochosa, onde se assentava o faz tempo abandonado forte de São Isidro. O forte tinha escasso valor militar, pois o caminho que protegia tinha caído em desuso fazia muito tempo, e um século de abandono tinha erodido suas muralhas e fossos como uma zombaria a sua antiga solidez, assim que agora o São Isidro era lar de corvos, raposas, morcegos, pastores transumantes e foragidos e, de vez em quando, de alguma patrulha dos dragões cinzentos de Loup, que passava uma noite nos cavernosos

barracões para proteger-se da chuva.

Contudo, agora havia homens no forte, e o chefe da patrulha deu a notícia a Loup. A nova guarnição não era formada por um batalhão completo, disse, mas por duas de centenas de homens. Aquele forte, como bem sabia Loup, necessitaria de pelo menos mil homens para proteger seus muros, assim que duzentos não era uma guarnição suficiente, ainda que fosse estranho que os recém chegados haviam levado com eles suas mulheres e seus filhos. O comandante da tropa dos dragões, um tal capitão Braudel, achava que os homens eram ingleses.

— Vestem casacas vermelhas — disse —, mas não usam o típico chapéu de copa. Usam bicornes.

— E diz que são da infantaria?

— Sim, senhor, é o que parece.

— Nada de cavalaria? Nenhuma artilharia?

— Não vi nenhuma.

Loup se futucava entre os dentes com uma lasca.

— E o que estavam fazendo?

— Instrução — disse Braudel. Loup suspirou. Não lhe interessava muito o grupo de estranhos soldados que se alojava em São Isidro. O forte não era ameaça alguma, e se os recém chegados se contentavam acomodando-se comodamente, não seria Loup quem chamaria sua atenção. Contudo, foi o último comentário do capitão Braudel o que chamou a atenção de Loup.

— Mas havia alguns que estavam desentulhando um poço — acrescentou o capitão —, mas esses não eram casacas-vermelhas, vestiam-se de verde.

Loup o olhou fixamente.

— De verde escuro?

— Sim, senhor.

Fuzileiros. Os malditos fuzileiros. E Loup recordou o rosto insolente do homem que lhe insultara, o homem que em certa ocasião havia insultado toda a França capturando uma águia que tocara o próprio imperador. Estaria Sharpe no forte de São Isidro? Ducos tinha desprezado a sede de vingança de Loup ao qualificá-la de indigna de um soldado, mas Loup acreditava que um soldado construía uma reputação escolhendo seus combates e ganhando-os com genialidade. Sharpe havia desafiado Loup, o primeiro homem que lhe desafiara abertamente em muitos e compridos meses, e aquele capitão era um campeão entre os inimigos da França, assim que a vingança de Loup não era somente pessoal, enviaria ondas através de todos os exércitos que esperavam lutar na batalha que decidiria se os ingleses acabariam irrompendo na Espanha ou retrocedendo outra vez para Portugal.

De forma que naquela mesma tarde Loup visitou o cume da colina, pegou sua melhor

luneta e a apontou para o velho forte, com suas muralhas cheias de matos e seu seco fosso meio tapado. Duas bandeiras pendiam murchas pelo dia sem vento. Uma delas era a inglesa, mas Loup não sabia dizer qual era a segunda. Além das bandeiras, os casacas-vermelhas treinavam com os mosquetes, mas Loup não se entretteve muito neles; em vez disso, dirigiu sua luneta para o sul até que, por fim, viu dois homens com casacas verdes passeando pelas desertas muralhas. Não podia distinguir seus rostos àquela distância, mas podia assegurar que um dos homens levava uma longa espada reta, e Loup sabia que os oficiais da infantaria ligeira inglesa usavam sabres curvos.

— Sharpe — disse em voz alta enquanto fechava sua luneta.

Uma refrega atrás dele fez que se virasse. Quatro de seus homens de cinza estavam vigiando dois prisioneiros. Um dos presos usava um gabão vermelho de elegante corte, e a outra era sua esposa ou amante.

— Estavam escondidos nas rochas lá embaixo — disse o sargento que segurava um dos braços do soldado.

— Diz que é um desertor, senhor — acrescentou o capitão Braudel —, e esta é sua mulher — Braudel cuspiu um cuspe pintado de tabaco sobre uma pedra.

Loup desceu arrastando-se do penhasco para não ser visto desde o forte. O uniforme do soldado, agora podia vê-lo, não era inglês. O colete e a cinta, as botas de meia cana e o bicorne com penacho eram muito extravagantes para o gosto inglês, de fato eram tão extravagantes que Loup se perguntou por um segundo se o prisioneiro seria um oficial, mas depois entendeu que Braudel nunca teria tratado com tanto desdém um oficial cativo. Estava claro que seu capitão desejava a mulher, que agora levantava seus tímidos olhos para sustentar o olhar de Loup. Era morena e atraente, e Loup calculava que provavelmente teria uns quinze ou dezesseis anos. Loup tinha ouvido que os camponeses espanhóis e portugueses vendiam suas filhas para que se casassem com os soldados aliados por cem francos cada uma, o que custava uma boa refeição em Paris. Por outro lado, o exército francês simplesmente ficava com elas sem dar nada em troca.

— Como se chama? — perguntou Loup ao desertor em espanhol.

— Grogan, senhor. Sean Grogan.

— De que unidade, Grogan?

— Real Companhia Irlandesa, senhor. — O guarda Grogan parecia totalmente disposto a cooperar com seus captores, assim que Loup indicou ao sargento que o soltasse.

Durante dez minutos, Loup interrogou Grogan, que lhe contou que a Real Companhia Irlandesa havia viajado por mar desde Valencia, e que os homens haviam se alegrado muito diante da ideia de se reunir com o restante do exército espanhol em Cádiz; contudo, pouco depois lhes informaram que iam servir na fronteira portuguesa, junto com os ingleses. Muitos dos homens, afirmava o fugitivo, tinham decidido escapar da servidão inglesa: não se alistaram para servir o rei da Espanha só para se ver de novo sob a tirania do rei Jorge.

Loup interrompeu as queixas.

— Quando escapou? — perguntou.

— Na noite passada, senhor. Escapamos meia dúzia. E outros tantos escaparam na noite anterior.

— No forte há um inglês, um oficial dos fuzileiros. Você o conhece?

Grogan franziu o cenho, como se a pergunta lhe parecesse estranha.

— O capitão Sharpe, senhor. Supõe-se que está nos instruindo.

— Para fazer o quê?

— Para lutar, senhor — disse Grogan nervoso. Aquele francês caolho e de conversa tranquila era muito desconcertante. — Mas nós já sabemos lutar — acrescentou desafiante.

— Estou seguro de que sim — disse Loup compreensivo. Futucou-se entre os dentes por um instante, e depois cuspiu seu improvisado palito. — Então que fugiu, soldado, porque não quer servir ao rei Jorge, não é mesmo?

— Sim, senhor.

— E creio que lutaria por Sua Majestade o imperador, não?

Grogan hesitou.

— Sim, senhor — disse por fim, ainda que sem nenhuma convicção.

— Foi para isso que desertou? — perguntou Loup. — Para lutar pelo imperador? Ou tinha esperanças de voltar a seus cômodos barracões de O Escorial?

Grogan deu de ombros.

— Íamos para casa da família de minha mulher em Madri, senhor — inclinou sua cabeça para apontar para a jovem. — Seu pai é sapateiro, e eu não me dou mal com a agulha e o fio. Pensava aprender o ofício.

— Sempre é bom ter um ofício, soldado — disse Loup com um sorriso. Pegou uma pistola de seu cinturão, e brincou com ela um momento antes de engatilhar o pesado percussor. — Meu ofício é matar — acrescentou com a mesma voz amável e depois, sem mostrar nem um rastro de emoção, levantou a pistola, apontou-a para a testa de Grogan e apertou o gatilho.

A mulher gritou quando o sangue de seu marido salpicou seu rosto. Grogan caiu expelido para trás com violência, lançando borbotões de sangue ao ar; depois seu corpo se estremeceu e rodou colina abaixo.

— Na realidade não queria lutar conosco em absoluto — disse Loup. — Não teria sido mais que outra boca inútil para alimentar.

— E a mulher, senhor? — perguntou Braudel. Ela estava inclinada sobre seu marido e gritava para os franceses.

— É sua, Paul — disse Loup. — Mas só depois que mande uma mensagem à *madame* Joaquina de Elia. Dê a *madame* minhas imperecíveis felicitações, diga-lhe que seus soldadinhos de brinquedo irlandeses chegaram e estão convenientemente perto de nós, e que



amanhã pela manhã montaremos um pequeno espetáculo para que se divirtam. Diga-lhe também que faria bem em passar a noite conosco.

Braudel sorriu.

— Ficaré alegre, senhor.

— Que é mais do que sentiré essa mulher — disse Loup enquanto olhava a garota espanhola, que seguia se lamentando entre soluços. — Diga a essa viúva, Paul, que se não se calar, arrancarei sua língua e a darei de comer aos cachorros de dona Joaquina. Agora, ande. — Desceu da colina com seus homens até onde tinham deixado atados os cavalos. Essa noite, dona Joaquina de Elia chegaria à fortificação de Loup e, no dia seguinte, cavalgaria até chegar ao inimigo como uma praga de ratos enviada para destruí-los por dentro.

E em algum lugar, em algum momento antes que a vitória final chegasse, Sharpe sofreria a vingança da França pelos dois homens executados. Porque Loup era um soldado e não esquecia, não perdoava e, sobretudo, nunca perdia.

---

## CAPÍTULO 3

Onze homens desertaram durante a primeira noite que a Real Companhia Irlandesa passou no forte de São Isidro, e oito homens, incluídos quatro piquetes destacados para deter as deserções, fugiram na segunda noite. A guarda real empregava seus próprios sentinelas, e o coronel Runciman sugeriu que os fuzileiros de Sharpe se encarregassem da tarefa. Sharpe protestou contra semelhante mudança. Esperavam que seus fuzileiros se encarregassem da instrução da Real Companhia Irlandesa, não podiam trabalhar todo o dia e montar guarda durante a noite.

— Estou seguro de que a medida é adequada, general — disse Sharpe com tato —, mas a menos que o quartel general nos envie mais homens, não poderemos trabalhar dia e noite.

Sharpe havia descoberto que o coronel Runciman era maleável, desde quando fosse tratado como “general”. Só queria que o deixassem em paz para dormir, comer e resmungar pela quantidade de trabalho que se esperava que realizasse.

— Mesmo um general é só um ser humano — gostava de dizer a Sharpe, e depois perguntava como se esperava que fosse o enlace com a Real Companhia Irlandesa e ao mesmo tempo em que se responsabilizasse do Real Corpo de Suprimentos. Na realidade, o auxiliar do coronel se ocupava dos comboios com a mesma eficiência de sempre, mas até que não se nomeasse formalmente um novo general responsável pela bagagem, o selo e a firma de Runciman eram necessários para alguns poucos documentos administrativos.

— Não poderia dar os selos do cargo ao seu auxiliar, general ? — sugeriu Sharpe.

— Isso nunca! Nunca deixarei que se diga que um Runciman elude seu dever, Sharpe. Nunca! — O coronel olhava ansioso para fora de suas dependências para ver como seu cozinheiro se encarregava de uma lebre que tinha recebido de Daniel Hagman. A modorra de Runciman dava a entender que se daria por satisfeito se Sharpe lidasse com a Real Companhia Irlandesa, mas mesmo para um homem com a preguiçosa despreocupação de Runciman dezenove desertores em duas noites eram causa de preocupação. — Maldito seja, homem — afastou-se da porta depois de observar os progressos do cozinheiro —, é um reflexo de nossa eficiência, ou você não vê? Temos que fazer algo, Sharpe! Em duas mais semanas não nos restará um só homem!

Sharpe refletia em silêncio. Aquilo era exatamente o que Hogan queria. Esperava-se que a Real Companhia Irlandesa se autodestruísse, ainda que tivessem dado a Richard Sharpe a responsabilidade de sua instrução, e em Sharpe havia um sentimento obstinado que não lhe permitiria deixar que uma unidade da qual ele era responsável caísse em ruína. “Maldito seja, transformaria esses guardas em soldados tanto se Hogan quisesse como se não!”

Sharpe duvidava que pudessem conseguir qualquer ajuda por parte de lorde Kiely. Amanhã depois de amanhã, o lorde se despertava com um péssimo mau humor que durava até

que a contínua ingestão de álcool lhe provocava um estouro de bom ânimo, que costumava prolongar-se até a noite, mas depois era substituído por um taciturno ressentimento, que se via agravado com suas perdas com o baralho. Então dormia até que a manhã estava bem avançada, e depois todo o ciclo voltava a começar.

— Como demônios — perguntou Sharpe ao segundo ao comando de Kiely, o capitão Donaju — esse homem conseguiu o comando da guarda?

— Por nascimento — disse Donaju. O capitão era um homem pálido e magro de olhar inquieto, que lembrava mais um estudante empobrecido que um soldado, ainda que de todos os oficiais da Real Companhia Irlandesa parecia o mais promissor. — Nenhum monarca tem uma guarda real comandada por um plebeu, Sharpe — seguiu Donaju com algo de sarcasmo —, mas quando Kiely está sóbrio pode ser muito impressionante. — Não havia nenhum sarcasmo nesta última frase.

— Impressionante? — perguntou Sharpe duvidoso.

— É um bom espadachim — replicou Donaju. — Detesta aos franceses, e muito no fundo lhe agradaria ser um bom militar.

— Kiely detesta aos franceses? — perguntou Sharpe sem se incomodar em dissimular seu ceticismo.

— Os franceses estão destruindo o privilegiado mundo de Kiely, Sharpe — explicou Donaju. — Ele pertence ao *Ancien Régime*, assim que certamente que os odeia. Não tem dinheiro, mas no *Ancien Régime* isso não importava, porque o berço e os títulos eram suficientes para um homem conseguir uma nomeação real e uma isenção de impostos. Mas os franceses pregam a igualdade e as ascensões meritórias, e isso ameaça o mundo de Kiely; por isso se evade da ameaça bebendo, fornicando e jogando. A carne é muito fraca, Sharpe, e é especialmente maleável quando se está chateado, possui um cargo inferior ao que acredita merecer e suspeita ademais que é uma relíquia de um mundo já passado — Donaju encolheu os ombros, como se lhe envergonhasse ter que oferecer-lhe a Sharpe um sermão tão comprido e sobre tão elevados princípios. O capitão era um homem modesto, mas eficiente, e as sucessivas deserções dos guardas haviam recaído sobre os frágeis ombros de Donaju. Explicou com detalhe a Sharpe como ia tentar deter as deserções dobrando o número de sentinelas e usando nos piquetes somente homens de sua confiança; mesmo assim, achava que os ingleses eram em parte responsáveis pelos apuros de seus homens. — Por que nos meteram neste lugar abandonado por Deus? — perguntou Donaju. — É quase como se seu general quisesse que nossos homens desertassem.

Aquilo foi uma astuta estocada, e Sharpe não podia lhe dar uma resposta sincera. Em vez de responder, resmungou algo sobre que o forte era uma posição estratégica e necessitava uma guarnição, e apesar de que não pôde ser mais convincente, a única resposta de Donaju foi ignorar cortesmente aquele conto.

Porque o forte de São Isidro era de verdade um lugar abandonado por Deus. Pode ser que no passado tivesse tido importância estratégica, mas agora a pista principal entre a Espanha e Portugal corria a vários quilômetros para o sul, assim que a outrora imensa e poderosa

fortaleza havia sido abandonada à deterioração. As ervas daninhas cresciam apertadas no seco fosso, tão erodido pela chuva que, o que uma vez foi um formidável obstáculo, havia se convertido em pouco mais que uma vala de pouca profundidade. As geadas, o vento e o abandono haviam desmoronado parte das muralhas, jogando suas pedras na vala para formar incontáveis pontes que iam diretas aos terraplenos. Uma coruja havia aninhado no que restava da torre do campanário, e o que antes foram as cuidadas sepulturas dos oficiais do forte, agora não eram mais que suaves declives em uma campina pedregosa. Os únicos edifícios que se mantinham mais ou menos inteiros de São Isidro eram as velhas edificações dos barracões, mantidas em um estado básico de conservação graças às infrequentes visitas de regimentos portugueses que eram destacados para ali em tempos de crise políticas com o país vizinho. Durante essas crises, os homens tampavam os buracos dos muros dos barracões para se proteger do vento frio, enquanto que os oficiais situavam seus alojamentos nas duas torres da entrada, que de alguma maneira tinham conseguido sobreviver aos anos de abandono. Inclusive havia um portão que, a cada noite, Runciman ordenava fechar e trancar com solenidade, ainda que empregar semelhante precaução contra as deserções era como tapar com terra a entrada de uma imensa toca.

Contudo, apesar da grande deterioração, o forte ainda mantinha certa dignidade decomposta. A impressionante entrada, com suas duas torres, era adornada com brasões reais, e se subia até ela por uma passagem elevada com quatro arcos que cruzavam a única seção do fosso seco que ainda era capaz de resistir a um assalto. As ruínas da capela eram decoradas com delicadas gravuras na alvenaria e os capitéis, e as plataformas para a artilharia ainda eram imensamente grandes. O mais admirável de tudo era a localização do forte, pois suas muralhas ofereciam vistas do céu sobre picos sombrios até um horizonte que se afastava a uma distância inimaginável. Das muralhas orientais, a vista se perdia no interior da Espanha, e foi naquelas ameias, debaixo das bandeiras da Espanha e Inglaterra, onde lorde Kiely se encontrou com Sharpe na terceira manhã de permanência dos guardas no forte. Ao que parece, até Kiely estava inquieto com o ritmo das deserções.

— Não viemos aqui para sermos destruídos por deserções — espetou Kiely a Sharpe. O vento agitava as pontas enceradas de seu bigode.

Sharpe reprimiu o comentário de que Kiely era o responsável por seus homens, e não ele, e só perguntou ao lorde por que havia vindo se unir às forças inglesas.

E, para surpresa de Sharpe, o jovem lorde Kiely levou a questão a sério.

— Quero lutar, Sharpe. Por isso escrevi para Sua Majestade.

— Então está no lugar correto, milorde — disse Sharpe com acritude. — Os franchinotes estão justo do outro lado daquele vale. — Apontou o profundo e árido barranco que separava o São Isidro das colinas mais próximas. Sharpe suspeitava que os exploradores franceses estivessem muito ativos na parte distante do vale, e que já teriam visto movimento no velho forte.

— Não estamos no lugar correto, Sharpe — disse Kiely. — Pedi ao rei Fernando que nos enviasse para Cádiz, para ficar com nosso próprio exército e entre os nossos, mas em vez

disso ele nos mandou para Wellington. Não queremos estar aqui, mas tenho ordens do rei e obedeço a essas ordens.

— Então dê a seus homens a ordem real de não desertar — disse Sharpe com engenho.

— Estão chateados! Preocupados! Sentem-se traídos! — Kiely se estremeceu, não pela emoção, mas porque acabava de levantar da cama, e ainda estava tentando livrar-se da ressaca madrugadora. — Não vieram aqui para receber instrução, Sharpe — grunhiu —, mas para lutar. São homens orgulhosos, um corpo de guarda, não uma corja de recrutas bisonhos. Seu trabalho é lutar pelo rei, demonstrar à Europa que Fernando ainda pode morder.

Sharpe apontou para o leste.

— Vê aquela pista, milorde? A que sobe até aquela lombada nas colinas? Leve seus homens lá em cima, marche com eles doze horas, e lhe garanto que terá sua luta. Os franceses se encantarão. Para eles será mais fácil que combater contra os meninos de um coro. A metade de seus homens nem sequer tem mosquetes que possam disparar! E a outra metade não sabe nem usá-los. E o senhor diz que não necessitam de instrução? Já vi companhias de milicianos na Inglaterra que tinham melhor instrução! E o único que fazem aqueles sacanas moles dos milicianos é desfilar na praça do mercado uma vez por semana, e depois recolher até a taberninha mais próxima. Seus homens não têm instrução, milorde, creia o senhor o que creia, mas deixe-os um mês e os deixarei mais perigosos que uma maldita lâmina.

— Só lhes falta prática — disse Kiely em voz baixa. Seu imenso orgulho não lhe permitia admitir que Sharpe tinha razão, e que seus renomados guardas de palácio haviam perdido o tom militar. Virou-se e olhou para seus homens, que faziam manobras sobre os ladrilhos cobertos de mato da praça do forte. Além da Companhia, muito perto das torres de entrada, os moços de estábulo traziam cavalos selados preparados para os exercícios equestres do meio-dia dos oficiais, e justo ao lado da porta, em uma zona de ladrilhos bem polidos, o padre Sarsfield ensinava o Catecismo a alguns meninos da Companhia. Estava claro que o processo de aprendizagem implicava muitas gargalhadas; de fato, Sharpe percebera que, aonde quer que fosse o capelão, o bom humor o seguia. — Se apenas lhes dessem uma oportunidade — dizia Kiely sobre seus homens —, lutariam.

— Disso estou seguro — disse Sharpe —, e perderiam. O que quer deles? Que se suicidem?

— Se for necessário — disse Kiely sério. Estivera olhando para o leste, para o território em mãos do inimigo, mas agora olhava nos olhos de Sharpe. — Se for necessário — disse outra vez —, sim.

Sharpe olhou fixamente o jovem rosto dissoluto e doentio.

— O senhor está louco, milorde.

Kiely não se ofendeu com a acusação.

— Diria que a defesa de Roncesvalles que fez Roldán foi o suicídio de um louco? Por acaso os espartanos de Leônidas não fizeram mais que desperdiçar suas vidas empurrados pela estultícia? E o que diz de seu próprio sir Richard Greenville? Estava apenas louco? Tem

ocasiões, Sharpe, em que o renome e a fama imperecível só podem provir de um gesto grandioso — apontou as distantes colinas. — Por ali há trezentos mil franceses, e quantos ingleses há aqui? Trinta mil? A guerra está perdida, Sharpe, está perdida. Um grande reino cristão vai cair na mediocridade, e tudo por culpa de um corso adventício. Toda a glória, todo o valor e o esplendor de um mundo de realeza está a ponto de se converter em algo banal e de mau gosto. Todas as coisas desagradáveis e mesquinhas, o republicanismo, a democracia, a igualdade, estão saindo à luz e proclamam que podem substituir toda uma linhagem de grandes reis. Estamos assistindo ao final da história, Sharpe, e ao início do caos, mas talvez, só talvez, a guarda da casa do rei Fernando possa baixar a cortina com um último ato de glória esplendorosa. — Durante alguns segundos, a paixão de Kiely havia atraído o seu eu mais nobre e imaturo. — Por isso estamos aqui, Sharpe, para forjar uma história que ainda se conte quando os homens tenham esquecido até o nome de Bonaparte.

— Por Cristo! — disse Sharpe —, não me admira que seus garotos estejam desertando. Jesus! Eu também o faria. Quando tenho que meter um homem em uma batalha, milorde, gosto de lhe oferecer algo mais que uma possibilidade de cinquenta por cento de sair dela com a pele intacta. Se quisesse matar esses pobres sacanas, bastaria estrangulá-los enquanto dormem. Que é mais piedoso. — Virou-se e observou à Real Companhia Irlandesa. Os homens se revezavam para usar os cerca de quarenta mosquetes que funcionavam e, tirando um punhado de exceções, quase todos eram inúteis disparando. Um bom soldado podia disparar um mosquete de alma lisa a cada vinte segundos, mas com sorte aqueles homens disparavam uma bala cada quarenta segundos. Os guardas haviam passado muito tempo usando perucas empoadas e montando guarda diante de portas douradas, tempo suficiente para desaprender as destrezas básicas de carregar, atacar, disparar e carregar de novo. — Mas eu os treinarei — disse Sharpe quando o eco de outra descarga atrasada tinha se extinguido dentro do forte —, e também farei com que esses sacanas parem de desertar. — Sabia que estava destruindo a estratégia de Hogan, mas Sharpe gostava da tropa e das filas da Real Companhia Irlandesa. Eram soldados como os outros, pode ser que não tão bem instruídos, mas a maioria dos homens tinha bastante vontade, nisso não restava dúvidas, e ia contra os princípios de Sharpe trair homens bons. Queria lhes dar uma instrução. Queria converter a Companhia em uma unidade da qual qualquer exército pudesse se orgulhar.

— E como fará que parem de desertar? — perguntou Kiely.

— Com meu próprio método — disse Sharpe —, e o senhor não quer saber qual é, milorde, porque não é um método do qual Roldán teria se orgulhado.

Lorde Kiely não respondeu ao último gracejo de Sharpe. Em vez de responder, olhou fixamente para o leste, para algo que acabava de chamar sua atenção. Sacou uma pequena luneta de um bolso de seu uniforme, abriu-a com uma sacudida e a orientou para além do largo vale, para onde Sharpe, debaixo do radiante sol da manhã, só podia distinguir a figura de um cavaleiro solitário avançando pela pista que descia em ziguezague da colina.

— Cavaleiros! — gritou para seus oficiais. — Aos cavalos! — O lorde, recuperado por uma súbita excitação, desceu correndo por uma das rampas para munição e gritou a um cavaliço que lhe trouxesse seu grande semental negro.

Sharpe se voltou para o leste e pegou sua própria luneta. Tardou um ou dois segundos em enfocar o pesado instrumento, mas depois conseguiu ver o distante cavaleiro com a lente. Vestia o uniforme da Real Companhia Irlandesa, e também estava metido em uma confusão. Até aquele momento, o homem estivera seguindo o percurso da empinada pista, que serpenteava ladeira abaixo para o vale, mas então abandonou a vereda e dirigiu seu cavalo para a escarpada ladeira, atijando a besta com seu rebenque para que descesse por aquela perigosa ladeira. Meia dúzia de cachorros corriam na frente do cavaleiro, mas Sharpe estava mais interessado no que tinha feito o homem se precipitar de repente ladeira abaixo e com evidente perigo, assim que ergueu sua luneta para o horizonte e lá, recortados contra o acerado brilho do céu limpo, viu dragões. Dragões franceses. O cavaleiro solitário era um fugitivo, e os franceses o seguiam muito de perto.

— Você vem, Sharpe? — O coronel Runciman, montado em uma égua que parecia uma besta de carga, tivera a amabilidade de pôr seu cavalo de reserva à disposição de Sharpe. Runciman confiava cada vez mais em Sharpe como em um companheiro para livrar-se da necessidade de lidar com o sardônico lorde Kiely, cujos azedos comentários desanimavam constantemente ao coronel. — Sabe o que demônios está ocorrendo, Sharpe? — perguntou Runciman, enquanto seu adversário saía pela imponente porta com um atribulado grupo de oficiais a cavalo. — Por acaso estamos sendo atacados? — O que sem dúvida provocava o pouco frequente esbanjamento de energia do coronel era mais o medo que a curiosidade.

— Há um tipo com o uniforme da companhia que vem para cá, general, com uma manada de franchinotes colada em seus calcanhares.

— Valha-me! — Runciman parecia alarmado. Como general responsável pela bagagem, tivera poucas oportunidades de ver o inimigo, e não estava certo de querer remediar agora essa carência, mas não podia expressar sua falta de coragem diante dos guardas, assim que esporeou sua égua, que avançava com passo lerdo. — Fique perto de mim, Sharpe! Como auxiliar, já me entende.

— Certamente, general — Sharpe, tão incômodo como sempre que montava a cavalo, seguiu Runciman pela ponte de saída. O sargento Harper, intrigado pelo entusiasmo que havia agitado o forte com tão súbita atividade, levou a Real Companhia Irlandesa até as muralhas, oficialmente para que montassem guarda, ainda que na realidade fosse para que pudessem ver o que havia causado aquele êxodo repentino entre os oficiais do São Isidro.

Quando Sharpe chegou à passagem elevada sobre o fosso meio tapado e persuadiu seu cavalo a girar para o leste saindo da pista, a aventura já parecia ter terminado. O fugitivo tinha cruzado o riacho e estava mais perto da partida de resgate de lorde Kiely que de seus perseguidores franceses, e como Kiely contava com a assistência de uma dúzia de oficiais e só havia meia dúzia de dragões, era evidente que o cavaleiro já estava a salvo. Sharpe viu como os cachorros perambulavam excitados ao redor da partida de resgate, e depois se deu conta de que os perseguidores franceses vestiam os misteriosos gabões cinzentos da brigada do general-de-brigada Loup.

— Aquele tipo teve sorte de escapar, general — disse Sharpe —, porque aqueles são os

dragões de Loup.

— De Lupe? — perguntou Runciman.

— Do brigadeiro Loup, general. É um franchinote asqueroso que veste seus homens com peles de lobo, e que gosta de cortar as bolas de seus inimigos antes que morram.

— Oh, valha-me! — Runciman empalideceu. — Está seguro disso?

— Mais que seguro, general. A última vez que o vi, ameaçou me castrar.

Runciman se viu obrigado a se dar forças com um punhado de amêndoas confeitadas que levava em um bolso, e foi metendo-as na boca de uma em uma.

— Às vezes me pergunto se meu querido pai não teria razão — disse entre bocados —, talvez devesse ter escolhido uma carreira eclesiástica. Teria sido um bom bispo, acho, ainda que possa ser que a vida de bispo não fosse completa o bastante para um homem com minha energia. Há pouco trabalho que fazer como prelado, Sharpe. Pronuncia-se um ou outro sermão, sem dúvida, e tem que agradar à gente mais destacada do condado, e de vez em quando alguém tem que pôr na linha o clero menor, mas o trabalho não é muito mais que isso. Uma vida com muito poucas exigências, Sharpe, e, com toda sinceridade, a maioria dos palácios episcopais são habitados por homens muito medíocres. Exceto meu querido pai, certamente. Oh, valha-me, o que está ocorrendo?

Lorde Kiely havia se adiantado para receber o fugitivo, porém, depois de apertar sua mão e trocar umas palavras precipitadas, o lorde havia esporeado seu cavalo para dirigir-se para os perseguidores franceses que, ao dar-se conta de que sua presa havia escapado, já tinham detido seus cavalos. Mas Kiely cruzou o riacho, desembainhou sua espada e lançou um desafio aos franceses.

Todos os homens do vale sabiam qual era a intenção de Kiely. Estava provocando um duelo com o oficial inimigo. Os homens sensatos, como os da infantaria, ou qualquer um que tivesse uma pitada de inteligência, não aprovavam aquela prática, mas os de cavalaria a duras penas podiam recusar o desafio. Tomar parte em semelhante combate requeria orgulho e bravura, mas vencer em uma luta semelhante supunha forjar um nome como guerreiro, e qualquer regimento de cavalaria de qualquer exército contava com oficiais cuja fama se originara em um único duelo: um homem contra um homem, uma espada contra uma espada, em um duelo entre estranhos que levava à fama, ou à morte.

— Kiely está tentando ser morto, general — disse Sharpe a Runciman. Sua voz soou avinagrada, mas não podia negar certa admiração desanimada por Kiely, que, pelo menos naquele momento, tinha se livrado de sua ressaca e de sua mal-humorada amargura para converter-se no homem que era quando sonhava de dia: o perfeito cavalheiro e campeão do rei. — Kiely está empenhado em morrer pela glória — disse Sharpe. — Quer ser Roldán ou aquele tipo espartano que surrou os persas.

— Leônidas, Sharpe, o rei Leônidas — disse Runciman. — Kiely é um excelente espadachim, Sharpe, devo dizer. Eu o vi praticando e nem sequer a bebida o torna mais lento! Mas hoje não vamos ver nada disso — disse Runciman quando Kiely se afastou dos imóveis



franceses. — Nenhum desses vai lutar! — Runciman parecia surpreso, mas também um pouco aliviado, por não ter que ser testemunha de nenhum derramamento de sangue.

— Bem, tampouco lhes deu muito tempo para aceitar — disse Sharpe. A verdade era que Kiely só tinha se detido um par de segundos, quase como se quisesse fazer o gesto de desafio, mas lhe assustasse que qualquer um de seus inimigos pudesse aceitar seu desafio.

Então, de repente, um dos inimigos aceitou. Kiely já havia chegado à margem do riacho quando soou um grito atrás dele, e um oficial de dragões saiu a cavalo de entre seus companheiros. Kiely girou sobre sua sela e Sharpe teria jurado que o lorde ficou pálido quando o francês trotou para ele.

— Oh, valha-me — disse Runciman alarmado.

Agora Kiely não podia recusar o enfrentamento, não sem perder sua reputação, assim que se virou para o dragão cinzento, que tirou sua peliça, puxou a viseira de seu capacete para encaixá-lo e depois desembainhou sua longa espada de lâmina reta. Enrolou a correia desta no pulso, e depois manteve o fio reto para cumprimentar o homem que seria o seu assassino ou sua vítima. Lorde Kiely devolveu a saudação com sua própria espada. Kiely devia ter feito o desafio como um gesto sem esperanças de que fosse aceito, mas agora que se comprometera a lutar não mostrava nem reticência nem ansiedade.

— Aqueles dois são uns malditos imbecis — disse Sharpe —, e vão morrer por nada — Runciman e ele haviam se reunido aos oficiais da Real Companhia Irlandesa, assim como o padre Sarsfield, que tinha abandonado sua aula de catecismo para seguir a Kiely até o vale. O sacerdote escutou a zombaria de Sharpe, e dedicou ao fuzileiro um olhar de surpresa. O sacerdote, como Runciman, não parecia se sentir à vontade com o iminente duelo, e passava as contas de seu rosário entre seus dedos gordos enquanto olhava os dois cavaleiros, que se observavam separados por uns cinquenta metros. Lorde Kiely terminou seu cumprimento ao baixar a espada e os dois homens castigaram os flancos de seus cavalos com as esporas.

— Ai, Senhor — disse Runciman, e tirou outro punhado de amêndoas do bolso.

Os dois cavalos se aproximaram lentamente a princípio. Somente no último momento seus cavaleiros os deixaram galopar. Ambos eram destros e, para Sharpe, mais ou menos da mesma altura, ainda que o cavalo negro de lorde Kiely tivesse um bom palmo a mais de altura.

O dragão lançou a primeira estocada. Parecia ter posto toda sua confiança em um golpe brutal e direto que teria desconjuntado a um boi, mas no último momento conteve o golpe para girar o fio e tentar cortar assim o desprotegido pescoço de seu inimigo. Foi tão rápido como um abrir e fechar de olhos, e também no lombo de um cavalo a galope estendido, e contra qualquer outro cavaleiro teria funcionado, mas lorde Kiely apenas girou seu cavalo para a montaria de seu oponente sem se molestar sequer em deter o golpe. O cavalo do dragão, que era menor, vacilou quando o peso do semental lhe golpeou os quartos dianteiros, e o ataque do francês se perdeu no ar; então os cavalos se separaram, e os dois homens puxaram suas rédeas. Kiely se virou mais depressa e cravou esporas para acrescentar o peso de seu cavalo à investida de sua espada. Seus mestres de armas sempre lhe ensinaram ponta era melhor que o fio, assim que Kiely dirigiu a ponta de sua espada ao ventre do dragão cinzento, e por um

instante Sharpe pensou que provavelmente romperia a guarda do francês, mas de algum modo o dragão rechaçou o ataque e, um segundo depois, o som do choque das espadas chegou até os oficiais da guarda real. Quando o eco do áspero som voltou das distantes colinas, os dois cavalos já haviam se separado vinte metros e estavam virando para atacar-se de novo. Nenhum dos dois se atrevia a se afastar muito de seu oponente para evitar ser perseguido e atacado por trás, assim que desse momento em diante o duelo seria corpo a corpo, e dependeria tanto do treinamento dos dois cavalos como da destreza com a espada dos cavaleiros.

— Ai, Senhor — disse Runciman. Aterrorizava-o ser testemunha do horror da agonia de um homem, ainda que não conseguisse afastar seus olhos do espetáculo. Era uma visão tão antiga como a própria guerra: dois campeões enfrentando-se a plena vista de seus camaradas. — Fico maravilhado que Kiely seja capaz de lutar — continuou Runciman —, considerando o quanto bebeu ontem à noite. Conforme minha conta, foram cinco garrafas de clarete.

— É jovem — disse Sharpe em tom amargo —, e nasceu com habilidades naturais para montar a cavalo e lutar com a espada. Mas conforme vá envelhecendo, general, essas habilidades se perderão e ele sabe disso. Está vivendo um tempo emprestado, e por isso quer morrer jovem.

— Não posso acreditar nisso — disse Runciman, e depois se encolheu quando os dois homens se golpearam com suas espadas.

— Kiely deveria tentar atingir o cavalo daquele sacana, não o homem — disse Sharpe. — Sempre se pode vencer um cavaleiro se inutiliza seu maldito cavalo.

— Não é essa a maneira como se luta um cavalheiro, capitão — disse o padre Sarsfield. O sacerdote tinha aproximado seu cavalo dos dois oficiais ingleses.

— Quem age como um cavalheiro no combate não tem nenhum futuro, padre — disse Sharpe. — Se acha que nas guerras só deveriam combater cavalheiros, então deveriam deixar de recrutar pessoas vindas da miséria como eu.

— Não é necessário que mencione suas origens, Sharpe — respondeu Runciman com tom de censura. — Agora você é um oficial, lembre-se!

— Rezo para que chegue o dia em que nenhum cavalheiro e nenhum outro homem precise lutar — disse o padre Sarsfield. — Acho a guerra odiosa.

— Então, por que é capelão militar? — perguntou Sharpe.

— Vou aonde a necessidade é maior — disse o capelão —, e onde deveria procurar um homem de Deus para encontrar a maior concentração de pecadores fora de uma prisão? Num exército, diria eu, que suplica sua presença — Sarsfield sorriu, depois deu um sobressalto quando os duelistas carregaram de novo e suas longas espadas voltaram a se chocar. O semental de lorde Kiely inclinava a cabeça instintivamente para esquivar as armas que passavam assobiando por cima de suas orelhas. Lorde Kiely arremeteu contra seu oponente uma vez mais, e um dos oficiais da Companhia aclamou ao pensar que o lorde havia ferido o francês, mas a espada só havia atravessado o cobertor que estava enrolado no arção traseiro

da sela do dragão. Kiely liberou sua espada do cobertor justo a tempo de esquivar um mal-intencionado contragolpe da pesada lâmina do dragão.

— Acha que Kiely vencerá? — perguntou com ansiedade Runciman a Sharpe.

— Só Deus sabe, general — disse Sharpe. Agora os dois cavalos chutavam em um reduzido círculo, enquanto os cavaleiros trocavam golpes. O som do aço era contínuo, e Sharpe sabia que os homens deviam estar cansados, pois lutar com as malditas espadas era um trabalho muito duro. Seus braços estariam fatigados pelo peso, e Sharpe podia sentir o fôlego arranhando-lhes a garganta, os gemidos quando chocavam seus aços e o ardor que lhes produziria o suor nos olhos. E de vez em quando, o capitão dos fuzileiros sabia, ambos teriam a estranha sensação de encontrar-se com o olhar desapaixionado do estranho que estavam tentando matar. As lâminas se chocaram e repicaram alguns poucos segundos mais, até que o dragão cinzento cedeu nessa fase do enfrentamento e cravou as esporas em seu cavalo.

A montaria do francês começou a se mover para frente, mas meteu um de seus cascos em uma toca e tropeçou. Kiely avançou ao ver sua oportunidade. Descarregou um forte golpe levantando-se de sua sela para acrescentar todo o peso de seu corpo à letal estocada, mas de algum modo o francês deteve o ataque, ainda que sua força quase o tirasse da sela. Seu fatigado cavalo fazia esforços para se libertar, enquanto o dragão esquivava uma estocada atrás de outra.

De repente, o francês abandonou sua defesa e lançou um duro golpe para Kiely. A ponta de sua espada alcançou a empunhadura da espada de seu oponente, e fez que este a soltasse. Kiely tinha enrolado a correia de seda de sua espada na munheca, assim que a espada só ficou pendurada, mas o lorde tardaria alguns segundos em voltar a agarrar a empunhadura de pele de serpente, e para poder dispor desse tempo afastou seu cavalo com desespero. O francês cheirou a vitória, e esporeou sua montaria para que fosse atrás de seu oponente.

Justo nesse momento, ouviu-se o disparo de uma carabina. A detonação surpreendeu a todos, e seu eco quicou desde a empinada ladeira da colina antes que alguém tivesse reagido.

O dragão soltou um gemido quando a bala o alcançou. O disparo havia acertado justo entre suas costelas, e o jogou para trás em sua sela. O ferido recuperou o equilíbrio, e depois sacudiu a cabeça, pois não podia acreditar que alguém tivesse se intrometido em seu duelo. A espada pendurava de sua correia balançando, enquanto seus companheiros protestavam aos gritos porque alguém se atrevera a infringir o costume de deixar sozinhos os duelistas no campo de batalha; naquele momento, o dragão abria a boca, e um borbotão de sangue escuro manchou a peitilho de sua casaca cinza ao mesmo tempo em que desabava sobre os quartos traseiros de seu cavalo.

Lorde Kiely, estupefato, deu uma espiada para os dragões, que sedentos de vingança avançavam para seu companheiro caído, e depois cruzou o riacho à toda pressa.

— Não entendo... — disse o coronel Runciman.

— Alguém quebrou as regras, general — disse Sharpe —, e ao fazê-lo salvou a pele de Kiely. Era um homem morto até que soou esse disparo. — Os franceses seguiam protestando

aos gritos, e um deles cavalgou até a margem do riacho e desafiou qualquer um dos oficiais aliados a enfrentá-lo em um segundo duelo. Ninguém aceitou sua oferta, assim que começou a gritar pulhas e insultos, que Sharpe considerou merecidos, porque quem quer que tenha disparado a carabina havia matado o francês injustamente. — Porém, quem diabos disparou? — perguntou Sharpe em voz alta.

Tinha sido o oficial que chegara com os dragões franceses em seus calcanhares, e cuja chegada ao vale tinha provocado o duelo que terminara de maneira tão pouco esportiva. Sharpe pôde ver a carabina nas mãos do fugitivo, mas o que lhe surpreendeu foi que ninguém estivesse repreendendo ao oficial por intrometer-se no duelo. Em vez de fazê-lo, os outros oficiais da Real Companhia Irlandesa se apinhavam ao redor do recém chegado, dando evidentes mostras de boas-vindas. Sharpe chegou um pouco mais perto seu cavalo para ver que o fugitivo era um oficial jovem e esbelto, com o que parecia ser um penacho de brilhante e negra crina de cavalo descendo-lhe pelas costas, mas depois se deu conta de que não era crina em absoluto, era seu cabelo, e que o oficial tampouco era um oficial, mas uma mulher.

— Ia agarrar sua pistola — disse a mulher a modo de explicação —, assim que lhe desapareci.

— Bravo! — gritou um dos maravilhados oficiais. O francês que lançava insultos desde o riacho afastou-se desgostoso.

— É esse...? É ela...? É uma...? — perguntava Runciman incoerente.

— É uma mulher, general — disse Sharpe em tom cortante.

— Ai, valha-me, Sharpe! Então que ele... Ela é...

Era, ademais, uma mulher impressionante, pensou Sharpe, e seu tremendo encanto se destacava ainda mais por estar vestida com um uniforme masculino que algum alfaiate adaptara a sua estilizada figura. Ela tirou seu chapéu com penacho para cumprimentar a lorde Kiely, e depois se inclinou para beijá-lo.

— Ela é a amante, general — disse Sharpe. — O major Hogan já me tinha falado dela. Coleciona uniformes dos regimentos de todos seus amantes.

— Oh, Senhor. Quer dizer que não estão casados e a vão nos apresentar? — Perguntou Runciman alarmado, mas era tarde demais para escapar, pois lorde Kiely já estava fazendo sinais para os dois oficiais ingleses para que se aproximassem. Apresentou-a primeiro ao coronel Runciman, depois apontou para Sharpe com um gesto.

— O capitão Richard Sharpe, minha querida, nosso tutor em combate moderno — Kiely nem sequer tentou dissimular a zombaria quando descreveu assim a Sharpe.

— Senhora — disse Sharpe com torpeza. Joanhinha dedicou a Runciman um olhar fulminante, depois inspecionou a Sharpe durante longo tempo enquanto sua matilha de cachorros de caça farejava as ancas de seu cavalo. A olhada da mulher não foi amável, e ao final se virou sem reconhecer sequer a presença do fuzileiro. — Por que disparou no dragão, senhora? — perguntou Sharpe, provocando.

Ela se virou para Sharpe.

— Porque ele ia disparar em milorde Kiely — respondeu ela desafiante. — Vi que ia pegar sua pistola.

Não havia visto nada disso, pensou Sharpe, mas não conseguiria nada pondo em suspeita sua descarada mentira. Tivera que disparar para salvar a vida de seu amante, nada mais, e Sharpe teve uma pontada de ciúmes pelo preguiçoso Kiely ter encontrado uma mulher fresca, desafiante e notável. Não era uma beleza, mas havia algo em seu rosto inteligente e felino que inquietava a Sharpe, ainda que preferisse ir de cabeça ao inferno antes de deixar que ela soubesse que tinha tal poder sobre ele.

— Vem de muito longe, senhora? — perguntou.

— De Madri, capitão — disse ela friamente.

— E os franceses não a detiveram? — perguntou Sharpe mordaz.

— Parece que não necessito de permissão dos franceses para viajar por meu próprio país, capitão, e tampouco necessito dar explicações em meu próprio país a impertinentes oficiais ingleses — e se afastou, chamando seus podengos para que a seguissem.

— Parece que não gosta de você, Sharpe — disse Runciman.

— O sentimento é mútuo, general — disse Sharpe. — Não confiaria um pinga nessa víbora. — Em grande parte eram ciúmes que lhe faziam falar assim, e ele sabia.

— Mesmo assim, é uma mulher de muito boa aparência, não acha? — A voz de Runciman soava nostálgica, como se entendesse que não seria ele o homem que doará um uniforme do 37º ao guarda-roupa de Joaninha. — Não saberia dizer se já tinha visto uma mulher vestindo calções — disse Runciman —, para não mencionar o fato de montar à inglesa. Não é que seja muito frequente em Hampshire.

— Pois eu nunca tinha visto uma mulher cavalgar de Madri para Portugal sem serventes ou um monte de bagagem — disse Sharpe. — Não desperta minha confiança, general.

— Quem não desperta sua confiança, Sharpe? — perguntou lorde Kiely, que regressava para onde estavam os oficiais ingleses.

— O brigadeiro Loup, senhor — mentiu Sharpe com muita lábia. — Estava explicando ao general Runciman o significado dos uniformes cinzentos daqueles dragões — Sharpe apontou para os franceses, que agora estavam levando o corpo do homem morto para a colina.

— O uniforme cinza não ajudou hoje àquele dragão! — Kiely ainda estava animado pelo duelo, e parecia não sentir vergonha alguma pela forma como havia acabado. Seu rosto parecia rejuvenescido e mais atraente, como se a chegada de sua amante tivesse devolvido o brilho da juventude ao rosto deteriorado pela bebida de Kiely.

— Tampouco o ajudou ser cavalheiresco — disse Sharpe com acritude. Runciman, temeroso de que as palavras de Sharpe provocassem outro duelo, fez psiu a modo de censura.

Kiely apenas olhou para Sharpe com desprezo.

— Foi ele que rompeu as regras do cavalheirismo, Sharpe. Não eu! Era evidente que aquele homem ia agarrar sua pistola. Acho que sabia que estaria morto no momento em que eu recuperasse minha espada. — Seu gesto desafiava a Sharpe a contradizer suas palavras.

— É curioso com quanta rapidez o cavalheirismo se torna sórdido, não é, milorde? — foi só o que disse Sharpe. — Mas a guerra também é sórdida. Pode ser que comece com intenções cavalheirescas, mas sempre termina com homens estripados por balas de canhão chamando aos gritos por suas mães. Pode vestir um homem de escarlata e dourado, milorde, e lhe contar que a sua causa é nobre, mas mesmo assim terminará sangrando até a morte e se cagando pelo pânico. O cavalheirismo é uma patranha, milorde, porque é o mais sórdido e sangrento que há sobre a terra.

Kiely, que ainda tinha a espada na mão, introduziu-a agora em sua bainha.

— Não necessito que você me dê lições de cavalheirismo, Sharpe. Sua tarefa é a de ser instrutor, e evitar que meus pilantras desertem. Se é que realmente pode evitá-lo.

— Sim posso fazê-lo, milorde — prometeu Sharpe. — Posso fazê-lo.

E naquela noite se dispôs a cumprir sua palavra.

De São Isidro, Sharpe se dirigiu para o sul seguindo a espinha dorsal das colinas, que iam ficando cada vez mais baixas à medida que se aproximavam do caminho que cruzava a fronteira. Ali onde as colinas se convertiam em uma interminável terra de pradarias, havia uma vila de estreitas e retorcidas ruelas, hortos com muretas de pedra e casinhas baixas que se misturavam desde o caudal de um riacho até um promontório rochoso, onde os entretecidos palitos de um ninho de cegonha coroavam o campanário da igreja da povoação. Chamava-se Fontes de Onor, a vila que havia provocado a ira de Loup, ao morrer ali dois de seus homens durante o inverno passado, e ficava a apenas três quilômetros do quartel general de Wellington, na cidade de Vilar Formoso. Aquela cercania preocupava a Sharpe, que temia que sua missão pudesse ser posta em dúvida por algum inquisitivo oficial do Estado Maior, mas as únicas tropas inglesas de Fontes de Onor eram formadas por um pequeno piquete do 60º Regimento dos fuzileiros, destacado justo ao norte da vila, que nem sequer se deu conta da passagem de Sharpe. Na margem leste do riacho, havia algumas casas dispersas, jardins e hortos cercados, além de uma pequena capela, tudo isso separado da povoação por uma passarela de blocos de pedra apoiados em penhascos que se levantavam junto a um vau, onde uma patrulha da cavalaria da Legião Alemã do Rei estava dando de beber a seus cavalos. Os alemães disseram a Sharpe que não havia tropas aliadas na outra margem.

— Por aí só tem franceses — disse o capitão da cavalaria e depois, quando soube quem era Sharpe, insistiu em compartilhar um cantil de bolso de conhaque com o fuzileiro. Trocaram notícias sobre Von Lossow, um amigo de Sharpe da Legião Alemã do Rei; depois, o capitão ordenou a seus homens afastar-se do riacho e seguir a comprida e reta pista que levava a Cidade Rodrigo.

— Estou buscando problemas — disse olhando para trás enquanto subia à sela de sua

montaria —, e, com ajuda de Deus, encontrarei!

Sharpe tomou o caminho contrário, e subiu por uma rua da povoação até uma diminuta pousada que servia um forte vinho tinto. Não valia muito como pousada, mas Fontes de Onor tampouco valia muito naquele então como vila. O lugar caía justo dentro da fronteira espanhola, e havia sido saqueado pelos franceses em sua marcha para Portugal, e depois o haviam varrido de novo ao voltar, assim que os habitantes desconfiavam com razão de todo homem que usasse uniforme de soldado. Sharpe saiu com seu odre de vinho do interior carregado de fumaça da pousada para uma pequena horta, onde se sentou sob um parreiral com o tronco meio cortado. O estrago parecia não ter afetado a planta, da qual brotavam novos e vigorosas gavinhas e brilhantes folhas frescas. Ficou ali sonolento, quase cansado demais para erguer o odre.

— Os franceses tentaram cortar a parreira — disse de repente uma voz em espanhol atrás de Sharpe. — Tentaram destroçá-lo todo aqueles sacanas. — O homem arrotou. Foi um arrote poderoso, potente o bastante para despertar um gato que dormia na parte mais distante da mureta do horto. Ao virar-se, Sharpe viu uma criatura gigantesca vestida com sebosas calças pardas, camisa de algodão manchada de sangue, gabão verde de dragão francês, cujas costuras estavam todas arrebitadas para acomodar-se ao volume de seu novo dono, e um avental de couro enegrecido de sangue seco. Aquele homem e suas roupas fediam a comida rançosa, mau hálito, sangue ressecado e putrefação. De seu cinturão pendia um antiquado sabre sem bainha com uma lâmina tão escura, grossa e dentada que parecia mais uma alabarda; também levava uma pistola de arção, uma faquinha com cabo de osso e um apito de madeira. — O senhor é o capitão Sharpe? — Perguntou o grandalhão quando Sharpe se ergueu para saudá-lo.

— Sim.

— E meu apito lhe diz quem sou, não é mesmo?

Sharpe negou com a cabeça.

— Não.

— Quer dizer que na Inglaterra os castradores não anunciam sua chegada com um toque de apito?

— Nunca ouvi dizer que agissem dessa forma — respondeu Sharpe.

O Castrador se deixou cair pesadamente sobre um banco diante de Sharpe.

— Não usam apitos? Onde eu estaria sem meu pequeno apito? É assim aviso nos povoados de que estou chegando. Eu assobio, os caipiras pegam seus porcos, suas reses e seus potros, e eu saco minha faquinha com cabo de osso. — O homem fez um movimento rápido com sua lâmina de perversa curvatura, e soltou uma gargalhada. Tinha trazido seu próprio odre de vinho, e tomou um jorro antes de sacudir a cabeça com penalizada nostalgia. — E nos velhos tempos, meu amigo — seguiu dizendo melancólico —, as mães me traziam seus menininhos para que os capasse e, dois anos depois, os garotos viajavam para Lisboa ou para Madri e cantavam com tanta doçura! Meu pai capou muitos meninos. Um de seus mocinhos até cantou para o Papa! Pode imaginar? Para o Papa de Roma! E tudo graças a esta

faquinha. — Passou o dedo pelo fio da faca de cabo de osso.

— E os meninos morreram alguma vez — supôs Sharpe.

O Castrador deu de ombros.

— Os meninos são fáceis de substituir por estes lares, meu amigo. Não se pode permitir ser sentimental com os meninos pequenos. — Jogou outro jorro de vinho para sua imensa faringe. — Tive oito filhos, somente três sobreviveram e isso, acredite, são dois de mais.

— Nenhuma filha?

— Quatro. — O Castrador ficou em silêncio por alguns instantes e depois suspirou. — Aquele sacana francês do Loup as levou. Já ouviu falar de Loup?

— Eu o conheço.

— Levou-as e as entregou a seus homens. O Lobo e seus homens gostam de meninas. — Levou a mão à faca que já estava no cinturão, depois dedicou a Sharpe um longo olhar pensativo. — Então que o senhor é o inglês da agulha.

Sharpe assentiu.

— Ah! Teresa! — O espanhol suspirou. — Ficamos chateados ao ouvir que tinha se amarrado a um inglês, mas agora que o vejo, capitão, posso entender. Como ela está?

— Lutando contra os franceses perto de Badajoz, mas manda saudações. — De fato, fazia semanas que Teresa não escrevia para Sharpe, mas seu nome era um talismã entre todos os guerrilheiros, e tinha sido suficiente para arrumar este encontro com o homem que fora derrotado completamente pelo brigadeiro dos dragões cinzentos. Loup tinha submetido aquela parte da fronteira espanhola e, onde quer que fosse, Sharpe ouvia mencionar o nome do francês com um ódio temeroso. Qualquer rastro de destruição era culpa de Loup, qualquer morte, qualquer casa queimada, qualquer inundação, qualquer menino enfermo, qualquer colmeia roubada, qualquer bezerro malogrado, qualquer geada tardia... Tudo era obra do Lobo.

— Ela deve de estar orgulhosa do senhor, inglês — disse o Castrador.

— Deve? — perguntou Sharpe. — Por quê?

— Porque o Lobo pôs um preço por sua cabeça — disse o Castrador. — Não sabia?

— Não, não sabia.

— Cem dólares de prata — disse o Castrador sem pressa, com deleite, como se ele mesmo se sentisse tentado pelo preço.

— Uma miséria — disse Sharpe desdenhoso. Vinte e cinco libras eram uma pequena fortuna para a maioria da gente, de fato era o pagamento de um ano bom para a maioria dos trabalhadores, mas mesmo assim Sharpe considerava que sua vida valia mais que isso. — A recompensa pela cabeça de Teresa é de duzentos dólares — disse com ressentimento.

— Mas os guerrilheiros matam mais franceses que os ingleses — disse o Castrador —, assim que é justo que tenhamos mais valor. — Por diplomacia, Sharpe se absteve de perguntar



se haviam posto algum preço à grenhuda e sem dúvida piolhenta cabeça do Castrador. Sharpe suspeitava que aquele homem houvesse perdido a maior parte de seu poder por suas derrotas, mas pensou que pelo menos ele vivia, enquanto que a maioria de seus homens havia morrido nas mãos do Lobo, depois de serem torturados da mesma forma como o Castrador tratava seus presos. Tinha vezes em que Sharpe se alegrava muito de não combater aos guerrilheiros.

O Castrador voltou a levantar o odre, encheu a boca de vinho, engoliu, arrotou e depois exalou o ar resultante em direção a Sharpe.

— Por que queria me ver, inglês?

Sharpe lhe contou seu plano. O relato durou bastante, porque o Castrador era um homem rude, curto das ideias, e Sharpe teve que explicar várias vezes seus requisitos antes que o grandalhão entendesse. Contudo, o Castrador pareceu gostar da ideia.

— Então, é para ser esta noite?

— Assim eu gostaria. E ficaria agradecido.

— Mas como de agradecido? — O Castrador lançou uma astuta olhada para o inglês. — Tenho que lhe dizer o que necessito? Mosquetes! Ou mesmo fuzis como esse! — Tocou o cano do fuzil Baker de Sharpe, que estava apoiado no tronco da parreira.

— Posso lhe trazer mosquetes — disse Sharpe, ainda que ainda não soubesse como. A Real Companhia Irlandesa necessitava de mosquetes com muito mais desespero que aquele enorme açougueiro, e Sharpe nem ao menos sabia como ia lhes fornecer aquelas armas. Hogan nunca concordaria a entregar mosquetes novos à Real Companhia Irlandesa, ainda que, se Sharpe ia converter a guarda palaciana do rei Fernando em uma unidade de infantaria decente, necessitaria conseguir armas de alguma maneira. — Não posso conseguir fuzis — disse —, mas sim mosquetes. Mas necessitarei de uma semana para isso.

— Que sejam mosquetes, então — acedeu o Castrador —, e há mais uma coisa.

— Diga — disse Sharpe com receio.

— Quero vingança por minhas filhas — disse o Castrador com um estranho brilho nos olhos. — Quero que o brigadeiro Loup e esta faca se encontrem — levantou a pequena lâmina de cabo de osso. — Quero que me ajude, inglês. Teresa diz que o senhor sabe lutar, assim que lute comigo e me ajude a capturar o Lobo.

Sharpe suspeitava que aquele segundo pedido fosse ainda mais difícil de cumprir que o primeiro, mas aceitou.

— Sabe onde Loup pode ser encontrado?

O Castrador assentiu.

— Tem sua guarida numa aldeia chamado São Cristóvão, ainda que nem sempre esteja ali. Expulsou os habitantes, bloqueou as ruas e fortificou as casas. Uma doninha não pode se aproximar sem que a localizem. Sánchez diz que se necessitariam mil homens e uma bateria de artilharia para tomar São Cristóvão.

Sharpe resmungou ao ouvir as notícias. Sánchez era um dos melhores líderes da guerrilha, e se aquele guerrilheiro considerava que São Cristóvão era praticamente inexpugnável, Sharpe acreditava.

— O senhor disse que nem sempre fica em São Cristóvão, tem outras “guaridas” habituais?

— Vai aonde deseja, senhor — disse o Castrador de má vontade. — Uma vez se apodera de um povoado por um par de noites, outras enviava seus homens para o forte onde o senhor e seus homens estão, e outras usava o forte Conceção. Loup, senhor, segue sua própria lei — o Castrador se deteve. — Mas A agulha diz que o senhor também o faz. Se há alguém que possa derrotar ao Lobo, esse deve de ser o senhor. E há um lugar perto de São Cristóvão, um desfiladeiro, onde se pode tender uma boa emboscada.

O Castrador ofereceu aquele último detalhe como incentivo, mas Sharpe ignorou a isca.

— Farei tudo o que um homem possa fazer — prometeu.

— Então eu lhe ajudarei esta noite — assegurou o Castrador em resposta. — Busque meu presentinho pela manhã, senhor — disse; depois se levantou e gritou uma ordem aos homens que, agora era evidente, tinha deixado fora da pousada. A ruela se inundou de ruído de cascos. — E na semana que vem — acrescentou o guerrilheiro —, virei buscar minha recompensa. Não me desaponte, capitão.

Sharpe viu como partia aquele bruto, e depois levantou seu odre. Sentiu-se tentado a esvaziá-lo, mas sabia que uma barriga cheia de vinho forte tornaria duplamente duro seu caminho de regresso a São Isidro, assim que, em vez de esvaziá-lo em sua faringe, verteu o líquido sobre as raízes da ferida parreira. Talvez, pensou, ajudaria a videira a se curar. Vinho para as uvas, cinzas para as cinzas e pó ao pó. Arrumou seu chapéu, pendurou seu fuzil e se preparou para a longa caminhada até o forte.

Naquela noite, apesar das precauções do capitão Donaju, desertaram mais três guardas. Mais homens teriam tentado, porém, pouco depois da meia-noite, uma série de gritos aterradores ressoou desde o vale, e qualquer outro homem com a tentação de provar a sorte cruzando a fronteira decidiu esperar por outro dia. Na alvorada do dia seguinte, quando o fuzileiro Harris guiava um comboio montanha abaixo para recolher água do riacho e aumentar assim a pouca proporcionada pelo poço do forte, encontrou os três homens. Quando voltou ao lado de Sharpe seu rosto estava pálido como a lua.

— É horrível, senhor, horrível!

— Vê aquele carro ali? — Sharpe assinalava um carro de mão do outro lado do pátio do forte. — Desça-o lá, ponha-os nele e traga-os de volta.

— Temos que fazê-lo? — perguntou o fuzileiro Thompson, horrorizado.

— Sim, Maldito seja. Certamente, Harris.

— Senhor?

— Ponha isto com eles no carro. — Sharpe estendeu para Harris um saco com um pesado volume dentro. O fuzileiro começou a desatar a abertura do saco. — Aqui não, Harris — disse Sharpe —, faça-o lá. E que só você e nossos garotos vejam o que faz.

Pelas oito em ponto, Sharpe tinha em formação os cento e vinte e sete guardas restantes, junto com todos seus oficiais mais jovens. Sharpe era o único oficial veterano que restava no forte, pois tanto lorde Kiely como o coronel Runciman tinham passado a noite no quartel general do exército, aonde tinham ido para solicitar mosquetes novos e munição ao subcomissário geral. O padre Sarsfield estava visitando um amigo sacerdote em Guarda, enquanto que os maiores de Kiely e três de seus capitães tinham saído para caçar. Dona Joanhinha de Elia também saíra com seus podengos em busca de lebres, mas tinha recusado a companhia dos oficiais irlandeses.

— Eu caço sozinha — disse, e depois se zombou da advertência de Sharpe sobre as patrulhas francesas. — Escapei de todos os franceses da Espanha. Preocupe-se consigo mesmo, não comigo — e saiu a galope com todos seus cachorros trotando atrás.

Assim que agora, privada de seus oficiais mais veteranos, a Real Companhia Irlandesa se alinhava em quatro filas debaixo de uma das plataformas de artilharia vazia que servia de estrado para Sharpe. Na noite anterior havia chovido e, sobre as desgastadas ameias, as bandeiras ondeavam desanimadas ao vento da manhã, enquanto Harris e Thompson manobravam com o carro de mão para subi-lo por uma das rampas que levavam dos armazéns para as plataformas de artilharia. Empurraram o veículo com seu sinistro carregamento até deixá-lo junto a Sharpe. E logo depois empurraram suas barras para cima para que o fundo do carro ficasse de frente para as quatro filas. Ouviu-se uma inspiração profunda, e depois se elevou das filas um burburinho geral. Pelo menos um guarda real vomitou enquanto a maioria afastava o olhar ou fechava os olhos.

— Olhem-nos! — alfinetou Sharpe. — Olhem bem o que contém este carro!

Obrigou os guardas a olhar os três corpos desnudos e mutilados, e fez que vissem com clareza o sanguinolento buraco no centro de cada cadáver e as expressões de terror e dor de cada um dos rostos mortos. Depois, Sharpe meteu o braço por atrás de um dos frios ombros brancos e rígidos para sacar um capacete de cor cinza-azul com um penacho de crina de cavalo cinza. Colocou-o em uma das varas erguidas da carroça. Era o capacete que Harris recolheu como recordação no povoado da montanha onde Sharpe tinha descoberto seus habitantes massacrados, e onde Perkins havia conhecido Miranda, que agora seguia o fuzileiro com uma devoção comovente e patética. Era o capacete que Sharpe entregara a Harris dentro de um saco naquela manhã.

— Olhem bem esses corpos! — ordenou Sharpe à Real Companhia Irlandesa. — E escutem! Os franceses acreditam que há dois tipos de pessoas na Espanha: os que estão a seu favor e os que estão contra eles, e não há um só homem entre vocês que possa escapar a esse julgamento. Ou lutam com os franceses ou contra eles, e isso não é algo que eu tenha decidido, é o que os franceses decidiram — apontou os três corpos. — Isto é o que os franceses fazem. Sabem que agora vocês estão aqui. Estão lhes vigiando, perguntam-se quem e o que são, e até

que consigam respostas os tratarão como inimigos. E é assim como eles tratam seus inimigos. — Apontou os ensanguentados buracos cortados nas virilhas dos homens mortos. — Isto lhes deixa três opções — continuou Sharpe. — Podem fugir para o leste e deixar os franchinotes cortem sua hombridade, podem fugir para o oeste e se arriscar a ser presos por meu exército e ser fuzilados por deserção, ou podem permanecer aqui e aprender a ser soldados de verdade. E não me contem que esta não é sua guerra. Vocês fizeram o juramento de servir ao rei da Espanha, e o rei da Espanha é prisioneiro na França e se supõe que vocês são sua guarda real. Por Deus, esta guerra é muito mais sua que minha. Eu nunca fiz o juramento de proteger a Espanha, nunca tive uma mulher estuprada pelos franceses nem um menino assassinado por um dragão, nem uma colheita roubada e uma casa queimada por uma cambada de exploradores franchinotes. Seu país sofreu todas estas coisas, pois seu país de acolhida é a Espanha, e se preferem lutar pela Irlanda antes que pela Espanha, em nome de Deus altíssimo, por que fizeram o juramento espanhol?

Parou. Sabia que nem todos os homens da Companhia eram possíveis desertores. Muitos, como o próprio lorde Kiely, queriam lutar, mas havia suficientes facciosos para socavar a utilidade da Companhia. E Sharpe tinha decidido que aquele tratamento de choque era a única maneira de forçar a obediência dos facciosos.

— Ou por acaso um juramento não significa nada para vocês? — demandou Sharpe. — Porque vou lhes dizer o que o restante do exército pensa de vocês, e me refiro ao resto deste exército, incluídos as tropas de assalto de Connaught e os dragões de Inniskilling, assim como o Real Regimento Irlandês, o Real Regimento do Condado de Down e o Regimento Irlandês do Príncipe de Gales, o Regimento de Tipperary e o Regimento do Condado de Dublin, e certamente o Regimento Irlandês do Duque de York. Dizem que vocês são moles, que perderam a capacidade de lutar. Dizem que são soldadinhos com borlas, bons apenas para vigiar um urinol num palácio, mas não para lutar. Dizem que vocês fugiram uma vez da Irlanda e que voltarão a fugir. Dizem que são de tanta utilidade para um exército como um coro de freiras melodiosas. Dizem que vocês vestem com afetação e que se acostumaram aos privilégios. Mas isso vai mudar, porque algum dia vocês e eu entraremos juntos em combate e nesse dia vão ter que ser bons! Bons de verdade!

Sharpe odiava soltar discursinhos, mas havia captado a atenção daqueles homens, ainda que fosse à custa daqueles três cadáveres castrados, e as palavras de Sharpe sem dúvida começaram a afetá-los. Apontou para o leste.

— Por ali — disse Sharpe, e retirou o capacete da vara da carroça para erguê-lo mais —, tem um homem chamado Loup, um francês, e dirige um regimento de dragões que se autodenominam Os Lobos, que usam estes capacetes e os largam como marca sobre os homens que mataram. Assim que, vamos atrás deles! Vamos demonstrar que não existe no mundo regimento francês que possa resistir a um regimento irlandês, e façamos isso juntos. E vamos fazê-lo porque esta guerra é sua guerra, e a única maldita escolha que têm que fazer é entre morrer como cachorros capados ou lutar como homens. Agora, decidam o que vão fazer, reflitam e pensem qual é seu mundo. Sargento Harper?

— Senhor!

— Meia hora para desjejuar. Quero um grupo para enterrar estes três homens, depois começaremos a trabalhar.

— Sim, senhor!

O olhar de Harris se encontrou com o de Sharpe quando o oficial dava a volta.

— Nem uma palavra, Harris — disse Sharpe, empurrando o capacete contra o ventre do fuzileiro —, nem uma maldita palavra.

O capitão Donaju deteve Sharpe quando este se afastava das muralhas.

— E como lutamos sem mosquetes?

— Conseguirei mosquetes, Donaju.

— Como?

— Da mesma maneira como um soldado consegue tudo o que não lhe dão — disse Sharpe —, roubando-os.

Naquela noite nem um só homem desertou.

Na manhã seguinte, ainda que Sharpe não soubesse reconhecê-lo no início, um novo lastro cairia sobre as costas do capitão dos fuzileiros.

— Que má notícia, Sharpe — disse o coronel Runciman. — Meu Deus, que péssima notícia.

— A que se refere, general ?

— Por acaso não ouviu? — perguntou Runciman.

— Refere-se aos mosquetes? — perguntou Sharpe, achando que Runciman devia de estar falando de sua visita ao quartel general do exército, visita que havia concluído em um previsível fracasso. Runciman e Kiely regressaram sem mosquetes, sem munição, sem cobertores, sem argila para fazer cachimbos, sem botas, sem catres e sem ao menos a promessa do dinheiro para o pagamento da unidade. Não tinha dúvida de que a negativa de Wellington destinava-se a enfurecer a Real Companhia Irlandesa, mas estava claro que também causaria problemas a Sharpe. Podia pôr todas suas energias em elevar a moral dos guardas, mas sem armas nem equipamento aquela moral estava condenada. Pior ainda, Sharpe sabia que estava muito perto das linhas inimigas e, se os franceses atacassem, não seria um consolo saber que a derrota da Real Companhia Irlandesa havia sido parte do plano de Hogan, não se Sharpe estivesse envolvido no desastre. Pode ser que Hogan e Wellington quisessem à Real Companhia Irlandesa destruída, mas Sharpe necessitava dela armada e perigosa. Sabia que o brigadeiro Loup bateria à porta cedo ou tarde.

— Não estava falando dos mosquetes, Sharpe — disse Runciman —, mas das notícias da Irlanda. Realmente não ouviu nada?

— Não, senhor.

Runciman meneou a cabeça, fazendo sua papada bambolear.

— Ao que parece há novos problemas na Irlanda, Sharpe. Uma má notícia de mil demônios. Os malditos rebeldes estão dando problemas, as tropas contra-atacam e morrem mulheres e crianças. O rio Erne está obstruído pelos cadáveres em Belleek. Fala-se de estupros. Ai, Senhor. E eu que acreditava que o do 98º havia terminado com o problema irlandês de uma vez e por todas, mas parece que não. Os malditos papistas estão causando problemas de novo. Ai, Senhor, Senhor. Por o que permite Deus que aqueles papistas prosperem? Fazem que nós, os cristãos, passemos por amargas provas. — Runciman ofegou contrariado. — Parece que teremos que quebrar algumas cabeças por lá de novo, assim como fizemos quando Tone se rebelou no 98º.

Sharpe pensou que se o remédio tinha fracassado em 1798, era bem provável que não fosse efetivo em 1811, mas considerou prudente não fazer essa observação.

— Poderia significar problemas aqui também, general — preferiu dizer —, quando as tropas irlandesas souberem...

— Para isso nós temos o chicote, Sharpe — cortou Runciman.

— Pode ser que tenhamos o chicote, general, mas não temos mosquetes. Estava me perguntando, senhor, como um general responsável pela bagagem dá ordens a seus comboios.

Runciman olhou para Sharpe com olhos arregalados, pasmado pela, aparente, inapropriada pergunta.

— Em papel, certamente, em papel! Ordens!

Sharpe sorriu.

— O senhor ainda é o general da bagagem, senhor, não é mesmo? Porque ainda não o substituíram. Duvido que possam encontrar um homem que ocupe seu posto como o senhor, senhor.

— Muito amável de sua parte, Sharpe, muito amável — Runciman parecia ligeiramente surpreso por receber uma bajulação, mas tentou não demonstrar demasiada pouca familiaridade com a situação. — E é provável que esteja certo — acrescentou.

— Perguntava-me, general, como poderíamos desviar uma ou duas carroças de armamento para este forte.

Runciman olhou boquiaberto para Sharpe.

— Quer dizer “roubá-las”?

— Eu não o chamaria roubar, general — disse Sharpe a modo de censura —, não quando vão ser empregados contra o inimigo. Só estamos remanejando um par de carroças com equipamento completo, senhor, se sabe ao que me refiro. Cedo ou tarde, senhor, o exército terá que nos equipar, assim que, por que não antecipamos agora essa ordem? Sempre poderemos atualizar a papelada mais tarde.

Runciman sacudiu a cabeça com energia, deslocando as cuidadas e compridas madeixas

de cabelo que penteava obsessivamente sobre sua crescente calva.

— Isso não se pode fazer, Sharpe, não é possível! Vai contra todos os precedentes. Contra todas as disposições! Maldito seja, homem, é contrário ao regulamento! Eu poderia enfrentar um conselho de guerra! Pense na desonra! — Runciman estremeceu só em pensar. — Surpreende-me, Sharpe — seguiu dizendo —, inclusive me decepciona, que você faça semelhante sugestão. Sei que você foi negada a criação de um cavalheiro ou mesmo sua educação, mas esperava melhores coisas de você! Um cavalheiro não rouba, não mente, não humilha uma mulher, e honra a Deus e ao rei. Esses atributos não estão acima de você, Sharpe!

Sharpe foi para a porta dos aposentos de Runciman. A sala do coronel era o velho quarto de guarda de uma das torres da entrada e, quando as antigas portas da fortaleza estavam abertas, a entrada oferecia uma assombrosa vista para o sul. Sharpe se apoiou em uma das batentes da porta.

— E o que acontece, general — perguntou quando o sermão de Runciman acabou —, quando se perde um carroça? O Real Corpo de Suprimentos deve perder muitas carroças por culpa dos bandoleiros.

— Poucas, muito poucas. Apenas uma; duas, talvez. Pode ser que algumas poucas.

— Então... — Sharpe começou a dizer.

O coronel levantou uma mão para interromper Sharpe.

— Nem sugira, Sharpe! Sou um homem honesto, temeroso a Deus, e não organizarei um roubo à fazenda de Sua Majestade de um carregamento de mosquetes. Não o farei. Nunca me dediquei a falsidades, e não vou começar agora. De fato, proíbo-lhe expressamente que siga falando deste tema, e é uma ordem direta, Sharpe!

— Duas carroças cheias de mosquetes — corrigiu Sharpe —, e três carretas de munição.

— Não! Já lhe proibi de falar desse tema, e ponto final. Você não dirá nada mais!

Sharpe sacou o canivete que usava para polir as incrustações do percussor de seu fuzil. Desdobrou a lâmina e passou seu polegar pelo fio.

— O brigadeiro Loup sabe que estamos aqui agora, general, e sem dúvida se vingará por aquele tipo jovem que a puta de Kiely matou. Não me surpreenderia que tentasse um ataque a São Isidro. Agora, vejamos, como será? Um assalto noturno? É provável. Conta com dois batalhões completos de infantaria, e todos e cada um daqueles sacanas tentarão ganhar a recompensa que Loup ofereceu por minha cabeça. Se eu fosse Loup, atacaria vindo do norte, porque ali as muralhas quase desapareceram, e teria alguns dragões esperando ali embaixo para degolar os sobreviventes — Sharpe indicou com a cabeça a empinada estrada de acesso e depois sorriu. — Somente imagine, certo? Ser perseguido à alvorada por uma partida de dragões cinzentos, todos eles com fâcas para castrar recém afiadas em suas bolsas.

Loup não nos dará prenderá, já o vê. Não é que seja conhecido por fazer prisioneiros, general. Simplesmente pega a fâca, arranca os calções e fátia as...

— Sharpe! Por favor! Por favor!! — Pálido, Runciman olhava fixamente o canivete de

Sharpe. — Você tem que ser tão gráfico?

— General! Estou explicando uma questão grave! Não posso fazer frente a uma brigada de franceses com meu punhado de fuzileiros. Conseguiria fazer frente aos homens de Loup se os garotos irlandeses tivessem mosquetes, mas sem mosquetes, baionetas nem munição? — Sharpe sacudiu a cabeça e depois fechou o canivete de um golpe. — Depende do senhor, general, mas se eu fosse o oficial superior inglês neste forte, encontraria uma maneira de conseguir armas decentes o mais rápido possível. A menos, claro, que quisesse cantar todas as notas agudas no coro da igreja se algum dia voltasse a Hampshire.

Runciman deteve Sharpe. Agora o coronel estava suando, constrangido por uma visão de franceses castradores que enlouqueciam no interior do maltratado forte.

— Mas não nos darão mosquetes, Sharpe. Nós tentamos! Kiely e eu o tentamos juntos! E aquele incômodo general Valverde intercedeu também por nós, mas o general da intendência diz que há escassez momentânea de armas. Eu... Eu esperava que o general Valverde pudesse persuadir Cádiz para que nos enviassem alguns mosquetes espanhóis.

Sharpe sacudiu a cabeça ante o desespero de Runciman.

— Pois temos que tomar emprestados alguns mosquetes, general, pelo menos até que cheguem as armas espanholas. Só precisamos desviar uma carroça ou duas com a ajuda desses selos que o senhor ainda tem.

— Mas não posso dar ordens ao comboio de suprimentos, Sharpe! Não mais! Tenho novos deveres, novas responsabilidades.

— O senhor tem demasiadas responsabilidades, general — disse Sharpe —, porque é um homem muito valioso, mas na realidade, senhor, não deveria se preocupar com os detalhes. Seu trabalho é se ocupar das grandes decisões, e deixar que eu me ocupe das pequenas — Sharpe lançou ao ar o canivete e o recolheu plantando-o sobre a mesa. — Deixe que me encarregue dos franchinotes se vierem, senhor. O senhor tem coisas melhores para fazer.

Runciman se recostou em sua cadeira dobrável, fazendo que rangesse perigosamente.

— Aí você tem razão, Sharpe, tem razão — Runciman se sobressaltou ao reconsiderar os perigos da situação. — Porém, imagine que só estou me antecipando a uma ordem e não descumprindo outra?

Sharpe olhou fixamente para o coronel com fingida admiração.

— Desejaria ter sua mente, general, de verdade. Essa é uma brilhante maneira de expô-lo. “Antecipar uma ordem.” Gostaria de ter pensado nisso.

Runciman se inchou como um pavão pelo cumprimento.

— Minha querida mãe sempre afirmou que eu podia ter sido advogado — disse com orgulho —, inclusive um lorde chanceler! Mas meu pai preferiu que seguisse uma carreira honesta. — Desdobrou alguns papéis em branco sobre sua mesa improvisada e começou a redigir ordens. De vez em quando, o horror que lhe produzia sua conduta fazia que se detivesse, mas cada vez que ocorria Sharpe abria e fechava o canivete, e o ruído fazia com



que o coronel molhasse de imediato a ponta de sua pena no tinteiro.

E no dia seguinte, quatro carroças puxados por bois com seus surpresos carreteiros e suas plataformas cheias de armas, munições e suprimentos chegaram ao forte de São Isidro.

Por fim a Real Companhia Irlandesa estava armada... E pensando em se amotinar.

---

## CAPÍTULO 4

Na manhã seguinte, justo depois da alvorada, uma delegação descobriu a Sharpe no deserto extremo norte do forte. O sol atravessava o vale em um corte limpo para dourar a neblina que ascendia do riacho, onde Sharpe observava como uma aguieta flutuava sem esforço na leve brisa, com seu olhar cravado na ladeira. Os oito homens da delegação se detiveram torpemente atrás de Sharpe, que, depois de dar uma amarga olhada para seus sérios rostos, voltou a olhar para o vale.

— Há coelhos ali embaixo — disse Sharpe sem se dirigir a ninguém em particular —, e aquele tonto sem-vergonha não os vê na neblina.

— Mas não passará fome por muito mais tempo — disse Harper. — Nunca vi nenhum falcão que fosse mais tonto que um coelho. — O sargento casaca verde era o único delegado da companhia de Sharpe: os outros homens eram todos da Real Companhia Irlandesa. — Bonita manhã — disse Harper, ainda que parecesse mais nervoso que de costume. Simplesmente, esperava que tanto o padre Sarsfield como os capitães Donaju ou Lacy abordassem o delicado assunto que havia feito que a delegação saísse em busca de Sharpe, mas o capelão e os dois envergonhados oficiais ficaram em silêncio. — Magnífica manhã — sublinhou Harper, rompendo de novo o silêncio.

— Ah, é? — respondeu Sharpe. Estivera sentado sobre uma ameia, junto à fresta de um canhão, mas agora saltou para a plataforma de artilharia e dali ao leito seco do fosso. Anos de chuva haviam erodido o desnível, enchendo o fosso de detrito, e as geadas e o vento haviam deteriorado e esmiuçado a alvenaria das muralhas. — Já vi casebres melhor construídos que isto — disse Sharpe. Deu um chute na a base da muralha, e um dos blocos maiores se moveu de maneira perceptível. — Aí não há nem uma maldita gota de argamassa!

— Não havia suficiente água na mistura — explicou Harper. Respirou fundo e depois, ao dar-se conta de que seus acompanhantes não iam falar, assumiu o risco ele mesmo. — Queremos falar com o senhor, senhor. É... Importante.

Sharpe voltou a subir no muro e sacudiu as mãos.

— É por causa dos novos mosquetes?

— Não, senhor. Os mosquetes são magníficos, capitão.

— A instrução?

— Não, senhor.

— Então o homem que querem ver é o coronel Runciman — disse Sharpe cortante. — Chamem-no de “general”, e lhes concederá o que quiserem — Sharpe estava fingindo de propósito. Sabia exatamente por que a delegação estava ali, mas não desejava escutar suas preocupações. — Falem com Runciman depois do café da manhã e o encontrarão de bom

humor — disse.

— Já falamos com o coronel — por fim falou o capitão Donaju —, e o coronel disse que deveríamos falar com o senhor.

O padre Sarsfield sorriu.

— Acho que todos sabíamos o que ia dizer, capitão, quando fomos até ele. E não acredito que o coronel Runciman seja particularmente compreensivo com os problemas da Irlanda.

Sharpe olhou de Sarsfield para Donaju, de Donaju para Lacy e depois de Lacy para os esquivos rostos dos quatro soldados rasos da guarda.

— Então é sobre a Irlanda que querem falar, não? — disse Sharpe. — Bem, pois continuem. Hoje não tenho nenhum outro problema para resolver.

O capelão desconsiderou o sarcasmo e estendeu para Sharpe um jornal dobrado.

— Trata-se disto, capitão Sharpe.

Sharpe pegou o jornal que, para sua surpresa, vinha da Filadélfia. A primeira página era uma massa densa de letras negras: listas de barcos que zarpavam ou atracavam nos cais da cidade; notícias da Europa; informes do Congresso e histórias das atrocidades sofridas pelos colonos dos territórios do oeste pelas mãos dos índios.

— Está ao pé da página — indicou Donaju.

Sharpe leu uma linha em voz alta:

— “Os melancólicos efeitos da intemperança”?

— Não, Sharpe. Justo antes disso — disse Donaju, e Sharpe suspirou enquanto lia as palavras “Novos massacres na Irlanda”. O que vinha a seguir era uma versão mais escabrosa da história que Runciman já havia lhe contado: uma coleção de estupros e assassinatos, de inocentes crianças degoladas pelos dragões ingleses e de mulheres que, em meio de uma oração, eram arrastadas de suas casas por granadeiros enlouquecidos pelo álcool. O jornal proclamava que os fantasmas das tropas de Cromwell haviam voltado à vida para voltar a converter a Irlanda em uma miséria empapada em sangue. Conforme anunciara o governo inglês, a Irlanda seria pacificada uma vez mais e para sempre, e o jornal comentava que os ingleses tinham decidido realizar pacificação quando muitos irlandeses estavam lutando contra a França com o exército do rei em Portugal. Sharpe leu o fragmento duas vezes.

— E o que diz lorde Kiely? — perguntou ao padre Sarsfield. Importava-se pouco com o que Kiely pensava, mas a pergunta lhe dava alguns segundos enquanto pensava em como responder. Além disso, queria convencer Sarsfield a se encarregar de falar pela delegação, pois o capelão da Real Companhia Irlandesa lhe parecia um homem amistoso e sincero, sensato e de cabeça fria, e se pudesse ter o sacerdote de seu lado, considerava que o restante da companhia o seguiria.

— Milorde não viu o jornal — disse Sarsfield. — Saiu para caçar com dona Joantina.

Sharpe devolveu o jornal ao sacerdote.

— Bem, já vi o jornal — disse —, e posso lhes dizer que é um grande lixo. — Um dos guardas se agitou indignado, e depois se pôs em sentido quando Sharpe lhe lançou um olhar ameaçador. — É uma conversa de chinês para idiotas — disse Sharpe provocando —, uma maldita mentira.

— E como o sabe? — perguntou Donaju ressentido.

— Porque se houvesse problemas na Irlanda, capitão, teríamos ouvido falar disso antes dos norte-americanos. Alguma vez os norte-americanos tiveram algo de bom a dizer sobre os ingleses?

— Mas... Ouvimos coisas — interveio o capitão Lacy. Era um homem robusto de comportamento beligerante e nós dos dedos duros. — Tem havido rumores — insistiu Lacy.

— Sim, tem havido — acrescentou Harper lealmente.

Sharpe olhou para seu amigo.

— Oh, por Deus — disse enquanto entendia o quão ferido Harper se sentia, ainda que também se desse conta de que seu sargento deveria ter ido até ele com a esperança de que aquelas histórias não fossem certas. Se Harper tivesse querido brigar, não teria escolhido Sharpe, mas algum outro representante do povo inimigo. — Por Deus — voltou a dizer Sharpe. Já tinha bastantes problemas. Havia sido prometido um pagamento à Real Companhia Irlandesa e nada fora pago; cada vez que chovia, os velhos barracões se enchiam de goteiras; no forte a comida era espantosa, e o único poço não proporcionava mais que alguns tragos de água amarga. Agora, por cima de todos esses problemas e do perigo da vingança de Loup, estava esta repentina ameaça de um motim irlandês. — Dê-me outra vez esse jornal, padre — disse Sharpe ao capelão, e depois apontou a data impressa na parte de cima da folha com um dedo cheio de barro. — Quando isto foi publicado? — Mostrou a data a Sarsfield.

— Faz um mês — disse o sacerdote.

— E daí? — perguntou o beligerante Lacy.

— Quantos recrutas chegaram da Irlanda durante o último mês? — perguntou Sharpe com uma voz tão desdenhosa como enérgica. — Dez? Quinze? E nenhum desses homens pensou em contar-nos que sua irmã havia sido estuprada ou que sua mãe fora deixada sem sentido por uns malditos dragões ingleses? Mas de repente um maldito jornal norte-americano sabe tudo sobre o tema? — Sharpe havia dirigido suas palavras mais para Harper que para os outros, pois era de esperar que seu sargento soubesse com que frequência chegavam os soldados substitutos vindos da Irlanda. — Vamos, Pat! Não tem sentido, e se não acredita, eu lhe darei um passe para que possa ir aos acampamentos principais em busca de alguns irlandeses recém chegados e para saber de notícias de casa. Pode ser que acredite neles se não pode crer em mim.

Harper olhou a data do jornal, pensou nas palavras de Sharpe e assentiu com desânimo.

— Não tem sentido, senhor, o senhor tem razão. Mas neste mundo não é necessário que tudo tenha sentido.

— Certamente que sim — alfinetou Sharpe —, porque é assim como nós vivemos. Somos

homens práticos, Pat, não uns malditos sonhadores! Acreditamos no fuzil Baker, no mosquete Tower e nos cinquenta e oito centímetros e meio de uma baioneta. Por Deus, não somos políticos! Podem deixar as superstições para as mulheres e as crianças, e essas coisas — bateu sobre o jornal — são piores que superstições. São mentiras perfeitas! — Olhou para Donaju. — Sua obrigação, capitão, é ir junto a seus homens e lhes dizer que são mentiras. E se não acredita em mim, vá aos acampamentos. Vá às tropas de assalto de Connaught e pergunte a seus recrutas. Vá até os de Inniskilling. Vá aonde queira, mas esteja aqui de volta ao anoitecer. Enquanto isso, capitão, diga a seus homens que têm todo um dia completo de instrução com mosquetes novos. Vão carregar e disparar até que tenham os ombros em carne viva. Ficou claro?

Os homens da Real Companhia Irlandesa consentiram sem muita convicção. Sharpe havia ganhado o primeiro embate, ao menos até que Donaju regressasse de sua missão de reconhecimento. O padre Sarsfield pegou o jornal das mãos de Sharpe.

— O senhor está dizendo que isto é uma falsificação? — perguntou o sacerdote.

— Como eu posso saber, padre? Só estou dizendo que não é verdade. Onde o conseguiram?

Sarsfield deu de ombros.

— Foram distribuídos para todo o exército, Sharpe.

— Quando já vimos um jornal da América, Pat? — perguntou Sharpe a Harper. — Não é estranho que justo o primeiro que vemos fale que a Inglaterra está massacrando a Irlanda? Para mim fede a contra-espionagem.

O padre Sarsfield dobrou o jornal.

— Acho que é provável que o senhor tenha razão, Sharpe, e rogo a Deus que assim seja. Mas suponho que não se importará que faça algumas averiguações com o capitão Donaju.

— O que o senhor faz não é coisa minha, padre, — disse Sharpe. — Quanto ao resto de vocês, ao trabalho!

Sharpe esperou enquanto a delegação partia. Indicou a Harper que ficasse com ele, mas o padre Sarsfield também permaneceu junto a Sharpe.

— Sinto muito, Sharpe — disse o sacerdote.

— Pelo quê?

Sarsfield estremeceu com o tom áspero de Sharpe.

— Imagino que não precisa que o problema irlandês se meta em sua vida.

— Não necessito de nenhum maldito problema, padre. Tenho um trabalho a fazer, e esse trabalho é converter os seus garotos em soldados, em bons soldados, em homens que possam se defender do inimigo e que saibam como apoiar ao soldado que têm ao lado.

Sarsfield sorriu.

— Acredito que o senhor é algo difícil de encontrar, capitão Sharpe: um homem honesto.

— Sem dúvida que não sou — disse Sharpe, a ponto de ruborizar-se ao recordar os horrores que haviam sofrido os três homens capturados pelo Castrador seguindo suas ordens. — Não sou um maldito santo, padre, mas gosto das coisas bem feitas. Se passasse a vida sonhando, ainda seria um soldado raso. Uma pessoa só pode se permitir sonhar se for rico e tiver privilégios — acrescentou estas últimas palavras sem piedade.

— O senhor fala de Kiely — disse Sarsfield, e começou a caminhar lentamente para a muralha junto à qual Sharpe estava. A bainha da batina do sacerdote havia se umedecido com o orvalho da Artemísia - verdadeira e dos matos que cresciam dentro do forte. — Lorde Kiely é um homem muito fraco, capitão — continuou Sarsfield. — Teve uma mãe muito forte — o sacerdote fez uma careta ao se recordar — e não sabe, capitão, que obstáculo podem ser para a Igreja as mães fortes, ainda que acredite que podem ser ainda maior obstáculo para seus filhos. Lady Kiely queria que seu filho fosse um grande guerreiro católico, um guerreiro irlandês! O líder católico que triunfasse onde o advogado protestante Wolfe Tone fracassou, mas em vez de consegui-lo, fez que seu filho se voltasse para a bebida, para a mesquinhez e para as rameiras. Enterrei-a no ano passado — benzeu-se depressa —, e temo que seu filho não cumpriu o luto por sua mãe nem, ai, nunca será o cristão que ela queria que fosse. Ontem à noite me contou que pretende se casar com lady Joaninha, e sua mãe, acho, estará chorando no purgatório só de pensar em semelhante casal. — O sacerdote suspirou. — Contudo, não queria lhe falar de Kiely, capitão, mas lhe pedir que tenha um pouco de paciência conosco.

— Achava que estava sendo paciente com vocês — respondeu Sharpe na defensiva.

— Conosco os irlandeses — explicou o padre Sarsfield. — O senhor é um homem com um país, capitão, e não sabe o que é sofrer o exílio. Não pode saber o que é escutar as harpas junto às águas da Babilônia — Sarsfield sorriu diante da frase, e depois encolheu os ombros. — É como uma ferida, capitão Sharpe, uma ferida que nunca sara, e rogo a Deus para que o senhor nunca tenha que sentir essa ferida.

Sharpe sentiu uma pontada de piedade envergonhada ao olhar o afável rosto do sacerdote.

— Nunca estive na Irlanda, padre?

— Uma vez, meu filho, faz anos. Faz muitos anos, mas ainda que vivesse mil anos, aquela breve permanência sempre me pareceria que foi ontem. — Sorriu triste, depois arregaçou a úmida batina. — Tenho que me reunir com Donaju para nossa pequena expedição! Pense em minhas palavras, capitão! — O sacerdote se afastou depressa, com seu cabelo branco agitado pela brisa.

Harper se aproximou de Sharpe.

— É um bom homem — disse Harper enquanto fazia um gesto para o sacerdote. — Ele me contou que uma vez estive em Donegal. Por Lough Swilly. E eu tinha uma tia que vivia por ali, que Deus dê descanso a sua alma. Ela vivia em Rathmullen.

— Nunca estive em Donegal — disse Sharpe —, e provavelmente nunca vá lá, e para ser franco, sargento, justo neste momento me importa um caralho Donegal, Rathmullen e a Irlanda. Já tenho bastantes problemas sem que os irlandeses metam o bedelho. Necessitamos de

cobertores, comida e dinheiro, o que quer dizer que terei que fazer Runciman escrever outra de suas ordens mágicas, mas não será fácil porque aquele gordo sacana se caga de medo que lhe metam em um conselho de guerra. E o maldito lorde Kiely tampouco ajuda uma merda. Só o que faz é beber conhaque, sonhar com a maldita glória e seguir àquela prostituta morena como um cordeirinho. — Apesar do conselho de Sarsfield sobre a paciência, Sharpe estava perdendo as estribeiras. — O sacerdote me diz para me compadecer de todos vocês, Hogan quer que dê um chute na bunda destes garotos, e há um espanhol seboso com um faca para castrar que acredita que vou segurar Loup enquanto ele lhe fatia as bolas. Todo mundo espera que eu resolva seus malditos problemas, assim que, pelo amor de Deus, preste-me um pouco de sua maldita ajuda.

— Sempre o faço — disse Harper com ressentimento.

Sharpe reagiu no mesmo instante.

— Sim, é verdade, Pat. Eu sinto muito.

— E se aquelas histórias fossem verdadeiras... — começou a dizer Harper.

— Não o são! — gritou Sharpe.

— Está bem! Está bem! Deus salve a Irlanda — Harper soltou um longo suspiro, e depois se fez um incômodo silêncio entre os dois homens. Sharpe olhava para o norte com o cenho franzido, e Harper desceu até uma fresta próxima e deu um chute em uma pedra solta. — Só Deus sabe por que construíram um forte aqui em cima — disse por fim.

— Havia uma pista importante ali embaixo — Sharpe indicou a passagem que ficava ao norte. — Era a maneira de evitar Cidade Rodrigo e Almeida, mas a metade da estrada foi arrasada, e o que resta não serve para os canhões modernos, assim que hoje em dia não é praticável. Mas a pista para o leste ainda está aí, Pat, e a maldita brigada de Loup pode usá-la. Desde ali embaixo — disse, assinalando o trajeto enquanto falava —, é subir essa ladeira, passar por cima destes muros de arenito e cair sobre nós, e aqui não temos nada com que detê-los.

— E por que Loup ia fazer isso? — perguntou Harper.

— Porque é um sacana irritado, valente e sem piedade, por isso. E porque me odeia, e porque nos chutar a bunda seria uma vitória barata sobre nós para aquele malnascido — Sharpe estava preocupado com a ameaça de um ataque noturno da brigada de Loup. A princípio pensava no ataque como um meio para assustar o coronel Runciman, uma maneira de lhe fazer assinar suas ordens fraudulentas para os comboios, mas quanto mais pensava nisso, mais viável lhe parecia o ataque. E o forte de São Isidro estava muito mal apetrechado para um ataque de tal calibre. Mil homens seriam capazes de defender suas deterioradas muralhas, mas a Real Companhia Irlandesa era uma unidade muito pequena para oferecer uma resistência de verdade. Ficariam apanhados dentro dos imensos e deteriorados muros como ratos em um poço de ratos para Terriers. — E isso é justo o que Hogan e Wellington querem para nós — disse Sharpe em voz alta.

— Como é isso, senhor?

— Não confiam merda nenhuma em seus irlandeses, veja bem. Querem se livrar deles, e esperam que eu vou ajudá-los a se livrar desses sacanas, mas o problema é que gosto deles. Maldito seja, Pat! Se Loup vem, estamos todos mortos.

— E o senhor acredita que ele virá?

— Sei bem que aquele malnascido vai vir nos procurar — disse Sharpe com fervor, e de repente as vagas suspeitas cristalizaram em uma certeza absoluta. Acabava de proclamar com vigor seu senso prático, mas na realidade na maior parte do tempo confiava em seu instinto. Sharpe sabia que, em ocasiões, um soldado sensato prestava atenção a suas superstições e temores porque eram um guia melhor que o simples senso prático. O duro e simples senso comum lhe dizia que Loup não desperdiçaria um valioso esforço atacando o forte de São Isidro, mas Sharpe recusava esse bom senso porque seu próprio instinto lhe dizia que se aproximavam problemas. — Não sei quando nem como virá — disse a Harper —, mas não confio em que uma guarda palaciana sirva de piquete; quero nossos garotos aqui em cima — queria que os fuzileiros guardassem o extremo norte do forte. — E quero também um piquete noturno, assim assegure-se de que alguns de nossos garotos durmam de dia.

Harper percorreu de uma espiada a comprida ladeira do norte.

— Acha que virão por este caminho?

— É o mais fácil. O do oeste e do leste são muito empinados, o extremo sul é muito duro, mas um aleijado poderia subir bailando por esta muralha. Jesus — Sharpe deixou escapar esta última imprecação quando se deu conta do quão vulnerável era o forte. Olhou para o leste. — Aposto que aquele sacana está nos vigiando justo agora. — Provavelmente, dos cumes mais afastados, um francês com uma boa luneta poderia contar os botões da casaca de Sharpe.

— Realmente acredita que virá? — perguntou Harper.

— Acho que temos uma sorte do demônio por ainda não ter vindo, e que temos uma sorte espantosa por ainda estarmos vivos — Sharpe saltou da muralha para a grama do interior do forte. Em noventa metros não havia mais que capim e terra baldia cheia de mato, e depois se elevavam os edifícios de pedra vermelha dos barracões. Havia oito grandes edifícios, e a Real Companhia Irlandesa se alojava nos dois que tinham se mantido em melhor estado, enquanto que os fuzileiros de Sharpe se instalaram em um dos armazéns próximos à torre da entrada. Aquela torre, conforme Sharpe havia decidido, era chave para a defesa, pois quem mantivesse a torre em seu poder dominaria a luta. — Tudo o que precisamos é uma voz de alarme com três ou quatro minutos de antecedência — acrescentou Sharpe —, e poderemos fazer que aquele grande canalha deseje ter ficado na cama.

— Podemos derrotá-lo? — perguntou Harper.

— Ele acha que pode nos surpreender. Sem dúvida está convencido de que pode entrar nos barracões e nos degolar enquanto dormimos, Pat, mas se pudéssemos dar a voz de alarme poderíamos converter aquela torre da porta em uma fortaleza, e sem artilharia Loup não pode fazer nada para evitar. — De repente, Sharpe se mostrava entusiasmado. — Você não diz que uma boa briga é como um tônico para um irlandês? — perguntou.



— Só quando estou bêbado — disse Harper.

— Pois rezemos para que haja um combate — Sharpe parecia impaciente —, e uma vitória. Deus, isso sim daria um pouco de confiança a esses guardas!

Ao cair a noite, contudo, justo quando os últimos raios dourados do sol se afundavam atrás das colinas do oeste, a situação mudou.

O batalhão português chegou sem se anunciar. Eram *caçadores*, infantaria ligeira como os casacas-verdes, ainda que estas tropas vestiam casacas de cor marrom-escuro e calças cinzentas inglesas. Levavam fuzis Baker e parecia que sabiam usá-los. Entraram no forte marchando com o passo simples e preguiçoso das tropas veteranas, e atrás deles chegava um comboio de três carroças de bois carregados de rações, lenha e munição de sobra. O batalhão estava a meia força, pois só reunia quatrocentos homens entre oficiais e soldados, mas mesmo assim os soldados deram um bom espetáculo ao desfilar na velha praça do forte.

Seu coronel era um homem de rosto magro chamado Oliveira.

— Durante dois dias por ano — explicou extra-oficialmente a lorde Kiely —, ocupamos o forte de São Isidro como uma maneira de recordar que ainda existe, e para desanimar a qualquer outro de se assentar aqui. Não, não tire seus homens dos barracões, por favor. Meus homens não necessitam ficar debaixo de um teto. E não nos interpiremos em suas tarefas, coronel. Exercitarei meus homens do outro lado da fronteira nos próximos dois dias.

Atrás da última carroça de suprimentos, as grandes portas do forte se fecharam com um rangido. Quando estavam encaixadas, um dos homens de Kiely colocou em sua posição a barra de fechamento. O coronel Runciman saiu a toda pressa da casa da guarda para oferecer suas saudações ao coronel Oliveira e convidá-lo para jantar, mas Oliveira declinou o convite.

— Comparto a comida com meus homens, coronel. Não se incomode — Oliveira falava um bom inglês, e quase a metade de seus oficiais eram ingleses, resultado de uma política de integrar o exército português nas forças de Wellington. Para deleite de Sharpe, um dos oficiais de *caçadores* era Thomas Garrard, um homem que havia servido com Sharpe nas filas do 33º, e que havia tirado proveito das possibilidades de promoção oferecidas aos sargentos ingleses que quisessem se unir ao exército português. Os dois homens tinham se encontrado pela última vez em Almeida, quando a grande fortaleza havia sucumbido a uma explosão do arsenal que tinha levado a guarnição a se render. Garrard estivera entre os homens obrigados a render suas armas.

— Aqueles malditos sacanas franchinotes — disse com sentimento. — Mantiveram-nos em Burgos com menos comida do que come um rato, e tudo o que havia para comer estava apodrecido. Por Cristo, Richard, olha que você e eu já provamos refeições ruins nestes anos, mas aquela era realmente péssima. E tudo porque aquela maldita catedral voou pelos ares. Gostaria de conhecer o artilheiro francês que o fez para torcer seu maldito pescoço.

Na realidade, havia sido Sharpe quem fez que o arsenal da cripta da catedral explodisse, mas não lhe parecia muito diplomático admiti-lo.

— Foi uma má sorte — consentiu Sharpe para dizer algo.

— Você partiu na manhã seguinte, né? — perguntou Garrard. — Cox não permitiu que partíssemos. Queríamos abrir caminho lutando, mas disse que tínhamos que fazer o correto e nos render. — Sacudiu a cabeça, desgostoso. — Não é que agora me importe — seguiu. — Os franchinotes me trocaram e Oliveira pediu que me unisse a seu regimento, de modo que agora sou capitão, como você.

— Que bom.

— São boa gente — disse Garrard orgulhando-se de sua companhia, que acampava ao ar livre dentro das muralhas da zona norte, onde as fogueiras do acampamento português brilhavam acesas no anoitecer. Os piquetes de Oliveira estavam repartidos por toda a muralha, exceto nas torres da entrada. Com sentinelas tão eficientes, Sharpe já não necessitaria empregar seus próprios fuzileiros em tarefas de piquete, mas continuava preocupado e comentou a Garrard seus temores enquanto os dois percorriam as muralhas na crescente escuridão.

— Ouvi falar de Loup — disse Garrard. — É um autêntico canalha.

— Um sacana de verdade.

— E acredita que ele virá aqui?

— Só é um pressentimento, Tom.

— Demônios, se não se importasse com seus pressentimentos, bem poderia estar cavando sua própria tumba, né? Vamos falar com o coronel.

Mas os temores de Sharpe não convenceram com tanta facilidade a Oliveira, e Joantina de Elia tampouco foi uma ajuda para a causa de Sharpe. Joantina e lorde Kiely tinham regressado depois de um dia de caça, e junto com padre Sarsfield, o coronel Runciman e meia dúzia de oficiais da Real Companhia Irlandesa, foram convidados para um jantar com os portugueses. Joantina zombou das advertências de Sharpe.

— O senhor acredita que um brigadeiro francês ia se dar a esse trabalho por um capitão inglês? — perguntou em sinal de zombaria.

Sharpe conteve a pontada de mau gênio. Estava falando com Oliveira, não com a fulana de Kiely, e não era nem o momento nem o lugar para iniciar uma disputa. Ademais, reconhecia que, de alguma obscura maneira, a aversão que Joantina e ele sentiam um pelo outro era totalmente visceral e provavelmente inevitável. Ela falava amiúde com qualquer outro oficial do forte, inclusive com Runciman, mas a simples aparição de Sharpe fazia que virasse e se afastasse sem oferecer sequer um cumprimento de cortesia.

— Sim, acredito que por mim sim ele teria esse incômodo, senhora — disse Sharpe com voz suave.

— Por quê? — perguntou Oliveira.

— Vamos, homem, responda! — disse Kiely quando Sharpe hesitou.

— E aí, capitão? — Joaquina se zombava de Sharpe. — Engoliu a língua?

— Acho que ele teria esse trabalho comigo, senhora — disse Sharpe, forçado a dar uma resposta —, porque matei dois de seus homens.

— Oh, meu Deus! — Joaquina fingiu se sentir horrorizada. — Qualquer um diria que estamos no meio de uma guerra!

Kiely e alguns dos oficiais portugueses sorriram, mas o coronel Oliveira ficou olhando para Sharpe como se sopesasse com cuidado sua advertência. Finalmente, deu de ombros.

— Por que deveria nos preocupar pelo senhor ter matado dois de seus homens? — perguntou.

Sharpe resistia a confessar, pois sabia que era um delito contra a justiça militar, mas agora não tinha saída. A segurança do forte e de todos os homens de seu interior dependia dele convencer Oliveira do verdadeiro perigo, assim que, muito a contragosto, descreveu os estupros e o massacre do povoado, e como havia capturado dois dos homens de Loup e os havia posto diante do paredão.

— O senhor tinha ordens de executá-los? — perguntou Oliveira adiantando-se.

— Não, senhor — disse Sharpe, consciente de que todos os olhos estavam fixos nele. Sabia que era um tremendo erro admitir as execuções, mas sentia a desesperada necessidade de convencer Oliveira do perigo, então descreveu como Loup havia cavalgado até o povoado para lhe pedir pelas vidas de seus homens, e apesar daquele pedido Sharpe havia ordenado que os fuzilassem. O coronel Runciman, ao ouvir o relato pela primeira vez, sacudiu a cabeça sem poder acreditar.

— Executou aqueles homens na frente de Loup? — perguntou Oliveira surpreso.

— Sim, senhor.

— Então, essa rivalidade entre Loup e o senhor é uma vingança pessoal, capitão Sharpe? — perguntou o coronel português.

— De certa forma, senhor.

— É ou não é! — alfinetou Oliveira. Era um homem enérgico e irascível que a Sharpe lhe recordava ao general Crauford, o comandante da Divisão Ligeira. Oliveira mostrava a mesma impaciência com as respostas evasivas.

— Acredito que o brigadeiro Loup atacará muito em breve, senhor — insistiu Sharpe.

— Que provas tem?

— Nossa vulnerabilidade — disse Sharpe —, e o fato de ter posto um preço por minha cabeça, senhor. — Sabia que soava pouco convincente, e se ruborizou quando Joaquina estourou em gargalhadas. Vestia o uniforme da Real Companhia Irlandesa, ainda que tinha desabotoado a casaca e a camisa, de forma que a luz das chamas brilhava em seu longo pescoço. Todos os oficiais que estavam ao redor do fogo pareciam estar fascinados por ela, e não era de admirar, pois era uma criatura de um chamativo exotismo naquele lugar de canhões,

pólvora e pedra.

Estava sentada junto a Kiely, e uma de suas mãos repousava nos joelhos dele, e Sharpe se perguntou se não acabariam de anunciar seu casamento. Havia algo que parecia ter posto de muito bom humor aos convidados para o jantar.

— Qual é o preço, capitão? — perguntou ela brincalhona.

Sharpe se mordeu a língua para não lhe responder que a recompensa seria mais que suficiente para lhe pagar por seus serviços de uma noite.

— Não sei — mentiu.

— Não pode ser muito — disse Kiely. — Por um capitão de sua idade, Sharpe? Talvez uns dois dólares? Uma bolsa de sal?

Oliveira lançou uma olhar para Kiely, e em seus olhos Sharpe viu claramente a rejeição pelas pulhas de bêbado do lorde. O coronel deu uma tragada em seu charuto e depois lançou a fumaça para por cima das velas.

— Eu dobrei o número de sentinelas, capitão — disse a Sharpe —, e se esse tal Loup vier para exigir sua cabeça, apresentaremos batalha.

— Poderia sugerir, senhor — insistiu Sharpe —, que quando venha disponha seus homens na torre da entrada?

— Não se cansa, hem, capitão Sharpe? — interrompeu Kiely. Antes da chegada do batalhão português, Sharpe havia pedido a Kiely que trasladasse a Real Companhia Irlandesa para a casa da guarda, pedido que Kiely havia recusado com soberba. — Ninguém vai nos atacar aqui — disse agora Kiely, reincidindo no argumento que havia utilizado antes —, e de toda forma, se fizerem, enfrentaremos aqueles sacanas das muralhas, não da casa da guarda.

— Não podemos lutar das muralhas... — começou a dizer Sharpe.

— Não me diga de onde podemos lutar! Maldito seja! — gritou Kiely, sobressaltando a Joaninha. — Você não é mais que um cabo com pretensões, Sharpe, não é um maldito general. Maldição, se os franceses vierem, eu os combaterei de meu modo e os derrotarei a meu modo, e não necessitarei nem de sua ajuda nem de seus conselhos!

Aquele arrebatamento fez que os oficiais se sentissem envergonhados. O padre Sarsfield franziu o cenho como se estivesse buscando algumas palavras para suavizar a situação, mas foi Oliveira quem rompeu finalmente o incômodo silêncio.

— Se vierem, capitão Sharpe — disse com seriedade —, procurarei o refúgio que o senhor aconselhou. E obrigado por suas advertências — Oliveira lhe indicou que podia se retirar.

— Boa noite, senhor — disse Sharpe, e depois se afastou.

— Aposto dez guinéus contra a recompensa por sua cabeça de que Loup não virá, Sharpe! — gritou Kiely ao fuzileiro. — O que há? Não tem coragem? Não quer aceitar uma aposta como um cavalheiro? — Kiely e Joaninha começaram a rir. Sharpe tentou ignorá-los.

Tom Garrard havia seguido Sharpe.

— Sinto muito, Dick — disse Garrard, e depois, após uma pausa, acrescentou: — É verdade que executou dois franchinotes?

— É.

— Bem feito, ainda que eu não contaria a muita gente.

— Eu sei, eu sei — disse Sharpe, e depois sacudiu a cabeça. — Maldito Kiely.

— Mas aquela mulher é singular — disse Garrard. — Lembra-me aquela garota com quem ficaste em Gawilghur. Lembra-se dela?

— Esta é uma prostituta, essa é a diferença — disse Sharpe. Por Deus, pensou, mas seu mau gênio já estava em carne viva. — Sinto muito, Tom — disse —, por tentar achar um sentido para este maldito lugar, é como disparar com pólvora molhada.

— Venha para os portugueses, Dick — disse Garrard. — Valem seu peso em ouro, e nenhum canalha de alto berço lhe torna as coisas difíceis. — Ofereceu um charuto a Sharpe. Os dois homens inclinaram suas cabeças sobre a caixa de isca de Garrard e, quando o trapo queimado se acendeu com uma faísca, Sharpe viu um desenho gravado na parte interior da tampa.

— Mantenha-a assim, Tom — disse enquanto indicava a seu amigo que não fechasse a tampa. Olhou o desenho durante alguns segundos. — Havia esquecido essas caixas — disse Sharpe. As caixas de isca eram feitas com um metal barato que precisava ser protegido da ferrugem com óleo para pistolas, mas Garrard havia conseguido de alguma maneira conservar sua caixa durante doze anos. Chegou a haver dezenas como aquela, todas feitas por um latoeiro da capturada Seringapatam, e todas com desenhos subidos de tom rudimentarmente gravados nas tampas. Na caixinha de Garrard via-se um soldado inglês em cima de uma garota de pernas compridas, cujas costas aparecia arqueada pelo êxtase. — Esse sacana poderia ter tirado primeiro o chapéu — disse Sharpe.

Garrard soltou uma risada, e depois fechou a caixa para conservar o trapo queimado.

— Ainda tem a sua?

Sharpe fez um gesto negativo com a cabeça.

— Roubaram-na faz anos, Tom. Acho que foi aquele filho da puta de Hakeswill que a pegou. Recorda-se dele? Grande ladrão e canalha.

— Santo Cristo — disse Garrard —, quase tinha me esquecido daquele merda. — Deu uma chupada no charuto, depois sacudiu a cabeça assombrado. — Quem iria acreditar nisto, Dick? Você e eu, capitães? E isso que ainda me recordo quando lhe degradaram de cabo por tomar um porre em uma procissão.

— Foram bons tempos, Tom — disse Sharpe.

— Somente porque ficaram muito para trás. Não há nada como as recordações distantes para pôr colorido em uma vida cinzenta, Dick.

Sharpe reteve a fumaça em sua boca e depois a expulsou para a noite.

— Esperemos que seja uma vida longa, Tom. Esperemos que Loup não esteja a caminho daqui. Seria uma maldita pena que todos vocês tenham vindo aqui para algumas manobras só para ser massacrados pela brigada de Loup.

— Na realidade, não estamos aqui para manobras — disse Garrard. Houve um longo e incômodo silêncio. — Pode guardar um segredo? — perguntou Garrard por fim. Os dois homens tinham chegado a um espaço aberto e escuro, onde nenhum dos *caçadores* que acampavam ao relento poderia ouvi-los. — Não chegamos aqui por acaso, Richard — admitiu Garrard. — Fomos enviados.

Sharpe ouviu ruído de passos na parte mais próxima da muralha, onde um oficial português fazia a ronda. Deu o alto para alguém, e este lhe deu a contrassenha. Era reconfortante ouvir tanta eficiência militar.

— Wellington? — perguntou Sharpe.

Garrard deu de ombros.

— Suponho. Milorde não fala comigo, mas neste exército passam muito poucas coisas sem que as aprove Nosey.

— Porém, por que lhes enviou?

— Porque não confia em vossos hispano-irlandeses. Nestes últimos dias tem corrido estranhos rumores no exército. Histórias de tropas inglesas queimando sacerdotes irlandeses e estuprando irlandesas, e...

— Já ouvimos essas histórias por aqui — interrompeu Sharpe —, e não são verdadeiras. Demônios, se até enviei a um capitão aos acampamentos para que descobrisse ele mesmo. — O capitão Donaju, ao voltar dos acantonamentos do exército com o padre Sarsfield, havia tido a gentileza de desculpar-se com Sharpe. Onde quer que Donaju e Sarsfield tivessem estado, e com quem quer que tivessem falado, não haviam podido encontrar confirmação das histórias impressas no jornal norte-americano, nem sequer entre os homens recém chegados da Irlanda.

— Ninguém pode crer naquelas histórias! — protestou agora Sharpe para Garrard.

— Porém, sejam verdades ou não — disse Garrard —, as histórias inquietam a alguém de cima, e pensam que essas história provêm de seus homens. Assim que viemos para “cuidar deles”.

— Para nos vigiar, quer dizer — disse Sharpe com sarcasmo.

— Para cuidá-los — voltou a dizer Garrard. — Ninguém está totalmente seguro sobre o que se espera que temos que fazer, além de permanecer aqui até que os Lordes decidam o que deve ser feito. Oliveira acredita que é provável que acabem enviando seus garotos para Cádiz. A você não, Dick — acrescentou apressadamente Garrard —, você não é um dos irlandeses, né? Só nos asseguraremos de que esses garotos irlandeses não possam causar problemas, e depois seus homens e você poderão voltar a ser soldados de verdade.

— Gosto desses irlandeses — disse Sharpe sem se alterar —, e eles não estão causando

problemas. Isso posso garantir.

— Não é a mim a quem tem que convencer, Dick.

É a Hogan ou a Wellington, supôs Sharpe. Que inteligente da parte de Hogan ou de Wellington enviar um batalhão português para fazer o trabalho sujo, de modo que o general Valverde não pudesse dizer que um regimento inglês havia apossado à Real Companhia Irlandesa do corpo de guarda do rei da Espanha. Sharpe lançou uma nuvem de fumaça do charuto.

— Então, Tom, esses sentinelas da muralha — disse —, não estão olhando para fora para o caso de Loup vir, né? Olham para dentro para nos vigiar?

— Olham nas duas direções, Dick.

— Bem, pois se assegure de que olham bem para fora. Porque se Loup vier, Tom, será um inferno.

— Cumprirão com suas obrigações — disse Garrard com obstinação.

E o fizeram. Os diligentes piquetes portugueses vigiavam das muralhas enquanto o frio da noite se estendia pelo vale do leste, onde uma névoa fantasmagórica abria caminho rio acima. Vigiam as prolongadas ladeiras, sempre atentos ao mínimo movimento na vaporosa escuridão, ao mesmo tempo em que, dentro do forte, alguns dos meninos da Real Companhia Irlandesa gritavam adormecidos, um cavalo relinchava e um cachorro ladrava brevemente. Duas horas depois da meia-noite, os sentinelas mudaram e os novos homens se colocaram em seus postos e voltaram a esquadrihar as ladeiras das colinas.

Às três da manhã, a coruja voou de novo para seu poleiro da capela em ruínas, com suas grandes asas brancas batendo sobre os restos fumegantes das fogueiras portuguesas.

Sharpe estivera percorrendo as rondas dos sentinelas, estudando a escura noite em busca do primeiro sinal de perigo. Kiely e sua fulana estavam na cama, assim como Runciman, mas Sharpe seguia acordado. Havia tomado todas as precauções possíveis, trasladando grandes quantidades da munição que sobrava à Real Companhia Irlandesa para a sala de estar do coronel Runciman, e repartindo o restante entre seus homens. Havia tido uma longa conversa com Donaju, ensaiando o que deviam fazer se houvesse um ataque e depois, quando achava que já tinha feito tudo o que podia, dera um passeio com Tom Garrard. Agora, seguindo a coruja, Sharpe foi para a cama. Faltavam menos de três horas para o amanhecer, e decidiu que Loup não viria aquela noite. Deitou-se e imediatamente adormeceu.

E dez minutos depois, despertou com o som dos disparos.

Quando o Lobo, finalmente, atacou.

O primeiro que soube Sharpe do ataque veio pela boca de Miranda, a garota resgatada do povoado da montanha, que gritava como uma *banshee*, e por um segundo Sharpe pensou que estava sonhando; depois, percebeu que um disparo havia precedido ao grito por menos de um segundo, e ao abrir os olhos viu que o fuzileiro Thompson agonizava por um tiro na cabeça e

sangrava como um porco. Ao ser atingido, Thompson rolou pelos dez degraus que saíam da sinuosa entrada do armazém, e agora caiu entre tremores, ao mesmo tempo em que um jorro de sangue começava a manar entre seu cabelo amassado. Levava seu fuzil quando lhe acertaram, e agora sua arma escorregou pelo piso até deter-se junto a Sharpe.

As sombras ameaçavam do alto da escada. A entrada principal do armazém conduzia a um curto túnel, que devia de ser equipado com duas portas quando o forte havia tido uma guarnição adequada e seu armazém estivera cheio de balas e pólvora. Onde deveria estar a segunda porta, o túnel girava em um abrupto ângulo reto e depois ascendia escada acima.

Uniformes cinzentos. Aquilo não era um sonho, senão uma pesadelo, pois haviam chegado os assassinos de cinza.

Sharpe agarrou o fuzil de Thompson, apontou seu cano e apertou o gatilho.

Uma explosão retumbou no porão, ao mesmo tempo em que uma labareda atravessava a nuvem de fumaça em direção dos franceses do alto da escada. Patrick Harper havia disparado sua espingarda de sete canos, e a descarga impactou nos atacantes lançando-os para a última volta do corredor, onde caíram em uma confusão de sangue e dor. Outros dois fuzileiros dispararam. O armazém se encheu do eco dos disparos, e o ar se espessou com o fedor sufocante do fumaça. Um homem e uma menina gritaram.

— Retrocedam! Retrocedam! — gritou Sharpe. — Faça calar essa maldita criança, Perkins!

O capitão dos fuzileiros pegou seu próprio fuzil e disparou com ele para a parte de cima da escada. Não podia ver nada além de pequenos pontos brilhantes lá onde as diminutas velas cintilavam através do fumaça. Os franceses pareciam ter se desvanecido, ainda que na realidade somente estavam tentando evitar a barricada de homens caídos pela descarga de Harper e as balas dos fuzis, que agora gritavam, feridos e amontoados.

Havia uma segunda escada no final do armazém, uma escada vertical em forma de hélice que subia dando voltas até as muralhas e que era desenhada para permitir que se levasse a munição diretamente aos parapeitos, de modo que não fosse necessário transportá-la pelo pátio do forte.

— Sargento Latimer! — gritou Sharpe. — Faça a recontagem! E não conte a Thompson. Vamos, vamos! — Se os franceses já tivessem chegado às muralhas, refletiu Sharpe, então seus homens e ele estavam presos e condenados a morrer como ratos em um buraco, mas não podiam perder a esperança. — Pra fora! Para fora! — Estivera dormindo de botas, de forma que só teve que agarrar seu cinturão, sua mochila e sua espada. Pendurou o cinturão ao ombro e começou a recarregar o fuzil. Seus olhos ardiam com a fumaça da pólvora. Um mosquete francês cuspiu ainda mais fumaça no alto das escadas, e sua bala ricochetou inofensiva na parede do fundo.

— Só faltam Harper e o senhor, senhor! — gritou Latimer da escada de trás.

— Saia daqui de uma vez, Pat! — ordenou Sharpe.

Ouviu-seruído de botas nas escadas. Sharpe desistiu de tentar carregar o fuzil, virou a



arma e arremeteu com sua culatra contra a sombra que apareceu entre a fumaça. O homem caiu pesado e em silêncio, derrubado pelo pancada. O sargento Harper, com sua espingarda já recarregada, disparou às cegas para a parte de cima das escadas e depois agarrou Sharpe pelo cotovelo.

— Pelo amor de Deus, senhor! Vamos!

Os atacantes de cinza desciam em manada as escadas para a escuridão cheia de fumaça. Uma pistola disparou, um homem gritou em apressado francês e outro tropeçou com o corpo de Thompson e caiu de bruços. Aquele espaço úmido como uma caverna fedia a urina, ovos apodrecidos e suor. Harper atravessou a fumaça puxando Sharpe até que chegaram ao pé das escadas do fundo, onde Latimer esperava agachado.

— Vamos, senhor! — Latimer tinha um fuzil carregado que serviria como último disparo.

Sharpe subiu correndo a incômoda escada de caracol e saiu ao ar fresco e agradavelmente limpo da noite. Latimer disparou para a confusão, e depois subiu as voltas da escada atrás de Harper. Cresacre e Hagman esperavam no alto com seus fuzis apontando para a abertura da escada.

— Não disparem! — gritou Sharpe enquanto se aproximava, depois passou junto aos dois fuzileiros e correu pela borda interior do parapeito para tentar entender todo o horror da noite.

O sargento Harper correu para a porta que levava à torre da entrada, mas se deu conta de que estava bloqueada por dentro. Golpeou a madeira com a culatra de sua espingarda de sete canos.

— Abram! — gritou. — Abram!

Hagman disparou escada abaixo e o eco de um grito subiu os degraus.

— Atrás de nós, senhor! — Gritou Perkins. Estava protegendo à aterrorizada Miranda em um dos balestreiros. — E tem mais no caminho, senhor!

Sharpe lançou uma maldição. A casa da guarda, que ele pensava que seria a salvação aquela noite, já havia sido capturada. Bastou ver que o portão estava escancarado e vigiado por soldados de uniforme cinza. Sharpe supôs que duas companhias dos *voltigeurs* de Loup, que se distinguiam pelas dragonas vermelhas, haviam conduzido o ataque, e as duas estavam agora dentro do forte. Uma companhia havia ido direto ao armazém, onde dormiam Sharpe e seus homens, enquanto que a maior parte da segunda companhia havia se dispersado em uma linha de escaramuça que agora avançava a bom passo entre os barracões. Outro esquadrão de infantaria vestida de cinza subia correndo desde o caminho para o largo parapeito da muralha.

Harper seguia tentando abrir a porta, mas dentro da torre fortificada ninguém respondia. Sharpe pendurou o fuzil no ombro meio carregado e desembainhou sua espada.

— Deixe-a, Pat! — gritou. — Fuzis! Formem uma linha junto de mim!

Agora o verdadeiro perigo era o grupo de homens que estava subindo para a muralha. Se aqueles homens conseguissem dominar as plataformas de tiro, os fuzileiros de Sharpe ficariam presos ali, enquanto o restante dos homens de Loup multiplicava-se à vontade por São Isidro.

A principal força do inimigo já se aproximava a toda pressa pelo caminho da antiga fronteira e, com uma olhada para o sul, a mais rápida que podia se permitir, Sharpe pôde ver que Loup havia lançado toda sua brigada no ataque, cuja cabeça de lança foram as duas companhias de infantaria ligeira. Maldito seja, pensou Sharpe, tudo parecia perdido. Os franceses não tinham atacado do norte, mas do sul, e ao fazê-lo já haviam capturado o ponto mais sólido do forte, o lugar que Sharpe planejava converter em uma fortaleza inexpugnável. Imaginou que as duas companhias de elite se aproximaram rastejando pelas margens da antiga pista, e cruzaram a toda velocidade a passagem elevada antes que algum sentinela pudesse dar a voz de alarme. Além disso, não lhe restava dúvida, as portas tinham sido destrancadas por dentro pela mesma pessoa que havia revelado onde Sharpe e seus homens se encontravam, lugar ao qual Loup havia enviado uma de suas duas companhias atacantes.

Mas não era este o momento de analisar as táticas de Loup, mas de expulsar das muralhas aqueles franceses que ameaçavam isolar os fuzileiros ingleses.

— Calar baionetas — ordenou, e esperou até que seus homens encaixaram as empunhaduras de suas compridas baionetas nos canos de seus fuzis. — Mantenham a calma, garotos. — Sabia que seus homens estavam desconcertados e excitados por ter despertado em um pesadelo provocado por seu inteligente inimigo, mas não era o momento de se render ao pânico. Era o momento de manter a cabeça fria e de lutar com ânimo assassino. — Acabemos com aqueles sacanas! Vamos! — Gritou Sharpe, e dispôs seus homens em uma maltratada linha ao longo das ameias iluminadas pela lua.

Os primeiros franceses que chegaram ao parapeito se ajoelharam e apontaram, mas os superavam em número, estava escuro e eles estavam sem fôlego, assim que dispararam antes do tempo e suas balas se perderam desviadas ou altas. Então, temendo ser superados na escuridão pela escura massa de fuzileiros, os *voltigeurs* deram a volta e desceram a rampa correndo para se unir à linha de escaramuça, que estava avançando entre os blocos dos barracões para os *caçadores* de Oliveira.

Sharpe decidiu que os portugueses teriam que se arrumar como pudessem. Seu dever era com a Real Companhia Irlandesa, cujos barracões gêmeos já haviam sido cercados pela vanguarda francesa. Os *voltigeurs* estavam disparando contra os barracões desde a proteção que lhes ofereciam outros edifícios, mas não se atreviam a atacar, pois os guardas irlandeses estavam devolvendo os disparos com brio. Sharpe assumiu que os oficiais da Real Companhia Irlandesa já tinham morrido ou eram prisioneiros, ainda que era possível que alguns poucos tivessem conseguido escapar das portas da casa da guarda quando os franceses irromperam nas habitações de abaixo.

— Escutem, garotos! — Sharpe levantou a voz para que todos seus fuzileiros pudessem ouvi-lo. — Não podemos ficar aqui. Esses merdas logo subirão do armazém, por isso vamos nos unir aos companheiros irlandeses. Levantaremos barricadas de dentro e seguiremos disparando. — Gostaria de poder separar seus casacas-verdes em dois grupos, um para cada um dos barracões sitiados, mas duvidava que algum homem pudesse chegar com vida ao barracão mais afastado. O mais próximo dos dois estava menos infestado de *voltigeurs*, mas também era onde se alojavam as esposas e as crianças, e também o que mais necessitava de

pólvora extra. — Estão preparados? — gritou Sharpe. — Vamos!

Desceram rapidamente da muralha justo quando a infantaria ligeira de Oliveira atacava da direita. A aparição dos *caçadores* distraiu os *voltigeurs*, e deu aos fuzileiros de Sharpe a oportunidade de cruzar o pátio até os barracões sem ter que abrir caminho lutando contra toda uma companhia de *voltigeurs*. Mas foi uma oportunidade muito breve, porque justo quando Harper começava a gritar em gaélico para ordenar à Real Companhia Irlandesa que abrisse sua porta, uma grande gritaria chegou desde a porta fortificada, que ficava à esquerda de Sharpe, anunciando a chegada da força principal de Loup. Sharpe já estava entre os barracões dos quais os *voltigeurs* estavam se retirando graças ao ataque da vanguarda portuguesa. A retirada dos franceses os conduziu em ângulo reto ao caminho que seguia Sharpe, e os homens de Loup se deram conta do perigo tarde demais. Um sargento gritou uma advertência, depois caiu ao chão pelas coronhadas da pistola de Harper. O francês havia tentado defender-se, mas a culatra da pesada arma golpeou seu crânio com doentia repetição. Outro francês tentou virar-se e correr em direção oposta; depois, vencido pelo pânico, percebeu que estava correndo para os portugueses, virou outra vez e se encontrou com a baioneta do fuzileiro Harris em sua garganta.

— *Non, monsieur!* — gritou o francês enquanto largava seu mosquete e levantava as mãos.

— Não falo o maldito franchinote, sabe? — mentiu Harris ao mesmo tempo em que apertava o gatilho. Sharpe girou bruscamente ao se esquivar do corpo que caía, desviou um tímido ataque de baioneta e derrubou o seu atacante com um só golpe de sua maciça espada. Do chão, o homem tentou cravar a baioneta no capitão dos fuzileiros, e este lhe deu duas furiosas estocadas que o deixaram gritando, sangrando e encolhido formando uma bola. Devolveu um golpe a outro francês, e depois correu para a sombra da lua no seguinte bloco de barracões vazios, onde um grupo de fuzileiros protegia Miranda. Harper ainda gritava em gaélico, uma das precauções combinadas entre Sharpe e Donaju para o acaso dos franceses empregarem alguém que falasse inglês para confundir aos defensores. Finalmente, os gritos do sargento haviam chamado a atenção dos guardas dos barracões mais próximos e abriram um pouco a porta de um extremo. Um fuzil disparou com uma labareda perto de Sharpe, e a bala atravessou assobiando a escuridão por cima de sua cabeça, enquanto atrás dele gritava um homem. Hagman já estava na porta dos barracões, onde se agachou e começou a contar os fuzileiros que iam entrando.

— Entre, Perks! — Gritou, e Perkins e Miranda cruzaram o espaço aberto encolhidos, seguidos a toda pressa por mais fuzileiros. — Estão todos a salvo, senhor, todos a salvo! — gritou o homem de Cheshire para Sharpe —, menos Harps e o senhor.

— Vá, Pat — disse Sharpe, e justo quando o irlandês começou a correr, um *voltigeur* dobrou a esquina do edifício, viu o enorme sargento dos fuzileiros e se deixou cair sobre um joelho ao mesmo tempo em que apontava com seu mosquete. Quando viu o oficial dos fuzileiros, um segundo depois, já era tarde demais para ele. Sharpe saiu de entre as escuras sombras hasteando sua espada. A lâmina atingiu o *voltigeur* justo acima dos olhos, e foi tal a ira e a força do golpe que a parte superior do crânio daquele homem saiu expelida como se fosse a casca de um ovo cozido.

— Deus salve a Inglaterra — disse Hagman ao ver o golpe da porta do barracão. — Vamos, Harps! Venha, senhor!

O pânico havia desatado entre os *voltigeurs* quando os portugueses contra-atacaram para ajudar aos fuzileiros a escapar do primeiro assalto de Loup, mas agora, quando a força principal de Loup entrava pela porta capturada, estava atenuando. Com aquelas tropas logo teriam os homens de Sharpe apanhados nos barracões.

— Colchões! Catres! — Gritava Sharpe. — Empilhem-nos atrás das portas! Pat! Atenção às janelas! Não se mova daqui, mulher! — Grunhiu para uma mulher que gritava tentando sair do barracão. Sem cortesia nenhuma puxou ela para trás. As balas golpearam os muros de pedra e levantaram lascas na porta. Havia duas janelinhas de cada lado da alongada habitação, e Harper os estava tampando com cobertores. O fuzileiro Cresacre pôs o cano de seu fuzil por uma das janelinhas meio tapada e disparou para a casa da guarda.

Sharpe e Donaju tinham discutido antes o que podia ocorrer se os franceses atacassem e, pensando no pior, haviam concordado em que a Real Companhia Irlandesa poderia ficar presa dentro de seus barracões, pelo que Donaju havia ordenado a seus homens que abrissem mais seteiras nas paredes. Fizeram o trabalho com pouco entusiasmo, mas pelo menos havia seteiras que davam aos sitiados uma oportunidade de devolver o fogo. Contudo, naquela mal iluminada penumbra, os barracões com forma de túnel pareciam um lugar de pesadelo onde ser apanhado. As mulheres e os crianças choravam, os guardas estavam nervosos, e as barricadas que se apoiavam nas portas de ambos os extremos pareciam fracas.

— Todos já sabem o que fazer — gritou Sharpe para os guardas. — Os franceses não podem entrar aqui, não podem explodir os muros sem artilharia, e não podem disparar através da pedra. Mantenham uma boa cadência de disparos e farão esses sacanas se dispersarem. — Não estava muito seguro de nada do que havia dito, mas tinha que fazer tudo o que estivesse em sua mão para devolver o ânimo aos homens.

Havia dez seteiras nos barracões, cinco em cada uma das paredes mais compridas, e cada abertura era utilizada por pelo menos oito homens. Deles, poucos eram tão eficientes carregando seus mosquetes como Sharpe teria gostado, mas com tantos homens usando cada seteira, no final seus disparos seriam quase contínuos. Tinha a esperança de que os homens do segundo barracão estivessem preparando-se de maneira similar, porque suspeitava que os franceses iam assaltar os dois barracões ao mesmo tempo.

— Alguém lhes abriu a puta porta — sussurrou Sharpe para Harper. O sargento não teve tempo de responder, pois o estrondo de um grande uivo anunciou o avanço do corpo principal de tropas de Loup. Sharpe tratou de olhar por uma fresta de uma das tapadas janelinhas, e viu uma multidão de uniformes cinzas que aparecia diante os barracões. Atrás deles, como espectros sob a luz da lua, os cavaleiros de Loup cavalgavam debaixo de seu estandarte de caldas de lobo. — É culpa minha — disse Sharpe penalizado.

— Sua, por quê? — Harper estava atacando o último cano de sua espingarda.

— O que faz um bom soldado, Pat? Aproveita o fator surpresa. Era tão evidente que Loup tinha que atacar do norte que me esqueci do sul. Maldito seja — pôs o cano de seu fuzil por

um espaço e procurou o caolho do Loup. Mate Loup, pensou, e o ataque se paralisará, mas não podia ver o brigadeiro entre a massa de uniformes cinzas contra quem acabou disparando sem apontar. O fogo inimigo rompia contra os muros de pedra sem afetar, enquanto dentro dos barracões retumbavam os disparos de mosquetes e as crianças choravam. — Que se calem essas malditas crianças! — Gritou Sharpe. O espaço escuro e fresco do barracão se viciou com o acre odor do fumaça de pólvora, o que assustava as crianças quase tanto como o ensurdecedor estrondo dos disparos. — Silêncio! — Rugiu Sharpe, e de repente se fez um silêncio entrecortado, exceto por um bebê que chorava sem cessar. — Que se cale essa maldita coisa! — Gritou Sharpe para a mãe. — Bata nele se for preciso! — Em vez disso, a mãe pôs um de seus seios na boca do bebê, o que parou o pranto efetivamente. Algumas mulheres e os meninos maiores ajudavam carregando os mosquetes reserva e amontoando-os junto às janelas. — Não suporto aos pirralhos quando choram — resmungou Sharpe enquanto recarregava seu fuzil —, nunca os suportei e nunca os suportarei.

— O senhor foi um bebê uma vez, senhor — disse Daniel Hagman a modo de censura. O caçador ilegal convertido em fuzileiro era muito dado àqueles momentos sentenciosos.

— E adoeci uma vez, demônios, mas isso não significa que me tenha que gostar da doença, né? Algum de vocês conseguiu identificar àquele sacana do Loup?

Ninguém o havia visto, e de momento a massa da brigada Loup havia passado pelos dois barracões atrás dos portugueses, que retiraram sua vanguarda e formaram duas linhas para poder trocar disparos com seus atacantes. O combate era iluminado pela meia lua e o brilho trêmulo das brasas das fogueiras, acompanhado pelos clarões aqui e lá. Os franceses haviam deixado de uivar como lobos quando a luta se tornou desalentadora, mas mesmo assim tinham de seu lado tudo para ganhar. Superavam em número aos portugueses, que, despertando em um desconcertante pesadelo, enfrentavam homens armados com mosquetes de carregamento rápido, enquanto eles estavam equipados com fuzis Baker de carga mais lenta. Mesmo que carregassem pela metade, abandonando as baquetas e os pedaços de couro que prendiam a bala ao cano, não poderiam competir contra a velocidade das bem instruídas forças francesas. Além disso, os *caçadores* de Oliveira eram treinados para combater em terreno aberto, para acostrar e ocultar-se, para correr e disparar, e não para trocar fogo pesado no letal enfrentamento de primeira linha de batalha.

Apesar de tudo, os *caçadores* não se rendiam facilmente. A infantaria francesa tinha dificuldades para localizar a infantaria portuguesa na prateada escuridão, e quando estabeleceram a localização onde formava a linha, as companhias francesas necessitaram um tempo para se reagrupar e formar sua própria linha de três filas. Mas quando os dois batalhões franceses estavam por fim em posição, solaparam o pequeno batalhão português e os flancos dos franceses começaram a pressionar para o interior. Os portugueses contra-atacaram com fúria. As labaredas dos fuzis apunhalavam a noite. Os sargentos gritavam para que as filas se fechassem para o centro conforme homens caíam sob as pesadas balas dos mosquetes franceses. Um soldado caiu nas brasas de uma fogueira e lançou um terrível alarido quando a bolsa de seus cartuchos explodiu, abrindo-lhe nas costas um buraco do tamanho de um embornal. Seu sangue sussurrou e borbulhou nas brasas vermelhas enquanto morria. O coronel

Oliveira percorria as filas atrás de seus homens, sopesando o progresso do combate e dando-o finalmente por perdido. Aquele maldito fuzileiro inglês tinha razão. Deveriam ter buscado refúgio nos blocos dos barracões, mas agora os franceses estavam entre ele e sua salvação, e Oliveira pressentiu a calamidade que se aproximava e soube que pouco podia fazer para evitá-la. E suas possibilidades se reduziram ainda mais quando ouviu o sinistro e inconfundível repicar dos cascos de cavalos. Os franceses tinham a sua cavalaria dentro do forte.

O coronel enviou seus porta-estandartes para as muralhas do norte.

— Procurem algum lugar aonde se entrincheirar — ordenou. Nos bastiões havia velhos armazéns e muralhas derrubadas que haviam formado escuras cavidades entre as ruínas, e ainda era possível que os estandartes do regimento evitassem sua captura se os escondessem na maranha de úmidos porões e pedras caídas. Oliveira esperou enquanto seus aflitos homens disparavam outro par de descargas, e depois deu a ordem de retirada. — Atenção, agora! — Gritou. — Atenção! Retirem-se para as muralhas! — Viu-se forçado a abandonar seus caídos, ainda que alguns dos homens ensanguentados e feridos tentassem se retirar se arrastando ou coxeando com as filas. Os uniformes franceses avançaram ainda mais, depois chegou o momento que Oliveira mais temia quando, na escuridão da noite, ressoou um trompete acompanhado do som de espadas ao sair de suas bainhas. — Vamos! — Gritou Oliveira para seus homens. — Vamos!

Seus homens romperam filas e correram para as muralhas justo quando a cavalaria começou a carregar, convertendo-se assim os *caçadores* na presa sonhada por todos os cavaleiros: uma unidade quebrada de homens dispersos. Os dragões cinzentos investiram contra as filas em retirada com suas pesadas espadas. O próprio Loup encabeçou a carga e fez de propósito que fosse ampla para poder girar e, com um movimento envolvente, empurrar os fugitivos contra o avanço de sua infantaria.

Algumas das companhias da ala esquerda de Oliveira conseguiram alcançar a muralha. Loup viu os uniformes escuros subindo a toda pressa por uma das rampas para munição, e se conformou em deixá-los escapar. Cruzavam os muros e fugiam para os vales, o restante de seus dragões lhes caçaria como se fossem animais, e se ficassem nas muralhas, seus homens de dentro do forte São Isidro acabariam com eles. A preocupação mais urgente de Loup eram os homens que estavam tentando se render. Dúzias de soldados portugueses, com os fuzis descarregados, permaneciam quietos com as mãos para cima. Loup trotou até um daqueles homens, sorriu e depois o derrubou com um golpe de lado que quase lhe separou a cabeça do corpo.

— Não façam prisioneiros! — gritou Loup a seus homens. — Não façam prisioneiros! — Não podia dificultar sua retirada do forte por alguns prisioneiros, e também a matança de todo um batalhão serviria para advertir ao exército de Wellington de que, ao chegar à fronteira espanhola, haviam se encontrado com um inimigo novo e mais duro que as tropas que expulsaram de Lisboa. — Matem-nos a todos! — Gritou o brigadeiro. Um *caçador* apontou para Loup, disparou e a bala passou a poucos centímetros da curta barba grisalha do brigadeiro. Loup riu, esporeou seu cavalo cinzento e abriu caminho entre a aterrorizada

infantaria para caçar o infeliz que tinha se atrevido a tentar matá-lo. O homem correu com desespero, mas Loup galopou atrás dele e descarregou sua espada em um golpe sujo que deixou o espinhaço do homem aberto para a noite. O homem caiu, retorcendo-se e gritando. — Deixe-o! — Loup gritou para um soldado francês que tinha sentido a tentação de dar ao desgraçado seu *coup de grâce*. — Deixe que morra com dor — disse Loup. — Ele mereceu.

Os sobreviventes do batalhão de Oliveira dispararam com seus mortíferos fuzis desde a muralha, e Loup virou para afastar-se deles.

— Dragões! Desmontem! — Deixaria que sua cavalaria caçasse a pé os desafiantes sobreviventes, enquanto sua infantaria lidava com a Real Companhia Irlandesa e os fuzileiros que, ao que parece, haviam se refugiado nos edifícios dos barracões. Era uma lástima. Loup tinha a esperança de que sua vanguarda tivesse prendido Sharpe e seus malditos casacas verdes no armazém, e que a estas alturas ele já teria tido o prazer de infligir sua vingança excelentemente dolorosa pelos dois homens que Sharpe havia assassinado. Mas aquele maldito casaca-verde havia escapado, e ele ia precisar arrancá-lo dos barracões da mesma forma como se desenterra uma raposa ao final de um longo dia de caça. Loup orientou seu relógio para a lua enquanto tentava calcular quanto tempo levaria para destroçar os barracões.

— Monsieur! — gritou uma voz quando o brigadeiro fechou seu relógio e descia de sua sela. — Monsieur!

Ao se virar, Loup se encontrou com um oficial português de rosto magro e chateado agarrado com força por um cabo francês.

— Monsieur? — respondeu cortesmente Loup.

— Sou o coronel Oliveira e devo protestar, *monsieur*! Meus homens estão se rendendo e seus homens continuam matando-os! Somos seus prisioneiros!

Loup conseguiu sacar um charuto de seu porta-fólio e se aproximou de uma brasa mortífera para acendê-lo.

— Os bons soldados não se rendem — disse a Oliveira —, simplesmente morrem.

— Mas estamos nos rendendo — insistiu com amargura Oliveira. — Pegue minha espada.

Loup se endireitou, chupou seu charuto e fez um gesto para o cabo.

— Solte-o, Jean.

Oliveira se soltou das mãos do cabo.

— Devo protestar, *monsieur* — disse com irritação. — Seus soldados estão matando homens que têm as mãos para cima.

Loup deu de ombros.

— Na guerra ocorrem coisas terríveis, coronel. Agora, dê-me sua espada.

Oliveira desembainhou seu sabre, virou a lâmina para si mesmo e estendeu a empunhadura para o dragão de rosto austero.

— Sou seu prisioneiro, *monsieur* — disse com voz penalizada pela vergonha e a raiva.

— Ouviram isso! — gritou Loup para que todos seus homens pudessem ouvir. — Eles se renderam! São nossos prisioneiros! Veem? Tenho o sabre de seu coronel! — pegou o sabre de Oliveira e descreveu florituras no ar cheio de fumaça. A cortesia exigia que agora devolvesse a arma a seu inimigo derrotado, dando-lhe liberdade sob palavra, mas em vez de fazê-lo Loup sopesou a lâmina como se comprovasse sua efetividade. — Uma arma passável — disse à contragosto; depois olhou para os olhos de Oliveira. — Onde estão seus estandartes, coronel?

— Nós os destruimos — disse Oliveira desafiante. — Foram queimados.

O sabre descreveu um arco prateado à luz da lua e o sangue manou negro do corte no rosto de Oliveira, no qual o fio havia aberto um corte em seu olho esquerdo e seu nariz.

— Não acredito em você — disse Loup, e depois esperou até que o sobressaltado e ensanguentado coronel recuperasse o sentido. — Onde estão seus estandartes, coronel? — Loup voltou a perguntar.

— Vá ao inferno — disse Oliveira. — Você e seu asqueroso país — com uma de suas mãos apertava seu olho ferido.

Loup lançou o sabre para o cabo.

— Averigue onde estão os estandartes, Jean, e depois mate este imbecil. Faça-lhe alguns cortes se não quiser dizer. Qualquer homem solta a língua para manter as bolas coladas ao corpo. E ao restante de vocês — gritou para seus homens, que tinham parado para observar a confrontação entre os dois oficiais comandantes —, isto não é uma merda festival da colheita, é uma batalha! Então comecem a fazer seu trabalho! Matem todos aqueles merdas!

Os gritos começaram de novo. Loup voltou a chupar seu charuto, sacudiu as mãos e caminhou para os barracões.

Os cachorros de dona Joanhina começaram a uivar. O som fez que ainda mais crianças chorassem, mas uma olhada de Sharpe foi suficiente para fazer que as mães fizessem calar o sofrimento de seus filhos. Um cavalo relinchou. Através de uma seteira, Sharpe pôde ver que os franceses levavam os cavalos capturados dos oficiais portugueses.

Deu por certo que já teriam levado os cavalos da companhia irlandesa. A tranquilidade tinha se estendido pelo barracão. A maioria dos atacantes franceses tinham ido perseguir os portugueses, e só tinham ficado para trás os homens da infantaria necessários para manter presos os homens do interior dos barracões. A cada poucos segundos, uma bala de mosquete batia contra a pedra, recordando a Sharpe e a seus homens que os franceses seguiam vigiando todas as portas e janelas bloqueadas.

— Esses sacanas devem ter capturado o barrigudo do Runciman — disse Hagman. — Não posso nem imaginar o general sobrevivendo à base de rações de prisioneiro.

— Runciman é um oficial, Dan — disse Cooper, que estava apontando com seu fuzil por uma das seteiras, observando o seu alvo. — Não terá que conformar-se com essas rações. Dará sua palavra e o alimentarão com boas Viandas franchinotes. Ficarà inclusive mais gordo.



Já o tenho, filho da puta. — Apertou o gatilho e depois tirou seu fuzil da fenda para deixar que outro homem se pusesse em seu posto. Sharpe, que estivera atento à conversa, suspeitava que o antigo general responsável pela bagagem seria muito afortunado se o tivessem feito prisioneiro. Pois, se Loup lutasse sendo fiel a sua reputação, era mais que provável que Runciman jazesse degolado em sua cama com sua camisola de flanela e seu gorrinho com borla para dormir empapados em sangue.

— Capitão Sharpe, senhor! — chamou Harper do outro extremo do bloco. — Aqui, senhor!

Sharpe abriu passagem entre os colchões de palha jogados no piso de terra batida. Dentro dos bloqueados barracões, o ar fedia e as poucas velas que restavam acesas vacilavam. Uma mulher cuspiu quando Sharpe passou a seu lado e Sharpe se voltou para ela.

— Era melhor estar lá fora sendo estuprada, né, prostituta estúpida? Eu mesmo a jogarei para fora com gosto, se é o que quer, cachorra.

— Não, *senhor* — a cólera da mulher se esfumou.

O marido, agachado junto a uma seteira, tentou pedir desculpas por sua mulher.

— É porque que as mulheres estão assustadas, senhor.

— Pois nós também. Qualquer um que não seja um louco estaria assustado, mas essa não é razão para perder as boas maneiras — Sharpe se dirigiu para onde estava Harper, que esperava ajoelhado ao lado do monte de sacos recheados de palha que haviam servido como colchões e que agora bloqueavam a porta.

— Há um homem o chamando, senhor — disse Harper. — Acho que é o capitão Donaju.

Sharpe se agachou perto da seteira mais próxima da porta bloqueada.

— Donaju! É você?

— Estou no barracão dos homens, Sharpe. Só queria que soubesse que estamos todos bem.

— Kiely está com você?

— Não. Não sei o que terá sido dele.

A Sharpe tampouco lhe preocupava muito.

— Sarsfield está aí? — perguntou a Donaju.

— Temo que também não — respondeu Donaju.

— Mantenha o ânimo, Donaju! — disse Sharpe. — Esses filhos da puta partirão quanto amanhecer! — Sentiu um estranho alívio ao saber que o capitão se estava encarregando da defesa do outro barracão, pois Donaju, apesar de sua timidez e aspecto retraído, estava demonstrando que era um muito bom soldado. — É uma pena o destino do padre Sarsfield — disse Sharpe a Harper.

— Deve ter ido direitinho ao céu — disse Harper. — E não há muitos padres dos que se possa dizer isso. A maioria deles são uns verdadeiros demônios com o uísque, as mulheres e

os meninos, mas Sarsfield sim era um bom homem, um verdadeiro bom homem. — O tiroteio do extremo norte do forte cessou, e Harper fez o sinal da cruz sobre seu peito. — Também é uma pena o fim dos pobres sacanas portugueses — acrescentou, ao dar-se conta do que significava a pausa no som do combate.

Pobre Tom Garrard, pensou Sharpe. A menos que Garrard seguisse vivo. Tom sempre havia tido sorte na vida. Sharpe e ele haviam estado agachados na abrasadora poeira vermelha da fenda de Gawilghur enquanto o sangue dos corpos de seus camaradas fluía como riachos por um escarpado. O sargento Hakeswill estava lá, gaguejando como um macaco enquanto tentava se esconder debaixo do cadáver de um tamborileiro. Maldito Obadiah Hakeswill, que também proclamava ter muita sorte em sua vida, ainda que Sharpe não podia acreditar que aquele sacana ainda seguisse vivo. O mais provável era que tivesse morrido de varíola ou destroçado pelas balas de um pelotão, se é que restava um pouco de justiça num mundo tão mau.

— Vigie o teto — Sharpe disse a Harper. O teto do barracão era um arco contínuo de alvenaria desenhado para resistir à queda de um projétil de morteiro inimigo, mas o tempo e a desatenção haviam debilitado sua força. — Encontrarão um ponto fraco — disse Sharpe —, e tentarão atravessá-lo para chegar até nós — e será logo, pensou para si mesmo, pois o espesso silêncio do forte atestava que Loup havia acabado com Oliveira, e que agora viria buscar a sua verdadeira presa: o capitão dos fuzileiros que zombara dele. A hora seguinte prometia ser nefasta. Sharpe levantou a voz enquanto caminhava de volta para o outro lado da habitação. — Sigam disparando quando comece o ataque! Não apontem, não esperem, só disparem e deixem a seteira livre para o seguinte. Chegarão aos muros do barracão, não podemos evitar, e tentarão entrar pelo teto, portanto tentem ficar atentos ao que vem de cima. Assim que vejam a luz das estrelas, disparem. E recordem, logo amanhecerá e eles não ficarão depois que o sol surja. Sem dúvida não se arriscarão a que nossa cavalaria lhes corte a retirada. Agora, boa sorte, garotos.

— E que Deus os abençoe a todos — acrescentou Harper desde a penumbra do outro lado da habitação.

O ataque chegou com um bramido parecido à cheia que se produz ao abrir as comportas de uma eclusa.

Loup havia ocultado todos seus homens atrás de alguns barracões próximos, e depois os lançou em uma carga desesperada contra os dois barracões da muralha norte. O motivo daquela desesperada manobra era conseguir que a infantaria francesa pudesse atravessar rapidamente a perigosa faixa de terreno coberta pelos mosquetes e fuzis de Sharpe. As armas seguiam disparando e enchendo os barracões com ainda mais fumaça fétida, mas o terceiro ou quarto disparo de cada seteira soou endiabradamente alto, e de repente um homem se jogou para trás maldizendo o retrocesso de seu mosquete, que lhe golpeou o pulso.

— Estão bloqueando os buracos! — gritou outro homem.

Sharpe correu até a seteira mais próxima do muro norte e introduziu seu fuzil pelo orifício. A boca do cano bateu contra a pedra. Os franceses estavam amontoados blocos de alvenaria

contra a abertura exterior das seteiras, acabando assim de maneira efetiva com os disparos de Sharpe. Também estavam subindo ao teto, onde as botas francesas faziam um som abafado de arranhões, como ratos em um ático.

— Jesus Cristo! — Um homem olhava desanimado para cima. — Santa Maria, Mãe de Deus... — começou a rezar com tom lastimoso.

— Cale-se! — disse Sharpe com brusquidão. Podia ouvir o som tilintante do metal raspando a pedra. Quanto tardaria o teto em ceder e deixar entrar uma avalanche de vingativos franceses? Dentro do barracão, uma centena de rostos pálidos olhavam fixamente para Sharpe, esperando uma resposta que ele não podia lhes dar.

Foi Harper quem achou a solução. Subiu sobre a enorme pilha de sacos cheios de palha que havia junto da porta para poder alcançar o ponto mais alto da parede, onde um pequeno buraco servia de chaminé e de ventilação. O buraco ficava muito alto para que os franceses o tapassem, e baixo o bastante para oferecer a Harper um campo de tiro ao longo do telhado do barracão de Donaju. As balas saíam muito altas, assim que seriam só uma ameaça para os franceses que estavam mais perto de Harper, mas se pudesse disparar balas suficientes, pelo menos poderia retardar o ataque contra Donaju, e rezou para que este lhe devolvesse o favor.

Harper abriu fogo com sua espingarda de sete canos. O estrondo levantou o eco de um canhão de trinta e duas libras em todo o barracão. Um berro respondeu ao disparo, que havia varrido o espaço até o outro telhado como uma descarga de metralha. Agora foram passando de um em um fuzis e mosquetes ao enorme sargento, que disparava uma e outra vez sem molestar-se em apontar, disparando as balas para a massa cinzenta que fervia sobre o teto vizinho. Depois de meia dúzia de disparos, a massa começou a desagregar-se quando os homens desceram em busca de refúgio no chão. O fogo de resposta golpeou como uma série de golpes surdos na seteira de Harper, causando mais poeira que perigo. Perkins havia recarregado a espingarda de sete canos, e Harper voltou a disparar com ela justo quando um mosquete chamejava no mesmo buraco de ventilação do barracão de Donaju. Sharpe ouviu o som de um atrito acima dele, quando as botas de um francês desciam e escorregando pela curva exterior até a base do muro. “Boa, Donaju!”, pensou o fuzileiro.

Dentro do barracão, um homem gritou quando uma bala de mosquete o lançou para trás. Os franceses estavam destampando as seteiras ao acaso e disparavam para dentro do barracão, onde mulheres e crianças permaneciam encolhidos e gemicavam. Os sitiados se encolheram longe das linhas de fogo das seteiras, a única defesa que tinham. Harper seguia disparando, ao mesmo tempo em que um grupo de homens e mulheres carregava as armas para ele, mas a maioria dos ocupantes dos barracões somente podiam esperar na penumbra cheia de fumaça e rezar. O ruído era infernal: uma cacofonia de disparos, sons metálicos e roçaduras, e sempre, como uma horripilante promessa da horrível morte que a derrota anunciava, o feroz uivo de lobo dos homens de Loup ao redor dos barracões.

De uma parte do teto começou a cair poeira. Sharpe afastou todo mundo da zona ameaçada, depois a rodeou com homens com mosquetes carregados.

— Se cair uma só pedra — disse —, disparem sem cessar como demônios.

Era difícil respirar aquele ar. Estava carregado de poeira, fumaça e o fedor da urina. As baratas velas de junco vacilavam. Agora havia meninos chorando por todo o barracão, e Sharpe não podia fazer que se calassem. As mulheres choravam também, enquanto as vozes abafadas dos franceses zombavam de suas vítimas, prometendo indubitavelmente que às mulheres lhes dariam algo melhor que a fumaça para chorar.

Hagman tossiu e depois cuspiu no piso.

— Isto é como uma mina de carvão — disse.

— Esteve alguma vez em uma mina de carvão, Dan? — perguntou Sharpe.

— Passei um ano metido em uma mina em Derbyshire — disse Hagman, e depois deu um sobressalto quando a labareda de um mosquete entrou por uma seteira próxima. A bala se esmagou sem causar estrago na parede da frente. — Era só um criança — seguiu Hagman. — Se meu pai não tivesse morrido e minha mãe não tivesse se mudado outra vez para casa de sua irmã em Handbridge, ainda estaria lá. Ou morto, que é bem mais provável. Somente os mais afortunados completam trinta anos em uma mina. — Estremeceu quando um imenso estrondo rítmico começou a reverberar pelo espaço em forma de túnel do barracão. Ou os franceses tinham trazido uma marreta com eles, ou estavam utilizando um tronco como aríete. — Somos como os três porquinhos em sua casa, não? — disse Hagman na ressonante escuridão —, com o lobo grande e mau soprando e ofegando aí fora.

Sharpe apertou seu fuzil. Estava suando e a culatra de seu fuzil parecia gordurenta.

— Quando eu era um menino — disse —, nunca acreditei que os porcos pudessem se livrar do lobo.

— Bem, os porcos não costumam fazê-lo — disse Hagman com gravidade. — Se esses malditos seguem dando esses golpes, vão me deixar com dor de cabeça.

— Não pode faltar muito para que amanheça — disse Sharpe, ainda que na realidade não sabia se Loup ia se retirar com as primeiras luzes. Para seus homens havia contado que o francês se iria com a alvorada para lhes dar esperanças, mas talvez não tivessem esperança alguma. Talvez estivessem todos condenados a morrer nas ruínas reviradas dos barracões abandonados, onde seriam furados com baionetas e crivados por uma brigada francesa de elite que havia vindo para destruir a sua maltratada força de infelizes irlandeses.

— Atenção! — gritou alguém. Caiu mais poeira do teto. Até agora os velhos barracões haviam resistido surpreendentemente bem ao ataque, mas a primeira brecha na alvenaria parecia iminente.

— Não disparem! — ordenou Sharpe. — Esperem até que tenham entrado!

Um punhado de mulheres ajoelhadas passavam as contas de seus rosários, balançando-se para frente e para trás sobre seus joelhos enquanto recitavam a Ave Maria. Perto, um grupo de homens esperava com rostos expectantes, com os mosquetes apontados para o ameaçador espaço do teto. Atrás deles, um punhado exterior de homens esperava com mais armas carregadas.

— Odiava a mina de carvão — disse Hagman. — Sempre me assustou a ideia de entrar no poço. Ali os homens morriam sem nenhuma razão. Nenhuma! Simplesmente os encontrávamos mortos, em paz se o senhor quiser, adormecidos como bebês. E eu pensava que os demônios haviam saído do centro da terra para levar suas almas.

Uma mulher gritou quando um bloco de alvenaria se moveu e ameaçou cair.

— Pelo menos não tinham mulheres escandalosas nas minas — disse Sharpe a Hagman.

— Claro que sim, nós as tínhamos, senhor. Umas trabalhavam conosco, e também havia outras senhoritas que trabalhavam para si mesmas, se entende o que quero dizer. Havia uma chamada a Anãzinha, recordo-me bem dela. Cobrava um penique por cada vez. E nos cantava todos os domingos, pode ser que um salmo ou algum dos hinos do senhor Wesley. “Carinhoso Salvador, fujo da tempestade para seu seio protetor” — Hagman sorriu brincalhão na sufocante escuridão. — Pode ser que o senhor Wesley tivesse algum problema com os franchinotes, não, senhor? Pelo menos é o que parece. O senhor conhece os hinos do senhor Wesley, senhor? — perguntou a Sharpe.

— Nunca fui dos que vão à igreja, Dan.

— A Anãzinha não era exatamente de igreja, senhor.

— Porém, foi a primeira mulher com quem você esteve? — aventurou Sharpe.

Na escuridão, Hagman se ruborizou.

— E nem ao menos me cobrou.

— Pois hurra para a Anãzinha — disse Sharpe, e depois levantou seu fuzil quando, por fim, uma seção do teto cedeu e caiu contra o piso em uma confusão de poeira, gritos e ruído. O irregular orifício tinha menos de um metro de largura e, para lá da poeira que o escurecia, as figuras espectrais dos soldados franceses pareciam ameaçadores gigantes. — Fogo! — berrou Sharpe.

A roda de mosquetes disparou, seguido poucos segundos depois pelo segundo anel de armas quando mais homens dispararam ao espaço. A resposta francesa ficou estranhamente emudecida, quase como se os atacantes tivessem sido surpreendidos pela quantidade de fogo de mosquete que saía agora através do respiro que acabavam de abrir. Homens e mulheres recarregavam frenéticos e passavam as armas recém carregadas para frente, e os franceses, afastados da borda do buraco pela impressionante força da descarga, começaram a lançar rochas dentro do barracão. As pedras chocavam-se inofensivas contra o piso.

— Tampem as seteiras! — ordenou Sharpe, e os homens bloquearam as aberturas com as pedras que os franceses estavam jogando, para assim deter as esporádicas balas. Melhor ainda, o ar começou a tornar-se mais fresco. Inclusive as chamas das velas recobriram vida e iluminaram os cantos mais escuros do abarrotado e aterrorizado barracão.

— Sharpe! — gritou uma voz de fora do barracão. — Sharpe!

Os franceses interromperam seus disparos por um momento, e Sharpe ordenou a seus homens que cessassem fogo.

— Recarreguem, garotos! — Sua voz soou triunfante. — Sempre é bom sinal quando os sacanas queiram falar em vez de seguir lutando. — Aproximou-se do buraco do teto. — Loup? — gritou.

— Saia aqui, Sharpe — disse o brigadeiro —, entregue-se e pouparemos a vida de seus homens.

Era uma oferta o bastante astuta, ainda que até Loup sabia que o capitão dos fuzileiros não aceitaria; contudo, não esperava que Sharpe aceitasse, queria que a companhia dos fuzileiros o entregasse, como Jonas foi entregue ao oceano por seus companheiros de barco.

— Loup? — gritou Sharpe. — Vá ao inferno. Pat? Abram fogo!

Harper disparou uma descarga de balas de meia polegada para o outro barracão. Os homens de Donaju ainda estavam vivos e seguiam lutando, e agora os homens de Loup voltaram à vida quando o combate recebeu novo brio. Uma frustrada rajada de balas de mosquete impactou ao redor da seteira de Harper. Uma das balas ricocheteou e se chocou contra a culatra de seu fuzil. Harper soltou uma maldição porque o golpe lhe doera, e depois disparou com o fuzil para o teto da frente.

O som de mais passos apressados anunciou um novo ataque. Os homens que estavam debaixo da brecha na alvenaria dispararam para cima, mas de repente uma descarga de fogo entrou em tromba pelo buraco. Loup havia enviado todos os homens disponíveis ao teto, e os atacantes foram capazes de igualar a fúria das rajadas dos defensores. Os guardas da Real Companhia Irlandesa retrocederam ante os disparos.

— Esses sacanas estão em todos lados! — disse Harper, e depois se inclinou ao ressoar um golpe sobre o teto de pedra por cima de sua cabeça. Agora os franceses estavam tentando atravessar o telhado justo ao lado do ninho de águia de Harper. As mulheres gritavam e cobriam os olhos. Tinha um menino sangrando devido a uma bala que ricocheteou.

Sharpe sabia que a luta estava chegando ao seu fim. Podia sentir a derrota. Supôs que havia sido inevitável desde o momento em que Loup se antecipara aos defensores do forte de São Isidro e superara sua estratégia. Sabia que em qualquer momento uma onda de franceses irromperia do buraco no teto, e ainda que morressem alguns poucos dos inimigos que entrassem no barracão, a segunda onda viveria para combater sobre os cadáveres de seus companheiros e vencer assim a batalha. E, depois, o quê? Sharpe sentiu um arrepio ao pensar na vingança de Loup, a faca em sua virilha, o corte arrebatador e a dor acima de todas as dores. Olhou para o buraco do teto com o fuzil preparado para um último disparo, e se perguntou se não seria melhor apoiar seu queixo na boca do cano e explodir sua cabeça.

Então o mundo inteiro tremeu. Começou a cair poeira de todas as juntas da alvenaria, ao mesmo tempo em que um clarão de luz iluminava abrasador das bordas da brecha do teto. Um segundo depois, o retumbante e ruidoso estrondo de uma grande explosão se estendeu sobre o barracão, afogando inclusive os furibundos disparos dos mosquetes franceses de fora e os desesperados gemidos das crianças de dentro. A agonizante explosão reverberou contra a entrada fortificada para voltar de novo ao interior do forte, enquanto caíam do céu lascas de madeira que repicavam sobre o teto.

A seguir, houve uma espécie de silêncio inesperado. O fogo dos franceses havia parado. Em algum lugar perto do barracão, um homem gemia ao inalar e gemicava ao exalar. O céu parecia mais luminoso, mas a luz era intensa e avermelhada. Um pedaço de pedra ou de madeira caiu roçando e quicando pelo lado curvo do barracão. Ouviam-se lamentos e prantos de homens, e mais longe dali, o crepitar do fogo. Daniel Hagman afastou alguns dos colchões de palha que bloqueavam a porta e deu uma espiada por um buraco de bala que atravessava a madeira.

— É a munição portuguesa — disse Hagman. — Havia duas carroças cheias encostadas por aí, senhor, e algum puto francês enlouquecido deve ter estado brincando com fogo.

Sharpe desimpediu uma das seteiras e descobriu que estava limpa do outro lado. Um francês com seu uniforme cinza em chamas passou cambaleando por seu campo de visão. Agora, no silêncio posterior à grande explosão, pôde ouvir mais homens soluçando e gemendo.

— Essa explosão arrancou aqueles merdas dos tetos, senhor! — gritou Harper.

Sharpe correu para a brecha do teto e ordenou a um homem que se pusesse de quatro no piso. Depois, usando a costas do homem como ponto de apoio, saltou para cima e se agarrou à borda fraturada da alvenaria.

— Empurrem-me para cima! — ordenou.

Alguém empurrou suas pernas para cima, e ele trepou com torpeza pelo buraco. O interior do forte parecia queimado e chamuscado. As duas carroças de munição haviam explodido em pedaços, espalhando o caos entre os vitoriosos franceses. O teto estava empapado em sangue, e uma confusão de corpos jazia no solo perto do barracão, onde os sobreviventes da explosão perambulavam confusos. Um homem desnudo, enegrecido e sangrando, dava tombos entre aqueles aterrorizados franceses. Um dos confusos soldados de infantaria viu Sharpe, mas não teve forças ou talvez lhe faltou o sentido para levantar seu mosquete. Parecia ter uns trinta ou quarenta mortos, e talvez outros tantos malferidos; não eram muitas baixas para o milhar de homens que Loup havia levado a São Isidro, mas o desastre tinha varrido toda a confiança da brigada do lobo.

E Sharpe viu que tinha ainda melhores notícias. Porque através das espirais de fumaça e poeira, através da cinzenta escuridão da noite e o ameaçador resplendor do fogo, uma linha prateada aparecia a leste. A luz da alvorada estava brilhando, e com o sol nascente chegaria um piquete da cavalaria aliada para averiguar por que se elevava tanta fumaça do forte de São Isidro.

— Nós ganhamos, meninos — disse Sharpe enquanto voltava ao piso do barracão de um salto. Não era totalmente verdade. Não tinham ganhado, simplesmente haviam sobrevivido, mas desta vez a sobrevivência tinha um pouco do sabor da vitória, e ainda mais quando, meia hora depois, os homens de Loup abandonaram o forte. Lançaram outro par de ataques sobre os barracões, mas foram assaltos débeis, meros gestos de obstinação, pois a explosão havia arrancado o entusiasmo do regimento de Loup. Assim que, com as primeiras luzes, os franceses se foram e levaram seus feridos com eles. Sharpe ajudou a dismantelar a barricada

interna da porta do barracão que tinha mais perto, e depois saiu precavido para uma manhã fresca e cheia de fumaça que fedia a sangue e a fogo. Tinha seu fuzil carregado, para o caso de Loup ter deixado para trás algum franco-atirador, mas ninguém lhe disparou sob aquela luz nacarada. Atrás de Sharpe, como homens que acabassem de livrar-se de um pesadelo, os fuzileiros saíram com cautela para a luz do dia. Donaju saiu do segundo barracão, e insistiu em dar a mão a Sharpe, quase como se o fuzileiro tivesse conseguido algum tipo de vitória. Não havia sido assim. De fato, Sharpe estivera a um palmo de distância de uma derrota ignominiosa.

Mas agora, apesar de tudo, estava vivo e o inimigo tinha partido.

O que significava, Sharpe sabia, que o verdadeiro problema estava a ponto de começar.



---

## CAPÍTULO 5

Durante toda a manhã entraram mais e mais *caçadores* no forte. Uns poucos tinham escapado escondendo-se nas partes em ruínas da muralha norte, mas a maioria dos sobreviventes havia fugido cruzando a muralha e refugiando-se ao pé do penhasco que dominava o forte de São Isidro. Aqueles afortunados observaram com terror de seus esconderijos como outros fugitivos eram caçados e massacrados pelos dragões cinzentos.

Oliveira trouxera uns quatrocentos fuzileiros ao forte. Agora mais de cento e cinquenta estavam mortos, setenta estavam feridos e outros tantos tinham desaparecido. Cerca de um quarto do regimento português desfilou ao meio-dia. Haviām sofrido uma terrível derrota depois de serem sobrepujados em um espaço fechado por um inimigo quatro vezes superior em número; mesmo assim, não estavam destruídos totalmente e seus estandartes seguiam ondeando. Aquelas bandeiras tinham passado toda a noite escondidas apesar dos esforços de Loup para encontrá-las. O coronel Oliveira estava morto e seu corpo dava espantosas provas de como tinham acabado com ele. A maioria dos outros oficiais também tinham sido massacrados.

A Real Companhia Irlandesa não havia perdido oficiais, nem um. Os franceses, ao que parece, não tinham se incomodado em atacar a porta fortificada. Os homens de Loup atravessaram a porta em tropel e saquearam o forte, mas nenhum homem tinha tentado entrar na imponente torre. O inimigo nem sequer havia levado os cavalos dos oficiais dos estábulos próximos à casa da guarda.

— As portas estavam bloqueadas. — De maneira pouco convincente, lorde Kiely explicava a sobrevivência dos ocupantes da casa da guarda.

— E os franchinotes não tentaram derrubá-las? — perguntou Sharpe, sem se incomodar em esconder seu ceticismo.

— Tenha cuidado com suas insinuações, capitão — disse Kiely em um tom altaneiro.

Sharpe reagiu como um cachorro que cheirasse sangue.

— Escute-me, sacana de merda — disse, surpreendendo-se ao ouvir a si mesmo. — Abri caminho aos empurrões desde os esgotos e não me importa se tiver que lutar com o senhor para subir mais outro degrau. Eu o degolarei, bêbado filho da puta, e depois darei suas entranhas de comer aos cachorros das putas corruptas — avançou um passo para Kiely, que, assustado pela repentina veemência do fuzileiro, retrocedeu. — O que estou insinuando — continuou Sharpe — é que um de seus malditos amigos da maldita casa da guarda abriu as fodidas portas para aqueles sacanas dos franceses, franceses que não atacaram ao senhor, milorde — pronunciou o título honorífico com tanta rudeza como pôde —, porque não queriam matar seus amigos, mas seus inimigos. E não se atreva a me dizer que estou equivocado! — Agora Sharpe caminhava atrás de Kiely, que tentava escapar da fúria de Sharpe, que havia

atraído a atenção de um bom número de fuzileiros e de guardas. — A noite passada o senhor disse que derrotaria o inimigo sem minha ajuda — Sharpe agarrou Kiely pelo ombro e fez que desse a volta com tanta violência que Kiely se viu forçado a cambalear para manter o equilíbrio. — Mas o senhor nem sequer lutou, grande canalha — seguiu dizendo Sharpe. — Escondeu-se aí dentro enquanto seus homens lutavam pelo senhor.

A mão de Kiely desceu até o pomo de sua espada.

— Quer um duelo, Sharpe? — perguntou, com o rosto avermelhado pela vergonha. Sua dignidade estava sendo esfolada diante de seus homens, e o que piorava as coisas era que sabia que tinha merecido o desprezo, embora seu orgulho nunca lhe permitiria admiti-lo. Por um segundo, deu a impressão de que ia esbofetear Sharpe na face, mas em vez de fazê-lo se conformou com algumas palavras. — Eu lhe enviarei o meu padrinho.

— Não! — disse Sharpe. — Que a varíola coma o seu padrinho, milorde. Se quiser lutar comigo, lute agora. Aqui. Aqui mesmo! Pouco me importam as armas que usemos. Espadas, pistolas, mosquetes, fuzis, baionetas, punhos, pés — caminhava para Kiely, que recuava. — Lutarei com o senhor no chão, milorde, e lhe tirarei as entranhas a porrada de sua pele de galinha, mas só o farei aqui e agora. Aqui mesmo. Agora mesmo! — Sharpe não tinha querido perder as estribeiras, mas agora estava orgulhoso de tê-lo feito. Kiely parecia estupefato, inofensivo ante uma fúria que nunca teria suspeitado que existia.

— Não lutarei como um animal — disse Kiely com um fio de voz.

— Não lutará de nenhuma forma — disse Sharpe, e depois riu do aristocrata. — Fuja, milorde. Vamos. Fuja para onde queira. Acabei com o senhor.

Kiely, derrotado totalmente, tentou se afastar com certa dignidade, mas se ruborizou quando algumas das testemunhas aclamaram sua partida. Sharpe gritou para que fechassem o bico e depois se virou para Harper.

— Os sacanas dos franceses não tentaram entrar na casa da guarda — disse a Harper — porque sabiam que seus malditos amiguinhos estavam lá dentro, por isso tampouco roubaram seus cavalos.

— Parece lógico, senhor — concordou Harper. Estava observando Kiely se afastar. — É um covarde, não acha?

— Da cabeça aos pés — consentiu Sharpe.

— Porém, ao que parece, o capitão Lacy assegura, senhor — continuou Harper —, que não foi milorde quem deu a ordem de não lutar na noite passada, mas sua... Mulher. Ela disse que os franceses não sabiam que havia alguém na casa da guarda, e que por isso deviam se manter em silêncio.

— Uma mulher dando ordens? — perguntou Sharpe enjoado.

Harper deu de ombros.

— Estranha e dura mulher é essa, senhor. O capitão Lacy diz que esteve observando o combate e desfrutou de cada momento.

— Eu teria posto aquela bruxa em uma fogueira em um vapt-vupt, posso assegurar — disse Sharpe. — Maldita prostituta asquerosa do inferno.

— Maldita o que, Sharpe? — Foi o coronel Runciman quem fez a pergunta, mas não esperava ouvir uma resposta. Em vez disso, Runciman, que por fim tinha uma verdadeira história bélica para contar, apressou-se a descrever como havia sobrevivido ao ataque. Ao que parece, o coronel tinha trancado sua porta e se escondera atrás da grande pilha de munição que Sharpe havia armazenado em sua sala de estar, ainda que agora, à luz do dia, o coronel atribuía sua salvação a uma intervenção divina mais que ao seu fortuito esconderijo. — Talvez meu destino esconda façanhas mais elevadas, não acha, Sharpe? Minha mãe sempre o achou. Como então se explicaria que eu tenha sobrevivido? — Sharpe se sentia mais inclinado a pensar que o coronel estava vivo porque os franceses tinham ordens de deixar intacta toda a grande construção da porta fortificada, mas não considerou que fosse apropriado dizê-lo.

— Eu também me alegro de que o senhor esteja vivo, general — disse Sharpe em troca.

— Não teria sido fácil me matar, Sharpe! Tinha minhas duas pistolas de disparo duplo! Eu teria levado alguns comigo, acredite. Ninguém pode dizer que um Runciman se perde sozinho na eternidade! — O coronel se estremeceu ao reviver os horrores da noite. — Viu alguma pista de desjejum, Sharpe? — perguntou com a intenção de restabelecer seu ânimo.

— Tente com o cozinheiro de lorde Kiely, general. Não faz nem dez minutos estava fritando bacon, e não acredito que lorde Kiely tenha muito apetite. Desafiei aquele sacana covarde para um combate.

Runciman pareceu escandalizado.

— Que fez, Sharpe? Um duelo? Não sabe que os duelos são ilegais no exército?

— Nunca disse nada sobre um duelo, general. Só lhe ofereci moê-lo a porrada aqui e agora, mas ao que parece ele tinha outras coisas em mente.

Runciman sacudiu a cabeça.

— Mãe minha, Sharpe, mãe minha. Não acredito que você terá um bom final, mas me entristecerá quando ocorra. Grande pilantra você é! Bacon? Você falou do cozinheiro de Kiely?

Runciman se afastou coxeando, e Sharpe observou sua marcha.

— Daqui a dez anos, Pat — disse Sharpe —, terá convertido o desastre de ontem à noite em um estranho relato sobre como o general Runciman, armado até os dentes, salvou o forte e rechaçou toda a brigada Loup.

— O velho Runciman é inofensivo — disse Harper.

— É inofensivo, Pat — consentiu Sharpe —, desde que se mantenha o pobre bobo longe do perigo. E eu fracassei tentando-o, não acha?

— O senhor, senhor? O senhor não fracassou ontem à noite.

— Sim, é claro que o fiz, Pat. Fracassei. Fracassei da pior maneira. Não pensei que Loup pudesse ser mais astuto que eu, e não consegui meter essa verdade na cabeça de Oliveira; nunca cheguei a entender o perigo que corríamos apanhados nesses barracões. — Pestanejou recordando a escuridão fétida, úmida e carregada de poeira da noite, e o horrível som dos arranhões que faziam os franceses ao tentar atravessar a delgada camada de alvenaria. — Sobrevivemos porque algum pobre imbecil acendeu fogo em uma carroça de munição — admitiu Sharpe —, não porque superássemos a Loup na luta. Não o fizemos. Ele venceu, e nós nos levamos uma boa surra.

— Mas estamos vivos, senhor.

— Loup também está, Pat, ele também está, que Deus o maldiga.

Mas Tom Garrard não estava vivo. Tom Garrard havia morrido, ainda que a princípio Sharpe não reconheceu seu amigo, de tão carbonizado e mutilado pelo fogo como estava. Garrard jazia de boca para baixo no próprio centro de um dos pontos enegrecidos onde tinha estado uma das carroças de munição. Primeiro, a única prova de sua identidade havia sido o fragmento de metal, torcido e enegrecido, em uma mão estendida que havia sido transformada pelo fogo em uma garra calcinada. Sharpe localizou o brilho do metal e avançou pelas cinzas ainda quentes para liberar a caixa da garra carbonizada. Dois dedos se separaram da mão com um estalido quando Sharpe liberou a caixinha de latão. Afastou de um lado os dedos negros, e depois abriu a tampa para descobrir que, apesar de toda a mecha de trapo ter se consumido, o desenho do casaca-vermelha ainda estava intacto. Sharpe limpou a gravura com uma mão, enquanto enxugava uma lágrima com a outra.

— Tom Garrard salvou a vida de todos ontem à noite, Pat.

— O que ele fez?

— Explodiu a munição a propósito e se matou ao fazê-lo. — A presença da caixinha de latão não podia significar outra coisa. Depois da derrota de seu batalhão, Tom Garrard tinha conseguido de alguma maneira chegar até as carroças de munição e acendeu a faísca que desataria o inferno, mesmo sabendo que a explosão levaria sua alma para a eternidade. — Oh, meu Deus — disse Sharpe, e depois ficou em silêncio enquanto recordava os anos de amizade. — Esteve comigo em Assaye — continuou depois de um tempo —, e também em Gawilghur. Era de Ripon, um garoto de fazenda, mas seu pai era arrendatário e o terratenente o despejou por um atraso de três dias no pagamento do aluguel depois de uma má colheita, assim que Tom poupou a sua gente a necessidade de alimentar uma boca mais ao alistar-se no 33º. Costumava enviar dinheiro para casa, sabe Deus como com um pagamento de soldado. Em dois anos, Pat, teria chegado a coronel com os portugueses, e depois tinha pensado em voltar a Ripon e arrebentar a golpes o terratenente que o obrigou a ir ao exército. Contou-me isso na noite passada.

— Agora o senhor terá que fazê-lo por ele — disse Harper.

— É. Aquele filho da puta receberá uma surra que nunca sonhou — disse Sharpe. Tentou fechar a caixinha de latão, mas o calor havia deformado o metal. Deu uma última espiada no desenho, e a jogou outra vez para as cinzas. Depois, Harper e ele subiram para as muralhas,

para a parte na qual tinham carregado contra a partida de *voltigeurs*, e de onde se podia apreciar todo o horror da noite. O São Isidro era uma catástrofe fumegante e enegrecida, cheia de corpos e impregnada do fedor de sangue. O fuzileiro Thompson, o único casaca-verde que havia morrido na noite anterior, estava sendo transportado em um cobertor para uma tumba cavada com pressa junto à arruinada igreja do forte.

— Pobre Thompson — disse Harper. — Dei-lhe uma bronca por me acordar ontem à noite. O pobre sacana só queria sair para mijar e tropeçou em mim.

— Sorte que o fez — disse Sharpe.

Harper caminhou até a porta da torre, que ainda tinha as marcas que fizera com a culatra de sua arma. O grandalhão irlandês passou um dedo pelas marcas com tristeza.

— Aqueles sacanas tinham que saber que estávamos tentando nos refugiar, senhor — disse.

— Pelo menos um desses malditos nos queria mortos, Pat, e se alguma vez me inteiro de quem é, que Deus o ajude — disse Sharpe. Viu que ninguém havia pensado em içar nenhuma bandeira nas ameias. — Fuzileiro Cooper! — gritou.

— Senhor?

— Bandeiras!

Os primeiros forasteiros que chegaram a São Isidro foram uma poderosa tropa da cavalaria da Legião Alemã do Rei, que inspecionou o vale antes de ascender ao forte. Seu oficial informou de uma vintena de mortos ao pé da ladeira, mas depois viu o grande número de corpos que jaziam na zona aberta do forte.

— *Mein Gott!* O que houve aqui?

— Pergunte a milorde o coronel Kiely — disse Sharpe, e apontou com um polegar para Kiely, que estava à vista na torre blindada da casa da guarda. Os demais oficiais da Real Companhia Irlandesa estavam supervisionando os esquadrões que recolhiam os portugueses mortos. O padre Sarsfield havia se encarregado de uma dúzia de homens e de suas esposas, que estavam se encarregando de cuidar dos portugueses feridos, ainda que sem um médico pouca coisa podiam fazer além de pôr bandagens, rezar e trazer água. Um a um, os feridos morriam, alguns dando gritos devido ao delírio, mas a maioria permanecia em calma, pois o sacerdote lhes pegava as mãos, perguntava seu nome e lhes dava o viático.

A visita seguinte era formada por um grupo de oficiais do Estado Maior, a maioria deles ingleses, alguns portugueses e um espanhol, o general Valverde. Hogan encabeçava o grupo e, durante uma solene meia hora, o major irlandês passeou pelo horror com expressão de espanto, mas quando se reuniu de novo com os outros oficiais do Estado Maior, estava sorrindo com uma alegria muito pouco apropriada.

— Uma tragédia, Richard! — disse Hogan com alegria.

Sharpe se sentiu ofendido com a jovialidade de seu amigo.

— Foi uma noite maldita e sangrenta, senhor.

— Estou seguro, estou seguro — disse Hogan, tratando de parecer compreensivo sem consegui-lo. O major não podia conter sua felicidade. — É uma lástima o ocorrido com os *caçadores* de Oliveira. Era um bom homem e tinha um excelente batalhão.

— Eu o avisei.

— Estou seguro de que o fez, Richard, estou seguro. Mas na guerra sempre ocorre o mesmo, não é assim? A gente incorreta fica na retaguarda. Se ao menos a Real Companhia Irlandesa tivesse sido dizimada, Richard, mesmo agora isso nos seria muito conveniente, muito conveniente de verdade. Apesar de tudo..., apesar de tudo, isto servirá. Servirá muito bem.

— Servirá para quê? — perguntou Sharpe enfurecido. — Sabe o que ocorreu aqui na noite passada, senhor? Fomos traídos. Algum grande canalha abriu as portas para Loup.

— Certamente que o fez, Richard! — disse Hogan em tom tranquilizador. — Acaso não estou dizendo todo este tempo que não se podia confiar neles? A Real Companhia Irlandesa não está aqui para nos ajudar, Richard, mas para ajudar aos franceses. — Apontou para os mortos. — Por acaso você necessita de mais provas? Mas sem dúvida estas são boas notícias. Até esta manhã era impossível enviar esses sacanas de volta porque significaria ofender a Londres e à corte espanhola. Mas agora, você não vê? Podemos agradecer ao rei da Espanha pela valiosa assistência de sua guarda pessoal, podemos proclamar que a Real Companhia Irlandesa foi decisiva para enfrentar um intenso ataque francês contra o forte, e depois, após lhes render honras, podemos enviar esses merdas traiçoeiros para Cádiz e deixar que apodreçam lá. — Hogan estava totalmente exultante. — Estamos livres da armadilha, Richard, derrotamos a malevolência dos franceses, e tudo graças ao ataque de suas próprias tropas na noite passada. Os franceses cometeram um erro. Tinham que ter deixado você em paz, mas *monsieur* Loup simplesmente não pôde resistir a isca. É tudo tão engenhoso, Richard, que queria tê-lo ideado eu mesmo. Ainda que agora já não importa; este será o adeus a nossos valentes aliados e o final de todos esses rumores sobre Irlanda.

— Meus homens não espalharam esses rumores — insistiu Sharpe.

— Seus homens? — zombou Hogan. — Esses não são seus homens, Richard. São de Kiely, ou mais provavelmente de Bonaparte, mas em nenhum caso são seus.

— São bons homens, senhor, e lutaram bem.

Hogan sacudiu a cabeça pela irritação na voz de Sharpe, depois conduziu seu amigo para junto das ameias do leste pegando o fuzileiro pelo cotovelo.

— Deixe que tente lhe explicar algo, Richard — disse Hogan. — Um terço deste exército é irlandês. Não há um só batalhão cujas filas não estejam cheias de compatriotas meus, e a maioria desses irlandeses não sentem muito afeto pelo rei Jorge. Por que sentiriam? Mas estão aqui porque não há trabalho em sua terra e porque não tem comida em casa, e porque o exército, que Deus o bendiga, tem o bom senso de tratar bem aos irlandeses. Mas suponhamos, Sharpe, somente suponhamos que possamos desgostar a todos esses bons homens do condado de Cork ou do condado de Offaly, e a todos aqueles espíritos ferozes de Inniskilling e

Ballybofey, e suponhamos que possamos desgostá-lo tanto a ponto de se amotinarem. Quanto tempo se manteria unido este exército? Uma semana? Dois dias? Uma hora? Os franceses, Richard, estiveram muito perto de partir em dois este exército, e não ache que não vão tentar outra vez, porque o farão. Simplesmente o rumor seguinte será mais sutil, e a única maneira que tenho de deter esse seguinte rumor é livrando o exército da Real Companhia Irlandesa, porque mesmo no caso de que você tenha razão e não tenham sido eles que propagaram aqueles boatos sobre estupros e matanças, alguém próximo deles o fez. Assim que amanhã pela manhã, Richard, você fará esses sacanas marcharem até o quartel general, onde devolverão seus bonitos mosquetes novos, que de algum modo você roubou para eles, e repartirá rações para uma longa marcha. Sim, Richard, estão sob prisão até que possamos encontrar o transporte que os leve a Cádiz, e não há nada que você possa fazer a respeito. As ordens já foram dadas — Hogan pegou um pedaço de papel do bolso e deu ao fuzileiro. — E a ordem não foi dada por mim, Richard, mas por milorde.

Sharpe desdobrou o papel. Sentia-se ofendido pelo que percebia como uma injustiça. Os homens como o capitão Donaju só queriam combater os franceses, mas em troca eram afastados de lado. Seriam obrigados a marchar até o quartel general para serem desarmados, como um batalhão de traidores. Sharpe sentiu a tentação de amassar a ordem escrita por Wellington até que fosse uma bola, mas resistiu ao impulso com sensatez.

— Se quer se livrar dos que causam problemas — disse em troca —, comece por Kiely e sua asquerosa prostituta, comece com...

— Não me ensine a fazer meu trabalho — interrompeu cortante Hogan. — Não posso agir contra Kiely nem sua rameira porque não fazem parte do exército inglês. Valverde poderia livrar-se deles, mas não o fará, assim que o mais fácil de fazer, o mais diplomático, é livrar-se de todo o maldito grupo. E é o que você fará, Richard, amanhã pela manhã.

Sharpe respirou fundo para engolir a ira.

— Por que amanhã? — perguntou quando confiou que podia voltar a falar. — Por que não agora?

— Porque necessitará o restante do dia para enterrar aos mortos.

— E por que ordenam que eu o faça? — perguntou Sharpe toscamente. — Por que não Runciman, ou Kiely?

— Porque aqueles dois cavalheiros — respondeu Hogan — vão voltar comigo para apresentar seus informes. Haverá uma comissão de investigação, e necessito estar totalmente seguro de que a comissão descobrirá exatamente o que eu quero que descubra.

— E para que demônios queremos uma comissão de investigação? — perguntou Sharpe com acritude. — Já sabemos o que ocorreu. Fomos derrotados.

Hogan suspirou.

— Necessitamos uma comissão de investigação, Richard, porque um batalhão português inteiro foi feito em farrapos, e o governo português não vai gostar disso. Pior ainda, nossos inimigos da Junta espanhola ficarão encantados. Dizem que os acontecimentos da noite

passada demonstram que não se pode confiar nas tropas estrangeiras sob comando inglês, e justo agora, Richard, o que queremos acima de tudo é conseguir que nomeiem milorde o generalíssimo da Espanha. Não venceremos de nenhuma outra maneira. Assim que, o que necessitamos fazer agora, só para nos asseguramos que aquele maldito do Valverde não aproveite a oportunidade, é formar uma solene comissão de investigação e encontrar um oficial inglês sobre o qual se possa fazer recair toda a culpa. Necessitamos, e que Deus ampare o pobre sacana, de um bode expiatório.

Sharpe sentiu o longo e lento anoitecer do desastre. Portugueses e espanhóis queriam um bode expiatório, e Richard Sharpe seria uma vítima excelente, uma vítima que seria atada e moída a porrada pelos informes que Hogan inventaria naquela mesma tarde no quartel general.

— Tentei dizer a Oliveira que Loup ia atacar — disse Sharpe —, mas não quis acreditar...

— Richard! Richard! — Hogan interrompeu com tom conciliador. — Você não é a cabeça de turco! Por Deus, homem, se não é mais que um capitão, e ainda por cima capitão não oficial. Você não está nos registros como tenente? Por acaso acha que podemos nos apresentar diante do governo português e dizer que permitimos que um tenente casaca-verde destruísse um excelente regimento de *caçadores*? Pelo bom Deus, homem, se vamos fazer um sacrifício, o menos que podemos fazer é encontrar uma besta grande e roliça com suficiente sebo em sua carcaça como para fazer o fogo crepitar quando a joguemos às chamas.

— Runciman... — disse Sharpe.

Hogan sorriu com gesto de lobo.

— Exato. Nosso oficial responsável pela bagagem será sacrificado para que os portugueses se sintam felizes, e para convencer aos espanhóis de que se pode confiar em que Wellington não massacrará seus preciosos soldados. Não posso sacrificar a Kiely, ainda que me encantaria, porque isso molestaria aos espanhóis, e não posso sacrificar você porque é um subalterno, e além disso necessito de você para a próxima vez que tenha uma missão suicida, mas o coronel Claud Runciman nasceu para este momento, Richard. Este é o único e glorioso propósito de Claud na vida: sacrificar sua honra, seu posto e sua reputação para manter contentes a Lisboa e a Madri — Hogan se calou, pensativo. — Pode ser que inclusive o fuzilemos. Somente *pour encourager les autres*.

Sharpe compreendeu que supostamente tinha que conhecer aquela expressão francesa, mas não significava nada para ele, e estava muito abatido para pedir que lhe traduzissem. Também sentia uma profunda lástima por Runciman.

— Façam o que façam, senhor — disse Sharpe —, não o fuzilem. Não foi culpa dele, sou o único responsável.

— Se é culpa de alguém — disse bruscamente Hogan —, é de Oliveira. Era um bom homem, mas deveria ter-lhe escutado, ainda que não me atreveria a culpar a Oliveira. Os portugueses necessitam dele como herói, assim como os espanhóis necessitam de Kiely. Portanto, em vez de escolhê-los, optaremos por Runciman. Não se trata de justiça, Richard, mas de diplomacia, e como todas as questões políticas não será algo bonito mas, se bem feito,



fará maravilhas. Deixarei que enterre os mortos, e amanhã pela manhã apresente-se no quartel general com todos seus irlandeses desarmados. Procuraremos um lugar onde alojá-los no qual não possam se meter em confusões, e você, certamente, poderá voltar a se dedicar às verdadeiras tarefas de um soldado.

Sharpe voltou a sentir uma pontada pela injustiça daquela solução.

— Suponhamos que Runciman quiser me chamar como testemunha — perguntou. — Não mentirei. Gosto daquele homem.

— Pois você tem gostos insalubres. Runciman não o chamará, ninguém o chamará. Assegurar-me-ei disso. Supõe-se que esta comissão não vai estabelecer a verdade, Richard, mas que aliviará a Wellington e a mim do doloroso gancho que agora temos bem cravado em nossas articulações. — Hogan sorriu, depois virou e se afastou. — Mandarei picaretas e pás para enterrar aos mortos — gritou a modo de insensível despedida.

— Não podia nos enviar o que necessitávamos, né? — gritou Sharpe com amargura para as costas do major. — Mas pode encontrar as malditas pás em um abrir e fechar de olhos!

— Sou um fazedor de milagres, essa é a razão! Venha almoçar amanhã comigo!

O fedor dos cadáveres já estava enchendo o forte. Aves carniceras voavam em círculos por cima ou pousavam nas desmoronadas muralhas. Já havia algumas ferramentas de escavadores no forte, e Sharpe ordenou à Real Companhia Irlandesa que comesse a cavar uma comprida trincheira a modo de tumba. Fez que seus próprios fuzileiros se unissem aos que estivessem cavando. Os casacas-verdes resmungaram que aquele trabalho rebaixava sua dignidade de tropa de elite, mas Sharpe insistiu.

— Faremos porque eles também estão fazendo — disse a seus desgostosos homens, assinalando com o dedo para os guardas irlandeses. Inclusive Sharpe deu uma mão, desnudando-se da cintura para cima e empunhando uma picareta como se fosse uma ferramenta para se vingar. Golpeou com a ponta várias vezes no duro e rochoso solo, fez saltar alguns pedaços e continuou até que estava empapado em suor.

— Sharpe? — Montado em seu grande cavalo, o coronel Runciman olhava entristecido para o suado e meio desnudo fuzileiro. — É você mesmo, Sharpe?

Sharpe se endireitou e retirou o cabelo dos olhos.

— Sim, general. Sou eu.

— Você foi açoitado? — Runciman olhava horrorizado as grossas cicatrizes das costas de Sharpe.

— Na Índia, general, por algo que não tinha feito.

— Não deveria estar cavando! Cavar não é próprio da dignidade de sua classe, Sharpe. Deve aprender a se comportar como um oficial.

Sharpe enxugou o suor do rosto.

— Gosto de cavar, general. É um trabalho honrado. Sempre sonhei que algum dia teria um

sítio. Um pequeno, mas que enchesse meus pensamentos da manhã até a noite. Veio se despedir?

Runciman consentiu.

— Sabe que vai haver uma comissão de investigação?

— Ouvi algo, senhor.

— Necessitam de alguém a quem jogar a culpa, suponho — disse Runciman. — O general Valverde diz que alguém deveria ser enforcado por isto — Runciman brincou com suas rédeas, e depois se virou em sua sela para olhar o general espanhol, que estava a uns cem passos dali, conversando seriamente com lorde Kiely. Kiely parecia sentir o peso da conversa e gesticulava freneticamente, mas também apontava para Sharpe a cada poucos segundos. — Você não acha que vão me enforcar, né? — perguntou Runciman. Parecia estar à beira das lágrimas.

— Não o enforcarão, general — Sharpe o tranquilizou.

— Mas de toda forma será uma desonra — disse Runciman, desanimado.

— Pois contra-ataque, senhor — disse Sharpe.

— E como posso fazê-lo?

— Diga-lhes que me ordenou advertir a Oliveira. Coisa que fiz, certamente.

Runciman franziu o cenho.

— Mas eu não lhe ordenei que fizesse isso, Sharpe.

— E? Eles não sabem, senhor.

— Não posso mentir! — disse Runciman, escandalizado só de pensar.

— É sua honra que está em jogo, general, e terá alguns sacanas mentindo a seu respeito, senhor.

— Não mentirei — insistiu Runciman.

— Então enfeite a verdade, pelo amor de Deus, senhor. Conte-lhes como teve que fazer malabarismos para conseguir mosquetes decentes, e que, se não tivesse sido por esses mosquetes, ninguém teria sobrevivido na noite passada! Brinque de ser um herói, senhor, ponha àqueles malditos nervosos!

Runciman sacudiu lentamente a cabeça.

— Não sou um herói, Sharpe. Gostaria de acreditar que existe alguma valiosa contribuição que eu possa fazer ao exército, como fez meu defunto pai para a Igreja, ainda que não estou seguro de ter encontrado ainda minha verdadeira vocação. Contudo, não posso fingir que sou o que não sou. — Tirou seu bicornio para enxugar a testa. — Só vim para me despedir.

— Boa sorte, senhor.

Runciman sorriu pesaroso.

— Nunca a tive, Sharpe, nunca. Exceto por meus pais. Tive sorte com meus amados pais e por ser bendito com um são apetite. Porém, além disso...? — Deu de ombros como se não houvesse resposta àquela pergunta, voltou a pôr o chapéu e depois, com um gesto tristonho, virou-se e saiu ao trote, atrás de Hogan. Duas carroças de bois carregados com picaretas e pás tinham chegado ao forte e, após as ferramentas serem descarregadas, o padre Sarsfield se apropriou dos dois veículos para poder levar os feridos aos hospitais de campanha.

Hogan se despediu de Sharpe com um gesto e esperou que as carroças saíssem do forte. Os *caçadores* sobreviventes saíram a seguir, marchando atrás de seus estandartes. Lorde Kiely não se despediu de seus homens, simplesmente cavalgou para o sul. Joaninha, que em toda a manhã não tinha mostrado sua cara da casa da guarda, cavalgava ao seu lado com seus cachorros correndo atrás. O general Valverde levou a mão ao chapéu para cumprimentar Joaninha, depois sacudiu com brio as rédeas e esporeou seu cavalo para cruzar a grama chamuscada do pátio do forte, até que chegou ao lugar onde Sharpe estava cavando.

— Capitão Sharpe? — disse.

— General? — Sharpe teve que proteger os olhos do sol para poder olhar para o homem alto e magro de uniforme amarelo no alto de seu cavalo.

— Que razões tinha o general Loup para esse ataque da noite passada?

— Terá que perguntar a ele, general — disse Sharpe.

Valverde sorriu.

— Talvez o faça. Agora volte a sua vala, capitão. Ou deveria dizer tenente? — Valverde esperava uma resposta, mas ao compreender que Sharpe não responderia a isso, fez que seu cavalo desse a volta e lhe cravou as esporas com força nos lados.

— O que foi tudo isso? — perguntou Harper.

— Sabe Deus — disse Sharpe enquanto observava o elegante espanhol, galopando para alcançar as carroças e os outros cavaleiros. Mas ele sabia, sabia que teria problemas. Lançou uma maldição, depois arrancou a picareta do solo e voltou a cravá-la com força. Uma faísca voou de um pedaço de pederneira quando a picareta se incrustou profundo. — Mas lhe contarei o que sei, Pat. Todo mundo saiu perdendo por ontem à noite menos o maldito Loup, que ainda anda por aí afora, e isso, pode estar seguro, me faz ferver o sangue.

— E o que pode fazer, senhor?

— Neste momento, Pat, nada. Nem sequer sei onde encontrar àquele filho da puta.

Justo naquele momento, a sombra do Castrador se desenhava sobre a fossa comum que estavam cavando.

— O Lobo está em São Cristóvão, Sharpe — disse o Castrador secamente. O guerrilheiro havia chegado com cinco de seus homens para recolher os mosquetes que ele havia prometido. O espanhol dizia necessitar de uma centena de armas, mas Sharpe duvidava de que aquele homem tivesse sequer uma dúzia de seguidores quando muito, ainda que sem dúvida as armas

extras seriam vendidas em troca de um substancial benefício. Sharpe deu ao Castrador os trinta e dois mosquetes que tinham passado a noite nos aposentos de Runciman.

— Não posso lhe dar mais — disse ao Castrador, que aceitou encolhendo os ombros, à maneira de um homem acostumado às decepções.

Depois, o ímpio guerrilheiro se dedicou a revirar entre os mortos portugueses, em busca de algum butim. Encontrou um corno para pólvora, virou-o e viu que uma bala o tinha esburacado. Mesmo assim, arrancou o bico de metal do corno e o guardou em um folgado bolso de seu ensanguentado avental.

— O Lobo está em São Cristóvão — disse de novo.

— Como sabe? — perguntou Sharpe.

— Eu sou o Castrador — disse aquele homem enorme com arrogância, depois se agachou sobre um corpo enegrecido. Abriu as mandíbulas do morto com seus dedos. — É verdade, senhor, que se podem vender os dentes dos mortos?

— Em Londres, sim.

— Em troca de ouro?

— Pagam com ouro, sim, ou com prata — disse Sharpe. Com os dentes roubados se fabricavam dentaduras para clientes ricos que queriam algo melhor para substituir os seus do que dentes feitos de osso ou marfim.

O Castrador abriu os lábios do cadáver para revelar uma boa dentadura.

— Se eu arrancar estes dentes, senhor, o senhor os comprará? Depois pode mandá-los a Londres e tirar um ganho. O senhor e eu, hem? Podemos fazer negócios.

— Estou ocupado demais para fazer negócios — disse Sharpe, ocultando o asco que sentia. — ademais, nós só pegamos dentes dos franceses.

— E os franceses arrancam os dentes dos ingleses para vendê-los em Paris, não? Portanto os franceses mordem com seus dentes e vocês mordem com os deles, de modo que nem eles nem vocês mordem com seus próprios dentes. — O Castrador soltou uma risada enquanto se endireitava. — Pode ser que eles comprem meus dentes em Madri — acrescentou como se isso acabasse de lhe ocorrer.

— Onde fica São Cristóvão? — Sharpe mudou de tema.

— Do outro lado das colinas — disse o Castrador sem entrar em detalhes.

— Mostre-me — Sharpe puxou o grandalhão para as muralhas do leste. — Mostre-me — insistiu quando chegaram ao adarve.

O Castrador apontou a pista que ziguezagueava entre as colinas pela parte mais distante do vale, a mesma pista pela qual dona Joaninha de Elia tinha vindo ao fugir dos dragões que a perseguiam.

— Siga aquele caminho por oito quilômetros — disse o Castrador —, e chegará a São Cristóvão. Não é uma aldeia grande, mas é o único lugar ao qual se chega por aquela estrada.

— E como sabe que Loup está lá? — perguntou Sharpe.

— Porque meu primo o viu chegar lá esta manhã. Meu primo disse que levava homens feridos com ele.

Sharpe olhou para o leste. Oito quilômetros. Umas duas horas de marcha se não tivesse nuvens cobrindo a lua, ou seis horas em profunda escuridão.

— O que seu primo estava fazendo lá? — perguntou.

— Ele vivia na aldeia, senhor. Vai lá vigiar de vez em quando.

Lástima, pensou Sharpe, que ninguém estivesse vigiando Loup na tarde anterior.

— Fale-me de São Cristóvão — disse.

Era uma pequena aldeia, disse o espanhol, no alto das colinas. Não era grande, mas era próspera e com uma bonita igreja, uma praça e um bom número de casas de pedra. O lugar havia sido famoso por criar touros destinados às praças de touradas das pequenas povoações da fronteira.

— Mas agora não — disse o Castrador. — Os franceses comeram os últimos touros.

— Fica no cume de uma colina? — perguntou Sharpe.

O Castrador negou com a cabeça.

— Fica em um vale como esse — indicou o vale do leste —, mas não tão profundo. Lá não crescem árvores, senhor, e um homem não pode se aproximar de São Cristóvão sem ser visto. Além disso, o Lobo construiu muros em todos os espaços entre as casas, e mantém vigias no campanário da igreja. Ninguém pode se aproximar dali sem ser visto. — O Castrador fez esta última advertência duvidoso. — Está pensando em ir lá?

Sharpe não respondeu durante um longo tempo. Certamente que pensava em ir lá, mas com que propósito? Loup tinha uma brigada de homens, enquanto que Sharpe só contava com meia companhia.

— Quanto posso me aproximar sem ser visto? — perguntou.

O Castrador deu de ombros.

— Talvez a um quilômetro? Mas também há um desfiladeiro por lá, um vale para o qual vai a estrada. Muitas vezes pensei que ali se poderia pegar a Loup. A princípio costumava enviar patrulha por todo o vale antes de atravessá-lo, mas já não. Tornou-se muito confiante.

Então vamos a esse desfiladeiro, pensou Sharpe, e demos uma espiada. Só uma espiada. Nada mais. Nem ataques nem emboscadas nem desobediência nem heroísmos, só um reconhecimento. Afinal de contas, se disse a si mesmo, a ordem de Wellington para que levasse a Real Companhia Irlandesa ao quartel general do exército em Vilar Formoso não especificava a rota que devia tomar. Nada proibia especificamente a Sharpe de seguir um trajeto longo e indireto através de São Cristóvão, mesmo que pensasse que aquela manobra evasiva era de duvidosa eficácia. O sensato era esquecer Loup, mas ia contra todos seus instintos ser derrotado e ficar de braços cruzados, aceitando sem mais a derrota.

— Loup tem artilharia em São Cristóvão? — perguntou ao guerrilheiro.

— Parece que não, capitão.

Sharpe se perguntou se Loup teria armado para que aquela informação chegasse a suas mãos. Estaria Loup tentando-o com uma armadilha?

— Viriam conosco, senhor? — perguntou ao Castrador, pois suspeitava que o guerrilheiro nunca o acompanharia se Loup estivesse por trás de todos aqueles dados sobre o paradeiro da brigada.

— Para observar Loup — perguntou o espanhol com cautela —, ou para lutar contra ele?

— Para observá-lo — disse Sharpe, ainda que sabia que não era uma resposta totalmente honesta.

O espanhol consentiu.

— Porque não parece ter homens suficientes para lutar contra ele — acrescentou para explicar sua cautelosa pergunta.

Sharpe estava de acordo, ainda que não disse nada. Não tinha homens suficientes, não a menos que pudesse surpreender Loup ou talvez armar-lhe uma emboscada no desfiladeiro. Uma bala de fuzil disparada com precisão podia matar a um homem com tanta segurança como o ataque de um batalhão, e quando Sharpe pensava no corpo destroçado e torturado de Oliveira, considerava que Loup merecia essa bala. Portanto, talvez nessa noite, pensou Sharpe, poderia levar seus fuzileiros ao vale de São Cristóvão e rezar por uma vingança pessoal no desfiladeiro, ao raiar do dia.

— Sua ajuda seria bem-vinda — disse Sharpe ao Castrador, bajulando o homem.

— Em uma semana, senhor — disse o Castrador —, posso reunir uma tropa respeitável.

— Nós vamos esta noite — disse Sharpe.

— Esta noite? — O espanhol ficou pasmado.

— Uma vez vi uma tourada — disse Sharpe — ; a espada acertou o touro na estocada final por cima do pescoço e entre as costas, e o touro cambaleou e depois caiu de joelhos. O homem tirou a espada e se afastou, dando as costas com os braços para o alto em sinal de triunfo. Já pode imaginar o que aconteceu.

O Castrador assentiu.

— O touro se levantou?

— Uma chifrada nos rins do homem — confirmou Sharpe. — Bem, pois eu sou o touro, senhor, e confesso que estou ferido, mas Loup também está nos dando as costas. Então esta noite, quando pense que estou muito fraco para me mover, marcharemos.

— Mas só para observar — disse o guerrilheiro preocupado. Loup tinha zombado dele demasiadas vezes para se arriscar a um enfrentamento suicida.

— Para observar — mentiu Sharpe —, somente para observar.

Contudo, foi totalmente sincero com Harper. Levou seu amigo ao alto da torre da casa da guarda, de onde os dois fuzileiros olharam cima do vale oriental em direção ao brumoso território onde ficava escondido a aldeia de São Cristóvão.

— Sinceramente não sei exatamente por que vou até lá — confessou Sharpe — ; além do mais, não temos ordens de ir e nem sequer estou seguro de que possamos fazer uma merda quando chegemos ali. Mas há uma razão que me empurra a tentar. — Parou, sentindo-se repentinamente desajeitado. Era difícil para Sharpe articular seus pensamentos mais íntimos, talvez porque ao fazê-lo expunha sua vulnerabilidade, e poucos soldados eram bons fazendo-o. O que queria dizer era que somente a última batalha dava fê do valor de um soldado, e a última batalha de Sharpe tinha sido aquele desastre que deixara São Isidro cheio de fumaça, sangue e cadáveres. No exército havia muitos oficiais invejosos que celebrariam que o capitão Sharpe tivesse recebido finalmente o que merecia; de modo que não tinha mais remédio do que devolver o golpe de Loup, a menos que quisesse perder sua reputação de soldado afortunado e vitorioso.

— Temos que quebrar a fuça de Loup? — Harper rompeu o silêncio com sua sugestão.

— Não dispomos de homens suficientes para fazê-lo — disse Sharpe. — Os fuzileiros virão comigo, mas não posso ordenar aos homens de Donaju que venham a São Cristóvão. Provavelmente toda esta ideia seja uma perda de tempo, Pat, mas há uma possibilidade, uma pequena possibilidade de que possa pôr aquele caolho sacana em meu ponto de mira.

— O senhor se surpreenderia — disse Harper. — Há mais de um na Real Companhia Irlandesa que gostaria de vir conosco. Não sei nada dos oficiais, mas o sargento-mor Noonan virá com certeza, e também aquele tal Rourke, e tem um filho da puta irritado chamado Leon O'Reilly que não deseja outra coisa senão matar franchinotes; posso assegurar que há muitos mais como ele. Têm algo a demonstrar, veja senhor, não são todos uns galinhas como Kiely.

Sharpe sorriu, depois deu de ombros.

— É provável que seja tudo uma perda de tempo, Pat — repetiu.

— E que outro plano tinha pensado para esta noite?

— Nenhum — disse Sharpe —, nenhum em absoluto. — Sabia que se marchasse para outra derrota, perderia tudo o que tinha conseguido, mas também sabia que não ir, por mais desesperada que fosse sua perspectiva de revanche, era aceitar sem mais nem menos o corretivo que Loup tinha lhe dado, e Sharpe era muito orgulhoso para aceitar uma derrota como aquela. Era mais que provável que não conseguiria nada indo a São Cristóvão, mas tinha que tentar.

Saíram pouco depois do entardecer. Donaju insistiu em acompanhá-los, assim como cinquenta de seus homens. Teriam ido muitos mais, mas Sharpe quis que a maior parte da Real Companhia Irlandesa ficasse para trás e cuidasse das famílias e da bagagem. Todos e tudo o que restava no forte de São Isidro tinha sido levado para a casa da guarda para o caso dos homens de Loup regressassem para finalizar o trabalho da noite anterior.

— O que seria uma maldita sorte para mim — disse Sharpe. — Ele vindo me castrar, e eu marchando para acertá-lo com um tiro. — Seus fuzileiros andavam na frente dele como exploradores, para o caso dos franceses tomarem o mesmo caminho para São Isidro.

— E o que faremos se nos encontrarmos com eles? — perguntou Donaju.

— Nós nos esconderemos — disse Sharpe. — Setenta dos nossos não podem derrotar quase mil *voltigeurs* protegidos por uma companhia de dragões, não em terreno aberto. — Uma emboscada sim poderia ser, mas não o fogo direto em uma zona aberta, plana e iluminada pela lua contra um inimigo que os superava em número. — Além do mais, odeio lutar de noite — continuou Sharpe. — Fui capturado durante um maldito combate noturno na Índia. Andamos dando tombadas na maldita escuridão sem que ninguém soubesse o que estava fazendo ou por que, exceto os indianos, que o sabiam muito bem. Estiveram disparando-nos foguetes de pirotecnia. Aquelas coisas não serviam de nada como armas, mas à noite seu fogo nos cegou e o que soube a seguir foi que havia vinte sacanas enormes rodeando-me com suas baionetas caladas.

— Onde foi isso? — perguntou Donaju.

— Em Seringapatam.

— E que negócios tinha você na Índia? — perguntou Donaju com evidente desagrado.

— Os mesmos que tenho aqui — disse Sharpe cortante. — Matar os inimigos do rei.

O Castrador quis saber do que estavam falando, portanto Donaju serviu de intérprete. O guerrilheiro estava sofrendo porque Sharpe não havia permitido que ninguém montasse a cavalo, assim que tanto o cavalo do Castrador como os dos oficiais hispano-irlandeses eram conduzidos pela retaguarda da coluna. Sharpe havia insistido em tomar aquela precaução porque os homens a cavalo eram propensos a afastar-se da linha de marcha, e a silhueta de um homem montado no horizonte podia alertar facilmente a uma patrulha francesa. Sharpe também tinha insistido em que nem um só homem levasse um mosquete carregado, para evitar um disparo acidental que se ouviria muito longe na tranquila noite sem vento.

A marcha não foi dura. A primeira hora foi a pior, pois tiveram que ascender a empinada ladeira que se erguia ao leste do São Isidro, mas uma vez no cume, o caminho se limitava a um terreno bastante nivelado. Era uma pista para carros de bois, com mato, largura e fácil de percorrer com o ar fresco da noite. A rota avançava preguiçosa entre afloramentos rochosos, onde podiam estar escondidos piquetes inimigos. Geralmente, Sharpe teria ordenado um reconhecimento de lugares tão perigosos, mas naquela noite ordenou o avanço de seus exploradores sem tomar mais precauções. Estava com um humor perigoso e fatalista. Talvez, pensava, esta marcha imprudente fosse a sequela da derrota. Algum tipo de reação ao horror no qual um homem arremetia às cegas, e esta estúpida expedição sob a meia lua era sem dúvida cega, pois Sharpe sabia no mais profundo de seu ser que o inacabado assunto entre o brigadeiro Loup e ele quase com toda certeza ficaria inacabado. Ninguém podia esperar marchar de noite para uma aldeia fortificada da qual antes não se havia feito um reconhecimento, e pensar que poderia preparar uma emboscada. As probabilidades ditavam que a pequena expedição vigiaria o povoado de longe. E que Sharpe chegaria à conclusão de



que nada podia se conseguir contra seus muros ou no desfiladeiro vizinho, de modo que, ao amanhecer, os guardas e os fuzileiros marchariam de volta ao forte de São Isidro com nada mais que pés machucados e uma noite desperdiçada.

Foi justo depois da meia-noite quando a coluna chegou à crista que dava ao vale de São Cristóvão. Sharpe fez que os homens descansassem atrás do penhasco, enquanto ele subia até o cume com o Castrador, Donaju e Harper. Os quatro homens se estenderam entre as rochas e observaram.

A pedra cinza da aldeia empalidecia até ser quase branca à luz da lua, que projetava inóspitas sombras da intrincada maranha de paliçadas que delimitavam os campos em torno do pequeno assentamento. O caiado campanário da igreja parecia brilhar debaixo da luz da meia lua, que parecia acariciar com seus braços as tênues colinas. Sharpe orientou sua luneta para a torre e, ainda que pudesse ver com clareza o descuidado ninho de cegonha no alto e o resplendor da lua refletido em um sino que pendia de um arco na torre, não viu ali nenhum sentinela. Embora não fosse improvável que um homem que estivesse de guarda em uma noite fria se encolhesse buscando refúgio em um canto do campanário.

Dava a impressão de que São Cristóvão havia sido uma agradável povoação antes da brigada de Loup chegar para expulsar seus habitantes e destruir seu sustento. Os fortes muros dos campos tinham sido construídos para manter os touros de lida seguros, e graças àqueles touros haviam pagado a igreja e todas as casas que, na lente da luneta de Sharpe, mostravam sinais de certo bem-estar. Em Fontes de Onor, a vila onde encontrara pela primeira vez com o Castrador, as casas eram em sua maioria baixas, e muitas delas sem janelas, mas algumas das casas de São Cristóvão tinham dois pisos, e quase todas as fachadas exteriores tinham janelas e inclusive, em um caso, uma pequena varanda. Sharpe deu por certo que teria sentinelas em pelo menos metade daquelas janelas.

Seguiu a linha da pista da montanha com sua luneta, e comprovou que, lá onde ela se convertia na rua principal da aldeia, havia se levantado um muro entre duas casas. Existia um espaço no muro, mas Sharpe pôde entrever a imprecisa insinuação de um segundo muro detrás do primeiro. Fez um movimento de ziguezague com a mão e olhou para o Castrador.

— Aquilo é a entrada?

— Sim. Três muros! — O Castrador exagerou o gesto de ziguezague para mostrar a dificuldade de atravessar aquele acesso. Semelhante labirinto atrasaria qualquer atacante, enquanto os homens de Loup disparariam à vontade com seus mosquetes das janelas mais altas.

— E como conseguem meter seus cavalos por ali? — perguntou Donaju em espanhol.

— Pelo outro lado — respondeu o Castrador. — Há um portão. Muito sólido. E o desfiladeiro, senhor, fica no outro extremo da aldeia. Pode ver a zona onde a pista entra nas colinas?

Sharpe assentiu, desapontado. Suas esperanças no desfiladeiro do Castrador se desvaneceram assim que viu onde ficava. Pode ser que aquela garganta seja um lugar perfeito

para um ataque surpresa, mas estava muito afastada, e Sharpe sabia que não teria possibilidade de alcançá-la antes do raiar do dia. O mesmo ocorrera com suas esperanças de armar uma emboscada.

Dirigiu de novo sua luneta para a aldeia bem a tempo de ver movimento. Ficou tenso, mas depois viu que só se tratava de uma nuvenzinha de fumaça que saía de uma chaminé de uma das casas. A fumaça estivera ali o tempo todo, mas alguém devia de ter jogado lenha no fogo ou tentado reviver brasas mortíferas com um fole, provocando assim a repentina fumaceira.

— Estão todos agasalhados em suas camas — disse Donaju. — Sãos e salvos.

Sharpe percorreu os telhados da aldeia com sua luneta.

— Não há bandeira — disse por fim. — Normalmente há alguma bandeira? — perguntou ao Castrador.

O grandalhão deu de ombros.

— Uma vez sim, outras vezes não. — Estava claro que não conhecia a resposta.

Sharpe dobrou a luneta.

— Ponha uma dúzia de homens de guarda, Donaju — ordenou —, e diga aos outros que durmam um pouco. Pat? Mande Latimer e outros dois garotos para aquele montículo — apontou uma lombada rochosa que teria as melhores vistas do campo dos arredores. — O restante dos fuzileiros e você virão comigo.

Harper duvidou um momento, como se quisesse pedir detalhes sobre o que Sharpe pensava fazer, mas depois decidiu que a muda obediência era o melhor caminho e desceu da crista. Donaju franziu o cenho.

— E eu não posso ir com você?

— Alguém tem que assumir o comando se eu morrer — disse Sharpe. — Portanto mantenha-se alerta, fique aqui até as três da manhã e, se não tiver notícias minhas, voltem para casa.

— E o que planeja fazer lá? — perguntou Donaju, fazendo um gesto para a povoação.

— Algo me cheira a perigo — disse Sharpe. — Não sei explicar, mas não cheira bem. Então só vou dar uma espiada. Nada mais que isso, Donaju, só um espiada.

O capitão Donaju seguia sem achar graça por ter sido excluído da patrulha de Sharpe, ainda que tampouco se sentia inclinado a contradizer os planos do capitão. Afinal de contas, Sharpe era um soldado com experiência na luta, e Donaju tinha entrado pela primeira vez em combate na noite passada.

— E o que digo aos ingleses se você morrer? — perguntou a Sharpe com tom de censura.

— Que tirem minhas botas antes de me enterrar — disse Sharpe. — Não quero ter bolhas por toda a eternidade. — Virou-se e viu Harper subindo encabeçando uma fila de fuzileiros. — Preparados, Pat?

— Sem dúvida, senhor.

— O senhor ficará aqui — disse Sharpe ao Castrador, não como um pedido, mas tampouco como uma ordem direta.

— Esperarei aqui, capitão — o tom do guerrilheiro deixava claro que não tinha intenção de se aproximar mais da toca do Lobo.

Sharpe conduziu seus homens para o sul por trás da crista, até que um trecho aberto de rochas lhes ofereceu uma zona de sombra que lhes permitiria chegar sem ser vistos até o muro de pedra mais próximo. Moveram-se depressa apesar de avançar agachados, porque as sombras das muretas de pedra lhes proporcionavam negros corredores de invisibilidade que se enredavam até chegar à aldeia. A meio caminho, na metade do vale, Sharpe parou e observou a aldeia com sua luneta. Agora podia ver que todas as janelas baixas tinham sido tapadas com pedra, e que haviam deixado desimpedidas as mais altas para a vigilância. Também pôde ver os restos das casas que foram demolidas nos arredores do perímetro defensivo de modo que nenhum atacante achasse refúgio perto de São Cristóvão. Loup tinha tomado a precaução adicional de derrubar as muretas que ficavam dentro do campo de tiro dos mosquetes desde a povoação. Sharpe podia se aproximar a cem ou cento e cinquenta metros, mas depois seria tão visível como uma mosca-varejeira em uma parede caiada.

— Aquele filho da puta não corre riscos — observou Harper.

— Não podemos culpá-lo — respondeu Sharpe. — Eu também derrubaria alguns muros se isso deixasse o Castrador sem opções para aplicar suas táticas de guerrilha comigo.

— Então, o que fazemos? — perguntou Harper.

— Ainda não sei.

Nem mesmo ele podia saber. Tinha chegado a um tiro de fuzil da fortaleza de seu inimigo e não sentia as cosquinhas do medo. De fato, não sentia temor nenhum. Talvez Loup não estivesse ali. Ou talvez, e isso era mais preocupante, o instinto de Sharpe estivesse desajustado. Talvez Loup fosse aqui o titereiro e estivesse atraindo Sharpe cada vez mais perto, adormecendo a sua vítima com uma fatal sensação de segurança.

— Há alguém aí, sem dúvida — disse Harper, antecipando-se aos pensamentos de Sharpe —, de outra forma não teria fumaça.

— O mais sensato seria que saíssemos daqui e fôssemos para a cama.

— Seria o mais sensato — acrescentou Harper — que largássemos o maldito exército e morrêssemos na cama.

— Mas não nos alistamos para isso, né?

— Fale pelo senhor, senhor. Eu só me alistei para conseguir uma refeição decente — disse Harper. Carregou seu fuzil, e depois fez o mesmo com sua espingarda de sete canos. — Ser morto nunca fez parte de meus planos.

— Eu me alistei para não ficar pendurado em um cadafalso — disse Sharpe. Escorvou seu próprio fuzil e depois voltou a olhar aquelas paredes iluminadas pela lua. — Maldito seja — sussurrou —, vou me aproximar mais. — Era como aquele jogo da infância em que os meninos

querem comprovar quanto podem se aproximar de sua vítima sem que seus movimentos sejam percebidos; de repente, na mente de Sharpe a aldeia se converteu em uma ameaça infantil, quase como se fosse um castelo maléfico, mas adormecido, ao qual tinha que se aproximar com enorme silêncio para evitar que se despertasse e o tragasse. Porém, por que se arriscar a ser devorado pelo monstro? Perguntou a si mesmo. E a única resposta que pôde dar àquela pergunta foi que não se aproximara tanto da fortificação do homem que se convertera em seu mais persistente inimigo só para dar a volta e se afastar envergonhado. — Vigiem as janelas — disse a seus homens, e depois percorreu encolhido a base do muro escurecido até que chegou ao final, onde só restavam umas pedras caídas aqui e ali, que assinalavam até onde se havia erguido o muro.

Pelo menos aquele monte de pedras oferecia uma irregular maranha de sombras na qual ocultar-se. Sharpe olhou aqueles escombros, perguntando-se se as sombras eram densas o bastante para dar abrigo a um homem, e depois levantou o olhar para a aldeia. Nada se movia, exceto a nuvem de fumaça de lenha que a brisa noturna arrastava.

— Volte, senhor! — sussurrou Harper.

Porém, em vez de fazê-lo, Sharpe respirou fundo, estendeu-se de barriga no chão e saiu para a zona iluminada pela lua. Avançava arrastando-se como uma serpente entre as rochas, tão devagar que confiava em que nenhum sentinela detectaria o movimento de sua silhueta contra o mosaico de sombras. Seu cinturão e as presilhas de seu uniforme se enganchavam nas pedras, mas cada vez que ocorria ele se desprendia e se arrastava alguns passos para frente, antes de voltar a ficar imóvel e escutar. Estava esperando o som revelador de um mosquete sendo engatilhado, o pesado estalido duplo que pressagiaria um estrondoso disparo. Mas não ouvia nada além do suave sopro da brisa noturna. Nem sequer um cachorro latindo.

Foi se aproximando mais e mais, até que terminaram as pedras reviradas e só restou um espaço aberto iluminado pela lua entre ele e a alta parede da casa mais próxima. Levantou a vista para a janela e não viu nada. Tampouco podia cheirar mais que o rançoso perfume dos montes de esterco da povoação. Nem o aroma do tabaco nem o odor das roçaduras dos cavalos, nem o fedor dos uniformes sem lavar. Somente o leve vestígio da fumaça de lenha matizava o odor do esterco, mas além disso não havia outro sinal de presença humana na aldeia. Dois morcegos voavam em círculos perto do muro, e suas sombras irregulares brilhavam negras contra a cal. Agora que estava perto, Sharpe pôde ver sinais de abandono. O caiado estava desgastado, algumas ardósias haviam caído dos telhados e as molduras das janelas tinham sido arrancados para fazer lenha. Os franceses tinham deslocado os habitantes de São Cristóvão e o converteram em um lugar fantasma. O coração de Sharpe batia com força, retumbando em seus ouvidos, enquanto se esforçava para encontrar algum indício do que podia lhe esperar além brancos e silenciosos muros. Engatilhou seu fuzil, e o estalido soou mais ruidoso que o normal, mas ninguém pediu nenhuma contrassenha desde a aldeia.

— À merda. — Não tinha intenção de falar em voz alta, mas o fez, e ao mesmo tempo em que falava se levantou.

Quase pôde sentir como Harper inspirava nervoso a uns cem metros atrás dele. Sharpe

permaneceu de pé e esperou, e ninguém falou, ninguém gritou, ninguém pediu a contrassenha e ninguém disparou. Sentia-se suspenso entre a vida e a morte, quase como se toda a terra tivesse se tornado tão frágil como uma bola de cristal soprado que pudesse se estilhaçar com um só ruído.

Caminhou pela aldeia, que se erguia diante dele a somente uns vinte passos. O ruído mais estridente da noite era o que faziam as botas de Sharpe sobre a grama. Tocou o frio muro de pedra, e ninguém disparou nem lhe deu o alto, de modo que Sharpe seguiu caminhando ao redor da aldeia, passou diante das janelas tapadas e cruzou as ruas bloqueadas com barricadas, até que no fim chegou à entrada daquela espécie de labirinto em ziguezague.

Parou a uns cinco passos da entrada da muralha exterior. Lambeu os lábios e olhou para o espaço escuro. Estaria sendo observado? Loup o estaria atraindo como se fosse um feiticeiro numa torre? Estariam os franceses contendo o fôlego sem acreditar em sua sorte, ao ver a sua vítima se aproximar deles, passo a passo? Acabaria a noite se convertendo em um cru horror? Em disparos e matança, derrota e dor? Aqueles pensamentos quase o fizeram se afastar da aldeia a toda pressa, mas seu orgulho impediu que se retirasse, um orgulho poderoso o bastante para fazer que desse um passo a mais para a porta do labirinto.

Depois outro passo, e outro, e de repente já estava lá, na entrada, e não houve movimento algum. Nem sequer uma respiração. Diante dele, estava o segundo muro branqueado com sua atraente entrada aberta à esquerda de Sharpe. Aproximou-se da abertura, desaparecendo agora do campo de visão de seus fuzileiros. Já estava dentro do labirinto, dentro da armadilha de Loup, e percorreu o estreito espaço entre os muros apontando seu fuzil e com o dedo no gatilho.

Chegou à abertura, e viu um terceiro muro caído mais adiante, atravessou-a em direção à última e estreita passagem que estava à sua direita, e depois para a entrada final do último muro. O roçar de seus pés na pedra e sua respiração estrondavam. Além do terceiro muro tudo estava iluminado pela lua, mas dentro do labirinto reinava a escuridão e fazia frio. Tinha apoiado suas costas no muro do meio, e sentiu uma estranha comodidade na sólida sensação transmitida pela pedra. Virou para avançar de lado, tentando ignorar as batidas de seu coração; depois respirou fundo, apoiou-se sobre um joelho e com um movimento lateral se deixou cair, de maneira que ficou de joelhos na frente da última entrada para a aldeia de Loup, com seu fuzil apontando diretamente para as ruas calçadas que levavam à branqueada igreja.

Diante dele não havia nada.

Ninguém proclamava seu triunfo, ninguém zombava, ninguém ordenava sua captura.

Sharpe deixou escapar um longo suspiro. Era uma noite fria, mas o suor gotejava por seu rosto e faziam seus olhos arderem. Um arrepio cruzou suas costas quando baixou o cano do fuzil.

Nesse instante os uivos começaram.

---

## CAPÍTULO 6

— Está louco, Hogan! — disse Wellington. — Louco de pedra! Desequilibrado! Deveriam colocá-lo em Bedlam, onde poderíamos receber seis peniques que as pessoas pagariam com gosto para rir dele. Já esteve alguma vez em Bedlam?

— Uma vez, milorde, somente uma vez. — O cavalo de Hogan estava cansado e inquieto, pois o irlandês tinha cavalgado muito para encontrar o general, e de certa forma estava desconcertado com recepção abrupta. Além disso, o incômodo estado de ânimo de Hogan era o de alguém que tinha acordado muito cedo, ainda que conseguiu de algum modo responder ao jocoso cumprimento de Wellington em um estilo parecido. — Minha irmã queria ver os lunáticos, milorde, mas lembro que só pagamos dois peniques cada um.

— Pois sem dúvida deveriam internar Erskine com eles — disse Wellington sério —, e cobrar à ralé dois peniques por cabeça para vê-lo. Contudo, mesmo o volúvel e imprevisível Erskine deveria se recuperar para fazer este trabalho, não? Tudo o que tem que fazer é bloquear este lugar, não capturá-lo.

Wellington estava inspecionando as desalentadoras defesas que rodeavam a cidade de Almeida, nas mãos dos franceses. De vez em quando, um canhão disparava da cidade fortificada, e o ruído seco e duro do canhonaço se estendia pelo campo dois segundos depois do projétil ter quicado entre salpicos de orvalho da madrugada, e desaparecesse dando saltos cada vez menores em direção aos campos ou os bosques. Assistido por uma dúzia de assessores e mensageiros, e iluminado sem piedade pelos longos raios inclinados do sol, que acabava de sair, Wellington oferecia um alvo perfeito para os artilheiros franceses, mas o lorde ignorava ostentadamente suas tentativas de acabar com ele. Em vez de procurar outra posição fora da linha de tiro, e quase como se zombasse da pontaria do inimigo, parava em qualquer lugar que o terreno oferecesse uma boa vista da cidade, que tinha um peculiar aspecto achatado desde que a catedral e o castelo de Almeida tinham explodido pelos ares em uma explosão massiva de pólvora armazenada. Aquela explosão havia obrigado os defensores ingleses e portugueses a render a cidade fortificada aos franceses, que agora por sua vez estavam sitiados por tropas inglesas sob o comando de sir William Erskine. Os homens de Erskine receberam ordens de cercar aquela praça forte, não de capturá-la; de fato, nenhum dos canhões de Erskine era grande o bastante para afetar as impressionantes fortificações com forma de estrela.

— Quantos desses pilantras estão ali dentro, Hogan? — perguntou Wellington, desconsiderando o fato de que Hogan não teria atravessado o território a galope estendido àquelas horas da manhã se não tivesse notícias importantes.

— Acreditamos que uns mil e quinhentos homens, milorde.

— E munição?

— Muita.

— E quanta comida eles têm?

— Meus informantes dizem que duas semanas e meia de ração, o que provavelmente signifique que podem aguentar um mês. Parece que os franceses podem subsistir do ar, milorde. Poderia sugerir que nos movêssemos antes que um artilheiro consiga um alvo certo? E poderia reclamar também toda a atenção de milorde?

Wellington não se moveu.

— Estou atraindo toda a atenção dos artilheiros — disse o general com seu pesado senso de humor —, como uma maneira de animá-los a melhorar sua destreza. Dessa maneira, Hogan, poderiam me livrar de Erskine. — O general Erskine, que costumava ficar bêbado, estava meio cego e tinha reputação de louco. — Ou pelo menos foi isso que me confessou a Guarda Montada — acrescentou misteriosamente Wellington, com a esperança de que Hogan seguisse sua errática concatenação de pensamentos. — Escrevi para eles, Hogan, e me queixei para que me enviassem Erskine, e sabe o que me responderam? — Wellington tinha contado a Hogan aquela história pelo menos meia dúzia de vezes nos últimos três meses, mas o irlandês sabia o quanto o general desfrutava contando-a, assim que deixou seu superior falar.

— Temo que neste momento esqueci sua resposta.

— Responderam-me, Hogan, e cito, que “não resta dúvida de que, em certas ocasiões, fica um pouco louco, mas nos intervalos de lucidez é um homem de uma inteligência incomum, ainda que realmente parecia um pouco desequilibrado quando embarcou”! — Wellington soltou uma grande risada que soou como um relincho. — Então, acha que Masséna tentará liberar sua praça forte do cerco?

Hogan entendeu pelo tom de voz do general que Wellington já sabia a resposta tão bem como ele e sensatamente não disse nada. A resposta, de toda forma, era evidente, pois tanto Hogan como Wellington compreendiam que o marechal Masséna não teria largado cerca de mil e quinhentos homens em Almeida só para que a inanição os fizesse se render e os obrigasse assim a passar o restante da guerra em algum inóspito campo de prisioneiros em Dartmoor. Almeida contava com aquela forte guarnição para algum propósito e Hogan, tal como seu superior, suspeitava que o propósito estava a ponto de se completar.

Uma flor de fumaça branca apontou o lugar nas muralhas onde um canhão havia disparado. Hogan chegou a ver a bala como uma escura linha vertical que oscilava no céu, sinal seguro de que o disparo avançava diretamente para o observador. Agora tudo dependia se o cabo do canhão tinha calculado bem a elevação. Meia volta a mais do parafuso de elevação da arma e a bala seria curta; uma volta a menos e passaria assobiando por cima de suas cabeças.

A bala foi curta por uns noventa metros, e depois de quicar na grama passou por cima da cabeça de Wellington, para acabar destroçando um carvalho. Uma nuvem de folhas saiu expelida quando a bala agitou os galhos de um lado para o outro.

— Seus canhões estão muito frios, Hogan — disse o general. — Disparam abaixo de suas possibilidades.

— Não por muito tempo, milorde — disse Hogan com fervor —, aqueles canhões se esquentarão logo.

Wellington soltou um risinho.

— Valoriza sua vida, né? Bem, então cavalguemos. — O general estalou a língua e seu cavalo caminhou obediente ladeira abaixo, passando atrás de uma bateria inglesa oculta do inimigo por um desnível coroadado por cestas cheias de terra. Muitos dos artilheiros estavam nus da cintura para cima, alguns dormiam, e o restante estava tão ocupado em seu trabalho que nenhum pareceu se dar conta de que o chefe supremo do exército passava a seu lado. Qualquer outro general teria se ofendido com o aparente desleixo dos membros da bateria, mas o rápido olhar de Wellington comprovou imediatamente o bom estado dos canhões, e simplesmente cumprimentou ao comandante da bateria antes de indicar a seus assessores que o deixassem sozinho com o major. — Que notícias me traz, Hogan?

— Muitas notícias, milorde, e nenhuma delas é boa — disse Hogan. Tirou o chapéu e se abanou o rosto. — O marechal Bessièrès se uniu a Masséna, milorde. Trouxe muita cavalaria e artilharia com ele, mas nenhuma infantaria, pelo menos pelo que podemos deduzir.

— Seus guerrilheiros? — Wellington estava perguntando pela fonte de informação de Hogan.

— Sim, milorde. Seguiram de perto a marcha de Bessièrès — Hogan pegou sua caixinha de rapé, e se serviu de uma reconstituente pitada enquanto Wellington digeriria as notícias. Bessièrès comandava o exército francês no norte da Espanha, um exército dedicado em sua totalidade a combater os guerrilheiros, e a notícia de que Bessièrès tinha trazido tropas de reforço para o marechal Masséna sugeria que os franceses estavam se preparando para tentar romper o cerco de Almeida.

Wellington cavalgou em silêncio alguns metros. Seu percurso o levou à leve ladeira de subida para uma crista coberta de capim, que oferecia outra boa perspectiva da fortaleza do inimigo. Sacou uma luneta e inspecionou largamente as muralhas baixas e os telhados destruídos pela artilharia. Hogan imaginou os artilheiros nivelando seus canhões para apontar para seu novo alvo. Wellington resmungou, e depois fechou a luneta de um golpe.

— Portanto Masséna vem para reabastecer aqueles parasitas, hem? Se conseguir, Hogan, terão suprimentos suficientes para resistir até que o inferno se gele, a menos que arrasemos o lugar primeiro; para arrasá-lo levaríamos pelo menos até o meio do verão, e não posso assaltar Almeida e Cidade Rodrigo ao mesmo tempo, logo Masséna terá que ser detido. Será curto, garanto de algum modo. — Esta última afirmação se referia a um canhão que acabava de disparar das muralhas. A fumaça flutuou por cima do fosso, enquanto Hogan tentava localizar o projétil. A bala chegou um segundo antes que o som do disparo. Atingiu a ladeira abaixo da posição do general e quicou por cima de sua cabeça para se incrustar desta vez em uma grande oliveira. Wellington fez seu cavalo se afastar. — Porém, você sabe o que isso implica, Hogan, que eu tente deter a Masséna diante de Almeida?

— O *Coa*, milorde.



— Exatamente, Hogan, exatamente.

Se o exército inglês e português combatesse contra os franceses perto de Almeida, teriam o profundo e rápido rio *Coa* a suas costas, e se Masséna conseguisse flanquear o lado direito de Wellington, coisa que com toda segurança tentaria, então ao exército só lhe restaria uma estrada, só uma, pela qual se retirar se sofresse uma derrota. Essa única estrada cruzava por uma ponte alta e estreita sobre a de outra maneira infranqueável garganta do *Coa*, e se o exército derrotado, com toda sua artilharia e bagagem e mulheres e bestas de carga e feridos, tentasse cruzar por aquela estreita ponte..., então seria o caos. Contra esse caos investiriam os pesados cavalos do imperador com suas tropas armadas com espadas. Dessa forma um excelente exército inglês que tinha expulsado os franceses de Portugal morreria na fronteira da Espanha. E em Paris haveria uma nova ponte sobre o Sena que levaria o curioso nome de Ponte Castelo Bom, em memória do lugar no qual André Masséna, marechal da França, teria destruído o exército de lorde Wellington.

— De modo que teremos que derrotar o marechal Masséna, não é verdade? — disse Wellington a si mesmo, depois se voltou para Hogan. — Quando chegará, Hogan?

— Breve, milorde, muito breve. As reservas de Cidade Rodrigo impedem que seja de outra maneira — respondeu Hogan. Com a chegada dos homens de Bessières, agora os franceses tinham demasiadas bocas que alimentar com as reservas de suprimentos de Cidade Rodrigo, o que queria dizer que teriam que marchar imediatamente ou morreriam de fome.

— Com quantos Masséna conta agora? — perguntou Wellington.

— Pode pôr cinquenta mil homens no campo, milorde.

— E eu posso pôr quarenta mil contra eles — disse Wellington com amargura. — Algum dia, Hogan, Londres chegará a crer que podemos ganhar esta guerra, e nos enviará de verdade alguns soldados que não estejam loucos, cegos ou bêbados. Porém, e até então...? — deixou a pergunta sem resposta. — Tem circulado mais jornais falsos como aqueles?

Hogan não se surpreendeu com a repentina mudança de tema. Os jornais que descreviam as fictícias atrocidades na Irlanda tinham pretendido criar animosidade contra o exército inglês entre os irlandeses. A estratégia havia fracassado, mas faltou pouco para que conseguisse resultados, e tanto Hogan como Wellington temiam que a seguinte tentativa tivesse mais êxito. E se essa tentativa ocorresse na véspera de Masséna cruzar a fronteira para liberar Almeida, poderia ser catastrófico.

— Nenhum, senhor — disse Hogan. — Ainda.

— Porém, você já afastou a Real Companhia Irlandesa da fronteira?

— Esta manhã deverão estar chegando a Vilar Formoso, senhor — disse Hogan.

Wellington fez uma careta.

— Em que momento informará ao capitão Sharpe de seus problemas? — O general não esperou a resposta de Hogan. — É verdade que fuzilou àqueles dois prisioneiros, Hogan?

— Suspeito que sim, milorde, sim — respondeu Hogan seriamente. O general Valverde

havia informado da execução dos homens de Loup ao quartel general inglês, não como protesto pelo fato em si, mas como uma prova de que o assalto de Loup ao forte São Isidro tinha sido provocado pela irresponsabilidade de Sharpe. Valverde cavalgava o cavalo da moral elevada, e proclamava em voz bem alta que a vida de espanhóis e portugueses não podia ser confiada ao comando inglês. Era pouco provável que os portugueses se preocupassem muito com as alegações de Valverde, mas a Junta de Cádiz estava muito ansiosa para conseguir qualquer munição que pudesse utilizar contra seus aliados ingleses. Valverde já lhes havia feito chegar uma ladainha de objeções sobre como os soldados ingleses não tinham rendido homenagem aos Santos Sacramentos quando estes tinham sido levados às ruas, e sobre como os maçons entre os oficiais ingleses ofendiam a sensibilidade católica ao desfilar abertamente com suas vestiduras cerimoniais; mas agora tinha uma alegação mais amarga e feridora: que os ingleses lutavam até a última gota de sangue de seus aliados, e a matança de São Isidro era sua prova.

— Maldito Sharpe — disse Wellington.

Maldito Valverde, pensou Hogan, mas a Inglaterra necessitava mais da boa vontade espanhola do que de um fuzileiro insolente.

— Não falei com Sharpe, milorde — disse Hogan —, mas suspeito que ele matou aqueles dois homens. Ouvi que foi uma situação típica: os homens de Loup tinham estuprado umas caipiras. — Hogan deu de ombros, dando a entender que um horror semelhante já era algo habitual.

— Pode ser que seja uma situação típica — disse Wellington com acritude —, mas isso dificilmente perdoa a execução de prisioneiros. Conforme minha experiência, Hogan, quando se ascende um homem desde a tropa normalmente se dará à bebida, mas não é este o caso do senhor Sharpe. Não, eu ascendi ao sargento Sharpe, e ele se atreve a empreender guerras pessoais a minhas custas! Loup não atacou São Isidro para destruir Oliveira ou Kiely, Hogan, mas para encontrar Sharpe, o que faz que as baixas dos *caçadores* sejam todas culpa de um capitão do exército inglês!

— Isso não sabemos, milorde.

— Mas os espanhóis o deduzirão, Hogan, e o propagarão aos quatro ventos, o que faz difícil, Hogan, condenadamente difícil para nós culpar a Runciman. Dirão que estamos ocultando o verdadeiro culpado, e que somos displicentes com as vidas de nossos aliados.

— Podemos dizer que as alegações contra o capitão Sharpe são mal-intencionadas e falsas, milorde.

— Achava que já as havia admitido — replicou Wellington bruscamente. — Não se pavoneou ante Oliveira de ter executado aqueles dois velhacos?

— Isso entendi, milorde — disse Hogan —, mas não sobreviveu nenhum dos oficiais de Oliveira para dar fé dessa confissão.

— Então, quem pode testemunhar?

Hogan deu de ombros.

— Kiely e sua rameira, Runciman e o capelão — Hogan tentou fazer que a lista parecesse insignificante, e depois sacudiu a cabeça. — Temo que sejam muitas testemunhas, milorde. Para não mencionar o próprio Loup. Valverde bem poderia tentar conseguir uma queixa formal dos franceses, e para nós seria difícil descartar um documento como esse.

— Então, Sharpe tem que ser sacrificado? — perguntou Wellington.

— Temo que sim, milorde.

— Maldito seja, Hogan! — alfinetou Wellington. — Mas o que demônios se passou entre Sharpe e Loup?

— Queria saber, milorde.

— E não se supõe que teria que sabê-lo? — perguntou o general, irritado.

Hogan tranquilizou a sua fatigada montaria.

— Não tive tempo, milorde — disse com um quê de irascibilidade. — Não sei tudo o que se passou entre Sharpe e Loup, mas o que parece claro é que há um esforço conjunto para semear a discórdia neste exército. Há um novo homem que veio ao sul desde Paris, um tipo chamado Ducos, que parece ser mais inteligente que as parasitas habituais. É o tipo que está por trás desse plano dos jornais falsificados. E suponho, milorde, que tem mais artigos como esse a caminho, preparados para chegar aqui justo antes que os próprios franceses.

— Pois os detenha! — exigiu Wellington.

— Posso detê-los e os deterei — disse Hogan confiante. — Sabemos que é a prostituta de Kiely quem cruza a fronteira com eles, mas nosso problema é encontrar o homem que os distribui em nosso exército, e esse homem é o verdadeiro perigo, milorde. Um de nossos correspondentes em Paris nos advertiu que os franceses têm um novo agente em Portugal, um homem do qual esperam grandes façanhas. Encarregar-me-ei com muita gosto de encontrá-lo antes que satisfaça essas expectativas. Tenho bastantes esperanças de que a rameira nos conduza a ele.

— Está seguro com relação a essa mulher?

— Bastante seguro — disse Hogan com firmeza. Seus informantes de Madri foram muito claros, mas sabia que era melhor não mencionar seus nomes em voz alta. — Por desgracia, não sabemos ainda quem é esse novo homem em Portugal, mas com tempo, milorde, e algum leve descuido daquela rameira de Kiely, nós o encontraremos.

Wellington grunhiu. Um retumbar no céu anunciava a passagem de um projétil francês, mas o general nem sequer levantou a vista para ver onde podia cair a bala.

— Maldita seja toda esta confusão, Hogan, e malditos sejam Kiely e seus malditos homens, e maldito seja Sharpe também. Runciman está pronto para o sacrifício?

— Está em Vilar Formoso, milorde.

O general fez um gesto de aprovação.

— Pois agarre também a Sharpe. Ponha-o para fazer trabalhos administrativos, Hogan, e

advirta-o de que sua conduta também será submetida a uma comissão de investigação. Depois informe ao general Valverde que estamos nos encarregando deste assunto. Já sabe o que tem que lhe dizer — Wellington sacou um relógio de bolso e abriu sua tampa. Seu rosto se contraiu em um gesto de desgosto. — Suponho que se estou aqui terei que fazer uma visita a Erskine. Acredita que aquele lunático ainda estará na cama?

— Estou seguro de que seus ajudantes já advertiram a sir William de sua presença, milorde, e creio que não lhe agradaria se o senhor o ignorar.

— Mais susceptível que uma virgem em um barracão cheio de soldados. E igualmente louco. É justo o homem indicado, Hogan, para dirigir a comissão de investigação sobre Runciman e Sharpe. Vamos ver, Hogan, se sir William está experimentando um intervalo de lucidez e assim pode entender o veredito que requeremos dele. Devemos sacrificar um bom e um mau oficial para acertar o focinho de Valverde. Maldito seja, Hogan, maldito seja, mas em tempos de necessidade não temos outro remédio. Pobre Sharpe — lorde Wellington deu uma última espiada para a cidade de Almeida, e logo depois conduziu seu séquito para o quartel general das forças de assédio.

Enquanto isso, Hogan estava preocupado com a estreita ponte de Castelo Bom, com Sharpe e, mais ainda, com o misterioso inimigo que havia chegado de Portugal para semear a discórdia.

A casa da chaminé fumegante ficava onde a rua se abria para a pracinha de frente para a igreja, e foi lá onde começaram os uivos. Sharpe, que tinha começado a se levantar, voltara a se agachar nas sombras a toda pressa quando uma porta de duas folhas junto da casa se abriu com um chiado.

Os cachorros saíram em manada. Estavam há muito tempo encerrados, por isso correram alegres de um lado para outro da rua deserta. Uma figura uniformizada pegou um cavalo e uma mula, e depois se afastou de Sharpe, com a intenção evidente de abandonar São Cristóvão pela porta do outro lado da aldeia. Um dos cachorros pulava brincalhão junto da mula, e recebeu um insulto e um chute por armar confusão.

O insulto ressoou claramente na rua. Era uma voz de mulher, a voz de dona Joanhinha de Elia, que agora punha o pé no estribo do cavalo selado, mas o cachorro voltou a perturbar a mula justo quando ela tentava subir na sela. A mula, que estava carregada com dois pesados alforjes, zurrou afastando-se do cachorro e arrancou as rédeas da mão de Joanhinha. Depois, assustada pelos excitados cachorros, saiu trotando para Sharpe.

Joanhinha de Elia voltou a maldizer. No alvoroço, deixou cair seu bicornes emplumado, de forma que sua comprida cabeleira negra começou a se soltar de seus grampos. Colocou-os bruscamente em seu lugar, enquanto se apressava atrás da assustada mula, que tinha ido parar justo a alguns poucos passos do lugar onde Sharpe estava escondido. Os cachorros corriam na outra direção, batizando com urina os degraus da igreja pela alegria de terem sido liberados de sua prisão no pátio daquela casa.

— Vamos, filha da puta — Joaninha disse em espanhol para a mula. Usava o elegante uniforme da Real Companhia Irlandesa.

Agachou-se para agarrar a rédea da mula, e Sharpe deu um passo para a parte iluminada pela lua.

— Nunca soube — disse — se isso de “dona” é um título ou não. Tenho que dizer “bom dia, milady” ou só bom dia? — parou a três passos dela.

Joaninha tardou alguns segundos em recuperar seu prumo. Endireitou-se, olhou fixamente o fuzil nas mãos de Sharpe, depois para seu cavalo, que estava a uns trinta passos. Tinha deixado uma carabina no estojo de sua sela, mas sabia que não tinha possibilidade alguma de alcançar a arma. Levava uma espada curta ao lado, e sua mão desceu para o cabo, mas parou quando Sharpe levantou a boca do fuzil.

— Você não mataria uma mulher, capitão Sharpe — disse friamente.

— Na escuridão, milady? Uma sombra com uniforme? Não acredito que ninguém fosse me culpar por isso.

Joaninha vigiava Sharpe cuidadosamente, tentando julgar a sinceridade de sua ameaça. Então lhe ocorreu uma maneira de se salvar e sorriu antes de dar um assobio dissonante. Seus cachorros se detiveram e levantaram as orelhas.

— Incitarei meus cachorros contra o senhor, capitão — disse ela.

— Porque é tudo o que resta aqui, né? — disse Sharpe. — Loup se foi. Para onde?

Joaninha ainda sorria.

— Já vi como meus cachorras derrubaram um poderoso veado, capitão, e o convertiam em picadinho em dois minutos. O primeiro que o alcance irá procurar sua garganta e o manterá no chão, enquanto os outros se cevam com o senhor.

Sharpe lhe devolveu o sorriso e depois levantou a voz.

— Pat! Traga os garotos aqui!

— Maldito seja — disse Joaninha, e depois voltou a assobiar e os cachorros começaram a trotar rua abaixo. Ao mesmo tempo, ela se virou e começou a correr para seu cavalo, mas as esporas de suas pesadas botas de montar diminuía seu passo, e Sharpe a agarrou por trás. Passou seu braço esquerdo por sua cintura e manteve seu corpo diante dele como um escudo, ao mesmo tempo em que retrocedia para o muro mais próximo.

— Que garganta irão buscar agora, milady? — perguntou. O cabelo alvoroçado dela estava em seu rosto. Cheirava a água de rosas.

Ela lhe golpeava, tentava dar cotoveladas, mas Sharpe era muito mais forte. O cachorro mais veloz chegou correndo para eles, e Sharpe baixou o fuzil com sua mão direita e apertou o gatilho. O som do disparo estrondou brutalmente na reduzida ruela. O tiro de Sharpe havia errado seu alvo devido à resistência de Joaninha, mas a bala atingiu o animal em uma anca, e saiu correndo dando voltas e gemendo, como se tentasse morder a bala que o havia ferido,

justo quando Harper entrava com os fuzileiros pela labiríntica entrada. A repentina aparição do irlandês e seus homens confundiu os outros cachorros. Diminuíram seu passo e, entre grasnidos, se reuniram ao redor da cachorra ferida.

— Acabe o sofrimento dessa vira-lata, Pat — disse Sharpe. — Harris? Volte junto ao capitão Donaju, cumprimente-o de minha parte e diga que traga seus homens. Cooper? Traga o cavalo de milady. Perkins? Tire a espada de milady.

Harper se meteu entre os cachorros, sacou sua baioneta e se inclinou sobre a cachorra ensanguentada, que tentava mordê-lo.

— Fique quieta, canalha — disse com voz suave antes de lhe dar um só corte. — Pobre animal — disse enquanto se erguia com sua baioneta gotejando sangue. — Deus salve a Irlanda, senhor, mas olhe só o que o senhor encontrou. A embonecada dama de lorde Kiely.

— Traidor! — gritou Joaninha para Harper, e depois lhe cuspiu. — Traidor! Deveria estar combatendo contra os ingleses.

— Oh, milady — disse Harper enquanto limpava sua lâmina na bainha de sua casaca verde —, alguma vez a senhora e eu deveríamos desfrutar de uma longa conversa sobre quem deveria estar lutando com quem, mas justo agora estou ocupado com a guerra na qual já estou.

Perkins tirou com cuidado a espada curta do cinto de Joaninha, só então Sharpe a soltou.

— Minhas desculpas por tê-la segurado à força, senhora — disse com muita formalidade.

Joaninha fez ignorar o comentário. Permaneceu erguida e estirada, mantendo sua dignidade diante dos fuzileiros estrangeiros. Dan Hagman puxava a mula para afastá-la da esquina da rua na qual havia se refugiado.

— Traga-a, Dan — disse Sharpe. Depois subiu pela rua em direção à casa da qual Joaninha tinha saído. Harper a escoltava, e fez que entrasse atrás de Sharpe no pátio.

A casa devia de ter sido uma das maiores do lugar, porque a entrada dava para um espaçoso pátio com estábulos de ambos os lados e um poço com um puteal muito elaborado. A porta da cozinha estava aberta, e Sharpe se aventurou dentro para encontrar um fogo que ainda fumegava e os restos de uma refeição sobre a mesa. Achou alguns tocos de vela, acendeu-os no fogo e voltou a colocá-los na mesa, entre pratos e copos. Pelo menos seis pessoas haviam comido naquela mesa, o que indicava que Loup e seus homens tinham partido fazia muito pouco.

— Revisem o restante da aldeia, Pat — disse Sharpe a Harper. — Leve meia dúzia de homens e vão com cuidado. Acho que todos os franceses se foram, mas nunca se sabe.

— Terei cuidado, senhor — Harper tirou os fuzileiros da cozinha, deixando Sharpe sozinho com Joaninha.

Sharpe apontou uma cadeira com um gesto.

— Vamos falar, milady.

Ela se aproximou com uma lenta dignidade do outro extremo da mesa, pôs uma mão no

respaldo da cadeira e, de repente, começou a correr para a porta que ficava do outro lado da habitação.

— Vá ao inferno — gritou a modo de despedida. Os móveis obstavam o movimento de Sharpe, assim que quando chegou à porta, ela já estava subindo um escuro tramo de degraus. Ele saiu correndo atrás de Joaninha, que se voltou ao chegar ao alto da escada e entrou por uma porta que fechou com uma batida atrás de si. Sharpe a abriu com um chute um segundo antes dela passar o trinco, e se lançou pela abertura para ver, à luz da lua, que Joaninha tinha se jogado sobre uma cama. Estava tentando sacar um objeto de uma velha mala, e quando Sharpe cruzou o quarto, ela se virou com uma pistola na mão. Ele se lançou sobre a mulher, golpeando a pistola com a mão esquerda justo quando ela apertava o gatilho. A bala se incrustou no teto enquanto Sharpe aterrizava em cima dela. Joaninha gemeu pelo impacto, e depois tentou cravar-lhe as unhas de sua mão livre nos olhos.

Sharpe se afastou dela, levantou-se e retrocedeu para a janela. Estava ofegando. Seu pulso esquerdo doía, por tê-lo golpeado ao desviar a pistola. A luz da lua brilhava prateada na neblina de fumaça que flutuava sobre a cama, que não era mais que um monte de colchões de palha sobre os quais descansavam umas peles que serviam de cobertores. Joaninha estava meio erguida, olhando-o fixamente, e depois se deu conta de que seu desafio tinha seguido seu curso. Deixou escapar um suspiro contrariado, e se deixou cair de novo sobre as peles.

Dan Hagman, que tinha ouvido o disparo desde o pátio, subiu as escadas com estrépito e entrou no quarto com seu fuzil preparado. Olhou para a mulher deitada de costas na cama e depois para Sharpe.

— Está tudo bem, senhor?

— Foi apenas uma discussão, Dan. Não há ninguém ferido.

Hagman voltou a olhar para Joaninha.

— Pequena gata montês, senhor — disse com admiração. — Pode ser que necessite de alguns açoites.

— Eu me encarrego dela, Dan. Descarregue aqueles alforjes da mula. Vejamos o que é que levava esta gata selvagem, hem?

Hagman voltou a descer os degraus. Sharpe massageou seu pulso e deu uma espiada no quarto. Era um quarto grande e de teto alto revestido de madeira escura, com grossas vigas, uma chaminé e uma pesada prensa para linho em um canto. Era evidentemente o dormitório de uma pessoa notável e o aposento que, ao aquartelar seus homens em uma aldeia, um oficial ao comando escolheria com naturalidade para seu alojamento.

— É uma cama grande, milady, muito grande para uma só pessoa — disse Sharpe. — Essas peles são de lobo?

Joaninha não disse nada.

Sharpe suspirou.

— É sua e de Loup? Tenho razão?

Ela o olhou com o ressentimento refletido em seus olhos morenos, mas seguia negando-se a responder.

— E todos aqueles dias que a senhora saía sozinha para caçar — disse Sharpe — vinha aqui para encontrar-se com Loup.

De novo ela não respondeu. Os raios da lua deixavam metade de seu rosto assombreado.

— E foi a senhora quem abriu para Loup a porta do São Isidro, né? — continuou Sharpe. — Por isso ele não atacou a casa da guarda. Queria se assegurar de que a senhora não sofreria nenhum dano durante o assalto. Que consideração de sua parte, não? Cuidando de sua mulher. Sem dúvida não lhe agradaria muito imaginá-la com lorde Kiely. Ou Loup não é um tipo ciumento?

— Geralmente, Kiely fica muito bêbado para isso — disse ela em voz baixa.

— Ah, então tem uma língua, hem? Portanto já pode me contar o que estava fazendo aqui.

— Vá ao inferno, capitão.

O ruído de passos na rua fez Sharpe se voltar para a janela e ver os homens da Real Companhia Irlandesa, que estavam se aproximando.

— Donaju! — gritou. — Entrem pela cozinha! — Virou-se para a cama. — Temos companhia, milady, assim que se mova e seja sociável. — Esperou ela se levantar e depois sacudiu a cabeça quando Joaninha se negou a se mover. — Não vou deixá-la sozinha em seu quarto, milady, portanto ou desce as escadas por bem e com seus próprios pés, ou a levo voando.

Ela se levantou, alisou seu uniforme e tentou arrumar o cabelo. Depois, seguida por Sharpe, desceu para a cozinha iluminada pelas velas, onde o Castrador, Donaju e o sargento-mor Noonan estavam de pé em torno da mesa. Olharam para Joaninha e depois olharam para Sharpe, que não sentiu a necessidade de lhes dar uma explicação imediata sobre a presença daquela mulher ali.

— Loup partiu — disse Sharpe a Donaju. — Enviei o sargento Harper para comprovar que o lugar está vazio, portanto, por que não espalham seus homens pelas defesas? Só para o caso do brigadeiro Loup decidir regressar.

Donaju olhou fixamente para Joaninha e depois se dirigiu a Noonan.

— Sargento-mor? Já ouviu a ordem. Cumpra-a.

Noonan saiu. O Castrador observava como Hagman tirava as coisas dos alforjes da mula. Joaninha tinha se aproximado ao que restava do fogo, onde estava se esquentando. Donaju a olhou e depois dedicou uma olhada inquisitiva para Sharpe.

— Dona Joaninha — explicou Sharpe — é uma mulher com muitas faces. É a prometida de lorde Kiely, a amante do general Loup e uma agente dos franceses.

Joaninha levantou a cabeça ao ouvir a última frase, mas não fez nenhum esforço para desmentir as palavras de Sharpe. Donaju a olhava como se não quisesse acreditar no que



acabava de ouvir. Depois se virou para Sharpe com o cenho franzido.

— Ela e Loup...? — perguntou.

— Seu ninhozinho de amor está lá em cima, pelo amor de Deus — disse Sharpe. — Suba para olhar se não me acredita. Foi ela quem deixou Loup entrar no forte na noite passada. Esta dama, Donaju, é uma asquerosa traidora.

— Folhas com hinos, senhor — interrompeu Hagman com tom confuso. — Mas muito estranhos. Vi coisas parecidas na igreja, em casa, já sabe, para os músicos, mas não como estes.

O antigo caçador furtivo havia desempacotado os alforjes para sacar à luz uma grande pilha de manuscritos cheios de pentagramas, e escritos com palavras e notações musicais.

— São muito antigos — Donaju ainda estava surpreendido com as revelações sobre Joaninha, mas agora se aproximou para examinar os documentos que Hagman havia descoberto. — Vê, Sharpe? Só quatro linhas em lugar de cinco. Poderiam ter duzentos ou trezentos anos. E com palavras em latim. Vamos ver... — Enrugou o cenho enquanto tentava traduzir mentalmente. — “Celebrai com vossas palmas, pronunciai o nome de Deus com voz vitoriosa.” Os salmos, acho.

— Ela não levaria um impresso de salmos para nossas linhas — disse Sharpe; separou os manuscritos do início da pilha e começou a rebuscar entre eles. Só tardou alguns segundos em encontrar os jornais que estavam escondidos entre os manuscritos. — É isto, Donaju — Sharpe levantou os jornais —, isto é o que levava.

A única reação de Joaninha diante da descoberta foi começar a roer uma unha. Olhou para a porta da cozinha, mas Harper já havia voltado para a casa e seus fuzileiros enchiam o pátio.

— O lugar está vazio, senhor. O grande canalha se foi — informou a Sharpe —, e se foi com bastante pressa, capitão, porque este lugar está cheio até a borda de butim. Algo fez que partisse a toda pressa. — Cumprimentou respeitoso ao capitão Donaju. — Seus homens estão se encarregando das defesas, senhor.

— Desta vez não são jornais norte-americanos — disse Sharpe —, mas ingleses. Portanto aprenderam a lição da última vez, não? Se falsificarem um jornal velho demais, ninguém acreditará em suas estórias, mas as datas destes são da semana passada. — Foi tirando os jornais um a um sobre a mesa. — O *Morning Chronicle*, o *Weekly Dispatch*, o *Salisbury Journal*, o *Staffordshire Advertiser*... Alguém esteve muito ocupado, milady. Quem foi? Alguém de Paris? Porque é lá onde se imprimem estes diários, não?

Joaninha não disse nada.

Sharpe arrancou outro jornal do monte.

— Impresso em Paris há provavelmente três semanas e trazidos aqui bem a tempo. Afinal de contas, ninguém se surpreenderia em ver um *Shrewsbury Chronicle* de duas semanas atrás em Portugal, não acham? Um veleiro rápido poderia tê-los trazido com facilidade, e não teria informes de tropas para contradizer estas estórias. E o que dirão sobre nós desta vez? —

Folheou o jornal, aproximando-o das velas enquanto passava as páginas. — “Aprendiz encarcerado por jogar futebol no domingo”? Acho que foi bem feito pelo sacana tentar se divertir, mas suponho que esta história não provocaria um motim nas tropas, ainda que deve ter algo...

— Encontrei uma coisa — disse Donaju tranquilamente. Estivera buscando no *Morning Chronicle*, e agora dobrou o jornal e o deu a Sharpe. — Uma estória sobre a Divisão Irlandesa.

— Não existe nenhuma Divisão Irlandesa — disse Sharpe enquanto pegava o jornal. Encontrou o texto que havia atraído a atenção de Donaju e o leu em voz alta. — “Recentes distúrbios entre as tropas irlandesas a serviço de Portugal — leu Sharpe, um pouco envergonhado porque era um leitor lento e não muito seguro — convenceram o governo da necessidade de adotar uma nova política... — Teve muita dificuldade com a palavra seguinte — paliativa. Quando termine a campanha da presente temporada, os regimentos irlandeses do exército se reunirão em uma divisão que será destinada às praças fortes das ilhas do Caribe. O Ministério da Fazenda proibiu os gastos derivados do transporte de esposas, pois existem dúvidas de que muitas das uniões assim descritas se tenham beneficiado da benção do Altíssimo. Ademais, nos trópicos as cabeças quentes dos irlandeses encontrarão um clima mais de seu agrado.”

— Este tem a mesma notícia — Donaju abriu outro jornal e depois ofereceu uma apressada explicação ao Castrador sobre tudo o que estava ocorrendo dentro da cozinha carregada de fumaça.

O guerrilheiro fulminou Joaninha com o olhar quando soube de sua traição.

— Traidora! — cuspiu. — Sua mãe era uma puta — disse, ou pelo menos é o que Sharpe acreditou entender do rápido e furioso espanhol —, e seu pai um sacana. Tinha tudo, mas luta pelos inimigos da Espanha, enquanto nós, que não temos nada, lutamos para salvar nosso país. — voltou a cuspir-lhe e apontou para sua pequena faca de cabo de osso. Joaninha se empertigou com o ataque, mas não disse nada. Seus olhos negros voltaram a colocar-se em Sharpe, que acabava de encontrar outra versão do anúncio, na qual se afirmava que todos os regimentos irlandeses iam ser destacados para as Índias Ocidentais.

— É uma mentira inteligente — disse Sharpe olhando para Joaninha —, muito inteligente.

Donaju franziu o cenho.

— Por que é tão inteligente? — havia formulado a pergunta que também se fazia Patrick Harper. — Por acaso os irlandeses não gostariam de formar uma divisão juntos?

— Estou seguro de que sim, senhor, mas não no Caribe e sem suas esposas, que Deus nos ajude.

— A metade dos homens morreriam de febre amarela nos três meses seguintes à sua chegada às ilhas — explicou Sharpe —, e a outra metade estaria morta em seis meses. Ser enviado ao Caribe, Donaju, é uma sentença de morte. — Olhou para Joaninha. — De quem foi a ideia, milady?

Ela não disse nada, simplesmente seguiu roendo a unha. O Castrador a insultou aos gritos por sua obstinação, e sacou a faquinha do cinturão. Donaju ficou pálido ante a torrente de obscenidades, e tentou refrear a ira do grandalhão.

— Bem, pois a estória não é verdade — Sharpe interrompeu o alvoroço. — Principalmente porque não somos tão tontos a ponto de afastar os soldados irlandeses do exército. Quem ganharia as batalhas então?

Harper e Donaju sorriram. Sharpe sentia um tranquilo júbilo, pois embora sua descoberta não justificasse ter descumprido suas ordens e marchado para São Cristóvão, ainda que nada justificaria essa ação. Amontou os jornais e depois olhou para Donaju.

— Por que não o senhor não envia alguém de volta ao quartel general? Que procure o major Hogan, que lhe conte o que temos aqui e lhe pergunte o que devemos fazer.

— Irei eu mesmo — disse Donaju —, mas o que vai fazer o senhor?

— Tenho algumas coisas a fazer aqui primeiro — disse Sharpe, olhando para Joaquina enquanto falava. — Como descobrir onde está Loup e por que partiu com tanta pressa.

Joaquina se incomodou.

— Não tenho nada a lhe dizer, capitão.

— Então talvez diga a ele. — Apontou com a cabeça para o Castrador.

Joaquina deu uma aterrorizada olhada para o guerrilheiro, depois voltou a olhar para Sharpe.

— Desde quando os oficiais ingleses não são cavalheiros, capitão?

— Desde que começamos a ganhar batalhas, senhora — disse Sharpe. — Quem será, então? Ele ou eu?

Donaju parecia a ponto de protestar pelo comportamento de Sharpe, depois viu o rosto carrancudo do fuzileiro e pensou melhor.

— Eu levarei um jornal para Hogan — disse tranquilamente, guardou no bolso o falso *Morning Chronicle* dobrado e saiu do quarto. Harper saiu com Donaju e fechou bem a porta da cozinha atrás dele.

— Não se preocupe, senhor — disse Harper a Donaju quando já estavam no pátio. — Agora cuidarei eu da dama.

— Fará isso?

— Sim, cavarei uma cova bem funda para ela, senhor, e enterrarei essa bruxa de bruxos para que, quanto mais se esforce, mais para baixo vá. Volte com cuidado para as linhas, senhor.

Donaju ficou pálido e saiu para buscar seu cavalo enquanto Harper gritava para Perkins que encontrasse um pouco de água, acendesse um fogo e preparasse uma boa xícara de chá para a manhã.

— Você se meteu em confusões, Richard — disse Hogan quando por fim se encontrou com Sharpe, no começo da tarde do mesmo dia que ele entrara na abandonada fortaleza de Loup. — Meteu-se em confusão. Fuzilou uns prisioneiros. Por Deus, homem, não me importo se fuzila a qualquer prisioneiro daqui até Paris, porém, por que diabos teve que contar a alguém?

A única resposta de Sharpe foi virar-se desde seu posto avantajado entre as rochas, e fazer um gesto com a mão para indicar a Harper que se mantivesse agachado.

— Não conhece a regra principal da vida, Richard? — resmungou Hogan enquanto atava seu cavalo a uma pedra.

— Nunca cheguei a descobri-la, senhor.

— Por que demônios não manteve sua maldita bocarra fechada? — Hogan trepou até a atalaia de Sharpe, e se estendeu ao lado do fuzileiro. — O que foi que encontrou?

— Ao inimigo, senhor — Sharpe e seus homens estavam agora a uns oito quilômetros de São Cristóvão, oito quilômetros para o interior da Espanha pelos quais lhes guiara o Castrador, que depois tinha cavalgado de regresso a São Cristóvão com as notícias que levaram Hogan até a crista, de onde agora vigiavam a estrada principal que saía a oeste da Cidade Rodrigo. Sharpe havia chegado à crista com o cavalo de dona Joaninha, que estava atado, longe da vista de qualquer um que olhasse da estrada; e havia muita gente que podia tê-lo feito, pois Sharpe estava vigiando a um exército inteiro. — Os franceses estão aí fora, senhor — disse. — Estão avançando e há milhares desses sacanas.

Hogan pegou sua própria luneta. Olhou atento a estrada durante um bom momento, e finalmente soltou um sopro.

— Meu Deus — disse —, que o Altíssimo se apiede de nós.

Pois havia todo um exército em marcha. Infantaria e dragões, artilheiros e hussardos, lanceiros e granadeiros, *voltigeurs* e engenheiros; uma esteira de homens que parecia negra à luz do entardecer, ainda que aqui e ali, na comprida coluna, o sol agonizante levantava reflexos escarlatas no flanco de um canhão puxado por uma parelha de bois ou alguns cavalos. Uma espessa nuvem de poeira se elevava das rodas de canhões, carroças e carretas que se mantinham nos limites da pista, enquanto que a infantaria marchava em colunas pelos campos adjacentes. A cavalaria avançava pelos flancos exteriores, em compridas fileiras de homens com lanças de pontas de aço e capacetes que refulgiam debaixo de penachos bamboleantes, enquanto os cascos de seus cavalos deixavam longas marcas na tenro capim do vale.

— Meu Deus... — disse Hogan mais uma vez.

— Loup está aí abaixo — disse Sharpe. — Eu o vi. Por isso abandonou São Cristóvão. Foi chamado para que se unisse ao exército, sabia?

— Maldito seja, Sharpe! — Hogan estourou. — Você não poderia se esquecer de Loup? Por culpa de Loup se meteu em confusão! Por que, no nome do Santíssimo, não pôde manter a boca fechada sobre aqueles dois malditos idiotas que fuzilou? Agora o maldito Valverde anda

contando que os portugueses perderam um regimento de primeira porque você agitou o vespertino, e que nenhum espanhol em seu juízo perfeito poderá confiar um só soldado a oficiais ingleses. E isso significa, maldito imbecil, que teremos que pôr você diante da comissão de investigação. Temos que sacrificá-lo junto com Runciman!

Sharpe olhou fixamente para o major irlandês.

— A mim?

— É claro! Em nome de Cristo, Sharpe! Você não entende nem um pouco de política? Os espanhóis não querem Wellington como generalíssimo! Veem essa nomeação como um insulto a seu país, e estão buscando munição para sua causa. Munição como o fato de algum maldito fuzileiro aturdido comece sua guerra pessoal às expensas de um excelente regimento de *caçadores* portugueses, cujo destino servirá como exemplo do que poderia ocorrer a qualquer regimento espanhol que se pusesse sob o comando de lorde Wellington. — Parou para olhar pela luneta e depois escreveu uma nota no punho de sua camisa. — Maldito seja, Sharpe, íamos ter uma investigação tranquila e sob controle que culpasse de tudo a Runciman, para nos esquecermos depois do que ocorreu em São Isidro. Agora você complicou tudo. Não se lembrou de tomar notas do que está vendo aqui, né?

— Sim, senhor, lembrei — disse Sharpe. Ainda estava tentando digerir a ideia de que toda sua carreira estava de repente ameaçada. Parecia tudo de uma injustiça monstruosa, mas guardou o ressentimento para si mesmo enquanto dava a Hogan uma folha dobrada das antigas partituras entre as quais estavam escondidos os jornais falsificados. No verso da folha, Sharpe havia escrito uma lista das unidades que tinha visto marchar diante de si. Era uma imponente lista de batalhões, esquadrões e baterias, todas se dirigindo para Almeida e com a esperança de encontrar e esmagar ao pequeno exército inglês que tinha que tentar impedir que auxiliassem à fortaleza.

— Amanhã — disse Hogan —, chegarão a nossa posição. Amanhã, Richard, combateremos. E será por aquilo que pode ver ali — Hogan havia localizado algo novo na coluna, e agora assinalava para o oeste. Sharpe tardou um momento em orientar sua luneta, então viu a imensa coluna de carros de bois que seguiam as tropas francesas para o oeste. — Os suprimentos de auxílio para Almeida — disse Hogan —, todos os alimentos e munição que a praça forte queira, suficientes para que possam passar o verão enquanto os assediamos, e se conseguirem nos manter diante de Almeida todo o verão, nunca cruzaremos a maldita fronteira, e só o Senhor sabe quantos franchinotes nos atacarão na próxima primavera. — Dobrou sua luneta de novo. — E falando de primavera, Richard, quer me dizer o que exatamente fez com dona Joaquina? O capitão Donaju me disse que o deixou com ela e com seu amigo o da faca.

Sharpe se ruborizou.

— Mandei-a de volta para casa, senhor.

Houve um momento de silêncio.

— Você fez o quê? — perguntou Hogan.

— Eu a enviei de volta para os franceses.

Hogan sacudiu a cabeça incrédulo.

— Deixou que um agente inimigo voltasse para os franceses? Você ficou completamente louco, Richard?

— Estava desgostosa, senhor. Disse que se a levasse de volta ao exército, seria presa pelas autoridades espanholas e julgada pela junta de Cádiz, senhor, e que provavelmente acabaria diante de um pelotão de fuzilamento. Nunca fui desses que brigam com mulheres, senhor. E já sabemos quem é, não? Assim que já não pode nos fazer nenhum mal.

Hogan fechou os olhos e apoiou a cabeça em seu antebraço.

— Meu Deus, em sua infinita piedade, salve por favor o mundo deste pobre tonto de pedra, porque certamente Wellington não o fará. E não lhe ocorreu, Richard, que talvez eu gostaria de falar com a dama?

— Sim, senhor. Mas estava assustada e não queria que a deixasse sozinha com o Castrador. Só estava sendo cavalheiresco, senhor.

— Eu pensava que você não aprovava as guerras nas quais se luta com cavalheirismo. Então, o que fez? Deu-lhe uma palmadinha no traseiro, secou as lágrimas da donzela, depois a beijou com ternura e a enviou para Loup para que possa contar a ele que vocês se alojaram em São Cristóvão?

— Deixei que se dirigisse ao noroeste, senhor — disse Sharpe ao mesmo tempo em que indicava o desfiladeiro —, e fiz que viajasse a pé, senhor, e sem botas. Pensei que isso diminuiria seu passo. E falou comigo antes de partir, certamente. Está tudo aí escrito, se é que o senhor consegue ler minha letra. Disse que era ela quem distribuía os jornais, senhor. Levava-os até os acampamentos irlandeses e...

— A única coisa que dona Joaquina poderia distribuir, Richard, seria a sífilis. Em nome de Deus! Deixou que aquela prostituta brincasse com você entre seus dedos. Pelo amor do Santíssimo, Richard, eu já sabia que era ela a que arrumava os jornais. Era a garota dos recados. O verdadeiro velhaco é outra pessoa, e tinha a esperança de segui-la até ele. Mas agora você estragou. Jesus! — Hogan se calou para conter sua irritação, sacudiu a cabeça com desânimo. — Bem, pelo menos ela não levou sua maldita casaca.

Sharpe franziu o cenho, surpreso.

— Minha casaca, senhor?

— Não se recorda do que lhe contei, Sharpe? Que dona Joaquina coleciona os uniformes de todos os homens com quem se deita. Seu guarda-roupa deve de ser imenso, mas me alegra saber que não pendurará a casaca verde de um fuzileiro junto com todas as outras.

— Não, senhor — disse Sharpe, e se ruborizou ainda mais. — Sinto muito, senhor.

— Não tem remédio — disse Hogan enquanto se arrastava afastando-se da crista. — Você é um imbecil com as mulheres e sempre foi. Se varrermos Masséna, aquela mulher não poderá nos prejudicar, e se não, provavelmente a guerra estará perdida. Vamos agora. Vai se dedicar a

tarefas administrativas até que o crucifiquem. — Afastou-se da crista e devolveu a luneta ao bolso de seu cinturão. — Farei tudo o que possa por você, sabe Deus por que, mas só o que pode lhe ajudar, Richard, e odeio dizer isto, é que percamos esta batalha. Porque se perdermos, será tão grande o desastre que ninguém terá tempo nem forças para se recordar das estupidezes que você cometeu.

Já havia escurecido quando chegaram a São Cristóvão. Donaju tinha regressado à aldeia com Hogan e havia ordenado que seus cinquenta homens da Real Companhia Irlandesa voltassem para as linhas inglesas.

— Vi a lorde Kiely no quartel general — ele disse a Sharpe.

— E o que lhe disse?

— Disse que sua amante era uma afrancesada e que estava se deitando com Loup — Donaju falou com rudeza. — E acrescentei que era um completo idiota.

— Como reagiu?

Donaju deu de ombros.

— Como acha que o fez? É um aristocrata, tem orgulho. Ele me disse que fosse ao inferno.

— Amanhã — disse Sharpe —, todos teremos que fazer isso mesmo. — Porque no dia seguinte os franceses atacariam e uma vez mais voltaria a ver as enormes colunas azuis avançando entre redobres com suas águias, uma vez mais voltariam a ouvir o estrépito estrondoso dos canhões das baterias francesas. Sentiu um arrepio só de pensar; depois se virou para ver que seus casacas-verdes passavam em formação a seu lado. — Perkins — gritou de repente —, venha aqui!

Perkins tinha tentado se ocultar na parte mais distante da coluna, mas agora ficou em sentido diante de Sharpe sem resmungar. O sargento Harper também se aproximou deles.

— Não é culpa dele, senhor — disse Harper aflito.

— Cale-se — disse Sharpe, e olhou de cima abaixo para Perkins. — Onde está sua casaca, Perkins?

— Roubada, senhor — Perkins vestia camisa, botas e calças, e sobre isso usava as correias de seu equipamento. — Molhou, senhor, quando trazia água para os garotos, então a estendi fora para secar e a roubaram, senhor.

— Aquela mulher não estava muito longe de onde a estendeu, senhor — disse Harper penalizado.

— E por que ia roubar uma casaca de fuzileiro? — perguntou Sharpe, mas imediatamente sentiu que se ruborizava. Alegrou-se de que já fosse de noite.

— Por que alguém quereria a casaca de Perkins, senhor? — perguntou Harper. — Na melhor das hipóteses era um trapo surrado, isso é o que era, e pequena demais para a maioria dos homens. Mas acho que foi roubada, senhor, e não acho que Perkins tenha que pagá-la. Não foi culpa dele.

— Retire-se, Perkins — disse Sharpe.

— Sim, senhor, obrigado, senhor.

Harper observou como o garoto se reincorporava à sua fila.

— E por que aquela dona Joanninha roubaria uma casaca? Desconcerta-me, capitão, de verdade, mas não me ocorre quem mais pôde tê-la roubado.

— Ela não a roubou — disse Sharpe —, aquela prostituta viciosa a ganhou. Continue a marcha. Temos muito ainda por percorrer, Pat. — Mas ele já não sabia se aquela pista de montanha os levava a um lugar melhor, porque ele era um bode expiatório e enfrentaria as previsíveis conclusões de uma comissão de investigação, e na escuridão, seguindo seus homens, estremeceu.

Só havia dois sentinelas na porta da casa que servia de quartel general para Wellington. Outros generais teriam chegado à conclusão de que sua dignidade requeria uma companhia inteira de soldados, ou mesmo todo um batalhão, mas Wellington nunca quis mais que dois homens, que só estavam ali para manter afastados os meninos da cidade e para controlar os solicitantes mais inoportunos, que achavam que o general podia resolver seus problemas com um golpe de caneta. Chegavam comerciantes em busca de contratos para proporcionar ao exército carne em mau estado, ou com rolos de tela que estavam estocados há muito tempo em lojas cheios de traça; chegavam oficiais em busca de desagravos por insultos imaginários, e sacerdotes para se queixar de que os soldados protestantes ingleses se tinham zombado da Santa Madre Igreja, e em meio de todas aquelas distrações, o general tentava solucionar seus próprios problemas: a carência de ferramentas para cavar trincheiras, a escassez de armamento pesado que pudesse pulverizar as defesas de uma fortaleza, e o sempre urgente dever de convencer a um nervoso ministro de Londres de que sua campanha não estava condenada.

Portanto, depois do cedo jantar de costume do general, que consistia em uma costelinha de cordeiro assada em molho de vinagre, a visita de lorde Kiely não foi muito bem recebida. Tampouco ajudava que Kiely tivesse reforçado sua posição com conhaque para enfrentar Wellington, que no início de sua carreira tinha adquirido a sã convicção de que se entregar ao álcool sem mesura estragava a destreza de um homem como soldado.

— Neste exército, é melhor que um homem se mantenha sóbrio — gostava de dizer a si mesmo, e agora, sentado atrás de uma mesa no quarto que lhe servia de escritório, sala e dormitório, olhava com severidade para o exaltado e aceso Kiely, que havia chegado com uma petição urgente.

Umas velas cintilavam sobre a mesa coberta de mapas. Tinha chegado um mensageiro de Hogan, que informou que os franceses estavam em marcha e se dirigiam à estrada do sul que passava por Fontes de Onor. Não eram notícias inesperadas, mas significavam que agora os planos do general tinham que passar à prova dos canhões e o fogo de mosquetes.

— Estou ocupado, Kiely — disse friamente Wellington.



— Só lhe peço permissão para que minha unidade vá à linha do frente de batalha — disse Kiely com a cuidadosa dignidade do homem que sabe que, se não fizesse assim, o licor arrastaria suas palavras.

— Não — disse Wellington. O assessor do general, de pé junto da janela, indicou a saída com um gesto, mas Kiely ignorou o convite de partir.

— Fomos desprezados, milorde — disse sem pensar duas vezes. — Viemos aqui com boas intenções por ordem de meu soberano, esperando que fôssemos tratados de maneira adequada, e em troca fomos ignorados, nos negaram suprimentos...

— Não! — Foi tal o volume da palavra, que os sentinelas dos degraus dianteiros da casa se sobressaltaram. Depois, se olharam e sorriram. O general tinha gênio, ainda que raras vezes se podia presenciar, mas quando Wellington decidia dar rédea solta a toda a fúria de sua personalidade, aquilo era digno de se ver.

O general levantou a vista até seu visitante. Seu tom de voz caiu até um nível de conversa, mas ainda se podia perceber o desprezo.

— O senhor veio aqui, senhor, mal preparado, indesejado, sem fundos e esperando que eu, senhor, proporcionasse o sustento de seus homens e seu equipamento, e em troca, senhor, o senhor me ofereceu só insolência e, o que é ainda pior, traição. O senhor não veio aqui a pedido de Sua Majestade, mas porque o inimigo desejava que viesse, e agora sou eu quem deseja que se vá senhor. E irá, senhor, com honras, porque é impensável que despachemos as tropas da casa do rei Fernando em nenhuma outra condição, mas essas honras, senhor, foram ganhas às custas de outros homens. Suas tropas, senhor, servirão na batalha porque não haverá oportunidade de despachá-las antes da chegada dos franceses, mas servirão como guardas em meu parque de munição. O senhor pode escolher entre comandá-los ou aborrecer-se em sua tenda. Que tenha um bom dia, milorde.

— Milorde? — O assessor se dirigiu diplomaticamente a Kiely ao caminhar para a porta.

Mas lorde Kiely parecia insensível à diplomacia.

— Insolência? — Indignou-se com aquela palavra. — Meu Deus, mas se sou o comandante da guarda do rei Fernando e...

— E o rei Fernando, senhor, é um prisioneiro! — alfinetou Wellington. — O que não diz muito, senhor, da eficácia de sua guarda. O senhor veio aqui com sua rameira adúltera, exibindo-a como a uma prostituta embonecada, e essa rameira, senhor, é uma traidora! Essa rameira, senhor, esteve fazendo todo o possível para destruir nosso exército, e a única coisa que salvou nosso exército de suas confusões é que, graças a Deus, ela não é melhor que o senhor! Seu pedido foi negado, bom dia.

Wellington baixou o olhar para seus papéis. Kiely tinha outras queixas, das quais a principal era a maneira como havia sido maltratado e insultado pelo capitão Sharpe, mas agora também havia sido insultado por Wellington. Lorde Kiely estava reunindo suas últimas reservas de coragem para protestar por aquele tratamento, quando o ajudante o agarrou com firmeza pelo cotovelo e puxou ele pela porta, e Kiely se sentiu incapaz de resistir.

— Talvez milorde gostasse de um refrigerio — perguntou o assessor em tom conciliador enquanto conduzia o furioso Kiely até o saguão, onde um grupo de oficiais curiosos olhavam com lástima para o homem desonrado. Kiely afastou de cima a mão do assessor, pegou seu chapéu e sua espada da mesa da entrada e saiu irado pela porta principal sem dizer uma palavra mais. E ignorou os dois sentinelas quando lhe apresentaram armas.

— Pois sim que o narigudo o despachou depressa — disse um dos sentinelas, e depois ficou em sentido rapidamente quando Edward Pakenham, assessor geral, subiu os degraus.

Kiely pareceu ignorar o orgulhoso cumprimento de Pakenham. Caminhou rua abaixo cego de fúria, passando junto às longas linhas de canhões que evitavam com lentidão as estreitas ruelas da cidade, mas não via nem entendia nada mais que seu fracasso. Acabava de fracassar totalmente, diziam, mas nenhuma parte de seu fracasso era culpa sua. As cartas tinham se virado contra ele, e dessa forma tinha perdido uma pequena fortuna que sua mãe tinha deixado depois de esbanjar sua riqueza com a maldita Igreja e com os malditos rebeldes irlandeses, que sempre terminavam pendurados nos cadafalsos ingleses. Essa mesma má sorte servia para explicar por que havia fracassado ao tentar conseguir a mão de pelo menos duas herdeiras de Madri, que preferiram se casar com espanhóis de seu sangue a fazê-lo com um lorde sem pátria. A autopiedade de Kiely brotou com a memória de suas rejeições. Em Madri, era um cidadão de segunda classe porque não podia seguir sua linhagem até algum bruto medieval que tivesse lutado contra os mouros, enquanto que nesse exército, concluiu, era um marginalizado porque era irlandês.

Contudo, o pior de todos os insultos era a traição de Joanhina. Joanhina de Elia, a mulher desenfreada, original, inteligente e sedutora com a qual Kiely imaginara que se casaria. Tinha dinheiro, era de sangue nobre e outros homens olhavam para Kiely com inveja quando Joanhina estava ao seu lado. Mas ela, supôs, estivera lhe enganando o tempo todo. Tinha-o utilizado. Havia se entregado a Loup. Tinha deitado nos braços de Loup e Kiely dava por certo que contara todos seus segredos ao francês. Imaginou suas gargalhadas enquanto descansavam agarrados em sua cama, e uma vez mais a ira e a autopiedade cresceram em seu interior. Seus olhos se encheram de lágrimas quando se deu conta de que seria o palhaço de toda Madri, e pior ainda, de todo o exército.

Entrou em uma igreja, não porque quisesse rezar, mas porque não lhe ocorria nenhum outro lugar para onde ir. Não podia enfrentar-se à ideia de voltar a seus aposentos no aquartelamento do general Valverde, onde todo mundo o olharia e murmuraria que era a marionete de uma prostituta.

A igreja estava abarrotada de mulheres com xales escuros esperando sua vez para se confessar. Fileiras de velas brilhavam trêmulas diante de estátuas, altares e pinturas. As luzinhas brilhavam nos pilares dourados e na imensa cruz de prata do altar-mor, que ainda tinha seu branco frontal da Páscoa.

Kiely foi até os degraus do altar. Sua espada repicou no mármore quando ele se ajoelhou e contemplou o crucifixo. Ele também estava sendo crucificado, disse a si mesmo, alguns homens inferiores que não entendiam seus nobres objetivos. Tirou um cantil do bolso e o

levou aos lábios para beber o forte conhaque espanhol como se fosse lhe salvar a vida.

— Está bem, meu filho? — Um sacerdote tinha se aproximado de Kiely sem fazer ruído.

— Deixe-me — disse Kiely.

— O chapéu, meu filho — disse nervoso o sacerdote. — Esta é a casa de Deus.

Kiely arrancou o chapéu emplumado da cabeça.

— Deixe-me — disse outra vez.

— Que Deus lhe ampare — disse o sacerdote, e se afastou para as sombras. As mulheres que esperavam para se confessar olhavam inquietas para o oficial de elegante uniforme, e se perguntavam se estaria rezando pela vitória sobre os franceses que se aproximavam. Todo mundo sabia que o inimigo de casacas azuis estava regressando, e os donos das casas enterravam os objetos de valor em seus jardins, para o caso dos pavorosos veteranos de Masséna derrotarem os ingleses e entrarem para saquear a cidade.

Kiely terminou com um último trago o conteúdo do cantil de bolso. Em sua cabeça se redemoinhavam o licor, a vergonha e a ira. Atrás do crucifixo de prata, em um nicho por cima do altar-mor, havia uma imagem de Nossa Senhora. Usava uma diadema de estrelas, uma túnica azul e, nas mãos, um ramo de lírios. Fazia muito tempo que Kiely não contemplava uma imagem como aquela. A sua mãe encantava-se com aquelas coisas. Ela lhe obrigara a se confessar e a receber os sacramentos, e lhe repreendia quando a decepcionava. Costumava rezar para a Virgem, pois dizia ter um vínculo especial com Nossa Senhora, outra mulher desenganada que havia conhecido a tristeza de ser mãe.

— Vadia — disse Kiely em voz alta olhando a estátua de túnica azul —, vadia! — Odiava sua mãe assim como odiava a Igreja. Joanhinha compartia o desagrado de Kiely pela Igreja, mas Joanhinha era amante de outro homem. Pode ser que sempre tenha sido amante de outro homem. Havia se deitado com Loup e sabia Deus com quantos homens mais, e enquanto isso Kiely estava fazendo planos para fazer dela uma condessa e para passear sua beleza por todas as grandes capitais da Europa. As lágrimas molharam suas bochechas quando pensava naquela traição e recordava a humilhação sofrida nas mãos do capitão Sharpe. Aquela última recordação inundava a inofensiva na túnica azul da Virgem.

As mulheres gritaram. O sacerdote correu para o lorde, mas depois parou aterrorizado porque Kiely tinha sacado sua pistola. O estalido do percussor da arma levantou um sonoro eco na cavernosa igreja quando Kiely puxou ele para trás com o polegar.

— Vadia! — Kiely cuspiu a palavra para a estátua. — Vadia mentirosa, puta, ladra, falsa e leprosa! — As lágrimas corriam por suas faces quando apontava com a pistola.

— Não! — implorou o sacerdote enquanto os berros das mulheres enchiam a igreja. — Por favor! Não! Pense na bendita Virgem, por favor!

Kiely se voltou para o homem.

— O senhor diz que é virgem, né? Acredita que seria virgem depois das legiões arrasarem a Galiléia? — Começou a rir enlouquecido. Depois se virou para a estátua. — Puta vadia! —

gritou enquanto voltava a apontar sua pistola para a imagem. — Asquerosa puta vadia!

— Não! — gritou o sacerdote, desesperado.

Kiely pôs o cano em sua boca e apertou o gatilho.

A pesada bala atravessou seu paladar e arrancou um pedaço de um palmo de seu crânio ao sair. O sangue e os miolos chegaram tão alto como a diadema de estrelas da Virgem, mas não salpicaram a Nossa Senhora, mas ficaram espalhados pelos degraus do santuário, sufocaram um punhado de velas e depois começaram a cair pela nave. O corpo sem vida de Kiely caiu para trás, com a cabeça convertida em um emaranhado horror de sangue, cérebro e osso.

Pouco a pouco os gritos foram morrendo na igreja para serem substituídos pelo retumbar de rodas na rua, pois estavam levando mais canhões para o leste.

Para os franceses, que chegavam para reclamar Portugal e empurrar os ingleses para a estreita ponte que salvava o *Coa*.

# SEGUNDA PARTE



---

## CAPÍTULO 7

A Real Companhia Irlandesa estava acampada no planalto que se alçava ao noroeste de Fontes de Onor. A vila dominava a estrada mais ao sul que levava de Cidade Rodrigo a Almeida, e pela noite o exército de Wellington havia ocupado o lugar, que agora ameaçava se converter em um campo de batalha. A bruma do amanhecer ocultava os campos situados ao leste, onde o exército francês estava se preparando, enquanto que no alto do planalto as forças de Wellington era um caos de tropas, cavalos e carroças escurecido pela fumaça. Os canhões estavam dispostos na crista oriental da planície, apontando por cima do riacho *Dos Casas*, que marcava a linha de vanguarda do exército.

Donaju se encontrou com Sharpe, que vesgueava ao tentar cortar seu cabelo olhando-se de esguelha em um pedaço de espelho. Os lados e a frente eram bastante fáceis de cortar, a dificuldade sempre era a parte de trás.

— É igual a servir como soldado — disse Sharpe.

— Soube de Kiely? — Donaju, que de repente havia assumido o comando da Real Companhia Irlandesa, ignorou o sentencioso comentário de Sharpe.

Sharpe deu uma tesourada, franziu o cenho e depois tentou consertar o estrago cortando outra vez, mas só conseguiu piorar as coisas.

— Estourou a cabeça, foi o que ouvi.

Donaju se sobressaltou pela rudeza de Sharpe, mas não protestou.

— Não consigo acreditar que fizesse algo assim — disse em troca.

— Orgulho demais e miolos de menos. Como a maioria dos malditos aristocratas, acho eu. Estas malditas tesouras estão cegas.

Donaju franziu o cenho.

— Por que não arranja um servente?

— Não posso me permitir. Além do mais, sempre cuidei de mim mesmo.

— E corta seu cabelo sozinho!

— Havia uma garota bonita entre as mulheres do batalhão que costumava cortá-lo — disse Sharpe. Mas Sally Clayton, assim como o restante do South Essex, agora estava bem longe. O South Essex havia ficado diminuído demais pela guerra para servir na linha de batalha, e agora estava fazendo trabalhos de guarda no acantonamento do exército português, assim que se poupariam o ataque do marechal Masséna para liberar Almeida e forçar a retirada dos ingleses através do *Coa*.

— O padre Sarsfield enterrará Kiely amanhã — disse Donaju.

— Pode ser que amanhã o padre Sarsfield tenha que enterrar a muitos de nós — disse Sharpe. — Se é que pode fazê-lo. Alguma vez já viu um campo de batalha um ano depois do enfrentamento? É como um ossuário. Fica empedrada com crânios e cheio de ossos roídos pelas raposas e outros animais. À merda — disse com ferocidade ao dar em seu cabelo uma última e desesperada tesourada.

— Kiely nem ao menos pode ser enterrado em terra consagrada — Donaju não queria pensar em campos de batalha em uma manhã tão sinistra —, porque foi um suicídio.

— Poucos soldados recebem uma sepultura cristã — disse Sharpe —, mas eu não me lamentaria por Kiely. Teremos sorte se nos meterem em um buraco, para não falar de que cheguem a pôr-nos uma pedra em cima. Dan! — gritou para Hagman.

— Senhor?

— Suas malditas tesouras estão cegas.

— Pois as afiei ontem à noite, senhor — disse Hagman estoico. — Como sempre dizia meu pai, senhor, somente um mau trabalhador joga a culpa em suas ferramentas, senhor.

Sharpe devolveu as tesouras a Hagman e depois sacudiu as mechas cortadas da camisa.

— O senhor está melhor sem Kiely — disse a Donaju.

— Para vigiar um parque de munição? — disse Donaju com amargura. — Teria sido melhor que tivéssemos ficado em Madri.

— Para que os considerassem traidores? — perguntou Sharpe enquanto punha a casaca. — Escute-me, Donaju, o senhor está vivo e Kiely não. Tem uma boa companhia para comandar. Qual o problema de ficar guardando a munição? Acha que isso não é importante? E se os franchinotes abrirem passagem até o parque?

Donaju não parecia entusiasmado com as opiniões de Sharpe.

— Fomos afastados — disse com autopiedade. — Ninguém se preocupa com o que nos ocorra.

— E por que quer que alguém se preocupe? — perguntou Sharpe sem rodeios. — O senhor é um soldado, Donaju, não uma criança. Deram-lhe uma espada e uma pistola para que pudesse cuidar de si mesmo, e não para que outros se ocupem do senhor. Mas acontece que se preocupam. Preocupam-se tanto que enviarão todos vocês para Cádiz, e eu me preocupo o bastante para lhe dizer que o senhor tem duas opções. Pode partir para Cádiz desonrado e com seus homens sabendo que foram desonrados, ou pode regressar com seu orgulho intacto. Escolha, eu sei o que escolheria se estivesse em seu lugar.

Era a primeira vez que Donaju ouvia falar da opção de enviar a Real Companhia Irlandesa para Cádiz, e franziu o cenho enquanto tentava descobrir se Sharpe estava falando sério.

— Está seguro sobre Cádiz?

— Certamente que estou seguro — disse Sharpe. — O general Valverde tem movido os pauzinhos. Não acha que o senhor deveria estar aqui, portanto agora o enviarão para se reunir

com o restante do exército espanhol.

Donaju ruminou a notícia durante alguns segundos, depois mostrou sua conformidade.

— Bem — disse entusiasmado. — Deveriam ter nos enviado para lá desde o início. — Deu um gole em sua xícara de chá e fez uma careta depois de saboreá-lo. — E agora o que será do senhor?

— Ordenaram-me permanecer com o senhor até que alguém me mande para outro lugar — disse Sharpe. Não queria admitir que enfrentaria uma comissão investigadora, não porque estivesse envergonhado por sua conduta, mas porque não queria que os outros se compadecessem. A comissão era uma batalha que teria que enfrentar quando chegasse o momento.

— O senhor está vigiando a munição? — Donaju parecia surpreso.

— Alguém tem que fazê-lo — disse Sharpe. — Mas não se preocupe, Donaju, eles me afastarão do senhor antes de enviá-lo a Cádis. Valverde não me quer ali.

— Então, o que fazemos hoje? — perguntou Donaju inquieto.

— Hoje — disse Sharpe —, cumprimos nosso dever. Há cinquenta mil franchinotes fazendo suas necessidades em algum lugar além daquela colina, Donaju, e seu dever e nosso dever entrarão em sangrenta contradição.

— Vai ser algo mal — disse Donaju, sem que fosse uma afirmação, mas tampouco uma pergunta.

Sharpe captou o nervosismo. Donaju nunca tinha estado em uma autêntica batalha, e qualquer homem, por mais valente que fosse, fazia bem se pondo nervoso com a perspectiva.

— Será uma má coisa — disse Sharpe. — O pior é o ruído, isso e a fumaceira de pólvora, mas recorde sempre isto: é igualmente mau para os franceses. E lhe direi outra coisa. Não sei por que, e pode ser que só seja minha imaginação, mas os franchinotes sempre parecem se render antes de nós. Justo quando se pensa que já não pode aguentar nem um minuto a mais, conta até dez e quando se chega ao seis, os malditos franchinotes terão dado a volta e estarão recuando. Agora preste atenção, que aqui vêm problemas.

Os problemas se fizeram evidentes com a aproximação de um major, alto, magro e com óculos, com a casaca azul da Artilharia Real. Levava um feixe de papéis que iam caindo enquanto tentava encontrar uma folha em concreto. As folhas caídas iam sendo recolhidas por dois nervosos recrutas de casaca vermelha, um deles com um braço em uma suja tipoia, enquanto que o outro caminhava apoiando-se em uma muleta. O maior cumprimentou a Sharpe e a Donaju, deixando cair ao fazê-lo outra rastro de papéis.

— O caso é — disse o major sem fazer nem uma tentativa de se apresentar — que as divisões têm seus próprios parques de munição. Uma coisa ou outra, eu lhes disse, decidam-se! Mas não! As divisões têm que ser independentes! O que nos deixa, como os senhores compreenderão, com a reserva central. Assim a chamam, ainda que Deus sabe que raras vezes fica no centro nem, sem dúvida, no miolo das coisas, e nunca nos contam que suprimentos traz



cada uma. Quando pedem mais, nós lhe damos, até que de repente não resta nada. É um problema. Tenhamos esperanças e rezemos para que os franceses façam as coisas de uma forma pior. Isso é chá? — O major, que tinha um pesado sotaque escocês, olhou esperançoso para a xícara que Donaju tinha na mão.

— Sim, senhor — disse Donaju —, mas é asqueroso.

— Deixe-me provar, lhe rogo. Obrigado. Pegue aquele papel, Magog, a batalha do dia poderia depender dele. Gog e Magog — apresentou os dois desafortunados recrutas. — Gog está privado de um braço, Magog de uma perna, e os dois pilantras são galeses. Juntos somam um galês e meio, e nós três, ou nós dois e meio se tem que ser exato, somos o pessoal complementar da reserva central. — O major sorriu de repente. — Alexander Tarrant — apresentou-se. — Major de artilharia, mas destacado como pessoal de intendência geral. Considero-me o ajudante do ajudante do ajudante do intendente geral, e os senhores, suspeito, são os novos ajudantes do ajudante do ajudante do ajudante do intendente geral, não? O que quer dizer que agora Gog e Magog são os ajudantes dos ajudantes do ajudante do ajudante do ajudante do intendente geral. Degradados, por Deus! Alguma vez se recuperarão suas carreiras? Este chá está delicioso, ainda que morno. O senhor deve ser o capitão Sharpe.

— Sim, senhor.

— É uma honra, Sharpe, por minha vida que é um honra — Tarrant lhe estendeu uma mão, deixando cair uma cascata de papéis. — Ouvi sobre o pássaro, Sharpe, e lhe confesso que me emocionou profundamente — Sharpe necessitou de alguns segundos para entender que Tarrant estava falando da águia que capturara em Talavera, mas antes que pudesse responder, o major já estava falando outra vez. — O senhor deve ser Donaju, da guarda real. Por minha vida, Gog, que estamos em uma companhia de nível! Hoje os senhores terão que cuidar de seus modos!

— Soldado Hughes, senhor — Gog se apresentou a Sharpe —, e esse é meu irmão. — Fez um gesto com seu braço são para Magog.

— Os irmãos Hughes — explicou Tarrant — foram feridos ao serviço de seu país e reduzidos a servir-me. Até agora, Sharpe, tinham sido a única guarda para a munição. Gog chutava os intrusos e Magog os ameaçava com a muleta. Certamente que, quando se recuperarem, voltarão a prestar serviço, de modo que a mim me enviarão mais aleijados para proteger a pólvora e os projéteis. Ainda que hoje, Donaju, tenho seus excelentes garotos. Revisemos suas tarefas do dia!

Não se podia dizer que fossem tarefas pesadas. A reserva central era isso, um lugar ao qual divisões, brigadas ou mesmo batalhões em apuros podiam solicitar mais munição. Uma variada coleção de carreteiros do Real Corpo de Suprimentos, incrementada com muladeiros e outros arrieiros recrutados entre a população local, era preparada para distribuir os cartuchos da infantaria, porque a artilharia costumava enviar suas próprias carroças. Conforme dizia Tarrant, a dificuldade de seu trabalho radicava em diferenciar quais petições eram frívolas e quais eram desesperadas.

— Gosto de manter intactos os suprimentos — disse o escocês — até que cheguemos ao

final de um enfrentamento. Todo aquele que solicita munição nas primeiras horas, ou já foi derrotado ou é só está nervoso. Supõe-se que esses papéis dão conta das reservas de cada divisão, ainda que só lorde Wellington conhece a precisão que têm. — Jogou os papéis para Sharpe, mas lhe arrancou de imediato das mãos por medo de que Sharpe os desordenasse. — Em último termo, sem dúvida — prosseguiu Tarrant —, sempre é o problema de se assegurar de que a munição chegue ao seu destino. Os entregadores podem ser... — parou enquanto procurava a palavra exata — covardes! — disse por fim, mas depois franziu o cenho pela severidade de seu julgamento. — Nem todos, é claro, e alguns são maravilhosamente tenazes, mas essa qualidade não é a constante. Senhores, quando o combate se tornar sangrento, poderia confiar talvez em seus homens para que reafirmem a valentia dos entregadores? — Fez a pergunta nervoso, como se temesse que Sharpe ou Donaju pudessem se negar. — Como nenhum dos dois pôs nenhuma objeção, é um bom sinal! Bem, Sharpe, gostaria então de inspecionar o terreno? Não se pode despachar munição sem saber aonde tem que ir.

A oferta deu a Sharpe uma liberdade temporal. Sabia que tanto Donaju como ele tinham sido afastados por serem incômodos, e que Tarrant tampouco os necessitava; contudo, haveria uma batalha e quanto mais Sharpe conhecesse o terreno onde ela se realizaria, melhor.

— Porque se as coisas vão mal, Pat — disse a Harper enquanto os dois caminhavam pela linha de artilharia, na brumosa crista do planalto —, estaremos no meio de tudo. — Os dois levavam suas armas, mas tinham deixado suas mochilas e gabões nas carroças de munição.

— Segue parecendo-me estranho — disse Harper — não ter nada de verdade que fazer.

— Os malditos franchinotes nos encontrarão — disse Sharpe, austero. Os dois estavam na linha de canhões ingleses apontados para o leste, para o sol nascente, que fazia brilhar a bruma sobre o riacho *Dos Casas*. Aquele riacho corria para o sul aos pés da elevada planície onde estavam Sharpe e Harper, e que servia de barreira para as rotas dos franceses para Almeida. Teria sido um suicídio para os franceses atacar diretamente cruzando o riacho e subindo o empinado talude para lutar diante dos canhões ingleses, mas além dessa improvável autodestruição, só restavam outras duas rotas para livrar do assédio a guarnição de Almeida. Uma se dirigia ao norte rodeando a elevação, ainda que esse caminho estava bloqueado pelas ainda formidáveis ruínas do forte Conceição, de modo que Wellington tinha decidido que Masséna provaria a sorte pela estrada que ia para o sul através de Fontes de Onor.

A vila se erguia onde a crista caía para uma planície ampla e pantanosa, sobre a qual agora a neblina matinal se abria e dissipava. De Cidade Rodrigo, o caminho real corria branco e direto atravessando terreno plano até que vadeava o riacho *Dos Casas*. Depois de cruzar o riacho, a pista subia para uma colina entre as casas da vila até chegar ao planalto, onde se dividia em duas. Uma delas levava a Almeida, a uns vinte quilômetros ao noroeste, e a outra seguia até Castelo Bom e à sua estreita ponte sobre a profunda garganta do *Coa*. Se os franceses quisessem chegar a qualquer das duas estradas e assim auxiliar a cidade sitiada e obrigar os casacas-vermelhas a retroceder até o funil da estreita ponte, primeiro teriam que lutar ladeira acima pelas empinadas ruelas de Fontes de Onor, onde estava a guarnição formada por uma mistura de casacas-vermelhas e fuzileiros.

Tanto a crista como a vila exigiam que o inimigo lutasse ladeira acima, mas havia uma segunda opção muito mais atraente ao alcance dos franceses. Uma segunda estrada corria para o oeste atravessando a planície ao sul da povoação. Esse caminho atravessava terreno plano e levava aos acessíveis vaus que cruzavam o *Coa* mais ao sul. Esses vaus eram o único lugar pelo qual Wellington tinha esperanças de poder retirar seus canhões, suas carroças e seus feridos se fosse via obrigado a se retirar para Portugal, e, se os franceses ameaçassem flanquear Fontes de Onor rodeando-o pela planície do sul, então Wellington teria que descer do planalto para defender sua rota de escape. Se escolhesse não descer das alturas, estaria abandonando a única rota que lhe oferecia uma forma segura de cruzar o rio *Coa*. A decisão de permitir que os franceses cortassem a estrada do sul obrigaria o exército de Wellington a conseguir uma vitória ou sofrer a destruição completa. Uma decisão que Sharpe não gostaria de ter que tomar.

— Deus salve a Irlanda! — disse Harper de repente —, quer dar uma espiada nisso?

Sharpe estivera olhando para o sul, para os proponentes pastos que ofereciam uma fácil via de escape ao redor do flanco de Fontes de Onor, mas agora olhou para o leste, para onde Harper assinalava.

Onde a bruma se dispersara até revelar um extenso e escuro arvoredado de sobreiros e azinheiras, e, fora desse arvoredado, justo onde a branca estrada se afastava das escuras árvores, estava aparecendo um exército. Os homens de Masséna deviam de ter estado acampando entre as árvores mais afastadas, e pela manhã a fumaça de suas fogueiras teria se mesclado com a neblina confundindo-se com a bruma, mas agora, em um ominoso e ameaçador silêncio, o exército francês avançava pela planície que se estendia amplamente perto da vila.

Alguns artilheiros ingleses saltaram para seus canhões e começaram a movê-los para que as bocas apontassem para o lugar onde a estrada saía de entre as árvores, mas um coronel de artilharia percorreu a linha ao trote e gritou para seus homens que não comessem a disparar.

— Deixem que se aproximem! Não disparem! Vejamos onde colocam suas baterias! Não desperdicem pólvora. Oi, John! Bonita manhã! — gritou o coronel para algum conhecido. Depois tocou o chapéu cumprimentando cortesmente aos dois desconhecidos fuzileiros. — Garotos, hoje vão ter bastante trabalho, não duvido.

— O senhor também, coronel — disse Sharpe.

O coronel esporeou a sua montaria, e Sharpe voltou a olhar para o leste. Sacou sua luneta e se apoiou em uma roda de um canhão para estabilizar o longo tubo de sua lente.

A infantaria francesa estava formando na borda do arvoredado, justo atrás das baterias que a artilharia francesa estava preparando. Os grupos de bois e cavalos que puxavam os canhões estavam sendo devolvidos à cobertura proporcionada pelas árvores. Enquanto esquadrões de artilheiros tiravam os munhões das pesadíssimas armas das carroças de munição e os colocavam nas carretas de combate, onde outros homens usavam martelos para pregar as sobremunhoneiras sobre os munhões recém colocados. Outros artilheiros amontoavam munição perto dos canhões: gorduchos cilindros de balas já atadas a sacos de tela cheias de

pólvora.

— Parece munição sólida — disse Sharpe a seu sargento. — Dispararão para a vila.

Perto de Sharpe, os artilheiros ingleses faziam seus próprios preparativos. As cargas já preparadas dos canhões consistiam em uma mistura de balas e metralha. As balas eram sólidas bolas de ferro que penetravam com brutalidade nas linhas de infantaria, enquanto que as balas de metralha eram a arma secreta da Inglaterra: o único projétil de artilharia que nenhuma outra nação havia aprendido a fabricar. Tratava-se de uma esfera de ferro oca recheada de balas de mosquete apertadas em torno de uma pequena carga de pólvora que se acendia com uma mecha. Quando a pólvora explodia, arrebatava a carcaça exterior e disseminava as balas de mosquete em um letal leque. Se fosse empregada bem, a carcaça explodiria no ar e sobre uma vanguarda de infantaria. O segredo daquele horror residia na mecha do projétil. As mechas eram tubos de madeira ou cana com pólvora dentro e com marcas ao longo; cada pequena divisão do comprimento marcada representava meio segundo de tempo de ignição. As mechas eram cortadas conforme o tempo desejado, depois se introduziam na carcaça e se acendiam ao mesmo tempo em que a mecha do canhão. Mas uma mecha que ficasse muito comprida faria o projétil passar assobiando por cima da cabeça de seus inimigos sem causar estrago, e uma muito curta explodiria prematuramente. Os sargentos de artilharia estavam cortando mechas de diferentes tamanhos e, depois, deixavam a munição em montes que representavam diferentes alcances. Os primeiros projéteis tinham mechas de mais ou menos um centímetro, que atrasariam a explosão até que a carcaça tivesse percorrido uns mil metros, enquanto que as mechas mais curtas eram cabos diminutos que fariam explodir a carga a uns quinhentos metros. Uma vez que a infantaria inimiga estivesse dentro desse alcance, os artilheiros passariam a usar unicamente projéteis sólidos e, depois disso, quando os franceses estivessem a uns trezentos metros, os canhões empregariam metralha solta: latas de latão cheias de balas de mosquete que se disseminavam desde a boca do canhão, enquanto o fino latão se convertia em esférolas pela explosão da carga de pólvora.

Os canhões disparariam ladeira abaixo e por cima do riacho, portanto a infantaria francesa estaria exposta à metralha ou às balas sólidas durante todo seu avanço. Agora essa infantaria estava formando colunas. Sharpe tentou contar as águias, mas havia tantos estandartes e tanto movimento nas filas do inimigo que era difícil fazer um cálculo certo.

— Há pelo menos uma dúzia de batalhões — disse.

— E onde estão os outros? — perguntou Harper.

— Sabe Deus — disse Sharpe. Durante seu reconhecimento com Hogan na noite anterior, havia calculado que os franceses estavam marchando para Almeida com pelo menos oitenta batalhões de infantaria, mas agora só podiam ver uma fração do total formando colunas de ataque no limite dos afastados bosques. — Uns doze mil homens? — conjecturou.

Os restos de bruma se dispersaram da vila justo quando os franceses abriram fogo. A salva de arranque trovejou ao mesmo tempo em que capitães de artilharia disparavam seus canhões por turnos para poder observar a queda das balas e assim fazer ajustes em sua orientação. O primeiro canhão caiu curto, depois quicou por cima de algumas casas e seus

jardins cercados da margem mais afastada, para acabar se incrustando num telhado no meio da ladeira da povoação. O som do canhão chegou depois do estrondo de telhas quebradas e vigas lascadas. O segundo canhão destroçou um macieira na margem oriental do riacho, e produziu uma pequena chuva de pétalas brancas antes de quicar até a água, mas nas descargas seguintes já tinham corrigido os cálculos, e trituraram umas casas da vila. Os artilheiros ingleses resmungaram apreciando a contragosto a perícia dos artilheiros inimigos.

— Pergunto-me que pobres diabos terão deixado defendendo a vila — disse Harper.

— Então vamos lá ver.

— Para ser sincero, senhor, não tenho tanta curiosidade — protestou Harper, mas acabou seguindo Sharpe pelo cume do planalto. A planície elevada terminava justo em cima da povoação, onde caía em ângulo reto para estender-se para o oeste de volta para as colinas. No ângulo da queda, justo por cima da vila, havia duas lombadas rochosas e, em cima de uma delas, erguia-se a igreja, com seu andrajoso ninho de cegonha colocado com precariedade sobre o campanário. O cemitério da igreja ocupava a ladeira que dava para o leste entre a igreja e a vila, e lá se agachavam os fuzileiros atrás dos montículos das tumbas e das lápides; também ficavam agachados entre os afloramentos da segunda lombada. Entre os dois montículos rochosos, em uma depressão cheia de curta grama primaveril onde crescia a amarela ambrósia, e aonde a estrada de Almeida chegava ao terreno elevado depois de ziguezaguear ladeira acima. Junto ao cemitério, um punhado de oficiais do Estado Maior permaneciam sentados em seus cavalos e estudavam o bombardeio francês, que tinha começado a nublir a vista com uma suja fumaceira, que se agitava a cada vez que um projétil a atravessava. Os projéteis destroçavam a vila sem remorsos, esmagando telhas e palha, fazendo vigas e paredes em cacos. O estrondo dos canhões era como um martelo que fazia palpitar o morno ar da primavera, mas ali, no terreno que se elevava por cima de Fontes de Onor, quase dava a impressão de que a batalha era algo que ocorria muito longe da povoação.

Sharpe conduziu Harper por um amplo desvio pelas costas do grupo de oficiais.

— O narigão está ali — ele explicou a Harper —, e não necessito que me ponha os olhos em cima.

— Estamos em sua lista negra, não é isso?

— É mais do que isso, Pat. Vou enfrentar uma maldita comissão de investigação — Sharpe não queria confessar a verdade para Donaju, mas Harper era um amigo, portanto lhe contou a história, e não pôde evitar que a amargura de sua situação impregnasse seu relato. — O que esperavam que eu fizesse, Pat? Deixasse vivos àquela merda de estupradores e assassinos?

— E o que fará essa comissão com o senhor?

— Sabe Deus. No pior dos casos? Organizar um conselho de guerra e me tirar do exército aos chutes. No melhor? Rebaixar-me para tenente. Mas isso acabaria comigo. Seria outra vez convertido em guarda de armazéns, e depois me poriam a cargo das malditas listas em algum maldito depósito onde poderei beber até a morte.

— Primeiro têm que provar que o senhor ordenou executar aqueles filhos da puta! Deus

salve a Irlanda, nenhum de nós dirá uma só palavra. Jesus, matarei qualquer um que diga outra coisa!

— Mas tem outros, Pat. Runciman e Sarsfield.

— Não dirão uma palavra, senhor.

— De toda forma pode ser que já seja tarde demais. O condenado general Valverde sabe, e é só isso que importa. Já está afiando sua faca para usá-la contra mim, e não posso fazer nada para consertá-lo.

— Eu poderia disparar nesse grande canalha — disse Harper.

— Não o pegará sozinho — disse Sharpe. Já tinha sonhado em disparar em Valverde, mas duvidava de chegar a ter uma oportunidade. — E Hogan diz que o bosta do Loup inclusive poderia enviar uma reclamação oficial!

— Não é justo, senhor — queixou-se Harper.

— Não, Pat, não é justo, mas ainda não ocorreu, e pode ser que Loup se encontre hoje com uma bala de canhão. Mas não diga uma palavra a ninguém, Pat. Não quero que a metade do maldito exército se ponha a discuti-lo.

— Mantereí em segredo, senhor — prometeu Harper, ainda que não podia acreditar que a notícia já não tivesse chegado a todo o exército, e tampouco podia crer que alguém pensasse em fazer justiça sacrificando um oficial por ter fuzilado dois sacanas franceses. Passou com Sharpe entre duas carroças estacionadas e uma brigada de infantaria que estava sentada. Sharpe reconheceu as bordas verde-claro do 24º, um regimento de Warwickshire, e mais atrás deles estavam os Highlanders do 79º, com seus *kilts* e seus gorros. Os gaiteiros dos Highlanders estavam tocando uma melodia enlouquecida com o redobrar dos tambores, tentando rivalizar com a profunda percussão explosiva dos canhões franceses. Sharpe supôs que os dois batalhões formavam a reserva preparada para descer pelas ruelas de Fontes de Onor ao primeiro sinal de que os franceses pudessem capturar a vila. Um terceiro batalhão acabava de se unir à brigada de reserva quando Sharpe se virou ao ouvir o estrondo de telhas quebradas e pedra rachada.

— Bem, desçamos por aqui — disse Sharpe. Havia localizado uma vereda que corria junto ao muro sul do cemitério. Era um caminho escabroso, provavelmente feito pela passagem das cabras, e os dois homens tiveram que usar suas mãos para se equilibrar na parte mais escarpada da ladeira; depois desceram correndo os últimos metros até a escassa cobertura de um beco, onde foram recebidos pela repentina aparição de um nervoso casaca-vermelha que dobrou uma esquina com seu mosquete levantado.

— Suspenda o fogo, homem! — gritou Sharpe. — Qualquer um que desça por aqui estará provavelmente de seu lado, e se não estiver, será porque você está em perigo.

— Sinto muito, senhor — disse o garoto e depois se agachou quando um pedaço de telha passou assobiando por cima de sua cabeça. — É que estão bastante animados, senhor — acrescentou.

— Quando deixarem de disparar será quando terá que se preocupar, garoto — disse Sharpe —, porque isso quer dizer que sua infantaria está a caminho. Quem está ao comando aqui?

— Não o sei, senhor, a menos que seja o sargento Patterson.

— Duvido, mas obrigado de toda forma — Sharpe e Harper correram desde o fundo do beco, dobraram por uma rua lateral, viraram diretamente para outra rua, saltaram um empinado vão de degraus cobertos de telhas quebradas e se encontraram por fim na rua principal, que corria colina abaixo em uma série de voltas fechadas. Um canhão atingiu o centro da rua no instante em que ele e Harper se arrastavam para trás de uma pilha de esterco. A bala levantou um monte de pedra e terra, e depois se elevou para acabar destroçando um estábulo coberto com canas, enquanto outra bala partia umas vigas do outro lado da rua. Seguiram caindo mais balas, pois os artilheiros franceses começaram a disparar com um ritmo frenético. Sharpe e Harper se refugiaram por um momento em um portal no qual se viam as apagadas marcas de giz dos oficiais de ambos os exércitos ali alojados; uma marca dizia “5/4/60”, o que significava que cinco homens da companhia número quatro do 60º de Fuzis havia se alojado naquela casinha, enquanto que justo em cima havia uma legenda que dizia que sete franceses do 82º de Linha tinham sido destacados para a casa, que agora estava sem telhado. A poeira flutuava como se fosse névoa no que havia sido a habitação dianteira, onde uma rasgada cortina de aniagem pendia desolada em uma janela. Os habitantes da povoação e seus pertences haviam sido transportados em carroças do exército até a vizinha cidade de *Frenada*, mas inevitavelmente algumas das posses dos caipiras tinham ficado para trás. Em um portal haviam levantado uma barricada com o berço de uma criança, e em outro havia dois bancos a modo de passo de fogo. A guarnição da vila era uma mistura de fuzileiros e casacas-vermelhas, que estavam se protegendo dos canhões agachando-se atrás das paredes mais grossas das casas abandonadas. Os muros de pedra não poderiam deter todos os disparos dos franceses, e Sharpe já havia passado ao lado de três homens mortos estendidos na rua e vira uma meia dúzia de feridos dirigindo seus vacilantes passos para o planalto.

— De que unidade vocês são? — perguntou a um sargento que se refugiava atrás do berço do outro lado da rua.

— Terceira Divisão de Companhias ligeiras, senhor! — respondeu o sargento com um grito.

— E da Primeira Divisão! — acrescentou outra voz. — Não se esqueça da Primeira Divisão!

Ao que parece, o exército havia reunido a flor e nata das duas divisões, seus escaramuçadores, e a havia espalhado em Fontes de Onor. Os escaramuçadores eram os homens mais brilhantes, os únicos treinados para lutar de maneira independente, e aquela vila não era lugar para homens que só sabiam se manter na linha de batalha disparando descargas. Aquilo ia se converter em um palco de tiros certos e brigas ruelas, um lugar no qual os homens estariam longe de seus oficiais e obrigados a lutar sem instruções.

— E quem está ao comando? — perguntou Sharpe ao sargento.

— O coronel Williams do 60º, senhor. Está ali abaixo, na pousada.

— Obrigado! — Sharpe e Harper desceram pouco a pouco por uma lateral da rua. Um canhão passou retumbando sobre suas cabeças para acabar atravessando um telhado. Soou um grito que imediatamente foi interrompido. A pousada era a mesma taberna na qual Sharpe havia conhecido o Castrador e onde agora, naquele mesmo jardim com a mesma parreira meio cortada, encontrou o coronel Williams com seu pequeno Estado Maior.

— O senhor é Sharpe, não é verdade? Vem para nos ajudar? — Williams era um galês genial do 60º de Fuzis. — Ao senhor não conheço — disse a Harper.

— Sargento Harper, senhor.

— O senhor parece bom para se ter em uma briga, sargento — disse Williams. — Hoje estão fazendo bastante ruído, hem? — acrescentou queixando-se ligeiramente do canhoneio. Estava de pé sobre um banco, do qual podia ver por em cima do muro do jardim e dos telhados das casas mais baixas. — E o que os traz aqui, Sharpe?

— Só estava procurando saber para onde temos que enviar a munição, senhor.

Williams dedicou a Sharpe uma solene olhada de surpresa.

— Não me diga que o puseram para arrumar e repartir. Parece-me um desperdício de tempo para um homem de seu talento, Sharpe. E não acho que encontre muita clientela por aqui. Meus garotos estão todos bem abastecidos. Oitenta cartuchos cada homem, dois mil homens e outra vez o mesmo número de cartuchos empilhado na igreja. Por Cristo! — Esta última imprecação foi provocada por um canhão que deve ter passado a cerca de meio metro da cabeça do coronel, obrigando-lhe a se inclinar de golpe. A bala se chocou contra uma casa, houve um estrondoso cair de pedras e depois se fez um repentino silêncio.

Sharpe ficou tenso. O silêncio posterior ao estouro dos canhões e dos destruidores impactos de seus projéteis era enervante. Pensou que talvez seria uma pausa estranha, como o repentino silêncio casual que se fazia em um ambiente de alegres conversadores naquele momento no qual se dizia que um anjo havia passado pelo local; talvez tivesse passado um anjo entre a fumaça dos canhões, e todos os canhões franceses estavam, justo naquele momento, descarregados. Sharpe se surpreendeu quando percebeu que estava quase rogando que os canhões comesçassem a disparar de novo, mas o silêncio se alongava e se alongava, ameaçando ser substituído por algo muito pior que os canhões. Em algum lugar da povoação um homem tossiu, depois puderam ouvir o estalido do engatilhar de um mosquete. Um cavalo relinchou acima, onde tocavam os gaiteros. Alguns escombros caíram dentro de uma casa, onde se lamentava um homem ferido. Fora, na rua, uma bala de canhão francês rodou lentamente ladeira abaixo e depois ficou parada junto a uma viga caída.

— Suspeito que muito breve teremos companhia, senhores — disse Williams. Desceu do banco e sacudi a poeira branca de sua esvaída casaca verde —, muito breve. Não posso ver nada daqui. Devido à fumaça da pólvora, veem? É pior que a névoa. — Estava falando para encher o funesto silêncio. — Vamos ao riacho, acho. Não é que vamos poder detê-los ali, não há suficientes frestas, mas uma vez que entrem na vila a vida deles ficará um pouco difícil.



Pelo menos é o que espero. — Fez um simpático gesto para Sharpe e depois saiu pela porta. Seu Estado Maior saiu atrás dele.

— Não vamos ficar aqui, né, senhor? — perguntou Harper.

— Seria bom ver o que está se passando — disse Sharpe. — Não temos nada melhor que fazer. Suas armas estão carregadas?

— Só o fuzil.

— Pois eu em seu lugar carregaria também essa sua espingarda — disse Sharpe. — Só por segurança. — E começou a carregar seu próprio fuzil justo quando os canhões ingleses do planalto abriam fogo. A fumaça chegava a quase vinte metros da borda da elevação, e o ruído sacudia a vila ferida enquanto os projéteis passavam assobiando por cima da vanguarda dos batalhões franceses que avançavam.

Sharpe subiu no banco para ver as escuras colunas de infantaria, que saíam da fumaça dos canhões franceses. O primeiro projétil de metralha inglês explodiu no ar em cima das colunas, e cada explosão enchia o ar com uma mancha de fumaça branca-cinzenta com estrias de fogo. As balas sólidas penetravam ardentes nas apertadas filas, mas nenhum dos projéteis parecia fazer diferença alguma. As colunas seguiam avançando: doze mil homens debaixo de suas águias eram conduzidos através da planície para o martelo da artilharia, dos mosquetes e dos fuzis, que esperavam dispostos do outro lado do riacho. Sharpe olhou para a esquerda e para a direita, mas não viu mais inimigos além de um punhado de dragões com casacas verdes que patrulhavam os campos do sul.

— Vêm direto para cá — disse —, sem rodeios. Um ataque, Pat, tão duro quanto a vila. No momento não se importam nem um pouco com o flanco. Parece que acreditam que podem atravessar diretamente por aqui. Haverá mais brigadas atrás, e lançarão uma atrás da outra até que tomem a igreja. Depois disso, todo o caminho até o Atlântico é ladeira abaixo, portanto se não os determos aqui não os deteremos mais.

— Bem, senhor, como o senhor diz, não temos nada melhor que fazer — Harper terminou de carregar sua espingarda de sete canos, depois pegou um boneco de trapo que havia sido abandonado debaixo do banco do jardim. O boneco tinha o torso vermelho, e uma mãe havia bordado uma bandoleira branca para imitar o uniforme de um soldado inglês de infantaria. Harper encaixou o boneco em um espaço do muro. — Agora se encarregue você da vigilância — disse ao volume de trapo.

Sharpe desembainhou pela metade sua espada e comprovou seu fio.

— Não mandei afiá-la — disse. Antes de uma batalha gostava de fazer que um armeiro da cavalaria afiasse sua espada como Deus manda, mas não havia tido tempo. Esperava que não fosse um mau agouro.

— Então terá que esmurrar àqueles sacanas até que morram — disse Harper, depois se benzeu antes de futucar em seu bolso para se assegurar de que sua pata de coelho estava no lugar apropriado. Deu uma olhada para trás, para o boneco de trapo, e de repente teve a certeza de que seu próprio destino dependia de que o boneco sobrevivesse naquele nicho do

muro. — E você se cuide, hem? — disse ao brinquedo, e depois deu uma ajuda ao destino quando agarrou um fragmento de pedra e o incrustou no espaço para dar uma oportunidade ao boneco de trapo.

Um som crepitante, como o de um tela ao ser rasgado, anunciou que os escaramuçadores ingleses haviam aberto fogo. Os *voltigeurs* franceses tinham avançado uns cem passos para frente de suas colunas, mas agora eram freados pelo fogo dos fuzileiros escondidos nos jardins e casebres da outra margem do riacho. Durante alguns minutos, o fogo da escaramuça soou bem forte; depois os *voltigeurs*, que superavam em número aos escaramuçadores ingleses, ameaçaram a rodeá-los, e os apitos dos oficiais e sargentos ressoaram escandalosos para indicar aos fuzileiros que se retirassem para os jardins. Dois fuzileiros coxeavam e um terceiro era carregado por dois de seus companheiros, mas a maioria se dispersou cruzando o riacho e subindo para o intrincado labirinto de casinhas e ruelas.

Os *voltigeurs* franceses se protegeram atrás dos muros dos jardins da outra margem do riacho e começaram a trocar disparos com os defensores da vila. O riacho foi se nublando com o véu da fumaça de pólvora, que ia se deslocando para o sul com a brisa do dia. Sharpe e Harper, esperando ainda na pousada, podiam ouvir aos tamborileiros tocando o *pas de charge*, o ritmo que havia feito marchar aos veteranos de Napoleão por meia Europa para derrubar seus inimigos como se fossem pinos de boliche. De repente, os tambores se detiveram e, instintivamente, Sharpe e Harper pronunciaram as palavras junto com doze mil franceses.

— *Vive l'Empereur*. — Os dois se riram quando os tambores voltaram a redobrar.

Os canhões da crista haviam abandonado as balas de metralha e estavam disparando balas sólidas contra as colunas, e agora que as principais formações do inimigo estavam quase nos jardins orientais da povoação, Sharpe pôde ver o estrago que as bolas de ferro causavam ao atravessarem as filas jogando homens para os lados como se fossem trapos ensanguentados, antes de quicar entre salpicos de sangue e voltar a destroçar mais filas de homens. Uma e outra vez, os projéteis abriam talhos nas apertadas filas, e uma e outra vez, obstinados e incontroláveis, os franceses fechavam filas e seguiam avançando. Os tamborileiros seguiam tocando e as águias brilhavam ao sol, tão resplandecentes como as baionetas caladas nos mosquetes das primeiras filas.

Os tambores voltaram a parar.

— *Vive l'Empereur!* — gritou a massa de franceses, mas esta vez estenderam a última sílaba convertendo-a em um longo viva que sustentaram enquanto se lançavam ao ataque. As colunas não poderiam marchar em ordem, fechadas pelo labirinto de jardins cercados que havia na margem leste da vila, portanto os atacantes se dispersaram à ordem de atacar espalhando-se através de terrenos verdes e hortas, cruzando o riacho e subindo diretamente para o fogo dos homens do coronel Williams.

— Que Deus nos ampare — disse Harper sobressaltado enquanto o ataque francês devorava a outra margem do riacho como uma onda escura. O inimigo lançava gritos de ânimo enquanto corria, passava por cima de cercas e pisoteava os cultivos de primavera,

chaphinhando na água pouco profunda.

— Fogo! — gritou uma voz, e mosquetes e fuzis dispararam das frestas das casas. Um francês caiu e seu sangue começou a enturvar a água. Outro caiu na ponte de pedra e, sem mais cerimônia, foi jogado ao Vado pelos homens que se embolavam detrás. Sharpe e Harper dispararam desde o jardim da pousada e suas balas passaram girando por cima dos telhados mais baixos para se perderem na massa de atacantes, que agora estavam protegidos das baterias inglesas mais acima pela própria vila.

Os primeiros atacantes franceses se lançaram contra os muros do leste da povoação. As baionetas chocavam-se contra as baionetas. Sharpe viu como um francês aparecia no alto de um muro e depois saltava dentro de um jardim oculto. Atrás dele, outros franceses saltaram o muro.

— Baioneta, Pat — disse Sharpe, e desembainhou sua própria espada enquanto Harper encaixava a baioneta em seu fuzil. Saíram pela porta do jardim e correram para a rua principal. Em seu avanço encontraram uma barreira formada por uma dupla fileira de casacas vermelhas que esperavam com seus mosquetes carregados e suas baionetas caladas. Vinte metros rua abaixo havia mais casacas-vermelhas disparando por cima de uma improvisada barricada de postigos, portas, galhos de árvores e um par de carrinhos de mão confiscados. A barricada tremia com as investidas dos franceses que estavam do outro lado, e, a cada poucos segundos, um mosquete atravessava aquela maranha e cuspiam fogo, fumaça e uma bala contra os defensores.

— Preparem-se para romper fileiras! — gritou o tenente casaca vermelha. Parecia estar próximo de completar dezoito anos, mas seu sotaque do sudoeste da Inglaterra era firme. Fez um gesto de saudação para Sharpe e depois voltou a olhar a barricada. — Cuidado agora, garotos, cuidado!

Sharpe compreendeu que ainda não ia necessitar da espada, então a embainhou e se pôs a carregar de novo seu fuzil. De uma mordida sacou a bala do cartucho, manteve a bola na boca enquanto engatilhava o percussor do fuzil a meio percurso. Notou o sabor acre e salgado da pólvora na boca quando verteu uma pitada da que havia no cartucho na caçoleta aberta. Manteve bem apertado o restante do cartucho enquanto levantava totalmente o rastelo para fechar a caçoleta; depois, com o fuzil já escorvado, apoiou a culatra recoberta de latão no solo. Verteu o restante da pólvora na boca do cano, empurrou o cartucho encerado e vazio no cano para que servisse de bucha, e depois inclinou a cabeça para cuspir a bala dentro da arma. Com a mão esquerda, pegou a baqueta metálica, virou-a e a introduziu com força no cano. Tirou-a, voltou a atacar e depois deixou que deslizesse em seus suportes. Levantou o fuzil com a mão esquerda, segurou-o por baixo do ferrolho com a mão direita e puxou do martelo para trás até ouvir um segundo estalido, indicação de que a arma estava carregada totalmente e preparada para disparar. Tinha demorado doze segundos e não havia pensado nem uma só vez no que estava fazendo, nem sequer havia olhado a arma enquanto a recarregava. Aquela manobra era uma destreza básica em seu ofício, a habilidade necessária que tinha que ensinar aos novos recrutas e depois praticar e praticar até que fosse algo completamente instintivo. Quando era recruta, com apenas dezesseis anos de idade, Sharpe tinha chegado a

sonhar que carregava seu mosquete uma e outra vez. Tinha sido obrigado a fazê-lo sem cessar, dia após dia, até que ficou cheio de chateação com a manobra e disposto a cuspir nos sargentos por fazê-lo repeti-la uma vez mais; depois, em um úmido dia em Flandres, achou-se fazendo de verdade, e de repente o cartucho caiu, perdeu a baqueta e esqueceu-se de escorvar o mosquete. De alguma maneira sobreviveu àquele combate, e depois voltou a praticar até que por fim aprendeu a fazê-lo sem pensar. Era a mesma habilidade que tentara ensinar à Real Companhia Irlandesa durante sua infeliz permanência no forte São Isidro.

Agora, enquanto via que os defensores se retiravam da barricada a ponto de ceder, perguntou-se quantas vezes teria carregado uma arma. Mas desta vez não havia tempo para fazer uma suposição, pois os defensores da barricada se afastavam correndo rua acima, e o grito de vitória dos franceses crescia enquanto desmantelavam as últimas peças do obstáculo.

— Romper filas! — gritou o tenente, e as duas filas de homens se abriram obedientemente desde o centro para deixar que os atacantes atravessassem a barricada. Na rua restavam pelo menos três casacas-vermelhas estendidos. Um homem ferido caiu e se arrastou até um portal. Então um capitão de rosto avermelhado e costeletas cinzentas atravessou o espaço e gritou a seus homens que fechassem filas.

As filas se fecharam de novo.

— Fila frontal, de joelhos! — gritou o tenente quando seus homens voltaram a se colocar em formação cortando a rua. — Esperem! — gritou, e desta vez a voz saiu quebrada pelo nervosismo. — Esperem! — gritou de novo com mais firmeza, desembainhou sua espada e deu um par de golpes de esquentação. Engoliu saliva ao ver que os franceses conseguiam finalmente atravessar a barricada e carregavam colina acima com suas baionetas caladas.

— Fogo! — gritou o tenente, e os vinte e quatro mosquetes dispararam em uníssono obstruindo o caminho com sua fumaça. Um homem gritou em algum lugar. Sharpe disparou seu fuzil e ouviu o choque inconfundível de uma bala contra a culatra de um mosquete. — Fila frontal, em pé! — gritou o tenente. — Passo ligeiro! Adiante!

A fumaça se dissipou para deixar à vista meia dúzia de corpos vestidos com casacas azuis caídos sobre as pedras e a terra do caminho. Restos acesos das buchas brilhavam como velas acesas. O inimigo se retirava depressa da ameaça das baionetas, mas apareceu outra onda de uniformes azuis no extremo da vila.

— Estou pronto, Pollard! — gritou uma voz atrás de Sharpe, e o tenente, ao ouvi-la, deteve seus homens.

— Para trás, garotos! — gritou, e a formação, incapaz de avançar contra a nova massa inimiga, rompeu filas e se retirou colina a cima. Os novos atacantes tinham seus mosquetes carregados e alguns se detiveram para fincar o joelho no piso e disparar. Harper descarregou sobre eles sua espingarda de sete canos e depois subiu pela colina atrás de Sharpe, enquanto a fumaceira de sua espingarda se estendia entre as casas.

O capitão de costeletas cinzentas havia formado uma nova linha de defesa que se abriu para deixar passar os homens do tenente. O tenente, por sua vez, fez formar seus homens em

duas filas alguns passos atrás dos homens do capitão, e ordenou a seus casacas-vermelhas que recarregassem. Sharpe recarregou com eles. Harper, consciente de que não teria tempo de voltar a carregar sua espingarda, pendurou-a às costas e cuspiu uma bala em seu fuzil.

Os tambores seguiam tocando o *pas de charge*, enquanto que na crista que ficava acima de Sharpe as gaitas competiam com seu som feroz. Os canhões de cima seguiam disparando, enviando suas balas de metralha contra a distante artilharia francesa. A vila fedia a fumaça de pólvora, retumbava pelos disparos dos mosquetes, e os gritos e lamentos de homens aterrorizados ecoavam em toda parte.

— Fogo! — ordenou o capitão, e seus homens dispararam uma descarga rua abaixo. Os franceses responderam com outra descarga. O inimigo havia decidido empregar o fogo em vez de tentar varrer os defensores, e era uma batalha que o capitão sabia que ia perder. — Aproxime-se de mim, Pollard! — gritou, e o jovem tenente fez seus homens descenderem para se unirem às tropas do capitão.

— Fogo! — gritou Pollard, e depois fez um som lamuriento que foi afogado momentaneamente pela descarga dos mosquetes de seus homens. O tenente retrocedeu cambaleando, com sangue tingindo as bordas brancas de sua elegante casaca. Voltou a cambalear e deixou cair sua espada, que caiu repicando sobre o degrau de uma porta.

— Leve-o, Pat — disse Sharpe. — Depois se reúna comigo no alto do cemitério.

Harper levantou o tenente como se fosse uma criança e subiu correndo pela rua. Os casacas-vermelhas estavam recarregando, e suas baquetas apareciam por cima de seus escuros chapéus e depois desciam. Sharpe esperou até que a fumaça dissipasse procurou algum oficial inimigo. Viu a um homem com bigode que brandia uma espada, apontou, disparou e chegou a ver o homem cair para trás se retorcendo, mas a fumaça lhe impediu de confirmar e depois uma grande carga de franceses se precipitou rua acima.

— Baionetas! — gritou o capitão.

Um casaca-vermelha recuou. Sharpe pôs a mão em sua cintura e o empurrou com força de volta para sua fila. Pendurou seu fuzil e desembainhou a espada de novo. A carga francesa parou diante das intactas filas com suas funestas lâminas de aço, mas o capitão sabia que os superavam em armas e em número.

— Recuem! — ordenou. — Devagar e com calma! Devagar e com calma! Se suas armas estiverem carregadas, garotos, disparem neles.

Uma dúzia de mosquetes abriu fogo, mas pelo menos o dobro de franceses devolveram a descarga e os homens do capitão se estremeceram quando as balas alcançaram seus alvos. Agora Sharpe estava atuando como sargento, mantendo as filas em seu lugar a partir de trás, mas também estava olhando rua acima, onde um grupo de casacas-vermelhas e casacas-verdes se retiravam desordenadamente de um beco. Sua infeliz retirada sugeria que os franceses não estavam muito longe deles e, em alguns instantes, calculou Sharpe, a pequena companhia do capitão poderia ficar isolada.

— Capitão! — gritou, e depois apontou com sua espada quando o homem o olhou.

— Retirada, garotos, retirada! — O capitão entendeu o perigo imediatamente. Seus homens viraram e correram rua acima. Alguns ajudavam seus companheiros, uns poucos correram com todas suas forças para pôr-se a salvo, mas a maioria se manteve agrupada para se unir ao um grupo maior de tropas inglesas que estava formando no pequeno espaço calçado do centro da povoação. Williams havia mantido três companhias de reserva nas casas mais seguras do extremo superior da vila, e agora esses homens tinham descido para frear a crescente maré de franceses.

Os franceses saíram em tromba do beco justo quando a companhia passava ante eles. Um casaca-vermelha caiu sob uma baioneta, depois o capitão deu uma selvagem estocada com sua espada, que partiu em dois o rosto do francês. Um enorme sargento francês tentou dar uma coronhada no capitão com seu mosquete, mas Sharpe lançou uma estocada com sua espada no rosto do francês e, ainda que o golpe fosse desequilibrado e fraco, serviu para deter o homem enquanto o capitão se afastava. O francês investiu contra Sharpe com sua baioneta, mas foi esquivado e depois Sharpe lhe enfiou a espada por baixo e com força, retorcendo a lâmina para evitar que ficasse presa no corpo do homem. Puxou-a rasgando o ventre do francês e subiu correndo pela colina, um passo, dois mais, vigiando um possível novo ataque, até que uma mão o meteu de um puxão entre as filas inglesas recém formadas no espaço aberto.

— Fogo! — gritou alguém, e os ouvidos de Sharpe zumbiram com o ensurdecido bramido da apertada descarga de mosquetes disparando em torno de sua cabeça.

— Quero que limpem aquele beco! — gritou a voz do coronel Williams. — Adiante, Wenworth! Desça com seus homens. Não permita que mantenham aquela posição!

Um grupo de casacas-vermelhas carregou. Havia mosquetes franceses disparando das janelas das casas, e alguns dos homens arrebentaram as portas para tirar os franceses. Mais inimigos subiam pela rua principal. Chegavam em pequenos grupos, paravam para disparar e depois corriam para a esquina, onde a batalha já era desesperada e sem ordem. Um pequeno grupo de casacas-vermelhas foi alcançado por uma multidão de franceses que saíram de um beco lateral, e houve alaridos e maldições quando as baionetas dos inimigos se levantaram e caíram sobre eles. Um garoto conseguiu escapar do massacre e caiu sobre o calçamento.

— Onde está seu mosquete, Sanders? — gritou um sargento.

O garoto maldisse, virou-se para procurar sua arma caída e recebeu um disparo na boca. Os franceses, animados por sua vitória sobre o pequeno grupo, carregaram para cima do corpo do garoto para atacar ao grande grupo de homens que tentava conservar a saída do beco recobrado. Foram recebidos pelas baionetas. O choque de aço contra aço e de aço contra madeira soava mais alto que os mosquetes, pois agora poucos homens tinham tempo para carregar suas armas, então usavam suas baionetas ou as culatras de seus mosquetes em lugar das balas. Os dois bandos mantinham suas posições separados apenas por alguns passos, e de vez em quando um grupo de homens aguerridos reunia toda sua coragem para lançar uma carga contra as filas do inimigo. Então as vozes se transformavam em ásperos gritos, e se alçava de novo o som do aço. Um daqueles assaltos foi encabeçado por um oficial francês alto e com a cabeça descoberta, que se livrou de dois casacas-vermelhas em sua frente com rápidas

estocadas de sua espada e depois arremeteu contra um oficial inglês que procurava às apalpadelas sua pistola. O oficial de casacas-vermelhas deu um passo atrás e Sharpe apareceu atrás dele. Quando o francês se deu conta da arremetida, fintou para a esquerda e conseguiu afastar a espada de Sharpe ao empurrá-la, depois mudou a direção de seu golpe e já estava apertando os dentes para a estocada mortal, mas Sharpe não lutava conforme as regras de algum mestre de esgrima parisiense, assim que deu um chute na entrepernas do francês e depois descarregou o pesado pomo de ferro de sua espada em sua cabeça. Afastou o homem com outro chute e arremeteu com a parte posterior de sua espada contra um soldado francês que tentava arrancar um mosquete com baioneta das mãos de um casaca-vermelha inglês. A lâmina sem afiar de sua espada servia mais como garrote que como faca, mas o francês se afastou enquanto levava as mãos à cabeça.

— Avançar! — gritou uma voz, e a improvisada linha dos ingleses avançou rua abaixo. O inimigo se afastava da reserva de Williams, que agora ameaçava voltar a tomar toda a parte baixa da vila, mas naquele momento o capricho do vento varreu uma nuvem de poeira e fumaça, e Sharpe viu toda uma nova onda de atacantes franceses que se aproximavam em manada cruzando os jardins e os muros baixos da margem oriental do riacho.

— Sharpe! — gritou o coronel Williams. — Quem é seu superior?

Sharpe abriu passagem a cotoveladas entre as apertadas filas de casacas-vermelhas para chegar até ele.

— Senhor?

— Ficaria muito agradecido o senhor fosse procurar Spencer lá em cima e lhe perguntasse se podemos contar com reforços.

— Imediatamente, senhor.

— Já vê que perdi alguns de meus ajudantes... — começou a explicar Williams, mas Sharpe já havia partido para cumprir sua tarefa. — Isso é eficiência, soldados! — gritou Williams atrás, e depois regressou à luta, que havia degenerado em uma série de sangrentas e desesperadas brigas nos mortais limites de becos e jardins traseiros. Williams temia perder aquela praça, pois os franceses já haviam comprometido suas próprias reservas e uma nova multidão de infantaria de uniformes azul entrava agora na vila como uma tromba.

Sharpe correu, deixando para trás alguns feridos que se arrastavam colina acima. A vila estava cheia de poeira e de fumaça, e o fuzileiro girou para uma rua equivocada e se encontrou em um beco sem saída de muros de pedra. Voltou para trás, achou de novo a rua correta e saiu correndo ladeira acima, onde uma massa de feridos esperava auxílio. Estavam muito fracos como para subir a ladeira, e alguns gritaram quando Sharpe passou correndo.

Ignorando-os, subiu pela vereda que rodeava o cemitério. Ao lado do cemitério havia um grupo de oficiais inquietos, e Sharpe perguntou aos gritos se algum sabia onde estava o general Spencer.

— Tenho uma mensagem para ele! — gritou.

— Do que se trata? — respondeu um homem. — Sou seu ajudante!

— Williams quer reforços. Muitos franchinotes!

O oficial de Estado Maior se virou e correu para a brigada que esperava depois da crista, enquanto Sharpe se detinha para recuperar o fôlego. Ainda tinha a espada na mão e a lâmina estava pegajosa de sangue. Limpou o aço na borda de sua casaca, e depois se agachou alarmado quando uma bala se incrustou assobiando no muro de pedra que tinha detrás. Virou-se, e viu que uma nuvenzinha de fumaça de mosquete aparecia entre umas vigas quebradas na parte superior da vila; os franceses já tinham tomado aquelas casas, e agora estavam tentando isolar os defensores que ainda estavam dentro de Fontes de Onor. Os casacas-verdes do cemitério abriram fogo, e seus fuzis derrubavam todo inimigo estúpido o bastante para se mostrar por muito tempo por uma janela ou uma porta.

Sharpe embainhou sua espada e depois passou por cima do muro e se agachou atrás de uma lápide de granito, na qual havia uma grosseira cruz gravada. Carregou seu fuzil e apontou com ele para o telhado quebrado onde vira a fumaça de mosquete. A pederneira tinha se torcido no martelo, assim que afrouxou a porca, ajustou a tira de couro que firmava a pederneira e depois voltou a apertá-lo. Puxou o percussor para trás com o polegar. Tinha uma sede atroz, a sorte habitual de qualquer um que tivesse estado mordendo cartuchos de pólvora salgada. O ar fedia a fumaça.

Entre as vigas apareceu um mosquete e, um segundo depois, a cabeça de um homem. Sharpe disparou primeiro, mas a fumaça do fuzil ocultou o alvo da bala. Harper se deixou cair pela ladeira do cemitério para aterrizar junto de Sharpe.

— Jesus — disse o irlandês. — Jesus.

— Está ficando mau lá embaixo — Sharpe apontou para a vila com a cabeça. escorvou o fuzil, depois o apoiou sobre sua culatra para carregá-lo pela boca do cano. Tinha deixado sua baqueta convenientemente apoiada contra a tumba.

— E chegam mais sacanas desses cruzando o riacho — disse Harper. Mordeu uma bala e se viu obrigado a permanecer em silêncio até que pôde cuspi-la dentro do fuzil. — Aquele pobre tenente morreu.

— Foi uma ferida no peito — disse Sharpe enquanto atacava com força a bala e sua carga cano abaixo. — Não há muitos que sobrevivam a uma ferida assim.

— Fiquei com o pobre diabo — disse Harper. — Ele me contou que sua mãe é viúva. Vendeu a louça da família para lhe comprar o uniforme e a espada, e depois lhe disse para ser tão bom soldado como nenhum outro.

— Era bom — disse Sharpe. — Controlava seu nervosismo. — Engatilhou o fuzil.

— Foi o eu lhe disse. E rezei uma oração por ele. Pobre sacana. Em sua primeira batalha, para completar — Harper apertou o gatilho. — Já o tenho, filho da puta. — Disparou, e imediatamente pegou um cartucho novo em seu bolso, enquanto fixava o percussor a meio caminho. Entre as casas apareciam mais defensores ingleses, obrigados a sair da vila devido ao constrangedor peso das tropas francesas. — Deveriam enviar mais homens para lá — disse Harper.



— Estão a caminho — respondeu Sharpe. Apoiou o cano do fuzil na lápide e procurou um novo alvo.

— Pois estão perdendo tempo — objetou o sargento dos fuzileiros. Desta vez não cuspiu a bala dentro do fuzil, primeiro a envolveu no pedacinho de couro lubrificado que se ajustaria à alma do cano do fuzil e assim faria a bala girar ao ser disparada. Demorava-se mais para se carregar uma bala assim, mas fazia o fuzil Baker ser mais preciso. O irlandês grunhiu ao empurrar a bala com seu couro pelo cano, que agora estava cheio de incrustações formadas por depósitos de pólvora. — Têm água fervendo do outro lado da igreja — ele disse a Sharpe, indicando-lhe aonde ir para limpar as crostas de pólvora do cano de sua arma.

— Mijarei no cano se precisar.

— Ai, se me restasse algo o que mijar. Estou tão ressecado como um rato morto. Jesus, que sacana. — Aquilo ia dirigido a um francês barbudo que apareceu entre duas das casas, onde fustigava um casaca-verde com um machado de guerra. Sharpe, que já tinha carregado, apontou através do repentino jorro de sangue do agonizante fuzileiro e apertou o gatilho, mas pelo menos outra dúzia dos casacas-verdes do cemitério presenciaram o incidente, e o barbudo francês pareceu tremer quando uma descarga de balas o acertou. — Agora aprenderá — disse Harper, e largou seu fuzil sobre a pedra. — Onde demônios estão aqueles reforços?

— Leva tempo para prepará-los — disse Sharpe.

— E vão perder uma batalha só porque querem que as filas estejam bem alinhadas? — perguntou Harper em sinal de zombaria. Procurou alguém em quem disparar. — Vamos, apareça alguém.

Mais homens de Williams saíam em retirada da vila. Tentavam formar filas no tempestuoso terreno a os pés do cemitério, mas ao abandonar as casas tinham cedido seus muros de pedra para os franceses, que podiam se esconder enquanto carregavam, disparar e depois voltar a se ocultar de novo. Uns poucos ingleses seguiam lutando no interior da vila, mas a fumaça dos mosquetes revelava que sua luta se reduzira a um pequeno grupo de casas no mais alto da rua principal. Um esforço a mais dos franceses, pensou Sharpe, e a povoação estaria perdida; depois teria um amargo combate cemitério acima pelo domínio da igreja e a rochosa colina. Se perdessem essas duas atalhas, pensou, a batalha estaria perdida.

O redobrar de tambor dos franceses alcançaram um novo entusiasmo. Das casas saíam franceses e formavam pequenos esquadrões, que tentavam rodear os ingleses em retirada. Os fuzileiros do cemitério disparavam contra as ousadas vanguardas, mas havia franceses demais e fuzis insuficientes. Um dos feridos tentava se afastar arrastando-se do avanço inimigo, e recebeu uma baionetada nas costas por ter o incômodo. Dois franceses revistaram seu uniforme, buscando a pequena reserva de moedas que a maioria dos soldados escondia. Sharpe disparou para os saqueadores, e depois apontou seu fuzil para os franceses que ameaçavam se refugiar atrás da mureta do cemitério. Carregou e disparou, carregou e disparou, até que sentiu seu ombro direito como uma só e massiva contusão que chegava ao osso pelo brutal retrocesso do fuzil; então, sem prévio aviso, ouviu-se uma melodia de gaitas, e uma torrente de homens com *kilts* apareceu acima da crista, entre a igreja e as rochas, para

carregar pela rua principal e entrar a sangue e fogo na vila.

— Olhe esses sacanas! — disse Harper orgulhoso. — Vão dar uma boa surra naqueles franchinotes.

Os de Warwick apareceram à direita de Sharpe e, assim como os escoceses, simplesmente passaram por cima da borda do planalto e arremeteram para a empinada ladeira que levava a Fontes de Onor. Os atacantes franceses que estavam à cabeça se detiveram um momento para calcular o peso do contra-ataque, e depois viraram correndo para a proteção das casas. Os Highlanders já estavam na vila, onde o eco de seus gritos de guerra retumbava entre os muros. Depois, os de Warwick entraram nos becos do oeste e se meteram a fundo e com força na confusão de casas.

Sharpe sentiu como se sua vontade estivesse desaparecendo. Estava sedento, dolorido e cansado, e seu ombro era uma agonia.

— Jesus — disse —, e isso por que nem ao menos foi um combate normal.

A sede era mortificante e tinha deixado seu cantil nas carroças de munição, mas se sentia muito cansado e desanimado para em busca de água. Observou a vila destruída, dando-se conta de que a fumaça dos disparos marcava o avanço dos ingleses, que pareciam ter conseguido chegar até a margem do riacho, mas não se sentiu muito eufórico. Tinha a sensação de que todas suas esperanças haviam se emperrado. Enfrentava-se com a desonra. Pior ainda, tinha sensação de derrota. Fora ousado ao confiar que poderia converter a Real Companhia Irlandesa em autênticos soldados, mas ao olhar para a fumaça e as casas destroçadas, entendeu que os irlandeses necessitavam de outro mês de instrução e boa vontade, muito mais que a que Wellington estava disposto a lhes dar. Sharpe tinha falhado com eles exatamente como falhara com Hogan, e os dois fracassos feriam sua moral; então se deu conta de que estava caindo na autopiedade, da mesma forma que Donaju tinha sentido pena por si mesmo naquela manhã brumosa.

— Por Deus! — gritou em um sussurro, enjoadado de si mesmo.

— Senhor? — perguntou Harper, que não podia entender a que Sharpe se referia.

— Não é nada — disse Sharpe. Sentiu a ameaça da desonra e a picada do remorso. Era capitão de má vontade e agora nunca chegaria a major. — Que se fodam todos, Pat — disse, e se levantou com esforço. — Vamos procurar algo para beber.

Abaixo, na povoação, um casaca-vermelha agonizante havia encontrado o boneco de trapo de Harper embutido no espaço do muro e lhe havia levado à boca para deixar de chorar de dor. Morreu, e seu sangue encheu sua garganta e transbordou, de maneira que o pequeno boneco surrado caiu em um charco vermelho. Os franceses tinham se retirado de novo para o outro lado do riacho, onde se refugiaram atrás dos muros baixos dos jardins para abrir fogo contra os Highlanders e os de Warwick, que estavam caçando os últimos grupos de sobreviventes franceses apanhados na vila. Uma desconsolada fila de prisioneiros franceses subia em desordem pela ladeira sob a vigilância de uma guarda formada por Highlanders e fuzileiros. O coronel Williams fora ferido no contra-ataque, e agora seus fuzileiros o levavam

para a igreja, que fora convertida em hospital. O ninho de cegonha do campanário seguia sendo uma descuidada confusão de ramos, mas as aves adultas haviam se afastado por causa do ruído e da fumaça da batalha, deixando morrer de fome suas crias. O som dos mosquetes repicou durante um tempo do outro lado do riacho, depois parou quando os dois lados começaram a estudar o resultado do primeiro ataque.

Que não seria, os dois lados sabiam, o último.

---

## CAPÍTULO 8

Os franceses não voltaram a atacar. Permaneceram na margem oriental do riacho, à espera que, atrás deles, na distante linha de árvores que bordejava a branca estrada reta, o restante de seu exército aparecesse. Ao anoitecer, toda a força de Masséna estava acampada, e a fumaça de suas fogueiras se elevava formando um rastro cinzento que se escureceu até ser de um negro infernal quando o sol se ocultou atrás da elevação dos ingleses. Na vila a luta tinha parado, mas a artilharia manteve uma desanimada batalha até o ocaso. Os ingleses dispunham de uma posição vantajosa. Seus canhões estavam localizados justo atrás da crista do planalto, de modo que os franceses só podiam apontar para o horizonte, e a maioria de seus disparos eram altos demais e passavam assobiando impotentes sobre a infantaria inglesa que se ocultava atrás da crista. Os disparos muito baixos simplesmente acertavam a ladeira do promontório, que era muito empinada para que as balas de canhão atingissem de rebote seus alvos. Em troca, os artilheiros ingleses tinham um amplo panorama das baterias inimigas, e uma a uma suas balas de metralha de mecha longa foram ou silenciando a artilharia francesa, ou convencendo os artilheiros de que deviam arrastar seus canhões de volta para a proteção oferecida pelas árvores.

O último canhão disparou ao pôr do sol. O eco surdo do canhão trovejou e se foi apagando por toda a planície em sombras, enquanto a fumaça ondulava e se perdia no vento. Pequenos fogaréus cintilavam nas ruínas da povoação, e suas chamas brilhavam trêmulas nos muros caídos e nas vigas partidas. As ruas estavam cheias de homens mortos e feridos, que gritavam para a noite pedindo ajuda. Atrás da igreja, onde tinham sido levados os feridos mais afortunados, as mulheres procuravam seus maridos, os irmãos a seus irmãos e os amigos a seus amigos. As partidas de enterro buscavam zonas de terra nas rochosas ladeiras, enquanto os oficiais leiloavam os pertences de seus desgraçados companheiros caídos e se perguntavam quanto tempo passaria até que suas próprias posses fossem rematadas a preços ridículos. No alto do planalto, os soldados cozinhavam carne recém sacrificada em seus caldeirões de campanha, ao som de canções sentimentais sobre bosques verdes e garotas alegres.

Os exércitos dormiam com suas armas carregadas e a ponto. Havia piquetes vigiando a escuridão, enquanto os grandes canhões esfriavam. Os ratos perambulavam entre as ruínas de Fontes de Onor e mordiam os mortos. Poucos entre os vivos dormiram bem. Alguns soldados, envenenados pela Igreja metodista, reuniram-se em grupos para uma oração de meia-noite, até que um oficial da Divisão de Guarda lhes gritou que dessem a Deus e a si mesmos um maldito descanso. Outros homens escapuliram na escuridão para procurar nos mortos e feridos algum butim. De vez em quando, um homem ferido protestava aos gritos e uma baioneta brilhava por um segundo à luz das estrelas; depois, um jorro de sangue salpicava o solo, enquanto revistavam o uniforme do homem que acabava de morrer em busca de moedas.

O major Tarrant acabou se informando de que Sharpe ia ser submetido a uma comissão de

investigação. Teria sido muito difícil que não se informasse pela sucessão de oficiais que passaram pelo parque de munição para apresentar a Sharpe suas condolências, e se queixar de que um exército que perseguia a um homem por ter matado o inimigo devia de ser um exército dirigido por idiotas e administrado por imbecis. Tampouco Tarrant entendia a decisão de Wellington.

— Por acaso não estava claro que os dois homens mereciam morrer? Estou de acordo em que não passaram pelas vias adequadas da justiça, mas mesmo assim, tem alguém que possa pôr em dúvida sua culpabilidade? — O capitão Donaju, que compartia a tardia janta de Tarrant junto com Sharpe, estava de acordo.

— Não se trata da morte de dois homens, senhor — disse Sharpe —, mas da maldita política. Sem dúvida dei motivos aos espanhóis para que desconfiassem de nós, senhor.

— Mas se não morreu nenhum espanhol! — protestou Tarrant.

— Não, senhor, mas sim muitos bons portugueses, assim que o general Valverde está proclamando a torto e a direito que não se pode confiar em nosso comportamento com soldados de outras nações.

— Todo esta confusão é muito irritante! — disse Tarrant franzindo o cenho. — Então, e agora o que vai ser do senhor?

Sharpe deu de ombros.

— Formaram uma comissão de investigação e, se me acharem culpado, haverá um conselho de guerra. O pior que podem me fazer, senhor, é me degradar.

O capitão Donaju enrugou o cenho.

— E se eu falar com o general Valverde?

Sharpe fez um gesto de negação.

— E arruinar sua carreira também? Obrigado, mas não. Na realidade, a questão radica em quem deveria se converter em generalíssimo da Espanha. Nós consideramos que deveria ser o narigudo, mas Valverde não parece estar de acordo.

— Está claro que o que pretende é receber ele tal honra! — disse Tarrant com desdém. — E isto tampouco é nada bom, Sharpe, nada bom. — O escocês olhou com o cenho franzido o prato de fígado e rins que haviam cozinhado Gog e Magog para a janta. Era tradição que os oficiais recebessem as vísceras do gado recém abatido, privilégio que Tarrant teria deixado passar com vontade. Lançou um pedaço de rim especialmente nauseabundo para um dos muitos cachorros que se uniram ao exército, e depois sacudiu a cabeça. — Tem alguma possibilidade do senhor se livrar dessa ridícula comissão de investigação? — perguntou a Sharpe.

Sharpe pensou no sarcástico comentário de Hogan, quando disse que a única esperança de Sharpe residia em uma vitória francesa, que apagaria toda lembrança do que havia ocorrido no forte de São Isidro. Parecia uma solução mais que duvidosa; contudo, ainda havia outra esperança, uma muito remota, mas na qual Sharpe estivera pensando durante todo o dia.

— Diga — disse Tarrant ao ver que Sharpe estava hesitando sobre dar uma resposta.

Sharpe fez uma careta.

— Wellington tem fama de perdoar os homens que conseguem se destacar em combate. Houve um tipo do 83º que foi pego com as mãos na massa roubando dinheiro de esmola em Guarda, e que foi condenado à forca, mas sua companhia lutou tão bem em Talavera que o narigudo o deixou passar.

Donaju fez um gesto com sua faca para a vila, que agora estava oculta nas sombras do horizonte oriental.

— Por isso estive lutando todo o dia lá embaixo? — perguntou.

Sharpe negou com a cabeça.

— Foi por acaso que estávamos lá embaixo quando se iniciou o ataque — disse com desdém.

— Porém, o senhor capturou uma águia, Sharpe! — protestou Tarrant. — Que maior demonstração de valentia o senhor tem que fazer?

— Tantas outras mais, senhor — Sharpe fez uma careta quando seu maltratado ombro deu uma pontada de dor. — Eu não sou rico, coronel, portanto não posso comprar uma Capitania, menos ainda o grau de major, de forma que tenho que sobreviver por meus méritos. E um soldado é tão bom como foi em sua última batalha, já sabe, senhor, e minha última batalha foi no forte de São Isidro. Tenho que apagar essa mancha em meu histórico.

Donaju enrugou o cenho.

— Pois foi minha única batalha — disse em voz baixa sem se dirigir a ninguém em concreto.

Tarrant desprezou o pessimismo de Sharpe.

— Está me dizendo, Sharpe, que tem que realizar algum ridículo ato de heroísmo para sobreviver?

— Sim, senhor. É exatamente isso, coronel. Portanto se amanhã tiver alguma encomenda suicida, eu a quero.

— Pelo bom Deus, homem — Tarrant ficou consternado. — Pelo bom Deus! Quer que o mande para a morte? Não posso fazer isso!

Sharpe sorriu.

— O que o senhor estava fazendo aos dezessete anos, senhor?

Tarrant pensou durante um segundo ou dois.

— Em noventa e quatro? Deixe-me pensar... — Contou com os dedos durante alguns segundos mais. — Estava na escola. Interpretando a Horácio em uma lúgubre classe sob os muros de Stirling Castle, e recebendo pauladas a cada vez que cometia um erro.

— Pois eu estava lutando contra os franceses, senhor — disse Sharpe. — E estou lutando

contra uns sacanas ou outros desde então, assim que não se preocupe comigo.

— Mesmo assim, Sharpe, mesmo assim... — Tarrant franziu o cenho e sacudiu a cabeça.  
— Gosta de rins?

— Gosto, senhor.

— Pois são todos seus — Tarrant passou seu prato para Sharpe. — Recobre suas forças, Sharpe, acho que vai precisar delas. — Virou-se para olhar o brilho avermelhado das chamas que iluminava a noite sobre as fogueiras dos acampamentos franceses. — A menos que não ataquem — disse com anseio.

— Aqueles merdas não vão partir, senhor, não até que os expulsemos — disse Sharpe. — Hoje só foi uma primeira escaramuça. A verdadeira batalha ainda não começou; não duvide de que os franchinotes voltarão, senhor, voltarão a nos atacar.

Dormiram perto dos carroças de munição. Sharpe despertou uma vez quando um fino chuvisco fez sussurrar as brasas da fogueira, depois dormiu de novo até uma hora antes da alvorada. Ao despertar, viu que uma leve neblina se aferrava ao planalto e borrava as figuras cinzentas dos soldados que se ocupavam de suas fogueiras. Sharpe compartiu uma malga de água quente para se barbear com o major Tarrant, depois pôs sua casaca, colocou suas armas e caminhou para o oeste buscando o regimento da cavalaria. Encontrou um acampamento de hussardos da Legião Alemã do rei, e trocou um copo de seu rum pela afiação de sua espada. O armeiro alemão se inclinou sobre sua roda enquanto as chispas voavam e, quando acabou, o fio da pesada espada da cavalaria de Sharpe cintilava à débil luz da manhã. O capitão dos fuzileiros deslizou com cuidado a lâmina dentro de sua bainha, e voltou caminhando devagar para as figuras de esfumada silhueta do parque de carroças.

O sol saiu atravessando uma nuvem da fumaça produzida pelos franceses ao cozinhar. O inimigo da margem oriental cumprimentou o novo dia com uma descarga de mosquetes que tamborilou entre as casas de Fontes de Onor, e morreu sem que houvesse nenhum grito em resposta. Sobre a crista, os artilheiros ingleses cortavam novas mechas e empilhavam nas caixas de munição os projéteis de metralha, mas nenhuma infantaria francesa parecia se preparar para avançar desde as distantes árvores e ser beneficiária de seu trabalho. Uma grande força da cavalaria francesa cavalgava para o sul pela planície pantanosa e era seguida pelos cavaleiros da Legião Alemã do rei como se fossem sua sombra. Mas conforme ia subindo o sol e os últimos farrapos de névoa se evaporavam das várzeas, em sua espera, os ingleses chegaram à conclusão de que Masséna não estava planejando nenhum ataque imediato.

Duas horas depois do amanhecer, um *voltigeur* francês que estava de piquete na margem leste do riacho fez uma tentativa de cumprimentar o sentinela inglês oculto, conforme ele sabia, atrás de uma cerca desmoronada da margem oeste. Não podia ver ao soldado inglês, mas podia ver a fumaça azulada de seu cachimbo.

— *Goddam!* — gritou, utilizando o apelido que aplicavam os franceses a todas as tropas inglesas. — *Goddam!*

— Franchinote?

Um par de mãos vazias apareceram por cima do muro controlado pelo francês. Ninguém disparou, e um momento mais tarde apareceu um nervoso rosto com bigode. O francês pegou um charuto sem acender e indicou por gestos que queria fogo.

O piquete casaca-verde saiu de seu esconderijo com o mesmo receio, mas ao ver que nenhum inimigo lhe disparava, foi caminhando até a ponte de pedras, e estendeu seu cachimbo de barro para o francês por cima de um espaço.

— Aí está, franchinotezinho.

O *voltigeur* caminhou pela ponte e se inclinou sobre a pipa, que usou para acender seu charuto. Depois, ofereceu ao fuzileiro um pedacinho de salame. Os dois homens fumaram em companhia, desfrutando do sol da primavera. Outros *voltigeurs* se espreguiçavam e se punham de pé, assim como os casacas-verdes relaxavam em suas posições. Alguns homens tiraram as botas e molharam os pés no riacho.

Nas ruas de Fontes de Onor os ingleses não podiam relaxar, ocupados como estavam em levar os mortos e os feridos dos abarrotados becos. Os homens cobriam a boca com pedaços de tecido para arrastar os corpos enegrecidos pelo sangue e inchados pelo calor dos montes que indicavam onde havia sido mais encarniçada a luta. Na metade da manhã, o intercâmbio sobre o riacho tornou-se oficial, e uma companhia de infantaria francesa desarmada chegou para levar os cadáveres dos seus para o outro lado da ponte, que havia sido reparada com uma prancha de um moinho de água da margem inglesa. As carroças destinadas ao transporte dos feridos esperavam no vau para levar seus homens ao improvisado hospital de campanha. Os veículos haviam sido construídos especialmente para transportar feridos, e tinham um amortecimento tão esplêndido como o dos carruagens dos nobres nas cidades. O exército inglês preferia usar carroças de fazenda que agitavam dolorosamente no corpo dos feridos.

Um major francês se sentou para beber vinho e jogar xadrez com um capitão dos casacas-verdes no jardim da taberna. Fora da taberna uma partida de faxina carregava um carro de boi com os mortos que iam ser levados até a crista e enterrados em uma vala comum. Os jogadores de xadrez enrugaram o cenho quando se ouviu bem alto uma escandalosa explosão de risos, e o capitão inglês, incomodado porque o riso não parecia perder intensidade, foi até a entrada e exigiu uma explicação a um sargento.

— Foi Mallory, senhor — disse o sargento, apontando para um envergonhado fuzileiro inglês que era o motivo da diversão de ingleses e franceses. — O idiota estava dormindo, senhor, e os franchinotes o estavam carregando com os presuntos.

O major francês ganhou uma das torres do inglês, e contou que uma vez ele mesmo quase havia enterrado um homem vivo.

— Já estávamos jogando terra em sua tumba quando ele espirrou. Isso foi na Itália. Agora é sargento.

Pode ser que o capitão dos fuzileiros estivesse perdendo aquela partida de xadrez, mas decidiu que não o superariam em anedotas.



— Pois eu conheci dois homens que sobreviveram à forca em Tyburn — comentou. — Desceram-nos do Cadafalso cedo demais e venderam seus corpos aos médicos. Os doutores pagam cinco guinéus por um cadáver, ou foi isso que me disseram, para poder mostrar suas malditas técnicas aos aprendizes. Sempre há uma pressa indecorosa em torno dos cadafalsos, pois a família do enforcado tenta descer o corpo antes que os doutores ponham suas mãos asquerosas em cima, e ali não parece que haja nenhuma autoridade para se assegurar de que o vilão está bem morto antes que o desçam. — Moveu um bispo. — Acho que subornam as autoridades.

— Com a guilhotina não se cometem esses erros — disse o major enquanto adiantava um peão. — É a morte científica. Muito rápida e certa. Acho, de fato, que é xeque mate.

— Maldito seja — disse o inglês —, realmente é.

O major francês se guardou seu jogo de xadrez. Seus peões eram balas de mosquete, devidamente talhadas, a metade delas caídas e a outra metade com sua cor natural; as peças importantes eram talhadas em madeira, e o tabuleiro era um quadrado de tela pintado no que envolvia com cuidado as peças.

— Talvez pudéssemos jogar outra vez amanhã?

No alto da crista, os ingleses observaram que as tropas francesas partiam para o sul. Estava claro que Masséna tentaria agora superar o flanco direito inglês, portanto Wellington ordenou à Sétima Divisão que se deslocasse para o sul, e reforçasse desta forma a poderosa força de guerrilheiros espanhóis que bloqueava as estradas necessárias para que os franceses fizessem avançar sua artilharia como parte de sua manobra envolvente. O exército de Wellington estava agora dividido em duas partes: a mais numerosa, no planalto atrás de Fontes de Onor, bloqueava a aproximação de Almeida, enquanto que uma seção menor estava a quatro quilômetros para o sul, perto da estrada pela qual os ingleses necessitariam se retirar se fossem derrotados. Masséna aproximou uma luneta de seu único olho para observar como partia para o sul a pequena divisão inglesa. Ficou esperando, para comprovar se a divisão se detinha antes de deixar a proteção da artilharia inglesa do planalto, mas as tropas seguiram marchando e marchando.

— Está cagando-a — disse a um assessor enquanto a Sétima Divisão saía por fim do campo de tiro da poderosa artilharia inglesa. Masséna dobrou a luneta. — Monsieur Wellington a está cagando.

André Masséna havia iniciado sua carreira militar como recruta nas filas do exército de Luis XVI, e agora era marechal da França, duque de Rivoli e príncipe de Essling. Os homens o chamavam “Sua Majestade”, ainda que no passado havia sido um rato portuário meio morto de fome na pequena cidade de Niza. Também havia tido dois olhos, mas o imperador tinha lhe tirado um com um tiro em um acidente de caça. Napoleão nunca reconheceria sua responsabilidade, mas tampouco o marechal Masséna chegaria sequer a sonhar em culpar seu amado imperador pela perda de seu olho, pois devia seu status real, e sua alta patente militar ao líder francês, que havia reconhecido as destrezas como soldado daquele rato de porto. Essas destrezas haviam feito André Masséna famoso dentro do Império, mas seu prestígio

também cruzara as fronteiras de todo país civilizado. Tinha pisoteado a Itália conseguindo vitória atrás de vitória, triturara os russos nas fronteiras da Suíça e havia feito tragar uma sangrenta derrota às gargantas austríacas antes de Cinza-escuro. O marechal André Masséna, duque de Rivoli e príncipe de Essling, não era um soldado bonito, mas por Deus sabia lutar; por isso fora enviado, aos cinquenta e dois anos, evitar o desastre que ameaçava os exércitos do imperador na Espanha e Portugal.

Agora, aquele rato portuário convertido em príncipe via, incrédulo, como o espaço entre as duas partes do exército inglês ficava ainda mais amplo. Por alguns segundos, inclusive brincou com a ideia de que talvez os quatro mil ou cinco mil homens de infantaria que marchavam para o sul eram os regimentos irlandeses que o major Ducos havia se comprometido a amotinar antes da batalha. Mas Masséna nunca pusera demasiada esperança na estratagem de Ducos, e o fato desses nove batalhões fizessem ondear suas cores enquanto partiam punha ainda mais em dúvida essa possibilidade. Em vez disso, e como se fosse um milagre, dava a impressão de que os ingleses os estavam oferecendo como sacrifício ao ilhá-los na planície do sul, onde estariam longe de qualquer ajuda. Masséna observou o contingente até que os soldados inimigos se detiveram por fim a pouca distância de uma distante povoação ao sul. De acordo com seu mapa, a aldeia se chamava Nave de Haver e ficava a cerca de oito quilômetros de Fontes de Onor.

— Será que Wellington quer nos enganar? — perguntou Masséna a um assessor.

O assessor se mostrou tão surpreso como seu superior.

— Será que acha que pode nos derrotar sem seguir as normas? — sugeriu.

— Pois pela manhã lhe daremos uma lição sobre as normas da guerra. Esperava mais desse inglês! Amanhã à noite, Jean, teremos todas suas putas como se fossem nossas, porque Wellington tem putas, né?

— Não o sei, Sua Majestade.

— Pois informe-se. E assegure-se de que eu consiga a melhor de todas antes que algum asqueroso granadeiro a pegue, ouviu?

— Sim, Sua Majestade — respondeu rapidamente o assessor.

A paixão de seu superior pelas mulheres era tão infatigável como seu apetite, e se a vitória chegasse amanhã, tal como parecia, ele teria que se encarregar de satisfazê-lo.

No meio da tarde, já era evidente que aquele dia os franceses não iam se aproximar. Dobraram o número de piquetes de guarda, e todos os batalhões mantiveram pelo menos três companhias preparadas para entrar em combate. Reuniram o gado no planalto e o abateram para o jantar, trouxeram pão de Vilar Formoso e se distribuiu a regulamentar ração de rum.

O capitão Donaju solicitou e recebeu licença de Tarrant para levar uma vintena de homens e ir ao enterro de lorde Kiely, que estava tendo lugar a seis quilômetros de Fontes de Onor. Hogan insistiu para que Sharpe também fosse, e Harper também quis ir. Sharpe se sentia

estranho em companhia de Hogan, especialmente porque o irlandês parecia ignorar alegremente sua delicada situação ante a próxima comissão de investigação.

— Convidei Runciman — Hogan disse a Sharpe enquanto percorriam o empoeirado caminho ao oeste de Vilar Formoso —, mas ele se negou a vir. Pobre homem.

— Está mal, senhor? — perguntou Sharpe.

— Está arrasado — disse Hogan com crueldade. — Segue afirmando que não teve culpa de nada. Parece que ainda não entendeu o porquê de tudo isto.

— E realmente não teve culpa, não é verdade? O porquê é que o senhor prefere que o condenado do Valverde fique contente.

Hogan sacudiu a cabeça.

— Preferiria enterrar Valverde, vivo melhor que morto, mas o que de verdade quero é que Wellington seja generalíssimo.

— E me sacrificará para isso?

— Certamente! Todo soldado sabe que terá que perder homens valiosos se quer ganhar um prêmio maior. Além disso, o que mal lhe faz perder seu patente? Poderá ir embora, unir-se a Teresa e converter-se em um famoso guerrilheiro: O fuzileiro! — Hogan sorriu jubiloso, e depois se voltou para Harper. — Sargento? Poderia me fazer um grande favor e me concederia um momento de privacidade com o capitão Sharpe?

Obediente, Harper se adiantou a uma distância de onde tentou se informar da conversa entre os dois oficiais, mas Hogan falava em voz baixa, e a exclamação de surpresa de seu capitão não ofereceu a Harper nenhuma pista. Tampouco teve oportunidade de perguntar nada a Sharpe antes que os três oficiais dobrassem uma curva e se encontrassem com os serventes de lorde Kiely e os vinte homens do capitão Donaju, de pé ante uma tumba recém cavada em um horto que vizinho ao cemitério. O padre Sarsfield havia pago aos coveiros da vila para que cavassem a cova a alguns passos da terra consagrada. Apesar das leis da Igreja insistirem em que o pecado de lorde Kiely o excluía de um enterro em terreno bendito, Sarsfield achou conveniente colocar o corpo o mais perto possível de terra consagrada, de modo que no dia do Juízo Final a alma do irlandês exilado não se visse totalmente privada de companhia cristã.

Tinham envolvido o corpo em uma mortalha de suja tela branca. Quatro homens da Real Companhia Irlandesa o introduziram na profunda cova; depois Hogan, Sharpe e Harper tiraram seus chapéus enquanto o padre Sarsfield dizia suas orações em latim. Depois se dirigiu em inglês aos vinte guardas. Lorde Kiely, disse o sacerdote, havia sofrido o pecado do orgulho, e esse orgulho não lhe permitira resistir à decepção. Mas todos os irlandeses, disse Sarsfield, tinham que aprender a viver com a decepção, pois era uma parte de sua herança tão segura como as faíscas de uma fogueira voam para cima. Contudo, continuou, a resposta adequada à decepção não era abandonar toda esperança e renunciar ao presente de Deus que era a vida, mas manter a esperança bem acesa e brilhante.

— Nem os senhores nem eu temos lar — disse aos entristecidos guardas —, mas algum dia todos nós herdaremos nosso lar terreno, e se a nós não nos é concedido, será para nossos

filhos ou para os filhos de nossos filhos. — O sacerdote ficou em silêncio e baixou o olhar para a tumba. — Tampouco devem se preocupar por milorde ter se suicidado — continuou por fim. — O suicídio é um pecado, mas em certas ocasiões a vida é tão insuportável que temos que nos arriscar a cometer um pecado em vez de afrontar o horror. O próprio Wolfe Tone fez essa mesma escolha há treze anos. — A menção do patriota rebelde irlandês fez que um ou dois dos guardas olhassem fixamente para Sharpe, depois voltaram a olhar para o sacerdote, que seguiu contando, com sua voz suave e persuasiva, como Wolfe Tone esteve prisioneiro em uma masmorra inglesa e como, antes de se enfrentar ao cadafalso do inimigo, decidiu abrir sua garganta com um canivete. — Pode ser que as razões de lorde Kiely não fossem tão puras como as de Tone — disse Sarsfield —, mas não conhecemos as razões que o levaram a pecar e, em nossa ignorância, devemos portanto rezar por sua alma e perdoá-lo. — Havia lágrimas nos olhos do sacerdote quando tomou uma pequena ampola de água benta do saco que tinha ao lado e salpicou umas gotas sobre a solitária tumba. Ofereceu sua benção em latim e se retirou quando os guardas levantaram seus mosquetes para disparar uma salva por cima da cova aberta. Os pássaros voaram assustados das árvores do horto, descreveram um círculo e voltaram a pousar enquanto a fumaça se dissipava entre os galhos.

Hogan assumiu o comando quando soaram os disparos. Insistiu em que ainda havia perigo de um ataque francês ao anoitecer, pelo que todos os soldados deviam regressar ao planalto.

— Eu irei em seguida — disse a Sharpe, e ordenou aos serventes de Kiely que regressassem ao aquartelamento do lorde.

Os soldados e os serventes se foram, e o som de seus passos se perdeu no ar do entardecer. Fazia bochorno no horto no qual os dois coveiros esperavam com paciência o sinal para encher a vala junto à qual Hogan estava agora, com o chapéu na mão, olhando o corpo amortalhado.

— Durante muito tempo — disse ao padre Sarsfield —, levei um porta-comprimidos com terra irlandesa, de modo que, se morresse, descansaria com um pouco da Irlanda para toda a eternidade. Mas acho que a perdi, padre, e é uma lástima, pois teria gostado de polvilhar um pouquinho de terra da Irlanda sobre a tumba de lorde Kiely.

— Generoso pensamento, major — disse Sarsfield.

Hogan olhou de novo a mortalha de Kiely.

— Pobre homem. Ouvi dizer que tinha esperança de se casar com Joanhina.

— Falavam disso — disse secamente Sarsfield, em um tom que mostrava sua desaprovação com relação a esse enlace.

— Sem dúvida, a dama estará chorando sua morte — disse Hogan, e voltou a pôr seu chapéu. — Ou pode ser que não esteja lamentando nada em absoluto. Ouvi falar de que voltou para os franceses? O capitão Sharpe deixou que se fosse. Esse homem é um inútil com as mulheres, mas lady Joanhina pode tornar os homens inúteis com facilidade. É o que fez com o pobre Kiely, não acha? — Hogan parou e depois espirrou. — Jesus — disse, enquanto soava o nariz e enxugava os olhos com um grande lenço vermelho. — E era uma mulher

terrível — continuou. — Por Deus, dizer que ia se casar com Kiely enquanto mantinha relações com o brigadeiro Guy Loup! A fornicção é um pecado perdoável nestes tempos?

— A fornicção, major, é um pecado mortal — Sarsfield sorriu. — Como suspeito que o senhor saiba muito bem.

— Alçar o grito ao céu em busca de vingança sim o é, não? — Hogan lhe devolveu o sorriso, e depois voltou a olhar para a tumba. As abelhas zumbiam entre as flores do horto por cima da cabeça de Hogan. — Porém, e fornicar com o inimigo, padre? — perguntou. — Isso não é um pecado ainda pior?

Sarsfield tirou a estola do pescoço, beijou-a e depois dobrou cuidadosamente a faixa de tecido.

— Por que se preocupa tanto com a alma de dona Joanhina, major? — perguntou.

Hogan ainda estava olhando o áspero sudário do morto.

— Preferiria me preocupar com a alma deste pobre homem.

— O senhor acredita que foi por descobrir que sua dama o estava traindo com um frinchinote o que o induziu a... Matar-se?

Sarsfield estremeceu pela crueza de Hogan.

— Se descobriu isso, major, é provável que não acrescentasse nada a sua felicidade. Ainda que não tenha sido um homem que conheceu muitos dias felizes, e recusou a mão da Igreja.

— E o que a Igreja poderia ter feito? Mudar a natureza daquela vadia? — perguntou Hogan. — E não me diga que dona Joanhina de Elia não é uma espiã, padre, porque sei que ela é e o senhor sabe assim como eu.

— Eu? — Sarsfield franziu o cenho com perplexidade.

— O senhor, padre, sabe disso, e que Deus o perdoe por isso. Joanhina é uma rameira e uma espiã, e é melhor rameira, acho, que espiã. Mas era a única pessoa que o senhor tinha à mão, não é verdade? Sem dúvida, o senhor teria preferido alguém menos extravagante, porém, que outra opção lhe restava? Ou foi o major Ducos que fez a escolha? Contudo, foi uma má escola, um grande erro. Joanhina falhou com o senhor, padre. Nós a encontramos quando estava tentando lhe entregar um bom monte destes — Hogan meteu a mão no bolso de sua casaca e pegou um dos jornais falsificados que Sharpe havia capturado em São Cristóvão. — Estavam envolvidos em partituras de música sacra, padre, e eu pensei com meus botões: “Por que fariam isso? Por que música de igreja? Por que não outros jornais?”. Porém, certamente, caso se encontrasse com uma patrulha e a revistassem superficialmente, quem acharia estranho que levasse uma pilha de salmos para um homem de Deus?

Sarsfield olhou o jornal, mas não o pegou.

— Acredito que talvez a angústia — disse com cautela — tenha transtornado sua mente.

Hogan riu.

— Angústia por Kiely? A mínima, padre. O que realmente deve me ter transtornado é todo o trabalho que tive que fazer estes últimos dois dias. Li minha correspondência, padre, e provém de todo tipo de lugares estranhos. Alguma carta de Madri, alguma de Paris, alguma inclusive de Londres. Gostaria de saber o que fiquei sabendo?

O padre Sarsfield estava brincando com a estola, dobrando e voltando a dobrar a faixa de tecido com bordados.

— Se o senhor insiste — disse com certa cautela.

Hogan sorriu.

— Oh, insisto, padre. Certamente que insistirei. Porque estive pensando em esse tal, Ducos, e no astuto que todo mundo diz que é, mas o que de verdade me preocupa é que colocou outra pessoa astuta atrás de nossas linhas, e eu tenho queimado meus os miolos me perguntando tão somente quem poderia ser esse novo sujeito esperto. E também ficava me perguntando, veja o senhor, por que os primeiros jornais que chegaram aos regimentos irlandeses eram supostamente da Filadélfia. Uma escolha muito estranha. Está me acompanhando?

— Continue — disse Sarsfield. A estola tinha ficado solta, e ele estava dobrando-a meticulosamente de novo.

— Eu nunca estive na Filadélfia — disse Hogan —, ainda que ouvi que é uma cidade esplêndida. Quer uma pitada de rapé, padre?

Sarsfield não respondeu. Simplesmente olhou para Hogan e continuou dobrando o tecido.

— Por que Filadélfia? — perguntou Hogan. — Então caí em isso! Em realidade não caí em nada em absoluto; um homem de Londres me enviou algo que me deu o que pensar. Em Londres tomam nota de todas estas coisas. Têm tudo registrado em um livro imenso, e uma das coisas escritas nesse livro imenso é que foi na Filadélfia onde Wolfe Tone conseguiu sua carta de apresentação ao governo francês. Também foi lá onde conheceu a um fervoroso sacerdote chamado padre Mallon. Mallon era mais um soldado que um sacerdote, e estava fazendo tudo o que estava ao alcance de sua mão para recrutar um exército de voluntários para combater os ingleses, mas como não estava tendo muito êxito, decidiu abandonar ao grupo da Filadélfia. Tone era protestante, né? E nunca sentiu muito apego por sacerdotes, mas Mallon lhe agradava bastante, porque Mallon era um patriota irlandês antes de sacerdote. E acho que Mallon também se fez amigo de Tone, porque permaneceu com ele em todos os passos do caminho depois daquele encontro inicial na Filadélfia. Foi a Paris com Tone, recrutou os voluntários com Tone, depois zarpou para a Irlanda com Tone. Navegou até chegar a Lough Swilly. Isso foi em 1798, padre, caso de ter esquecido, e ninguém voltou a saber de Mallon desde aquele dia. O pobre Tone foi capturado e os casacas-vermelhas percorreram toda a Irlanda buscando ao padre Mallon, que pelo visto desapareceu do mapa. Está seguro de que não quer uma pitada de rapé? É *Irish Blackguard* (“canalha irlandês”), marca muito difícil de encontrar.

— Preferiria um charuto, se o senhor tiver um — disse Sarsfield tranquilamente.

— Não tenho, padre, mas deveria provar o rapé um dia destes. É um bom remédio contra a

febre, ou isso dizia sempre minha mãe. Bem, onde eu estava? Ah, sim, no pobre padre Mallon fugindo dos ingleses. Estou convencido de que conseguiu passar de novo para a França, e penso que de lá foi enviado à Espanha. Os franceses não podiam usá-lo contra os ingleses, pelo menos não até que os ingleses tivessem esquecido os fatos de 1798, mas Mallon sem dúvida também foi muito útil na Espanha. Suspeito que conheceu a anciã lady Kiely em Madri. Ouvi dizer que era uma velha bruxa temível! Vivía para a Igreja e para a Irlanda, apesar de que tinha visto muito da primeira e nunca estivera na segunda. O senhor acredita que Mallon usou as influências dela enquanto espiava os espanhóis para Bonaparte? Eu suspeito que sim, mas então os franceses assumiram o trono espanhol e alguém deve ter se perguntado onde poderia ser mais útil empregar o padre Mallon; ainda que suspeito que o padre Mallon suplicou a seus superiores franceses que o empregassem contra o verdadeiro inimigo. Afinal de contas, por acaso algum inglês recordaria do padre Mallon pelo ocorrido em 1798? Agora seu cabelo estaria branco, seria um homem diferente. Talvez teria engordado alguns quilos, como eu — Hogan deu uma palmadinha na barriga e sorriu.

O padre Sarsfield olhou carrancudo sua estola. Pareceu surpreender-se de ter ainda nas mãos a Vestidura, assim que a guardou com cuidado na bolsa que levava pendurada no ombro e depois pegou uma pequena pistola com a mesma delicadeza.

— Pode ser que o padre Mallon seja um homem diferente — disse enquanto abria o rastelo para comprovar que a pistola estava escorvada —, mas gostaria de pensar que, se ainda está vivo, seguirá sendo um grande patriota.

— Imagino que o é — disse Hogan, sem parecer preocupado com a pistola. — Um homem como Mallon? Sua lealdade não mudaria tanto como seu cabelo e sua barriga.

Sarsfield franziu o cenho ao olhar para Hogan.

— E o senhor não é um patriota, major?

— Quero pensar que sou.

— Mesmo assim, luta pela Inglaterra.

Hogan deu de ombros. A pistola do sacerdote estava carregada e escorvada, mas de momento a mão de Mallon não parecia segurá-la com presteza. Hogan havia mostrado suas cartas ao sacerdote, umas cartas com as quais esperava ganhar, ainda que esta prova de sua vitória não produzia prazer algum ao major. De fato, enquanto se dava conta de que seu triunfo se fazia patente, a ironia de Hogan foi se tingindo de amargura.

— Preocupo-me com a lealdade — disse Hogan —, lhe asseguro. Às vezes fico acordado na cama e me pergunto se tenho razão ao pensar que o melhor para a Irlanda é ser parte da Grã-Bretanha. Mas sei de uma coisa, padre, e é que não quero ser governado por Bonaparte. Talvez não seja um homem tão bravo como Wolfe Tone, mas tampouco já estive de acordo com suas ideias. O senhor sim, padre, e o admiro por isso, mas não é essa a razão pela qual o senhor vai morrer. A razão pela qual vai morrer, padre, não é pelo senhor lutar pela Irlanda, mas por lutar prestando apoio a Napoleão. Essa diferença é nefasta.

Sarsfield sorriu.

— Eu vou morrer? — perguntou com um gesto divertido.

Engatilhou sua pistola e a apontou para a cabeça de Hogan.

O som do disparo retumbou em todo o horto. Os dois coveiros se sobressaltaram aterrorizados, enquanto a fumaça se elevava da cerca de onde o assassino havia disparado, a apenas vinte passos de onde discutiam Hogan e Sarsfield. Agora o sacerdote estava jogado sobre o monte de terra escavada; seu corpo ainda se estremeceu algumas vezes, e finalmente, com um suspiro, ficou imóvel.

Sharpe se ergueu de trás da cerca e se aproximou da tumba para ver que sua bala tinha ido justo aonde ele havia apontado, direta no coração do homem agora morto. Baixou a vista para o sacerdote, e se deu conta do escuro sangue que se via sobre o tecido da batina. Uma mosca já tinha pousado ali.

— Gostava dele — disse a Hogan.

— É permitido, Richard — disse Hogan. O major estava alterado e pálido, tão pálido que por alguns momentos parecia estar a ponto de desvanecer-se. — Uma das maiores autoridades da humanidade nos exige que amemos a nossos inimigos, mas não diz nada sobre que eles deixem de ser nossos inimigos só porque os amamos. Tampouco me recorde de nenhum mandamento específico nas Sagradas Escrituras contrário a disparar no coração de nossos inimigos — Hogan parou e de repente sua leveza habitual pareceu lhe abandonar. — Também gostava dele — disse simplesmente.

— Mas ele ia atirar — disse Sharpe. Em sua conversa particular com Sharpe a caminho do enterro, Hogan havia advertido ao fuzileiro do que podia suceder; Sharpe reagiu mostrando suas dúvidas: não podia acreditar que Sarsfield fosse o legendário padre Mallon. Mesmo assim, de seu esconderijo na cerca teve que acabar aceitando, e então fez sua parte.

— Merecia uma morte melhor — disse Hogan, antes de empurrar o cadáver com o pé e jogá-lo para a vala. O corpo do sacerdote aterrizou de maneira estranha, de maneira que parecia como se estivesse sentado sobre a amortalhada cabeça do cadáver de Kiely. Hogan lançou o jornal falsificado sobre o corpo, depois pegou uma caixinha redonda de seu bolso.

— Esse disparo certo não mudará as coisas para você, Richard — disse Hogan com severidade enquanto abria a tampa da caixinha. — Digamos que por enquanto lhe perdoo por ter deixado Joaninha escapar. Esse estrago foi reparado. Mas seu sacrifício ainda é necessário para conseguir a aquiescência dos espanhóis com relação a Wellington.

— Sim, senhor — disse Sharpe ressentido.

Hogan captou o ressentimento na voz do fuzileiro.

— Certamente que a vida não é justa, Richard. Pergunte a ele. — Indicou com um gesto o grisalho sacerdote morto, e depois polvilhou o conteúdo de sua caixinha sobre a surrada e ensanguentada batina.

— O que é isso? — perguntou Sharpe.

— Terra, Richard, só terra. Nada importante — Hogan atirou o porta-comprimidos vazio



sobre os dois corpos, depois chamou os coveiros. — Era um afrancesado — disse em português, seguro de que tal explicação faria que estivessem de acordo com a execução que acabavam de presenciar. Deu uma moeda a cada um e ficou observando como cobriam com terra a tumba.

Hogan fez com Sharpe o caminho de volta a Fontes de Onor.

— Onde está Patrick? — perguntou o major.

— Disse para que esperasse em Vilar Formoso.

— Na pousada?

— Sim. Onde conheci a Runciman.

— Bem. Necessito embebedar-me, Richard — Hogan parecia desamparado, como se estivesse a ponto de chorar. — Uma testemunha a menos de sua confissão em São Isidro, não acha? — acrescentou com um triste sorriso.

— Não o fiz por isso, major — protestou Sharpe.

— O senhor não fez nada, Richard, nada em absoluto — Hogan falou com irritação. — O que houve naquele horto nunca ocorreu. O senhor não viu nada, não ouviu nada e não fez nada. O padre Sarsfield está vivo, Deus sabe onde, e seu desaparecimento se converterá em um mistério que nunca será explicado. Ou talvez a verdade é que o padre Sarsfield nunca existiu, Richard, em tal caso o você não pôde tê-lo matado, não acha? Portanto não diga nem uma só palavra mais sobre isto, nem uma só. — Respirou fundo e depois olhou para o céu azul da tarde, no qual não se apreciava rastro algum de fumaça de pólvora. — Os franceses nos concederam um dia de paz, assim vamos celebrar nos embebedando até os tutanos. E amanhã, que Deus assista aos pobres pecadores, lutaremos.

O sol se afundou entre as camadas de nuvens do oeste, fazendo que o céu parecesse carregado de glória. Por um momento, as sombras dos canhões ingleses se tornaram monstruosas na planície, enquanto se estendiam para as árvores e o exército francês, e foi então, nos minutos em que a luz agonizava, quando Sharpe apoiou sua luneta sobre a lombada fria de um canhão de nove libras e percorreu com a lente as terras baixas até que pôde ver os soldados inimigos em torno de suas fogueiras. Não era a primeira vez naquele dia que inspecionava as linhas inimigas através da lente. Havia passado toda a manhã movendo-se sem descanso entre o parque de munição e a linha de artilharia, de onde havia observado meticulosamente o inimigo, e agora, ao voltar de Vilar Formoso com o estômago revirado e a cabeça aturdida pelo excesso de vinho, olhou uma vez mais as linhas de Masséna.

— Não virão agora — disse um tenente dos artilheiros, achando que o capitão dos fuzileiros temia um assalto ao anoitecer. — Os franchinotes não gostam de lutar de noite.

— Não — admitiu Sharpe —, não virão por agora. — Mas manteve o olho colado em sua luneta enquanto percorria com ele, centímetro a centímetro, a sombria linha de árvores e fogueiras e homens. E então, de repente, deteve a luneta.

Acabava de ver os uniformes cinzentos. Finalmente, era verdade: Loup estava aqui, e sua brigada era parte do exército de Masséna, que havia passado o dia preparando-se para o ataque que sem dúvida ocorreria quando o sol voltasse.

Sharpe observou seu inimigo, depois se afastou do canhão e dobrou a luneta. A cabeça lhe dava voltas pelo efeito do vinho, mas não estava tão bêbado para não sentir um estremecimento de temor quando pensou na grande quantidade de soldados que atravessaria aqueles campos marcados pelos canhoneiros assim que o próximo sol brilhasse sobre a Espanha.

Amanhã.

---

## CAPÍTULO 9

Os cavaleiros saíram da bruma como criaturas de pesadelo. Os franceses montavam grandes cavalos que galopavam através do pantanal, fazendo estourar a água com cada passada. Pouco depois, os esquadrões que iam à cabeça chegaram à elevação próxima à aldeia de Nave de Haver onde os guerrilheiros espanhóis estavam acampados, e o som dos cascos da cavalaria francesa se converteu em um estrondo que fez tremer até a terra. Um clarim animava aos cavaleiros. Amanhecia, e o sol era um baixo disco prateado na banca névoa que velava os campos orientais para os quais estava chegando a morte.

Os sentinelas espanhóis dispararam uma apressada descarga, e depois se retiraram ante a constrangedora superioridade numérica do inimigo. Alguns dos guerrilheiros estavam dormindo após ter montado guarda por toda a noite, e despertaram justo a tempo para sair tombando de suas casas confiscadas e cair debaixo dos golpes de espadas e furadas de lanças. A brigada guerrilheira havia se posicionado em Nave de Haver para vigiar o flanco sul dos aliados. Ninguém esperava que tivessem que fazer frente a um ataque francês de semelhantes dimensões, mas agora os dragões chegavam a tropel pelas ruelas e destroçavam com seus enormes cavalos os jardins e os hortos que havia junto àquele distante grupo de casas ao sul de Fontes de Onor. O comandante guerrilheiro gritou para seus homens se retirarem, mas os franceses entraram em tropel quando aqueles, desesperados, tentavam chegar a seus aterrorizados cavalos. De modo que muitos dos homens, em vez de se retirarem, correram para o inimigo com todo o ódio desatado dos guerrilheiros. O sangue corria pelas ruas e salpicava os muros das casas. Uma rua ficou bloqueada quando um guerrilheiro disparou no cavalo de um dragão e a besta caiu golpeando o calçamento. O espanhol golpeou com sua baioneta o cavaleiro, e em um instante foi atropelado por um segundo cavalo, que incapaz de deter sua investida, tropeçou e caiu sobre os cadáveres ensanguentados. Um grupo de espanhóis se lançou por sua vez sobre o segundo cavalo e seu cavaleiro. Facas e espadas caíram sobre ele, depois outros guerrilheiros se postaram sobre as bestas moribundas e cheias de sangue para disparar nos cavaleiros que haviam sido apanhados naquele *beco sem saída*. Mais franceses caíram de suas selas, até que uma tropa de lanceiros entrou na rua por trás dos defensores espanhóis e desceram as pontas de suas lanças à altura da cintura enquanto os cavalos recuavam. Os espanhóis, apanhados entre dragões e lanceiros, tentaram contra-atacar, mas agora era a vez dos franceses, que se cevaram sem piedade, dizimando ao piquete de espanhóis. Uns poucos guerrilheiros escaparam para as casas, mas só para ver que as ruas para as quais davam as portas traseiras também estavam cheias de cavaleiros com brilhantes uniformes e sedentos de sangue, a quem as frenéticas e entusiastas notas dos clarins animavam a continuar o massacre.

A maioria dos espanhóis que defendiam Nave de Haver fugiu pela névoa para o oeste da aldeia, onde foram perseguidos pelos *cuirassiers*, com seus capacetes de penachos negros e seus refulgentes peitorais. Os espadões caíam como machados de açougueiro; golpes assim

podiam aleijar um cavalo ou esmagar o crânio de um homem. Ao norte e ao sul dos *cuirassiers*, tropas ligeiras de *chasseurs à cheval* galopavam como em uma corrida de obstáculos para isolar os espanhóis. Faziam ressoar seus cornos de caça. Os *chasseurs* usavam sabres curvos e leves que produziam graves feridas na cabeça e os ombros de seus inimigos. Os espanhóis desmontados cambaleavam agonizantes pelos pastos, e eram derrubados por cavaleiros que praticavam suas estocadas ou sua destreza com as lanças.

Enquanto isso, na aldeia, dragões desmontados revistavam as casas e os estábulos de Nave de Haver, e disparavam nos sobreviventes com carabinas ou pistolas. Um pequeno grupo de guerrilheiros se fez forte na igreja, mas os dragões abriram passagem pela porta e caíram com suas espadas sobre os defensores. Era domingo pela manhã, e o sacerdote havia tido a esperança de poder dizer uma missa para as tropas espanholas, mas agora estava morto junto com sua congregação, enquanto os franceses saqueavam a pequena e ensanguentada igreja em busca de bandejas e candelabros.

Uma partida de trabalho começou a arrastar os corpos para fora da rua principal da povoação para que sua artilharia pudesse cruzá-la. Tiveram que trabalhar duro mais de meia hora até que os canhões puderam passar tamborilando entre as casas com suas paredes caiadas salpicadas de sangue; canhões de seis libras arrastados por cavalos guiados por artilheiros com resplandecentes uniformes dourados e azuis. De trás chegavam canhões maiores, mas a artilharia montada encabeçaria o ataque sobre o povoado seguinte rio acima, onde a Sétima Divisão inglesa havia assentado sua posição. As colunas de infantaria seguiam à artilharia montada, batalhão atrás de batalhão, marchando sob suas deslumbrantes águias. A bruma se retirou para mostrar uma aldeia ensanguentada e fumegante pelos fogos abandonados nas cozinhas. Os vitoriosos dragões estavam montando outra vez seus cavalos para se unirem à perseguição. Alguns dos soldados de infantaria tentaram marchar através da povoação, mas os oficiais do Estado Maior os obrigaram a rodear Nave de Haver por seu flanco sul para que nenhum dos batalhões se retardasse em um saque menor. Os primeiros assessores galoparam de volta ao quartel general de Masséna para lhe dizer que Nave de Haver havia caído, e que a aldeia de Poço Velho, a menos de três quilômetros rio acima, já estava sob fogo de artilharia. Uma segunda divisão de infantaria marchava para servir de apoio aos homens que já estavam rodeando o flanco sul dos aliados e agora marchavam para o norte, pela estrada que levava de Fontes de Onor aos vaus que cruzavam o rio *Coa*.

Em Fontes de Onor as principais baterias de canhões franceses abriram fogo de novo. Os canhões haviam sido arrastados até a borda do arvoredor, e haviam feito toscamente seteiras com troncos caídos para dar certa proteção a seus equipamentos frente às baterias inglesas da crista. Os franceses disparavam projéteis comuns e bolas de ferro com uma mecha que fazia estourar a carcaça e jogava seus fragmentos sobre o planalto. Enquanto que os canos curtos dos obuses lançavam suas balas nas ruas destruídas de Fontes de Onor, enchendo o lugar com o fedor da pólvora queimada e o repique do ferro. Durante a noite, uma bateria mista de canhões de quatro e seis libras havia sido montada nos jardins e casas da margem leste, e agora esses canhões abriam fogo com tiros redondos com um pronunciado ângulo de queda, que impactavam com virulência nos muros de proteção dos defensores. Os *voltigeurs* dos

jardins disparavam para as seteiras dos ingleses, e lançavam vivas quando um canhão derrubava um trecho de muro ou arrasava um telhado já quebrado sobre uma habitação cheia de casacas-vermelhas encolhidos. Um projétil acendeu fogo a um telhado de palha derrubado e as chamas crepitaram, estendendo sua espessa fumaça pela parte alta da vila, onde os fuzileiros se parapeitavam atrás das lápides do cemitério. Os canhões franceses chegavam à zona das sepulturas, faziam saltar as lápides e removiam a terra ao redor das tumbas, pelo que parecia que uma manada de porcos monstruosos tivesse estado esfocinhando no solo para alcançar os mortos enterrados.

Os canhões ingleses devolviam esporadicamente o fogo. Reservavam o grosso de sua munição para o momento em que as colunas francesas se lançassem através da planície em direção à vila, ainda que de vez em quando uma bala de metralha explodia sobre a linha de árvores e fazia os artilheiros franceses se agacharem e maldizerem. Um a um, os canhões franceses foram mudando seu alvo, da crista para a vila em chamas, onde a crescente fumaceira dava provas do estrago infligido. Atrás da crista, os batalhões de casacas-vermelhas escutavam os canhões e rezavam para que não lhes ordenassem descer para aquele inferno de fogo e fumaça. Os capelães alçavam a voz por cima dos disparos dos canhões, enquanto liam a oração matinal para os inquietos batalhões. Havia consolo naquelas velhas palavras, ainda que houve sargentos que chamaram à ordem seus homens quando estes zombaram da linha da epístola que prescrevia à congregação a se abster da luxúria da carne. Depois rezaram por Sua Majestade o rei, pela família real e pelo clero, e só então alguns capelães acrescentaram uma oração para que Deus preservasse a vida de seus soldados naquele dia sagrado na fronteira hispano-portuguesa.

A cinco quilômetros ao sul de Fontes de Onor, *cuirassiers*, *chasseurs*, lanceiros e dragões se deram de cara com se com uma força de dragões ingleses e hussardos alemães. Os cavaleiros se chocaram em uma repentina e sangrenta batalha. Os cavalos aliados estavam em desvantagem numérica, mas estavam bem formados e lutavam contra uma força inimiga dispersada pelo entusiasmo da perseguição. Os franceses fraquejaram e logo bateram em retirada, mas pelos lados dos esquadrões aliados outros cavaleiros franceses passaram a toda se encaminhando ao lugar onde dois batalhões de infantaria, um inglês e outro português, esperavam atrás dos muros e cercas de Poço Velho. A cavalaria inglesa e alemã, temendo ser rodeada, tentou imediatamente interceptar o ataque, mas os excitados cavalos franceses os ignoravam e carregavam contra os defensores da aldeia.

— Fogo! — gritou um coronel *caçador*, e, de imediato, irregulares rajadas de fumaça relampejaram dos jardins cercados. Caíram vários cavalos entre relinchos, e os homens eram arrancados das selas pelas balas de mosquete e fuzil, que atravessavam os peitorais de metal dos *cuirassiers*. Ouviu-se uma frenética chamada de trompete, e a carga dos cavalos franceses se deteve, virou e se afastou para voltar a formar, largando para trás uma maranha de cavalos nervosos e homens sangrando. Chegavam mais cavaleiros franceses para se unirem ao ataque: guardas imperiais montados em poderosas montarias e armados com carabinas e espadas, enquanto mais além da cavalaria a vanguarda da artilharia a pé dispersava seus canhões nos pastos e abria fogo para acrescentar seus projéteis mais pesados aos dos canhões de seis

libras da artilharia montada. As primeiras balas do canhão de doze libras foram curtas, mas as descargas seguintes castigaram os defensores de Poço Velho e abriram grandes vãos em seus muros de proteção. A cavalaria francesa tinha se afastado de lado para formar de novo suas filas e desimpedir o caminho para a infantaria, que apareceu agora atrás dos canhões. Os batalhões formaram em duas colunas de ataque que avançariam como uma maré humana para a fina linha dos aliados em Poço Velho. Os tamborileiros franceses ajustavam a pele de seus tambores, enquanto além de Poço Velho os sete batalhões restantes da Sétima Divisão inglesa esperavam o ataque que os redobres inspirariam. A artilharia montada cuidava dos flancos da infantaria, mas os franceses estavam trazendo ainda mais cavalos e ainda mais canhões contra os isolados defensores. A cavalaria inglesa e alemã, que havia sido afastada para o oeste, trotava agora em um amplo círculo para reunir-se com a assediada Sétima Divisão.

Os escaramuçadores franceses começaram a correr na frente das colunas de ataque. Levantaram pequenas cortinas de água ao atravessar um riacho, passaram a linha de canhões da artilharia e correram para o lugar onde os cavalos mortos e os homens malferidos marcavam o limite do primeiro ataque da cavalaria. Ali os escaramuçadores se separaram em pares para abrir fogo. Escaramuçadores ingleses e portugueses os enfrentaram, e o crepitar de mosquetes e fuzis atravessou os campos encharcados até o lugar de onde Wellington olhava ansioso para o sul. A seus pés, a vila de Fontes de Onor era uma entulheira fumegante triturada por contínuos canhonaços, mas seu olhar sempre se dirigia para o sul, aonde enviara a sua Sétima Divisão, para fora da proteção do alcance de tiro dos canhões ingleses do patamar.

Wellington cometera um erro, e sabia disso. Seu exército se partira em dois e o inimigo ameaçava esmagar a menor das duas partes. Os mensageiros lhe trouxeram notícias sobre uma pequena força espanhola que tinha sido derrotada, e depois do número cada vez maior de soldados de infantaria francesa que cruzavam o riacho em Nave de Haver para se unir ao ataque contra os nove batalhões da Sétima Divisão. Pelo menos duas divisões francesas marcharam para o sul para aquele ataque, e cada uma dessas divisões era mais forte que a recém formada e ainda pouco poderosa Sétima Divisão. Que não estava apenas sob o ataque da infantaria, mas também parecia sofrer o assalto de todos os cavaleiros franceses que havia na Península.

Os oficiais da infantaria francesa ordenaram que as colunas avançassem, e os tamborileiros respondendo tocando o *pas de charge* com desenfreada energia. O ataque francês havia dominado Nave de Haver, tinha varrido a cavalaria aliada, e agora tinha que manter o impulso se quisesse aniquilar o flanco direito de Wellington. Só então poderia se lançar um ataque vitorioso contra a retaguarda da força principal de Wellington, enquanto o restante do exército francês seguia triturando suas feridas defesas em Fontes de Onor.

Os *voltigeurs*, superiores em número, fizeram os escaramuçadores aliados retrocederem, correndo para se unir à principal linha defensiva, agora feita em migalhas e farrapos pela metralha francesa. Os feridos engatinhavam de volta para as ruelas de Poço Velho, onde tentavam encontrar algum tipo de proteção contra a terrível tormenta de metralha. Os homens da cavalaria francesa esperavam dos lados da povoação; esperavam com suas espadas e suas lanças para cair sobre os destroçados fugitivos, que logo teriam que correr em massa

afastando-se do ataque das colunas.

— *Vive l'Empereur!* — gritavam os atacantes. A névoa já havia se dissipado, sendo substituída pela clara luz do sol que resplandecia em milhares de baionetas francesas. O sol cegava os defensores, com um brilho deslumbrante, e as enormes e escuras formas das colunas francesas que pisoteavam os campos ao ritmo de tambores e gritos, e o estrondo das botas em marcha, pareciam agigantar-se em sua indefinição. Os *voltigeurs* começaram a disparar contra a linha principal de ingleses e portugueses. Os sargentos gritaram para que fechassem filas, depois olharam nervosos para a cavalaria inimiga que esperava para carregar nos flancos.

Os batalhões ingleses e portugueses se fechavam para o centro, enquanto mortos e feridos abandonavam as filas.

— Fogo! — ordenou o coronel inglês, e seus homens começaram a disparar rajadas através da fumaceira, que subia e descia ao longo da linha quando as companhias disparavam por turnos. O batalhão português continuou com as descargas, de forma que toda a parte ocidental da aldeia se acendeu pelas labaredas. Caíram homens nas primeiras posições das colunas francesas, e estas se dividiram para que as filas pudessem rodear aos mortos e feridos, voltando a se fechar imediatamente: os entusiasmados franceses seguiam avançando impassíveis. As descargas inglesas e portuguesas ficaram mais irregulares quando os oficiais permitiram que seus homens disparassem à vontade. A espessa fumaceira se espalhava sobre a aldeia. Um canhão móvel francês foi posto no flanco norte e varreu com um disparo as filas dos *caçadores*. Os tamborileiros interromperam o *pas de charge* e as colunas deixaram escapar seu grito de guerra: “*Vive l'Empereur!*”. Depois os tambores arrancaram de novo, redobrando ainda mais depressa, enquanto as colunas arrasavam à sua passagem os delicados hortos dos arredores. Outro canhão caiu vindo do norte, massacrando as linhas inimigas.

— Retirada! Retirada! — os dois batalhões não tinham possibilidades de defender aquele lugar, portanto, quase superados pelo inimigo, os casacas-vermelhas e os portugueses correram em retirada através da aldeia, um lugar pobre com uma diminuta igreja não maior que uma capelinha. As companhias de granadeiros de ambos os batalhões formaram filas ao lado da igreja. As baquetas começaram a raspar o interior dos canos. Os franceses já estavam nas ruas, suas colunas estavam se dispersando enquanto a infantaria se abria seu próprio caminho pelos becos e jardins. A cavalaria fechava seu abraço mortal sobre os flancos da povoação, em busca de soldados em debandada para carregar contra eles e dizimá-los. Os primeiros atacantes franceses já estavam à vista da igreja, e um oficial português deu a ordem de disparar. As duas companhias descarregaram uma descarga que bloqueou a estreita ruela com feridos e cadáveres franceses.

— Recuar! Recuar! — gritou o oficial português. — Vigiem os flancos!

Um projétil destroçou parte do telhado da igreja, fazendo cair uma chuva de cacos de telhas sobre os granadeiros em retirada. A infantaria francesa apareceu em um beco e se desdobrou para formar uma improvisada linha de fogo que derrubou dois *caçadores* e um casaca-vermelha. A maior parte dos dois batalhões já havia saído da aldeia e se retirava para onde os outros sete batalhões haviam formado em quadrado para deter o movimento

envolvente da cavalaria francesa. Essa mesma cavalaria temia que sua presa escapasse, e alguns dos cavaleiros carregaram apressadamente contra a guarnição em retirada de Poço Velho.

— Reunir! Reunir! — gritou um oficial de casacas-vermelhas quando viu que um esquadrão de *cuirassiers* dava a volta para carregar contra seus homens. Sua companhia se uniu em formação de quadrado, um acúmulo de homens formando um obstáculo grande o bastante para deter a carga de um cavalo. — Não abram fogo! Deixem que esses sacanas se aproximem!

— Deixe-o lá onde está! — gritou um sargento quando um homem tentou sair do quadrado para auxiliar um companheiro ferido.

— Em quadrado! Em quadrado! — gritou outro capitão, e seus homens se reuniram em um precipitado quadrado. — Fogo! — Cerca de um terço de seus homens tinham suas armas carregadas, e dispararam uma descarga irregular que fez que um cavalo relinchasse e retrocedesse. O cavaleiro caiu ao chão pesadamente, arrastado por todo o peso de seu peitoral e armadura traseira. Outro cavaleiro cavalgou afastando-se das balas de mosquete e passou a galope estendido pela frente da formação. Um casaca-vermelha se lançou para atacar o francês com sua baioneta, mas o cavaleiro se inclinou afastando-se da sela e gritou triunfante ao mesmo tempo em que dava um talho com sua espada no rosto do soldado de infantaria.

— Maldito imbecil, Smithers! Você é um maldito imbecil! — gritou o capitão ao casaca-vermelha, agora meio cego, que gritava e agarrava o rosto, convertido em uma máscara de sangue.

— Para trás! Para trás! — instava o coronel português a seus homens. A infantaria francesa havia atravessado o vilarejo e agora estava formando uma coluna de ataque em seu extremo norte. Um canhão móvel inglês disparou para eles, e a bala quicou no solo e se elevou para acabar se embutindo nas casas da aldeia.

— *Vive l'Empereur!* — gritou um coronel francês, e os tamborileiros começaram a tocar o temido *pas de charge* que faria avançar à infantaria do imperador. Os dois batalhões aliados correram em grupos pelos campos, perseguidos pelas vanguardas da infantaria e fustigados pelos cavaleiros. Um pequeno grupo caiu debaixo das armas dos lanceiros, outro ficou em pânico e correu para os quadros, só para ser caçado pelos dragões que sustentavam suas espadas como se fossem lanças para apunhalar os casacas-vermelhas pelas costas. As duas grandes massas de cavaleiros eram as que haviam acochado os porta-estandartes, esperando o primeiro sinal de pânico que abrisse a apertada formação de infantaria para permitir uma carga estrondosa. Os estandartes dos dois batalhões eram chamarizes para a glória, troféus que fariam famosos a seus captores por toda a França. Os dois jogos de estandartes estavam rodeados por baionetas e eram defendidos por sargentos com piques, as longas e pesados machados com cabeça de lança ideadas para matar a qualquer cavalo ou homem que se atrevesse a tentar capturar os troféus de seda com franja.

— Em marcha! Em marcha! — gritou o coronel inglês para seus homens. — Mantenham a formação, garotos, mantenham-na! — E seus homens abriram caminho com firmeza para o



leste, enquanto a cavalaria fazia simulações de carga com a intenção de forçá-los a disparar. Uma vez que se tivesse disparado a descarga, os lanceiros encabeçariam uma autêntica carga que poderia superar as baionetas da infantaria e os descarregados mosquetes, para matar as filas exteriores dos defensores. — Não disparem, garotos, não disparem — gritou o coronel. Seus homens passaram perto de um dos afloramentos de rocha que adornavam a planície, e por alguns segundos parecia que os casacas-vermelhas se aferravam àquele pedacinho de terreno elevado, como se a pedra coberta de líquen lhes oferecesse um refúgio seguro; depois, os oficiais e sargentos os fizeram avançar para a próxima campina. Um território aberto como aquele era uma benção do céu para os cavaleiros, terreno perfeito para que um soldado de cavalaria se entregasse à matança.

Os dragões haviam desencapado suas carabinas para abrir fogo contra os porta-estandartes. Outros cavaleiros disparavam com pistolas. Ficava um rastro sangrento atrás da marcha de casacas-vermelhas e *caçadores*. A apressada infantaria francesa gritava para seus próprios cavaleiros que limpassem uma linha de fogo, de modo que uma rajada de mosquetes pudesse derrubar aos desafiantes porta-estandartes, mas os cavaleiros não renunciariam à glória de capturar um estandarte inimigo para uns soldados a pé, assim que rodearam as bandeiras e impediram o fogo da infantaria que poderia ter arrasado os infantes aliados em retirada. Entre os ingleses e portugueses, os franco-atiradores escolheram seus alvos, dispararam e depois recarregaram sem deixar de caminhar. Os dois batalhões haviam perdido toda a ordem; já não havia filas nem linhas, apenas homens desesperados que se apinhavam, pois sabiam que a salvação residia em permanecer bem juntos, enquanto se retiravam pouco a pouco para a duvidosa proteção que ofereciam os batalhões restantes da Sétima Divisão, ainda formados em quadrado e horrorizadas testemunhas do fervente torvelinho da cavalaria e fumaça de canhões que pouco a pouco se aproximava cada vez mais.

— Fogo! — gritou uma voz de um daqueles batalhões, e a frente de um dos quadros se inundou de fumaça para destruir a ansiosa tropa de *chasseurs* armados com sabres. Em sua retirada, a infantaria havia se aproximado dos outros batalhões, e os cavaleiros viram como se esfumava sua oportunidade inicial de chegar à fama.

Alguns *cuirassiers* apertaram bem as correias de suas espadas, animaram-se uns aos outros e depois bateram esporas em seus grandes cavalos para sair a galope estendido quando um trompete lançou a carga com suas notas aceradas. Cavalgaram colados uns nos outros, em uma falange de aço e carne de cavalo pensada para derrubar os protetores dos estandartes mais próximos, e que assim iam ser sacrificados como gado. Era uma loteria: cinquenta cavaleiros contra duzentos homens aterrorizados, e se os cavaleiros conseguissem romper o quadrado em marcha, um dos *cuirassiers* sobreviventes cavalgaria até chegar junto ao marechal Masséna com um estandarte do rei Jorge, e outro levaria os restos chamuscados pelas balas da bandeira amarela do 85º, e ambos se fariam famosos.

— Linha de frente, de joelhos! — gritou o coronel do 85º.

— Apontem! Esperem! — gritou um capitão. — Não se impacientem! Esperem!

Os casacas-vermelhas eram de Buckinghamshire. Alguns haviam sido recrutados nas

granjas dos Chilterns e das vilas do vale de Aylesbury, ainda que a maioria provinha dos fétidos bairros e pestilentas prisões de Londres, que se estendiam pelo condado do extremo sul. Agora suas bocas estavam secas pela pólvora salgada dos cartuchos que estavam mordendo por toda a manhã, e sua batalha havia se reduzido a uma terrífica faixa de uma terra estrangeira rodeada por um inimigo triunfante, enlouquecido e selvagem. Mas todos os homens do 85º sabiam que podiam ser as últimas tropas inglesas com vida, e agora enfrentavam os cavalos do imperador, que carregavam contra eles com homens com penachos armados com imensas espadas. Atrás dos *cuirassiers* vinha uma turbamulta de lanceiros, dragões e *chasseurs* para não deixar escapar os restos da formação em quadrado que cuidava dos estandartes. Um francês lançou seu grito de guerra enquanto cravava suas esporas com força nos flancos de seu cavalo e, quando parecia que era tarde demais para os casacas-vermelhas, seu coronel deu a ordem.

— Fogo!

Os cavalos foram abaixo em uma ensanguentada agonia. Um cavalo e seu cavaleiro sem vida seguiram avançando, ainda que em um instante passaram dos mais impressionantes carnicheiros de guerra a uma carniça com muita roupa; mas aquela carne ainda podia esmagar a frente do quadrado só com seu peso morto. Caiu toda a frente da carga da cavalaria, espalhando seu sangue pelo capim. Os cavaleiros gritavam ao serem esmagados por seus próprios cavalos. Os que vinham detrás não puderam esquivar a carnificina que tinham na frente, e a segunda fila esmagou os restos agitados da primeira, com os cavalos relinchando ao quebrar as patas, caindo e deslizando até alguns metros do fumaça dos disparos ingleses.

O restante da carga ficou bloqueada pelo horror que tinham na frente, de modo que se dividiram em dois grupos de cavaleiros que passaram galopando sem causar estrago junto aos flancos do quadrado em marcha. Os casacas-vermelhas dispararam para a cavalaria enquanto esta passava, e assim terminou aquela ominosa carga, e o coronel ordenou a seus homens que seguissem avançando para o oeste.

— Em formação, garotos, em formação! — gritava. Um homem saiu correndo e arrancou um capacete com penacho de crina de cavalo do cadáver de um francês, e voltou depressa para sua posição no quadrado. Chegou outra descarga dos batalhões que esperavam nos outros quadros, e de repente os castigados e acossados fugitivos da defesa de Poço Velho estavam entre o restante da Sétima Divisão. Formaram no centro da divisão, justo sobre uma larga estrada que conduzia para o sul e para o oeste entre profundas valetas. Era a estrada que levava aos seguros vaus do Goa, o caminho que levava para casa, o caminho para a segurança, mas tudo o que restava para protegê-lo eram os nove quadros de infantaria, uma bateria de canhões leves e a cavalaria que havia sobrevivido ao combate que se iniciara ao sul de Poço Velho.

Os dois batalhões de Poço Velho formaram pequenos quadros. Havia sofrido nas ruelas do vilarejo e sobre a erva primaveral dos pastos dos arredores, mas seus estandartes ainda ondeavam: quatro brilhantes bandeiras em meio das dezoito bandeiras ondeantes da divisão, enquanto isso ao redor deles girava a cavalaria do império e, do seu lado, pelo norte, marchavam duas divisões completas de infantaria. Os dois batalhões assediados haviam se

salvado, mas dava a impressão de que seria por pouco tempo, pois só haviam sobrevivido para se unir a uma divisão que provavelmente já estivesse condenada. Dezesseis mil franceses ameaçavam agora a quatro mil e meio soldados portugueses e ingleses.

Os cavaleiros franceses deram a volta para se afastar do fogo dos mosquetes e voltar a formar em filas, já reduzidas pela carga da manhã. A infantaria francesa parou e formou para um novo ataque; ao mesmo tempo, do leste e por cima do riacho, chegava novo fogo da artilharia de Masséna, que tentava reduzir a picadinho os nove quadrados que esperavam.

Haviam transcorrido duas horas desde o amanhecer, e nos pastos do sul de Fontes de Onor, longe de qualquer tipo de ajuda, um exército parecia estar a ponto de sucumbir sob as dentadas dos franceses.

— Tem uma opção — comentou o marechal Masséna ao major Ducos.

Na realidade, o marechal não queria passar aquela gloriosa manhã falando com um simples major, mas Ducos era um tipo espinhoso que tinha uma inexplicável influência com o imperador. Pelo que André Masséna, marechal da França, duque de Rivoli e príncipe de Essling, achou um momento depois do café da manhã para assegurar-se de que Ducos compreendia as oportunidades do dia e, o que era mais importante, a quem corresponderiam os louros dessa vitória.

Ducos havia saído cavalgando de Cidade Rodrigo para ser testemunha da batalha. Oficialmente, o ataque de Masséna era só um esforço para levar suprimentos para Almeida, mas todo francês sabia que se jogavam muito mais que o auxílio de uma pequena guarnição abandonada atrás das linhas inglesas. O autêntico prêmio era a oportunidade de isolar a Wellington de sua base, e depois destruir seu exército em um glorioso dia de derramamento de sangue. Uma vitória semelhante terminaria para sempre com o desafio inglês na Espanha e Portugal, e como consequência traria toda uma lista oficial de novas nomeações para o rato portuário que se alistara como soldado raso no exército real francês. Conseguiria Masséna um trono? O imperador havia redistribuído a metade dos assentos reais da Europa ao fazer reis a seus irmãos, portanto, por que não ia converter ao marechal Masséna, príncipe de Essling, em rei de um ou outro lugar? O trono de Lisboa necessitava um par de nádegas para manter-se quente, e Masséna considerava seu traseiro tão bom para aquela tarefa como o de qualquer um dos irmãos de Napoleão. E tudo o que se necessitava para que essa gloriosa visão se fizesse por fim realidade era uma vitória aqui, em Fontes de Onor, uma vitória que parecia estar muito perto. A batalha havia se iniciado tal como Masséna previra, e agora se fecharia como ele previa.

— Diz, Sua Majestade, que Wellington tem uma opção? — instou Ducos ao marechal, que tinha caído em um momentâneo sonho.

— Tem uma opção — confirmou Masséna. — Pode abandonar a sua ala direita, o que significa que também abandona toda possibilidade de retirada, em cujo caso romperemos seu centro em Fontes de Onor e acabaremos com seu exército nas colinas antes da semana que vem. Ou pode abandonar Fontes de Onor e tentar resgatar seu flanco direito, em cujo caso o

combateríamos até a morte na planície; mas não o fará. Esse inglês só se sente a salvo quando tem uma colina que defender, assim que ficará em Fontes de Onor, e sua ala direita irá direta ao inferno que lhe preparemos.

Ducos estava impressionado. Fazia muito tempo que não ouvia um oficial francês falar com tanto otimismo da Espanha, e também passara muito tempo sem que as águias marchassem para uma batalha com tanta confiança e entusiasmo. Masséna merecia um aplauso, e Ducos ofereceu alegremente ao marechal os elogios que desejava ouvir, ainda que também acrescentou uma advertência.

— Esse inglês, Sua Majestade — assinalou —, tem também destreza defendendo colinas. Defendeu Fontes de Onor na sexta-feira passada, não é mesmo?

Masséna ofegou ante o comentário. Ducos havia elaborado arrevesados planos para socavar a moral inglesa, mas só se fundamentavam em sua carência de fé nos soldados, assim como a presença de Ducos na Espanha se fundamentava na carência de fé do imperador em seus marechais. Ducos tinha que aprender que, quando um marechal da França punha toda sua mente na vitória, então a vitória era segura.

— Sexta-feira, Ducos — explicou Masséna —, fiz umas cosquinhas em Fontes de Onor com um par de brigadas, mas hoje enviaremos três divisões completas para essa vilória. Três grandes divisões, Ducos, cheias de homens famintos. Que possibilidades acha que tem essa vilazinha?

Ducos considerou a pergunta de sua habitual maneira pedante. Podia ver Fontes de Onor com bastante clareza; a povoação era uma exígua extensão de casebres camponeses que haviam sido reduzidos a pó pela artilharia francesa. Para lá do pó e da fumaça, Ducos podia ver o cemitério e a maltratada igreja colina acima, onde a estrada girava para o planalto. Para ser sinceros, a colina tinha bastante ladeira, mas não era muito alta, e no sábado os atacantes haviam esvaziado a vila de defensores e ganharam uma proteção entre as pedras mais baixas do cemitério; com um ataque mais, provavelmente teriam levado suas águias para lá da borda da crista e as teriam cravado na branda barriga do inimigo. Agora, fora do campo de visão desse inimigo, três divisões completas da infantaria francesa estavam esperando para atacar, e na vanguarda desse ataque Masséna planejava pôr a elite de seus regimentos, as amplas companhias de granadeiros com seus gorros de pele de urso com penachos e sua temível reputação. O melhor da França marcharia contra um decaído exército de homens meio derrubados.

— E aí, Ducos? — Masséna desafiou Ducos para que desse seu veredito.

— Devo felicitar a Sua Majestade — disse Ducos.

— O que suponho que significa que aprova meu humilde plano, certo? — perguntou Masséna sarcástico.

— Toda França o aprovará, Sua Majestade, desde que consiga sua vitória.

— À merda a vitória — disse Masséna —, desde que consiga as putas de Wellington. Estou cansado das que tenho agora. A metade delas estão sífilíticas, a outra metade prenhes, e

a gordinha põe os olhos em branco cada vez que lhe digo que se desnude para o assunto.

— Wellington não tem putas — disse Ducos em tom frio. — Controla suas paixões.

O caolho Masséna estourou em gargalhadas.

— Que controla suas paixões! Pela cruz de Cristo, Ducos, o senhor faz um sorriso virar um crime. Controla suas paixões, né? Então é um imbecil, mais do que isso, é um imbecil derrotado. — O marechal afastou seu cavalo do major e estalou os dedos para um assessor que andava perto. — Solte as águias, Jean, solte-as!

Os tambores tocaram para reunião, e três divisões se prepararam para entrar em ação. Os homens consumiram os restos do café, meteram facas e pratos de latão em suas mochilas, revisaram suas cartucheiras e recolheram seus mosquetes de seus montes piramidais. Havia passado duas horas desde o amanhecer daquele domingo, e era hora de fechar as fauces da batalha enquanto, ao longo da linha do marechal, do sul na planície até o norte, onde estava vila sob seus entumecedores canhões, os franceses cheiravam a vitória.

— Santo Deus, Sharpe, mas é que é injusto. Injusto! Você e eu ante um tribunal? — O coronel Runciman havia sido incapaz de resistir à isca de ser testemunha do grande drama do dia, assim que havia ido ao planalto, ainda que cuidava muito para não se aproximar demais da borda da crista, que, de vez em quando, era sacudida pelos canhões franceses. Uma pira fumegante assinalava o lugar onde a povoação resistia ao bombardeio, enquanto que mais ao sul, planície abaixo, um segundo borrão de fumaça de mosquetes delatava onde estava tendo lugar o ataque do flanco francês na terra baixa.

— É uma perda de tempo queixar-se das injustiças, general — disse Sharpe. — Somente os ricos podem se permitir as lamentações sobre o injusto. O restante de nós pegamos o que podemos e nos esforçamos para não perder o que temos.

— Mesmo assim, Sharpe, é injusto! — disse Runciman a modo de recriminação. O coronel estava pálido e piorado. — É uma desonra, veja. Um homem volta à Inglaterra e espera que o tratem com decência, mas em vez disso me vilipendiarão. — Inclinou-se levemente quando um projétil francês passou retumbando muito acima de suas cabeças. — Eu tinha esperanças, Sharpe! Tinha esperanças!

— O Tosão de Ouro, general? A Ordem de Bath?

— Não só isso, Sharpe, mas também de matrimônio. Como você compreende, há damas de fortuna em Hampshire. Não tenho a intenção de ficar solteiro a vida toda, Sharpe. Minha amada mãe, que Deus dê paz a sua alma, nunca deixou de afirmar que eu seria um bom marido, desde que a dama tivesse uma mediana fortuna. Não uma grande fortuna, não se deve pouco realista, mas uma suficiente para nos manter com comodidade. Um par de coches, alguns estábulos decentes, cozinheiras que conheçam seu ofício, um pequeno cercado de caça, uma leiteria, já sabe o tipo de lugar a que me refiro.

— Faz com que sinta saudade de meu lar, general — disse Sharpe.

O sarcasmo se perdeu no ar acima da cabeça de Runciman.

— Porém, agora, Sharpe, você pode imaginar uma mulher de alguma família decente que deseje se aliar com um nome desacreditado? — Pensou nisso por um instante, depois moveu a cabeça lenta e desesperadamente. — Meu Deus! Terei que desposar uma metodista!

— Isso ainda não ocorreu, general — disse Sharpe —, e hoje, precisamente, poderiam mudar muitas coisas.

Runciman pareceu se alarmar.

— Refere-se a que poderiam me matar?

— Ou o senhor poderia ganhar um nome por sua valentia, senhor — disse Sharpe. — O narigudo sempre perdoa aos homens que se destacam em combate.

— Oh, por Deus santo, não! Meu Deus, não. Por minha alma, Sharpe, não. Não sou desse tipo. Nunca fui. Tornei-me militar porque meu querido pai não pôde encontrar nenhum outro lugar para mim, em nenhum lado! Ele pagou para que eu entrasse no exército, entende? Porque dizia que era a melhor posição que poderia esperar da sociedade, mas não sou dos que lutam. Nunca fui, Sharpe. — Runciman prestou atenção ao terrível ruído dos canhões que castigavam Fontes de Onor, um ruído que piorava ao se cadenciar com o crepitar dos mosquetes de *voltigeurs* que disparavam da outra margem do riacho. — Não estou orgulhoso disso, Sharpe, mas não acredito que possa suportar este tipo de coisas. Não acho que possa em absoluto.

— Não posso culpá-lo, senhor — disse Sharpe, que naquele momento viu ao sargento Harper que tentava chamar sua atenção. — Pode me desculpar, general?

— Vá, Sharpe, ande.

— Trabalho, senhor — disse Sharpe indicando com a cabeça o major Tarrant, que estava gesticulando para o condutor de uma carroça.

Tarrant se virou quando Sharpe se aproximou dele.

— A Infantaria ligeira está formada ao sul, Sharpe, mas sua reserva de munição ficou bloqueada ao norte. Temos que encontrar um modo de fazer-lhe chegar uma carroça. Importar-se-ia se seus fuzileiros o acompanhassem?

Sharpe não se importava. Instintivamente queria estar onde a batalha fosse mais encarniçada, e isso era em Fontes de Onor, ainda que não podia dizer tudo isso a Tarrant.

— Claro que não, senhor.

— Somente para o caso de que se verem transbordados, já sabe, e tenham que passar o dia contrariando aos franceses, portanto o general quer que disponham de munição em abundância. Cartuchos para fuzil e para mosquete, ambos. A artilharia já se ocupa de si mesma. Bastará uma carroça, mas precisará de uma escolta, Sharpe. Ao que parece, a cavalaria francesa está muito animada por lá.

— Podemos ajudar? — O capitão Donaju havia ouvido a apressada explicação da tarefa

de Sharpe.

— Mais tarde, capitão — disse Tarrant. — Tenho o pressentimento de que provavelmente hoje vamos ter confusão em toda parte. Nunca havia visto tantos franchinotes.

— Hoje andam com a cabeça bem alta, major — concordou Sharpe. Olhou para o condutor da carroça. — Está preparado?

O carreteiro consentiu. A carroça era um veículo de granja com quatro rodas e altas laterais separadas ao qual haviam atado três cavalos Cleveland Bay em fila.

— Antes tinha quatro bestas — fez saber o condutor a Sharpe quando este se sentou a seu lado —, mas um projétil franchinote levou a Bess, portanto agora só tenho três. — O condutor havia trançado lã vermelha e azul nas crinas dos cavalos e tinha decorado os flancos de sua carroça com placas de chapéus descartadas e ferraduras velhas que havia pregado nas tábuas. — O senhor sabe aonde vamos? — perguntou a Sharpe enquanto Harper ordenava aos fuzileiros que se acomodassem sobre as caixas de munição empilhadas na plataforma do carroça.

— Atrás deles — Sharpe apontou para sua direita, onde o patamar descia em uma suave ladeira para as terras baixas do sul e onde a Divisão Ligeira marchava por seus estandartes. Era a antiga divisão de Sharpe, constituída por fuzileiros e infantaria ligeira, que se considerava a si mesma a divisão de elite do exército. Agora marchava para evitar que a Sétima Divisão fosse aniquilada.

A mais de um quilômetro, do outro lado do riacho *Dos Casas* e perto do ruinoso celeiro que lhe servia de quartel general, o marechal André Masséna viu as tropas inglesas substitutas deixarem a proteção do planalto e marchar para o grupo de casacas-vermelhas e portugueses assediados mais ao sul.

— Grande idiota — disse a si mesmo, e depois em voz alta e cheia de júbilo repetiu sua exclamação: — Grande idiota!

— Sua Majestade? — perguntou um assessor.

— A primeira regra da guerra, Jean — disse o marechal —, é não reforçar nunca os fracassos. E o que está fazendo esse inglês que não gosta de putas? Está enviando mais tropas para que sejam massacradas por nossa cavalaria! — O marechal voltou a levar a luneta ao olho. Pôde ver canhões e cavalaria em marcha para o sul com as novas tropas. — Ou está se retirando? — refletiu em voz alta. — Talvez esteja se assegurando de que pode voltar a Portugal. Onde está a brigada de Loup?

— Ao norte daqui, Sua Majestade — respondeu o ajudante.

— Estará com sua puta, não? — perguntou Masséna com ressentimento. A presença da extravagante Joaninha de Elia na Brigada Loup tinha chamado a atenção e despertado os ciúmes de todos os franceses do exército.

— Sim, Sua Majestade.

Masséna fechou a luneta com um só movimento. Não gostava de Loup. Respeitava suas

ambições, e sabia que aquele homem passaria por cima de qualquer um para satisfazer essas ambições. Loup queria ser um marechal assim como Masséna, inclusive havia perdido um olho, como Masséna, e agora queria aqueles grandes títulos com os quais o imperador recompensava aos bravos e afortunados. Se ele pudesse evitar, Loup não satisfaria essas ambições. Um homem se mantinha como marechal eliminando seus rivais, não os animando, assim que hoje o brigadeiro Loup receberia um encargo de pouca importância.

— Avise ao brigadeiro Loup — disse Masséna ao assessor — que largue sua puta espanhola e se prepare para escoltar as carroças através de Fontes de Onor quando nossos soldados tenham aberto a estrada. Diga-lhe que Wellington está deslocando sua posição para o sul, e que a estrada para Almeida deve ficar aberta pelo meio-dia; o trabalho de sua brigada será escoltar os suprimentos até Almeida enquanto o restante de nós matamos ao inimigo — Masséna sorriu. Hoje era o dia em que os franceses ganhariam a glória, um dia para capturar as cores do inimigo e para empapar a margem do rio com o sangue inglês, mas o marechal tinha decidido que Loup não compartilharia nem uma parte de tudo isto. Loup seria um simples guarda da bagagem, enquanto que Masséna e as águias fariam toda Europa tremer de medo.

A Sétima Divisão se dirigia por uma ligeira elevação de terreno acima do riacho *Dos Casas*. Estavam se retirando para o norte, mas olhando para o sul, pois tentavam bloquear o avanço da massiva força francesa que havia sido enviada para rodear o flanco do exército. Ao longe podiam ver as duas divisões de infantaria inimigas reagrupando suas filas diante de Poço Velho, mas o perigo imediato provinha do imenso número de tropas da cavalaria francesa que esperavam fora do alcance efetivo dos mosquetes da Sétima Divisão. A equação que os nove batalhões aliados enfrentavam era bastante simples. Podiam formar em quadros, pois sabiam que mesmo a cavalaria mais ousada se perderia se tentasse carregar contra a massa compacta de mosquetes e baionetas, mas sabiam que a infantaria em quadros era cruelmente vulnerável à artilharia e a infantaria; enquanto a Sétima Divisão se contraísse em quadros, os franceses arrasariam as filas aliadas a canhões até que portugueses e casacas-vermelhas fossem triturados, e então a cavalaria poderia arremeter contra os transtornados sobreviventes sem que estes pudessem lhes enfrentar.

As cavalarias inglesa e alemã foram as primeiras em comparecer ao resgate. Os cavaleiros aliados eram menores em número, e sabiam que nunca poderiam derrotar à grande massa de franceses com seus penachos e peitorais decorados, mas tanto hussardos como dragões lançavam uma carga atrás de outra para evitar que a cavalaria inimiga fustigasse a sua infantaria.

— Mantenham-nos a distância! — gritava um major da cavalaria inglesa a seus esquadrões. — Mantenham-nos a distância! — Temia que seus homens se deixassem levar e se jogassem a uma temerária carga pela glória, em vez de se retirar depois de cada breve ataque para reagrupar-se e carregar de novo, assim que seguia alentando-lhes para que fossem precavidos e respeitassem sua disciplina. Os esquadrões se revezavam para manter na linha a cavalaria francesa, e um atacava enquanto os outros se retiravam para trás da infantaria. Os cavalos sangravam, suavam e pareciam tremer pela tensão, mas uma e outra vez trotavam para



formar e esperavam até que as esporas os lançassem de novo ao combate. Os homens agarravam com força espadas e sabres e vigiavam ao inimigo, que os insultava aos gritos com a intenção de atrair os ingleses e alemães em um louco assalto a galope estendido que abrisse suas ordenadas filas, e convertesse as controladas cargas em uma frenética desordem de espadas, lanças e sabres. Em um tumulto semelhante, a superioridade numérica dos franceses seria vantajosa, mas os oficiais aliados mantinham seus homens afastados do inimigo.

— Maldito ansioso! Controle a sua égua, controle-a! — gritava um capitão a um soldado cujo cavalo rompeu a trotar cedo demais.

Os dragões eram a cavalaria pesada dos aliados. Eram grandalhões montados em grandes cavalos, e levavam pesadas espadas de lâmina reta. Não costumavam carregar ao galope porque preferiam esperar até que um regimento inimigo ameaçasse atacar: Só então contra-atacavam ao passo. Os sargentos gritaram a seus homens que mantivessem a formação, que não se separassem e que contivessem seus cavalos. E só no último momento, quando o inimigo estava a um tiro de pistola, um trompete deu o sinal de carga e esporearam seus cavalos para que galopassem, enquanto os cavaleiros lançavam seus gritos de guerra ao mesmo tempo em que golpeavam os cavaleiros inimigos. As grandes espadas podiam fazer horríveis estragos. Arrancavam os sabres dos *chasseurs* franceses, que eram mais leves, e obrigavam aos cavaleiros a se agachar por baixo do pescoço de suas montarias para tentar se esquivar do fio daquelas lâminas carniceras. Os aço se chocavam, os cavalos feridos relinchavam e recuavam, e então o trompete tocou retirada e os cavalos aliados se afastaram e deram a volta. Alguns poucos franceses iniciaram uma perseguição, mas ingleses e alemães não tinham se afastado muito de sua própria infantaria, de modo que qualquer francês que se sentisse tentado de aproximar-se demais dos batalhões portugueses e ingleses se converteria em uma presa fácil para uma companhia de mosquetes. Era um trabalho duro, disciplinado e sem glória, e cada contra-carga pagava seu preço em homens e cavalos, mas era a única forma de pôr freio à ameaça da cavalaria inimiga, e os nove batalhões de infantaria podiam marchar a passo constante para o norte graças a isso.

O fogo da artilharia montada cobria os flancos da Sétima Divisão em retirada. Os artilheiros disparavam metralha, que podia converter um cavalo e seu cavaleiro em um horrendo monte de carne, tecido, aço e sangue. Os canhões dispararam quatro ou cinco bombardeios enquanto a infantaria se retirava. Depois as equipes da cavalaria avançavam depressa, os canhões eram colocados de novo em suas carroças e os artilheiros montavam em seus cavalos e fustigavam os animais em uma corrida frenética, antes que os vingativos cavaleiros franceses pudessem capturá-los. Quando o grupo alcançava a proteção dos mosquetes da infantaria, viravam fazendo as rodas sobre as quais iam montados os canhões, ao derraparem, levantassem um jorro de lama ou de poeira, e os artilheiros se deixavam cair do lombo de seus cavalos antes mesmo que estes tivessem parado de trotar. Desprendiam os canhões, retiravam os cavalos e as carroças de munição e, em poucos segundos, a seguinte descarga de metralha voava assobiando pelo campo para massacrar aos homens de outro esquadrão francês.

A artilharia francesa concentrava seu fogo sobre a infantaria. Suas balas e projéteis

atravessavam as filas e faziam saltar sangue e carne a quatro metros de altura quando as balas atingiam seu alvo.

— Fechem filas! Fechem filas! — gritavam os sargentos, rezando para que a ansiosa cavalaria inimiga bloqueasse o tiro de seus próprios canhões e detivesse assim o bombardeio; mas a cavalaria estava aprendendo a deixar que os artilheiros e a infantaria francesa fizessem parte do trabalho antes que os cavaleiros obtivessem a glória. Havia se afastado para um lado para deixar que mosquetes e canhões lutassem aquela batalha, e para que seus cavalos descansassem enquanto as infantarias portuguesa e inglesa eram trituradas.

E os infantes foram morrendo. Os canhonaços destroçaram pouco a pouco as colunas, e o fogo de mosquetes dizimou as filas, diminuindo assim a velocidade da já agonizante retirada. Os minguentes nove batalhões largavam um rastro de capim esmagado e ensanguentado enquanto se arrastavam para o norte, e o lento avanço ameaçava se converter em uma parada total, onde tudo o que restaria da divisão seriam nove bandos de sobreviventes embolados em torno de suas preciosas bandeiras. A cavalaria francesa via seus inimigos enfraquecerem, e se conformava em esperar o momento adequado para se lançar e dar o *coup de grâce*. Um grupo de *chasseurs* e *cuirassiers* cavalgou por uma suave elevação do terreno onde havia um bosque alongado. O comandante da cavalaria pensou que o bosque poderia ocultar seus homens enquanto abriam caminho para a retaguarda dos moribundos batalhões, e que lhe daria a oportunidade de lançar um ataque surpresa com o qual poderia capturar meia dúzia de estandartes em uma só carga gloriosa. Conduzia suas duas tropas ladeira acima, com seus homens atrás, quando a linha de árvores estourou entre fumaça de disparos. Achava-se que não haveria tropas inimigas entre as árvores, mas os disparos semearam o caos entre a vanguarda da cavalaria. O comandante dos *cuirassiers* caiu para trás sobre a anca de seu cavalo com três buracos em sua couraça. Uma de suas botas estava enganchada no estribo, e ele ia dando alaridos enquanto seu cavalo, ferido e aterrorizado, o arrastava dando pulos pela erva e deixando grandes salpicos de sangue. Finalmente seu pé se liberou, e ele caiu dando voltas pelo capim: sua agonia havia acabado. Caíram outros oito cavaleiros; alguns só haviam sido desmontados e correram para encontrar outra montaria que não tivesse sido ferida, enquanto seus companheiros davam a volta e picavam esporas para pôr-se a salvo.

Os fuzileiros casacas-verdes saíram correndo de entre as árvores para saquear e acabar com os soldados mortos ou feridos. Os abaulados peitorais usados pelos *cuirassiers* eram muito apreciados como malgas para o barbeado ou como frigideiras, e mesmo um peitoral esburacado por uma bala podia ser remendado por algum amigo ferreiro. Apareceram mais casacas-verdes no extremo sul do bosquezinho, e depois apareceu um batalhão de casacas-vermelhas atrás deles, e com os casacas-vermelhas chegava um esquadrão da cavalaria substituto e outra bateria de artilharia montada. Uma banda de regimento tocava “Over the Hills and Far Away” ao mesmo tempo em que mais casacas vermelhas e verdes saíam do bosque.

A Divisão Ligeira havia chegado.

A carroça de munição avançava pesado pelos campos no rastro da rápida marcha da Divisão Ligeira. Um dos eixos da carroça gemia como uma alma no purgatório, incômodo pelo qual o condutor se desculpou.

— E isso por que o lubrifiquei — disse a Sharpe —, e o lubrifiquei outra vez. Eu o lubrifiquei com a melhor gordura de porco fundida, mas esse chiado segue sem querer desaparecer. Começou no dia em que mataram a nossa Bess, e eu acho que esse chiado são seus relinchos, que nos dizem que ainda está dando coices em algum lugar.

Durante um bom trecho, o carreteiro seguiu um rastro de rodas, depois Sharpe e seus fuzileiros tiveram que desmontar e empurrar com os ombros a parte traseira da carroça para ajudar o veículo a superar um buraco e entrasse em um pasto. Quando voltaram a subir sobre as caixas de munição, os casacas-verdes decidiram que a carroça era um coche de linha, e começaram a imitar as cornetas da posta e para anunciar as paradas.

— *Red Lion!* Excelentes cervejas e boa comida. Trocamos os cavalos e saímos em um quarto de hora! As damas acharão onde se refrescar no corredor atrás da sala. — O condutor da carroça já havia ouvido tudo isso antes e não mostrou nenhuma reação. Mas Sharpe, depois de Harris ter ficado berrando por dez minutos sobre mijar em um corredor, virou-se e disse a todos que calassem a boca, com o que estes fingiram se sentir intimidados por ele. E Sharpe sentiu uma repentina pontada de pesar pelas coisas que sentiria falta se perdesse sua patente. Diante da carroça, os fuzis e os mosquetes disparavam. Algum ocasional canhão francês que fora disparado alto demais caía e quicava pelos campos próximos, mas os três cavalos avançavam com tanta paciência como se estivessem engatados a um arado, em vez de adentrando-se em uma batalha. Só houve uma ameaça inimiga, que obrigou à companhia dos fuzileiros de Sharpe a descer da carroça para formar uma fila junto à via. Uma tropa de cinquenta dragões de uniformes verdes apareceu pelo leste, de onde seu comandante havia localizado a carroça e enviara seus homens para atacá-la. O carreteiro parou o veículo e esperava preparado com uma faca, caso fosse necessário cortar os arreios.

— Podemos levar os cavalos — aconselhou a Sharpe —, e deixamos que os franchinotes saqueiem a carroça. Isso manterá esses sacanas ocupados enquanto saímos voando. — Seus cavalos mordiam o capim satisfeitos pela inesperada parada, enquanto Sharpe calculava a distância até os dragões franceses, cujos capacetes de cobre brilhavam dourados pela luz do sol.

Então, justo quando havia decidido que se veria forçado a aceitar o conselho do condutor da carroça e teria que se retirar, um esquadrão de soldados da cavalaria interveio. Os recém chegados eram dragões leves ingleses, que tentaram os franceses para uma luta à cavalo de espadas contra sabres. O carreteiro guardou a faca e estalou a língua, fazendo assim que os cavalos retomassem a marcha. Os fuzileiros voltaram a subir, enquanto a carroça se agitava por uma linha de árvores que ocultava a fonte da crescente fumaceira de pólvora que branqueava o céu do sul.

Depois chegou do norte o estouro de canhões pesados, e Sharpe se virou sobre a caixa do

carroça para ver a borda do patamar onde estavam os ingleses coberta pela fumaça, proveniente dos estrondosos canhões que as principais baterias disparavam para o leste.

— Os franchinotes estão atacando a vila outra vez — disse Sharpe.

— É um lugar muito feio para lutar — disse Sharpe. — Alegrem-se de estarem aqui em vez de lá, garotos.

— Rezemos para que aqueles filhos da puta não nos larguem aqui isolados — acrescentou sombrio o sargento Latimer.

— Qualquer lugar é bom para morrer, não é verdade, senhor Sharpe? — perguntou Perkins.

— Melhor em sua própria cama, Perkins, e com Miranda a seu lado — respondeu Sharpe. — Está cuidando bem dessa garota?

— Ela não se queixa, senhor Sharpe — disse Perkins, provocando desse modo um coro de anedotas. Perkins ainda estava sem sua casaca verde, e estava muito susceptível pela perda de sua casaca com seu distinto bracelete negro que indicava que era Soldado de Elite, um cumprimento que só se fazia aos fuzileiros mais destacados e responsáveis.

A carroça se bamboleava avançando pelos profundos sulcos de uma pista que seguia para o sul entre as árvores, em direção aos distantes lugarejos em mãos francesas. A Sétima Divisão marchou para o norte desde as árvores, de regresso para o patamar, enquanto que a Divisão Ligeira recém chegada se dispersava pela larga estrada que levava de volta a Portugal. Os batalhões em retirada marchavam devagar, obrigados a ir a passo de caracol pelo número de feridos entre suas filas, mas pelo menos marchavam invictos sob suas ondeantes cores.

O condutor da carroça puxou as rédeas para deter os cavalos entre as árvores, onde a Divisão Ligeira havia estabelecido um depósito temporário. Dois cirurgiões estavam preparando suas facas e serras sobre lonas estendidas debaixo das azinheiras, enquanto uma banda de regimento tocava a alguns poucos metros dali. Sharpe ordenou a seus fuzileiros que ficassem junto à carroça enquanto ele pedia instruções.

A Divisão Ligeira formou em quadrados na planície entre as árvores e os fumegantes vilarejos. A cavalaria francesa trotava na frente dos quadros, tentando provocar rajadas de disparos inúteis pela distância. A cavalaria inglesa reservava suas forças, esperando até que os cavalos franceses se aproximassem demais. Seis canhões da artilharia montada disparavam no canhão francês, enquanto alguns grupos dos fuzileiros ocupavam posições nos afloramentos rochosos que riscavam os campos. O general Crauford, o irascível comandante da Divisão Ligeira, havia comparecido com três mil e quinhentos homens para o resgate da Sétima Divisão, e agora esses três mil e quinhentos homens tinham em sua frente quatro mil soldados da cavalaria e doze mil de infantaria. Uma infantaria que avançava em colunas de ataque desde Poço Velho.

— Sharpe? O que demônios está fazendo o senhor aqui? Pensei que tinha desertado, que tinha ido se unir a aqueles sodomitas da divisão de Picton. — O general-de-brigada Robert

Crauford, com o cenho franzido e gesto de irritação, havia identificado a Sharpe.

O capitão dos fuzileiros explicou que havia trazido uma carroça carregada de munição que agora esperava entre as árvores.

— É uma perda de tempo nos trazer munição — alfinetou Crauford. — Temos de sobra. E o que demônios faz o senhor repartindo munição? Foi degradado, não é isso? Ouvi dizer que havia caído em desgraça.

— Sou encarregado de trabalhos administrativos, senhor — disse Sharpe. Conhecera Crauford na Índia e, como qualquer outro escaramuçador do exército inglês, Sharpe tinha sentimentos antagônicos sobre Black Bob. Pois, às vezes, ainda lhe molestava a recordação da dura e inesquecível disciplina daquele homem, ainda que também reconhecia que o exército tinha em Crauford um soldado com quase o mesmo talento que o próprio Wellington.

— Vão sacrificá-lo, Sharpe — disse Crauford sem ocultar seu deleite. Não estava olhando para Sharpe, mas para a grande horda da cavalaria francesa que se preparava para lançar uma carga conjunta contra seus batalhões recém chegados. — O senhor fuzilou um par de franchinotes, não foi?

— Sim, senhor.

— Não me admira que tenha caído em desgraça — disse Crauford, e depois deu uma gargalhada que soou como um latido. Seus ajudantes colocaram seus cavalos em grupo apertado atrás do general. — Veio sozinho, Sharpe? — perguntou Crauford.

— Os meus fuzileiros estão aqui, senhor.

— E esses merdinhas se recordam de como lutar?

— Acho que sim, senhor.

— Pois serão escaramuçadores para mim. Essas são suas novas tarefas administrativas, senhor Sharpe. Tenho que manter a divisão a uma distância segura da infantaria franchinote, o que quer dizer que teremos que prender as atenções de sua artilharia e cavalaria, mas espero que meus fuzis acossem seus cavalos e acabem com aqueles malditos canhões, e o senhor pode ajudá-los — Crauford girou sobre sua sela. — Barratt? Distribua a munição e mande a carroça de volta com os feridos. Faça isso, Sharpe! E mantenha-se atento, não queremos abandoná-lo aqui à sua sorte.

Sharpe hesitava. Fazer perguntas ou pôr objeções a Black Bob era um assunto arriscado, pois era um homem que esperava obediência instantânea, mas as palavras do general lhe haviam intrigado.

— Então, não vamos ficar aqui, senhor? — perguntou. — Vamos voltar para a crista?

— Diabo, certamente que vamos voltar! Por que demônios acha que saímos para terreno aberto? Só para nos suicidarmos? Acha que voltei de minha licença para ser alvo das práticas de tiro dos franchinotes? Vá agora mesmo, Sharpe!

— Sim, senhor — Sharpe voltou correndo para reunir seus homens e sentiu de repente uma mistura de temor e esperança.

Porque Wellington havia abandonado as estradas que voltavam para Portugal. Agora já não teria fuga segura nem retirada através dos vaus do *Coa*, pois o general tinha cedido essas estradas ao inimigo. Agora ingleses e portugueses teriam que defender sua posição e lutar, e se perdessem, morreriam, e com eles morreriam todas as esperanças de vitória na Espanha. A derrota agora não só significava que Almeida seria liberada, mas também que os exércitos inglês e português seriam aniquilados. Fontes de Onor se convertera em uma batalha de morte.

---

## CAPÍTULO 10

O primeiro ataque do domingo sobre Fontes de Onor foi realizado pelos mesmos soldados da infantaria francesa que tinham atacado dois dias antes, e que desde então estiveram ocupando os hortos e casas da margem oriental do riacho. Concentraram-se em silêncio, aproveitando os muros de pedra de hortos e jardins para ocultar suas intenções, e depois, sem descargas de arranque e sem sequer se incomodar de enviar uma linha de escaramuçadores, a infantaria de uniforme azul avançou em tromba por cima dos muros e saltou ao riacho. Os defensores escoceses tiveram tempo para uma primeira descarga; pouco depois, os franceses já estavam na vila, derrubando as barricadas ou trepando-se nos muros derrubados pelos obuses que haviam caído entre as casas durante as duas horas posteriores à alvorada. Os franceses empurraram os escoceses para o interior de Fontes de Onor, onde uma onda pegou duas companhias de *highlanders* em um beco sem saída. Os atacantes se voltaram enlouquecidos contra os homens encurralados, e desencadearam uma tormenta de mosquetes sobre os estreitos confins do beco. Alguns escoceses tentaram escapar derrubando a parede de uma casa, mas os franceses estavam esperando do outro lado e receberam a queda do muro com uma descarga de mosquetes. Os *highlanders* sobreviventes levantaram barricadas e se protegeram nas casas que bordejavam o riacho, mas os franceses abriram fogo contra janelas, frestas e portas, e depois trouxeram canhões móveis para disparar por cima do riacho até que, por fim, com todos seus oficiais mortos ou feridos, os confusos *highlanders* se renderam.

O ataque contra os encurralados *highlanders* havia atraído os sobreviventes do primeiro ataque colina acima, para ver que os franceses tinham parado no centro da vila. Os de Warwick, de novo na reserva, desceram desde o patamar para ajudar os escoceses restantes, e juntos primeiro detiveram os franceses, e depois os empurraram de volta para o riacho. O combate foi travado a tão pouca distância que era mortal. Os mosquetes chamejavam a poucos passos de seus alvos, e depois de disparar os homens usavam suas armas como maças ou davam espetadas com suas baionetas. Estavam roucos de gritar e respirar a poeira fumegante que flutuava no ar das apertadas e retorcidas ruelas, por cujas sarjetas corria o sangue e onde os corpos empilhados bloqueavam portas e entradas. Os escoceses e os de Warwick abriam caminho com raiva colina abaixo, mas cada vez que tentavam expulsar os franceses das últimas casas, os canhões recém colocados nos hortos abriam fogo, e a metralha enchia as ruas e becos mais baixos da vila com uma chuva repicante de morte. O sangue corria até o riacho. O eco dos mosquetes e as explosões da artilharia nas ruas ensurdeciam os defensores da vila, mas não estavam tão surdos a ponto de não ouvir os sinistros redobres dos tamborileiros que se aproximavam. Novas colunas francesas cruzavam a planície. Os canhões ingleses de cima da crista disparavam suas balas de metralha contra o avanço daquelas tropas, assim como projéteis explosivos que arrebentavam sobre suas cabeças, mas as colunas eram imensas e os canhões dos defensores escassos, assim que a grande massa de homens marchou para os hortos do leste da vila, de onde, com um grito estrondoso, uma horda de homens com chapéus

de pele de urso cruzou o riacho e subiu pelas ruelas.

Estes últimos atacantes eram uma tromba de granadeiros: os lutadores maiores e valentes que podiam convocar as divisões inimigas. Usavam bigodes, dragonas e chapéus de pele de urso com penacho como marcas de seu status especial, e entraram como uma tormenta na vila com um bramido de triunfo que mantiveram enquanto varriam as ruas com baionetas e fogo de mosquetes. Os de Warwick, cansados, retrocederam, e os escoceses não ficaram para trás. Mais franceses seguiam cruzando o riacho em uma onda de uniformes azuis que parecia interminável; entravam nos becos e passavam pelas casas atrás dos granadeiros. O combate na parte baixa da cidade era o mais difícil para os atacantes, porque, ainda que por mero brio conseguiam aproximar a luta do coração da vila, os mortos e feridos eram um obstáculo constante. Os granadeiros resvalavam nas traiçoeiras pedras manchadas de sangue, ainda que a abundância do contingente empurrava os atacantes para cima, e os defensores eram agora muito poucos para detê-los. Alguns casacas vermelhas tentavam limpar as ruas com seus disparos, mas os granadeiros se moviam pelas ruelas traseiras ou saltavam as muretas dos jardins para rodear as companhias de casacas-vermelhas, que só podiam retroceder colina acima através da poeira, das telhas quebradas e da palha incendiada da parte superior da povoação. Os feridos gritavam lastimosos, suplicando a seus companheiros que os pusessem a salvo, mas o ataque progredia muito depressa, e escoceses e ingleses se retiravam o mais rapidamente possível. Abandonaram a vila todos juntos, fugindo das casas mais altas para buscar refúgio no cemitério.

Os granadeiros franceses mais adiantados carregaram da vila na igreja da colina e foram recebidos com uma rajada de disparos dos homens que esperavam atrás do muro do cemitério.

Os homens que iam à frente caíram, mas os de trás saltaram sobre seus moribundos companheiros para tomar também o muro do cemitério. Baionetas e culatras de mosquetes se enfrentavam por cima do obstáculo de pedra, depois os enormes soldados franceses passaram por cima do muro e inclusive derrubaram algumas partes deste para começar a perseguir os sobreviventes entre as tumbas, lápides caídas e cruzeiros de velha madeira lascada. Chegavam mais e mais franceses do povoado para reforçar o ataque, e então uma chuva crepitante de fogo de fuzis e mosquetes relampejou das rochas que se peneiravam sobre a ladeira escorregadia pelo sangue. Os granadeiros franceses caíam e rodavam colina abaixo. Uma segunda rajada dos ingleses varreu as tumbas chamuscadas pelos canhões, e mais casacas-vermelhas chegaram à borda da crista e dispararam suas descargas desde a igreja e do pasto, entre os montículos onde Wellington observava preocupado quando a onda de franceses quase havia chegado até os cascos de seu cavalo.

E lá, por um momento, o ataque se deteve. Os franceses primeiro haviam enchido a vila de mortos e feridos, e depois a tomaram; e agora também tinham o cemitério em seu poder. Seus soldados se agachavam atrás das lápides ou atrás dos montes de mortos de seus inimigos. Estavam a apenas alguns passos do cume da crista, a somente alguns passos da vitória, atrás deles, por uma planície esburacada pelas balas de canhão, enegrecida pelos projéteis explosivos e coberta com os corpos de mortos e feridos agonizantes, chegava ainda mais infantaria francesa para ajudar a continuar o ataque.



Aquela batalha só necessitava de um empurrãozinho mais, e depois as águias da França voariam em liberdade.

A Divisão Ligeira havia formado seus batalhões em apertadas colunas por companhias, de modo que cada companhia formava um retângulo de quatro fileiras de largura e de doze a vinte filas de largura; então as dez companhias de cada batalhão desfilaram em coluna de maneira que, desde o céu, cada batalhão recordava um monte de finos tijolos vermelhos. Depois, de uma em uma, as colunas de batalhões deram a costas ao inimigo e começaram a marchar para o norte em direção ao planalto. A cavalaria francesa saiu imediatamente para persegui-los, e o ar retumbou com uma cacofonia de latão quando um trompete atrás de outro anunciaram o avanço.

— Divisão de frente! Formem em quadrado! — gritou o coronel do batalhão de casacas vermelhas mais próximo de Sharpe.

O major que comandava a principal divisão de companhias do batalhão deu o alto aos tijolos primeiro e segundo para que formassem juntos, de forma que agora dois dos tijolos haviam se convertido em um comprido muro de homens de quatro fileiras de largura e quarenta homens de comprimento.

— Alinhar! — gritavam em cadeia os sargentos à medida que os homens se juntavam e olhavam para a direita para se assegurar de que sua fila estava reta como uma régua. Enquanto as duas primeiras companhias alinhavam suas filas, o major dava ordens para as companhias seguintes:

— Seções, giro para fora! Seções de retaguarda, avancem para frente!

Os trompetes e os clarins franceses seguiam com sua fanfarrice e a terra vibrava com o trote dos cavalos, mas as vozes de sargentos e oficiais soavam tranquilas acima da ameaça.

— Giro para fora! Atenção! Seções de retaguarda, para frente!

As seis companhias centrais do batalhão se dividiram agora em seis seções cada uma. Duas seções viraram como portas em suas dobradiças para a direita, e outras duas para a esquerda. Os homens do interior de cada seção reduziram seu passo de setenta para cinquenta centímetros, enquanto os homens que viravam nos extremos o aumentaram para oitenta centímetros, de forma que toda a seção rodou formando as faces gêmeas do quadro cujo lado ancorado eram as duas primeiras companhias. Os oficiais montados se apressaram para levar seus cavalos para o interior do quadro que tão depressa se formava, e que na realidade era um retângulo. A face norte foi formada pelas duas companhias de vanguarda, e agora os dois lados mais compridos estavam sendo formados pelas seis companhias seguintes, que viravam para o exterior e se fechavam em apertada formação, enquanto as últimas companhias simplesmente completaram o quarto lado que faltava.

— Alto! Virar para a direita! — gritou o major ao comando da divisão de retaguarda para as duas últimas companhias.

— Preparar para receber a cavalaria! — gritou o coronel diligentemente, como se a visão

daquela massa de cavalos franceses não fosse aviso suficiente. O coronel desembainhou sua espada, e depois matou uma mutuca com a mão livre. Junto dele permanecia a partida de bandeiras, dois alferes adolescentes que hasteavam as apreciadas bandeiras protegidas por um esquadrão de homens escolhidos, comandados por curtidos sargentos armados com piques.

— Retaguarda! Preparar armas! — gritou o major. A fila interna do quadro não abria fogo e atuaria como reserva do batalhão. A cavalaria estava a uma centena de passos e se aproximava a toda velocidade, em um imenso torvelinho de cavalos agitados, espadas erguidas, cornetas, estandartes e trovões.

— Fila da frente! De joelhos! — ordenou um capitão. A fila frontal se ajoelhou e fincou no solo seus mosquetes com a baioneta calada para formar uma defesa contínua de aço em torno da formação.

— Preparados! — As duas filas do interior engatilharam suas armas escorvadas e apontaram. Toda a manobra se desenvolvera a passo firme, sem perder a concentração, e a repentina visão dos mosquetes levantados com suas baionetas caladas persuadiu aos primeiros cavaleiros, que esquivaram aquele quadrado uniforme, impassível e silencioso. A infantaria formada em quadrado estava quase tão a salvo da cavalaria como se estivessem todos em casa, agasalhados em suas camas, e ao formar em quadro tão depressa e com tanta calma, o batalhão de casacas-vermelhas havia deixado impotente a carga francesa.

— Muito bem — disse o sargento Latimer elogiando o profissionalismo do batalhão. — Muito bem feito. Assim como se fosse um desfile em Shorncliffe.

— Canhão à direita, senhor — disse Harper. Os homens de Sharpe estavam ocupando um dos afloramentos rochosos que salpicavam a planície e proporcionavam proteção aos fuzileiros frente a movimentação da cavalaria. Sua tarefa era disparar contra a cavalaria, especialmente contra a artilharia montada francesa, que estava tentando tirar proveito dos quadros ingleses. Os homens dos quadros estavam a salvo da cavalaria, mas eram terrivelmente vulneráveis aos bombardeios, ainda que os artilheiros também eram igualmente vulneráveis à precisão dos fuzis Baker. Um canhão móvel havia se posicionado a uns cem passos de Sharpe, e a equipe de artilheiros estava apontando seu cano para o quadro recém formado. Dois homens desceram a caixa de munição da carroça de munição, enquanto um terceiro preparava uma dupla carga na enegrecida alma atacando uma carga de metralha em cima de uma bala sólida.

Dag Hagman foi o primeiro a disparar, e o homem que estava atacando a arma caiu, depois se agarrou no cabo do atacante, que sobressaía ainda em parte, como se estivesse agarrando-se a sua própria vida. Uma segunda bala quicou no canhão deixando um brilhante arranhão no escuro metal. Caiu outro artilheiro, e depois um dos cavalos da artilharia foi ferido e empinou, coiceando outro cavalo que estava atado perto dele.

— Sem pressa — disse Sharpe —, apontem, garotos, apontem bem. Não desperdicem os disparos.

Outros três casacas-verdes dispararam e suas balas obrigaram os atribulados artilheiros a se agacharem atrás do canhão e de sua carroça de munição. Os artilheiros gritaram para alguns

dragões de uniforme verde que fossem lá e tirassem àqueles malditos fuzileiros de sua atalaia de rocha.

— Que alguém se ocupe daquele capitão de dragões — disse Sharpe.

— O quadro está partindo, senhor! — advertiu Cooper para Sharpe enquanto Horrell e Cresacre disparavam no afastado cavaleiro.

Sharpe se virou e viu que o quadro de casacas-vermelhas estava se convertendo outra vez em uma coluna para reiniciar sua retirada. Não queria se afastar demais da proteção dos mosquetes dos casacas-vermelhas. O perigo que corriam todos os pequenos grupos de fuzileiros que cobriam a retirada radicava em que seus homens ficassem isolados pela cavalaria, e Sharpe suspeitava que os sofridos cavaleiros franceses não teriam muita vontade de fazer prisioneiros nesse dia. O mais provável era que qualquer casaca-verde que fosse surpreendido em terreno aberto fosse empregado como alvo para praticar com as espadas ou as lanças.

— Vamos! — gritou Sharpe, e seus homens se afastaram arrastando-se das rochas e correram para buscar a proteção do batalhão de casacas-vermelhas. Os dragões voltaram a sua perseguição, e justo nesse momento as primeiras filas de cavaleiros foram varridas pelos flancos e ficaram cobertas de sangue quando as atingiu uma rajada de metralha disparada por um canhão móvel inglês. Sharpe viu um arvoredor justo à esquerda da linha de marcha do batalhão de casacas-vermelhas, e gritou para Harper que pusesse os homens sob a cobertura daquele bosquezinho.

Enquanto estavam protegidos entre os chaparros, os casacas-verdes recarregaram e buscaram novos alvos. Para Sharpe, que já havia servido em uma dúzia de campos de batalha, aquele plano lhe oferecia uma vista excelente da situação: uma massa da cavalaria se agitava e se estendia entre os batalhões em contínua retirada, ainda que, apesar de todo o barulho e entusiasmo, os cavaleiros não estavam conseguindo nada. A infantaria se mantinha firme e, em silêncio, realizava a intrincada manobra que haviam praticado durante horas e horas, e que agora lhes estava salvando a vida. E o faziam com a convicção de que só um erro por parte do comandante de um batalhão seria fatal. Se uma coluna demorasse alguns segundos a mais do previsto em formar o quadro, os enlouquecidos *cuirassiers* atravessariam o espaço com seus pesados cavalos e estripariam o imperfeito quadrado de dentro. Em um instante, um batalhão disciplinado se converteria em uma multidão de fugitivos em pânico que seriam derrubados por dragões ou estripados por lanceiros; mas até o momento nenhum batalhão havia cometido nenhum erro, assim que os franceses estavam sendo frustrados pela demonstração superior de eficácia militar.

Os franceses seguiam buscando sua oportunidade. Quando um batalhão formava em uma coluna de companhias e parecia a ponto para continuar a marcha, uma repentina onda de cavalos atravessava o campo a galope e as cornetas convocavam ainda mais cavalos para que se unissem à ruidosa carga, mas então a coluna de casacas-vermelhas manobrava de novo, girava e formava em quadro com a mesma precisão que o faziam na praça de armas de seu próprio quartel. As tropas marcavam o passo por um instante enquanto se formava o quadro,

depois a fila exterior se ajoelhava, toda a formação se eriçava de baionetas e os cavaleiros tinham que se desviar com uma raiva impotente. Sempre havia alguns franceses impetuosos que tentavam derramar sangue e galopavam perto demais do quadro, com o que só conseguiam que os arrancassem de suas selas; ou talvez um canhão móvel inglês convertesse em um charco de sangue a toda uma tropa de dragões ou *cuirassiers* com uma descarga de metralha, mas então a cavalaria saía de seu campo de tiro a galope estendido e os cavalos descansavam, enquanto o quadro voltava a se converter sem dificuldade em coluna e seguia marchando impassível. Os cavaleiros observavam sua marcha até que outra fanfarrice de clarins e cornetas convocava toda a multidão de homens montados para que buscassem outra oportunidade do outro lado da planície, e de novo outro batalhão se contraía em um quadrado, e uma vez mais os cavaleiros davam a volta para se afastar com suas espadas ainda sedentas de sangue.

E sempre, em toda parte, na frente, atrás e entre os batalhões em lenta retirada, grupos de casacas verdes disparavam, fustigavam e matavam. Os artilheiros franceses resistiam a avançar, assim como os cavaleiros mais sóbrios tratavam de evitar os pequenos ninhos dos fuzileiros que picavam com tanta sanha. Os franceses não tinham fuzis porque o imperador desprezava aquela arma por ser muito lenta para ser usada em batalha, mas hoje os fuzis estavam fazendo os soldados do imperador maldizerem frustrados.

Porque agora também estavam morrendo soldados do imperador. Os tranquilos batalhões de casacas-vermelhas quase não deixavam corpos para trás, mas a cavalaria era esfolada pelos fuzis e os canhões. Soldados da cavalaria desmontados coxeavam para o sul, alguns arrastando suas selas, outros só seu armamento. Alguns cavalos sem cavaleiro, levados pela inércia do costume, seguiam seus regimentos, e formavam nas filas quando um esquadrão se reagrupava; carregavam com os outros cavalos quando os trompetes davam o sinal de ataque para o esquadrão, e voltavam a se reagrupar de novo como se levassem um cavaleiro. Longe, muito para trás da ativa cavalaria, as divisões francesas de infantaria se apressavam para se unir à batalha, mas a Divisão Ligeira marchava mais depressa que a infantaria francesa. Quando um batalhão formava em coluna para continuar a retirada, marchava à velocidade de fuzil, de cento e oito passos por minuto, mais rápida que qualquer outra infantaria do mundo. O passo de marcha dos franceses era mais curto que o inglês, e a velocidade de sua marcha muito mais lenta que a das tropas especialmente treinadas da Divisão Ligeira de Crauford, portanto, apesar da necessidade de parar e formar em quadro para zombar uma e outra vez da cavalaria, os homens de Crauford ainda seguiam sendo mais velozes que a infantaria que os perseguia. Longe, ao norte da Divisão Ligeira, a principal linha de frente inglesa estava se recompondo, de forma que a defesa de Wellington seguia agora a borda do patamar para formar um ângulo reto com Fontes de Onor em seu vértice. Tudo o que agora necessitavam era que a Divisão Ligeira chegasse sã e salva ali, e o exército voltaria a estar outra vez completo, resguardado no alto das ladeiras e desafiando os franceses a atacarem.

Sharpe recuou seus homens quinhentos metros mais, até chegar a um pequeno rochoso onde seus fuzileiros podiam pôr-se a coberto. Havia um par de canhões ingleses perto das rochas disparando balas sólidas e outros projéteis em uma bateria francesa recém colocada bem ao

lado do arvoredado que Sharpe acabara de abandonar. A cavalaria francesa começava a se reunir naquela parte do campo, esperando que algum batalhão ficasse vulnerável. Dois regimentos, um de casacas-vermelhas e outro português, estavam se retirando para lá da bateria, e os sudorosos cavaleiros acoossavam as duas colunas. Por fim, a pressão dos cavalos se fez tão insistente que as duas colunas começaram a marchar em quadrado.

— Esses grandes canalhas estão por toda parte — disse Harper ao mesmo tempo em que disparava em um oficial *Chasseur* com seu fuzil. Os dois canhões ingleses haviam mudado seu alvo para disparar metralha na cavalaria, com a intenção de afastá-los dos dois quadros de infantaria. Os canhões retrocediam ao disparar, levantando as rodas do solo. Os artilheiros esfregaram a alma do canhão, atacaram uma nova carga e mais metralha, furaram o saco de pólvora pelo ouvido do canhão e se afastaram para um lado depois de aplicar o bota-fogo na mecha da pólvora. A explosão dos canhões foi ensurdecadora: a fumaça se projetou a uns dois metros das bocas, e a erva ficou esmagada por alguns instantes enquanto a descarga assobiava sobre suas cabeças. Um cavalo relinchou quando as balas de mosquete se dispersaram e o atingiram.

Uma onda em redemoinho na massa de cavalos pressagiava outro movimento, mas em vez de atravessar o campo a galope para fustigar as colunas em marcha, de repente a cavalaria se virou para os dois canhões. O sangue gotejava dos flancos dos cavalos, pois os cavaleiros picavam as esporas com força enquanto corriam para os desesperados artilheiros, que agora levantavam as carretas, subiam os canhões e os engatavam aos carros de munição. Aproximaram a carga dos cavalos, ataram seus arreios e, logo depois, os artilheiros saltaram aos canhões ou aos cavalos, mas a cavalaria francesa havia calculado bem sua carga, e os artilheiros ainda estavam fustigando seus cansados animais para pô-los em movimento quando os primeiros *cuirassiers* chegaram à bateria.

Uma carga dos dragões ligeiros ingleses salvou as armas. Os cavaleiros de uniforme azul caíram vindos do norte, lançando golpes com seus sabres para os capacetes com penachos e esquivando as espadadas. Chegou mais cavalaria inglesa para flanquear os artilheiros, que agora se moviam a galope para o norte. Os pesados canhões saltavam sobre o áspero terreno, com os artilheiros agarrados às alças das carroças de munição, enquanto os chicotes estalavam, e ao redor dos cavalos a galope e as borradas rodas da cavalaria se enfrentava em um combate à corrida. Um dragão inglês saiu cambaleando da briga com o rosto convertido em uma máscara de sangue, ao mesmo tempo em que um *cuirassier* caído de sua sela era destroçado pelos cascos dos cavalos de carga e depois esmagado pelas rodas metálicas da carroça de munição e do canhão. Pouco depois, uma crepitante rajada de fogo de mosquetes anunciou que aquele caos andante de canhões, cavalos, espadachins e lanceiros havia entrado no campo de tiro de um dos flancos do quadro português. E a cavalaria francesa, enganada, afastou-se de um solavanco, ao mesmo tempo em que os dois canhões saltavam atrás do galope dos cavalos de carga para se pôr a salvo. Os dois quadros aliados lançaram vivas pelo êxito da retirada dos artilheiros, e logo os canhões derraparam levantando uma erupção de capim e poeira para se preparar e abrir fogo de novo contra seus antigos perseguidores.

Os homens de Sharpe, em seu trabalho de escaramuçadores, tinham se afastado das rochas

para se unir a outro batalhão de casacas-vermelhas. Marcharam entre as companhias durante alguns minutos, e logo se afastaram para tomar posições em uma maranha de arbustos e rochas. Uma partida de *chasseurs* com gabões verdes, chapéus negros com laços de prata e carabinas penduradas em ganchos a suas bandoleiras brancas, passou trotando perto dali. Os franceses não haviam visto o pequeno grupo de fuzileiros escondidos entre os arbustos. Tiravam seus chapéus com frequência, e enxugavam o suor do rosto em seus surrados punhos vermelhos. Seus cavalos estavam brancos de suor. Um tinha uma perna coberta de sangue seco, mas de alguma maneira se mantinha ao ritmo de seus companheiros. O oficial deteve a tropa, e um dos homens desprende a sua carabina, engatilhou a arma e apontou para um canhão inglês que estava localizado a leste. Hagman meteu uma bala de fuzil na cabeça daquele homem antes que este pudesse apertar o gatilho, e de repente os *chasseurs* se viram maldizendo e esporeando seus cavalos para sair do campo de tiro dos fuzis. Sharpe disparou, e o estouro de seu fuzil se perdeu em um ruído estrondoso, pois seus homens descarregaram suas armas contra a tropa inimiga. Meia dúzia de *chasseurs* saíram a galope de seu alcance, mas deixaram atrás o mesmo número de corpos.

— Dá sua permissão para saquear esses sacanas daí, senhor? — perguntou Cooper.

— Em frente, mas em partes iguais — disse Sharpe, referindo-se a que todo butim que fosse encontrado tinha que ser compartilhado por todo o esquadrão.

Cooper e Harris correram a campo aberto para futucar entre os corpos, enquanto Harper e Finn levavam os cantis vazios para enchê-los em um riachinho próximo. Começaram a encher os cantis quando Cooper e Harris já cortavam as costuras dos gabões verdes dos mortos, rasgavam os bolsos de seus coletes brancos, rebuscavam nos forros dos chapéus e lhes tiravam as curtas botinas brancas com borlas. Os dois fuzileiros regressaram com um chapéu francês meio cheio com uma variada coleção de moedas francesas, portuguesas e espanholas.

— Pobres como ratos de igreja — queixou-se Harris enquanto distribuía as moedas em montinhos. — Ficaré com uma parte, senhor?

— Claro sim! — disse Harper enquanto repartia os apreciados cantis cheios de água. Todos os homens estavam sedentos. Tinham as bocas secas e azedadas pela acre e salgada pólvora dos cartuchos, e agora se enxaguavam e cuspiam a água enegrecida antes de beber o restante.

Um distante som crepitante fez Sharpe se voltar. Agora a vila de Fontes de Onor estava a um quilômetro e meio, e aquele som parecia provir de suas mortais e asfixiantes ruelas, de onde grandes volutas de fumaça se elevavam para o céu. Via-se mais fumaça de pólvora no fio do planalto, o que fazia Sharpe supor que os franceses ainda estavam atacando a vila. O capitão dos fuzileiros se virou para observar os cansados e acalorados cavaleiros que estavam repartidos pela planície. Procurava uniformes cinzentos, mas não viu nenhum.

— Hora de ir, senhor? — perguntou Hagman, temendo que os fuzileiros ficassem isolados se Sharpe não se retirasse logo.

— Vamos lá — disse Sharpe. — Corram para aquela coluna — apontou para uns soldados da infantaria portuguesa.

Correram e alcançaram com facilidade os portugueses, antes que uma desanimada perseguição de vingativos *chasseurs* pudesse se aproximar dos fuzileiros; contudo, a pequena carga dos *chasseurs* atraiu outro grupo da cavalaria, grande o bastante como para obrigar à coluna portuguesa a formar em quadrado. Sharpe e seus homens permaneceram no interior do quadro e viram como a cavalaria passava correndo ao redor do batalhão. O general-de-brigada Crauford também havia se refugiado naquele quadrado, e agora observava os franceses de trás das cores do batalhão. Parecia estar orgulhoso, o que não era de admirar. Sua divisão, que ele mesmo havia instruído para que se transformasse na melhor de todo o exército, estava executando sua tarefa magnificamente. Eram superados em número, estavam rodeados, e mesmo assim ninguém havia se deixado levar pelo pânico, nem um só batalhão fora surpreendido em formação de coluna, e nem um só quadro havia ficado nervoso com a proximidade do inimigo. A Divisão Ligeira havia salvado a Sétima Divisão, e agora estava salvando a si mesma com uma deslumbrante demonstração de eficiência militar. Aquela competente manobra estava derrotando o brio francês, e o ataque de Masséna, que tinha tentado varrer o flanco direito inglês com uma força constrangedora, tinha sido completamente ineficaz.

— Gosta disto, Sharpe? — perguntou Crauford de seu cavalo.

— Formidável, senhor, simplesmente formidável. — O elogio de Sharpe foi sincero.

— São uns sem-vergonhas — disse Crauford referindo-se a seus homens —, mas estes diabinhos sabem combater, não é verdade? — Seu orgulho era compreensível, e inclusive havia conseguido que o irascível Crauford relaxasse e se desse o prazer de uma conversa. Até foi uma conversa amistosa. — Falarei bem do senhor, Sharpe — disse Crauford —, porque um homem não deveria ser sancionado por matar o inimigo, ainda que não acredito que minha ajuda lhe faça algum bem.

— Por que, senhor?

— Valverde é um sacana inoportuno — disse Crauford. — Não gosta dos ingleses, e não quer que se conceda a Wellington o título de generalíssimo espanhol. Valverde acha que ele mesmo seria melhor generalíssimo, mas a única vez que esse merda lutou contra os franceses se mijou em suas calças amarelas e perdeu três bons batalhões ao fazê-lo. Ainda que este não seja um caso militar, Sharpe, trata-se de política, da maldita política, e a única coisa que todo soldado deveria saber é que não deve se meter em política. São uns sacanas escorregadios, uns vermes; todos os políticos deveriam ser executados. Eu ataria a toda esse bando de sacanas mentirosos nas bocas de alguns canhões e os explodiria, explodiria todos eles! Para fertilizar um campo com essa merda, e estrumar o mundo com os de sua classe. A eles e aos advogados. — Pensar naquelas profissões gêmeas havia posto Crauford de mau humor. Franziu o cenho para Sharpe, e depois puxou suas rédeas para levar seu cavalo de volta ao grupo de estandartes do batalhão. — Falarei bem do senhor, Sharpe.

— Obrigado, senhor — disse Sharpe.

— Não lhe ajudará — repetiu Crauford cortante —, mas tentarei. — Viu como a cavalaria francesa mais próxima se afastava. — Acho que aqueles filhos da puta estão buscando outra

presa — disse ao coronel do batalhão português. — Ponhamo-nos em marcha. Deveríamos estar de volta nas linhas para o almoço. Boa caça, Sharpe.

Fazia um tempo que a Sétima Divisão havia chegado à segurança do planalto, e agora os primeiros batalhões da Divisão Ligeira subiam a ladeira sob a proteção da artilharia inglesa. As cavalarias inglesa e alemã, que tinham carregado uma e outra vez para frear as hordas de cavaleiros franceses, avançavam agora com seus cavalos cansados e feridos colina acima, junto com os fuzileiros com boca seca, os ombros machucados e os canos dos fuzis em vermelho vivo, que caminhavam cambaleando para a segurança do grosso do exército. A cavalaria francesa só podia observar a marcha de seu inimigo e se perguntar por que, em cinco quilômetros de perseguição através de um terreno criado por Deus para os cavaleiros, eles não tinham sido capazes de acabar com um único batalhão. Tiveram êxito capturando e matando um punhado de escaramuçadores casacas-vermelhas em terreno aberto debaixo da crista, mas o preço total da luta da manhã havia sido de dúzias de soldados da cavalaria mortos e vintenas de cavalos massacrados.

As últimas colunas da Divisão Ligeira subiram a colina debaixo de suas cores até onde umas bandas tocavam para celebrar o regresso do batalhão. O exército inglês, que havia sido dividido com grande perigo, agora estava completo outra vez, mas seguia isolado do quartel general e ainda enfrentava o maior dos dois ataques franceses.

Pois em Fontes de Onor, cujas ruas já estavam tingidas de sangue, todo um novo contingente francês atacava seguindo os tambores.

O marechal Masséna se sentiu irritado quando comprovou com sua luneta que as duas partes do exército inimigo se reuniam de novo. Por Deus, ele havia enviado duas divisões de infantaria e toda sua cavalaria e mesmo assim haviam deixado o inimigo escapar! Mas pelo menos todas as forças inglesas e portuguesas já tinham bloqueada a retirada pelo *Coa*, de forma que agora, quando fosse derrotado, todo o exército de Wellington deveria tentar encontrar refúgio nas selvagens colinas e profundas gargantas do alto território fronteiriço. Ia ser um massacre. A cavalaria que tão inutilmente tinha empregado pela manhã caçaria os sobreviventes nas colinas, e tudo o que se necessitava para dar começo a uma perseguição tão selvagem e assassina era que a infantaria de Masséna dizimasse as últimas defesas sobre Fontes de Onor.

Agora os franceses tinham em seu poder a vila e o cemitério. Seus soldados mais adiantados estavam somente a alguns metros abaixo do cume da crista, coroada por casacas-vermelhas e portugueses disparando rajadas que levantavam o solo entre as tumbas e ressoavam com estrépito entre os muros da povoação. Os *highlanders* sobreviventes haviam se retirado para crista com os homens de Warwickshire que tinham resistido a dura luta nas ruas, e agora se uniram a eles *caçadores* portugueses, casacas-vermelhas dos vales ingleses, escaramuçadores dos vales de Gales e hanoverianos leais ao rei Jorge III; todos mesclados enquanto lutavam ombro a ombro para defender a elevação e inundar Fontes de Onor com fumaça e chumbo. Na vila, as ruas estavam cheias de infantaria francesa à espera da ordem de



lançar o último e vitorioso ataque colina acima, fora das casas fumegantes, através do desmoronado muro do cemitério, por cima dos montículos das tumbas e das lápides quebradas do cemitério e, depois, por cima da borda da crista até a vulnerável retaguarda do inimigo. À esquerda de sua carga, restariam os muros brancos e com marcas de balas da igreja sobre sua saliência de rocha, enquanto que à direita estariam as cinzentas rochas caídas do rochoso cume, onde os fuzileiros ingleses espreitavam; entre esses dois marcos, a estrada subia pelo cheio de grama e ensanguentado desnível pelo qual a infantaria de uniforme azul necessitaria atacar para dar a vitória à França.

Masséna tentava agora assegurar-se a vitória enviando dez descansados batalhões de infantaria. Sabia que Wellington só poderia defender a ladeira que subia desde a vila se levasse para lá os homens que estavam defendendo outras partes da elevação. Se Masséna pudesse debilitar outra seção da crista, abriria assim um acesso alternativo para o planalto, mas para fazê-lo primeiro teria que converter em um inferno a passagem que ficava acima da povoação. Os reforços franceses estavam cruzando a planície em duas grandes colunas, e sua aparição fez que todos os canhões ingleses da crista disparassem. Os projéteis explosivos cruzavam sobre o riacho para explodir em uma pálida fumaceira, as balas sólidas atravessavam as filas, enquanto que os disparos curtos dos obuses assobiavam deixando um rastro de fumaça em forma de arco no céu, antes de arrebentar no meio das colunas.

A pesar de tudo, as colunas francesas avançavam. Os tamborileiros tocavam seus redobres e as águias brilhavam sobre eles enquanto marchavam deixando para trás os mortos de ataques anteriores. Para alguns franceses parecia estar caminhando pelas próprias portas do inferno ou por gargantas fumegantes que cuspiam labaredas e fediam depois de três dias de morte. Ao norte e ao sul, os pastos mostravam uma frescura primaveral, mas nas margens do riacho de Fontes de Onor não havia mais que árvores destroçadas, casas queimadas, muros desmoronados e homens mortos, agonizantes e feridos. E sobre o cume do planalto que se alçava sobre a vila só havia fumaça e mais fumaça, enquanto canhões, fuzis e mosquetes trituravam os homens que esperavam lançar seu poderoso assalto.

A batalha havia se reduzido a este único lugar, a este último trecho da ladeira que subia desde Fontes de Onor. Ao meio-dia, quando o sol esquentava com força e as sombras eram curtas, os dez novos batalhões romperam filas, atravessaram correndo os hortos e cruzaram o riacho desde a margem oriental. Chapinharam na água e subiram pelas ruas infestadas de corpos ensanguentados e feridos que se arrastavam entre lamentos. Os novos atacantes gritavam enquanto corriam, animando a si mesmos e à infantaria francesa que esperava aquele último e supremo esforço. Encheram as ruas, e depois saíram em tropel pelos passadiços e becos do alto da povoação, e havia tantos atacantes que a última das colunas recém chegadas ainda estava cruzando o riacho quando as primeiras companhias se lançavam sobre o muro do cemitério e se metiam na zona de fogo. Caiam homens pelos disparos aliados, mas de trás chegavam ainda mais homens para passar por cima dos mortos e moribundos e abrir caminho entre as tumbas. Outros homens subiam correndo pela estrada que beirava o cemitério. Todo um batalhão virou bruscamente para a direita para disparar contra os fuzileiros do montículo rochoso; o fogo de seus mosquetes constrangeu os casacas-verdes, e fez que se afastassem dos

penhascos. Um francês trepou até o cume do penhasco, de onde cumprimentou com seu chapéu antes de cair com um balaço nos pulmões. Outros franceses subiam as rochas, de onde podiam ver a grande força vitoriosa de seus companheiros, que lutavam para dominar o último trecho ensanguentado da ladeira. Os atacantes passaram ao lado dos franceses mortos nos ataques anteriores, subiram por fim um trecho com capim que não havia sido tocado pelo sangue, e depois chegaram ao lugar onde os disparos dos mosquetes aliados haviam enegrecido e chamuscado a erva; e avançaram ainda mais, e seus oficiais e sargentos seguiam gritando para que seguissem adiante, e os tamborileiros tocavam seus redobres de assalto para que a retumbante multidão subisse e cruzasse a borda do planalto. A infantaria de Masséna estava fazendo tudo o que o marechal queria que fizesse. Subiam até o inferno de disparos e passavam por cima de seus próprios mortos, havia tantos mortos que os vivos pareciam ter se banhado em sangue. Ingleses, portugueses e alemães estavam sendo forçados a retroceder passo a passo, pois mais homens seguiam chegando da vila para empurrar por trás e substituir aos homens que sucumbiram às atrozes descargas.

Estouraram vivas quando os primeiros franceses ganharam o cume da crista. Toda uma companhia de *voltigeurs* tinha chegado correndo à igreja, e estava usando seus muros e alicerces como proteção contra os mosquetes; agora esses homens avançaram uns poucos passos mais, e com suas baionetas acabaram com alguns casacas-vermelhas que guardavam a porta do recinto sagrado, depois entraram bruscamente para encontrarem o piso ladrilhado coberto de feridos. Os doutores serravam braços destroçados e pernas sangrentas, enquanto os *voltigeurs* corriam para as janelas e abriam fogo. Um dos *voltigeurs* foi atingido por uma bala de fuzil e deixou um rastro de sangue na parede caiada ao deslizar para o piso. Seus companheiros se agachavam para recarregar, mas quando apontavam das molduras das janelas já podiam ver, o outro lado do planalto, a posição central de Wellington. Perto dali, as carroças do parque de munição estavam à vista, e um dos *voltigeurs* soltou uma risada ao fazer um oficial inglês perambular em busca de refúgio com um disparo que arrancou grandes lascas da lateral de uma carroça. Os doutores protestavam aos gritos porque o ruído e a fumaça dos mosquetes estavam enchendo a igreja, mas o comandante *voltigeur* disse que fechassem o bico e se dedicassem a seu trabalho. Na estrada que corria junto à igreja, uma onda de atacantes franceses reforçou aos heróis que haviam capturado a borda da crista, e agora ameaçavam partir em dois o exército inimigo antes de deixá-lo para as impiedosas lâminas da frustrada cavalaria.

Masséna viu de longe que seus uniformes azuis ganhavam o horizonte, e sentiu que sua alma se desembaraçava de uma pesada carga. Às vezes, pensou, a parte mais dura de ser general está na necessidade de ocultar a preocupação. Durante todo o dia fingira uma segurança que não sentia em absoluto, porque o miserável major Ducos tinha razão quando dissera que não havia nada que Wellington gostasse mais que defender uma colina. Masséna havia contemplado com inquietação aquela maldita colina de Fontes de Onor, e tinha se preocupado que seus bravos homens nunca chegassem a cruzar a borda que os levaria a colher uma rica vitória do outro lado. Agora que já tinham cruzado, a batalha estava ganha, e Masséna já não precisava ocultar seu nervosismo. Soltou uma estrondosa gargalhada, sorriu para seu séquito e aceitou um cantil de conhaque para brindar pela sua vitória. Uma vitória

doce, muito doce.

— Mande Loup agora — ordenou Masséna. — Diga-lhe que limpe a pista que atravessa a vila. Não podemos transportar os suprimentos por ruas cheias de mortos. Diga-lhe que a batalha está ganha, assim que pode levar sua fulana com ele se não pode suportar sair de debaixo de suas saias. — E voltou a rir porque, de repente, a vida voltava a ser muito, muito boa.

Dois batalhões se mantinham preparados perto da igreja: um era legendário, o outro, infame. O batalhão cujas façanhas eram conhecidas por todos era o 74º de *highlanders*, conhecido por sua intensa determinação na batalha. Os escoceses estavam ansiosos para vingar as perdas sofridas por seu regimento irmão nas ensanguentadas ruas de Fontes de Onor, e para ajudar-lhes estava o 88º, o batalhão infame, que era considerado um dos regimentos mais ingovernáveis do exército, ainda que ninguém nunca tenha se queixado de sua perícia na batalha. O 88º era um regimento que brigava duro, pois seus homens se valorizavam tanto por seu treinamento de combate como por sua pátria, e essa pátria não era outra que o agreste, inóspito e bonito oeste da Irlanda. O 88º era formado pelas tropas de assalto de Connaught e agora, junto com o 74º das terras altas da Escócia, iam ser enviados para salvar o exército de Wellington.

O domínio francês da borda da crista ia se fortalecendo, pois cada vez mais homens alcançavam a parte alta da estrada. Não havia tempo de desdobrar os escoceses e irlandeses em linha, só podiam lançá-los em colunas de seção contra o próprio centro das linhas inimigas.

— Calem as baionetas, garotos! — gritou um oficial, e depois os dois batalhões investiram para frente. As gaitas animavam o avanço dos escoceses, e uma selvagem gritaria o dos de Connaught. Ambos os regimentos marchavam depressa, ansiosos para acabar com sua tarefa. A delgada linha mista de aliados se abriu para deixar passar as colunas, e depois voltaram a formar quando as frentes de irlandeses e escoceses arremetiam contra a vanguarda francesa. Não houve tempo para usar os mosquetes nem oportunidade de que nenhum homem se retirasse da briga corpo a corpo. Os franceses sabiam que a vitória era sua se conseguissem derrotar aquele último esforço inimigo, enquanto que escoceses e irlandeses sabiam que sua única oportunidade de vitória dependia de que eles expulsassem os franceses da borda da crista.

E foi assim que chegaram ao seu alvo. A maioria de soldados de infantaria teria detido sua carga a alguns passos da linha inimiga para atirar uma descarga de seus mosquetes, com a esperança de que o inimigo se retirasse antes de aceitar o desafio e o horror de um combate corpo a corpo, mas os *highlanders* e os homens de Connaught não deram essa opção aos franceses. Os soldados da frente investiram brutalmente contra os atacantes franceses e usaram suas baionetas. Lançavam seus gritos de guerra em gaélico irlandês e escocês, e ataçavam e cuspiam e golpeavam e coiceavam e estocavam, e ao mesmo tempo os montes de homens iam crescendo atrás deles enquanto a retaguarda das colunas caía sobre a luta. Os oficiais

*highlanders* davam golpes com suas pesadas espadas *claymores*, enquanto os oficiais irlandeses esfaqueavam a torto a direito com a espada de infantaria, mais leve. Os sargentos afundavam com dureza seus piques na massa de franceses, espetando-os com a cabeça de lança, e depois giravam a arma para liberá-la e voltavam a arremeter. O contra-ataque avançava centímetro a centímetro. Este era o combate que os *highlanders* sempre conheceram, corpo a corpo e cheirando o sangue do inimigo ao matá-lo, e era o tipo de luta pelo qual os irlandeses eram temidos tanto dentro de seu próprio exército como pelo inimigo. Investiam para frente, às vezes tão colados ao inimigo que era mais o mero peso dos homens que o fio de suas armas o que fazia que progredissem. Os homens resvalavam e caíam sobre os corpos que se empilhavam no limite da passagem, mas o empurrão dos que chegavam de trás impulsionava os infantes para frente, e de repente os franceses estavam descendo outra vez da empinada colina, e sua obrigada retirada se converteu em uma fuga em massa para conseguir refúgio nas casas.

Os fuzileiros voltaram a tomar os montículos rochosos, enquanto os soldados portugueses caçavam e matavam os *voltigeurs* do interior da igreja. Irlandeses e escoceses encabeçavam o selvagem, estrondoso e sangrento contra-ataque que descia atravessando o cemitério, e por um momento parecia que a crista, a batalha e o exército tinham se salvado.

Então os franceses golpearam de novo.

O brigadeiro Loup havia compreendido que Masséna não lhe ofereceria uma oportunidade de conseguir renome na batalha, mas isso não significava que fosse aceitar a aversão do marechal sem mais nem menos. Loup entendia a desconfiança de Masséna e não lhe molestava especialmente, pois acreditava que um soldado tomava suas próprias decisões. A arte de ascender na hierarquia residia em esperar com paciência até que uma oportunidade surgisse por si própria, e então tinha que se mover tão depressa como uma serpente ao atacar, e agora que a sua brigada foi ordenada a tarefa menor de limpar a estrada principal que atravessava a vila de Fontes de Onor e seguia mais além, o brigadeiro procuraria qualquer oportunidade que lhe permitisse empregar seus homens, duros lutadores de excelente instrução, para uma tarefa mais adequada a suas habilidades.

Seu trajeto pela planície foi plácida. A luta ficava mais forte no alto da passagem sobre a vila, e os canhões ingleses pareceram ignorar o avanço de uma pequena brigada. Um par de canhões golpearam a sua infantaria, e um projétil de metralha explodiu longe de seus dragões cinzentos, mas além disso o avanço da Brigada Loup não sofreu mais obstáculos por parte do inimigo. Os dois batalhões de infantaria da brigada marchavam em colunas de ambos os lados da estrada, os dragões os flanqueavam em dois grandes esquadrões, enquanto que o próprio Loup, sob seu selvagem estandarte de caldas de lobo, cavalgava no meio da formação. Joanhina de Elia cavalgava com ele. Insistira em ser testemunha dos momentos finais da batalha, e a confiada segurança do marechal Masséna em que havia ganhado convencera Loup de que era bastante seguro que Joanhina cavalgasse pelo menos até a margem oriental do *Dos Casas*. A escassez de fogo da artilharia inglesa parecia reafirmar a confiança de Masséna.

Loup ordenou seus dragões desmontarem nos arredores das hortas da povoação. Os cavalos foram atados em um maltratado horto, onde permaneceriam até que os dragões limpassem a estrada ao leste do riacho. Aqui não havia muitos obstáculos que obstruíssem o avanço das pesadas carroças de bagagem que transportavam os suprimentos de auxílio para Almeida, apenas um muro caído e um par de cadáveres enegrecidos pelos canhões ingleses. Portanto, assim que os dragões limpavam a passagem, foram ordenados a cruzar o vau e começarem o trabalho maior de adequar a vila. Loup ordenou a Joanelha que ficasse com os cavalos, enquanto ele partia com seus dois batalhões de infantaria ao redor do flanco norte de Fontes de Onor para que pudessem começar a tirar os obstáculos da rua principal desde o alto da colina, abrindo caminho para baixo para encontrar-se com os dragões que subiam desde o riacho.

— Não têm que ser cuidadosos com os feridos — disse para seus homens —, não somos uma maldita missão de resgate. Nosso trabalho é desimpedir as ruas, não nos fazer de enfermeiras para os feridos, assim que afastem os feridos até que cheguem os doutores. Só têm que desimpedir a rua, isso é tudo, porque quanto antes esteja limpa, antes poderemos localizar alguns canhões nessa crista para acabar com esses *goddams*. Mãos à obra!

Conduziu seus homens ao redor da povoação. Umas balas dispersas de fuzis de escaramuçadores chegaram desde as alturas para recordar à infantaria de cinza que a batalha ainda não estava concluída, e Loup, avançando ansioso a grandes passadas à frente de seus homens, percebeu que a luta ainda estava muito perto da borda do planalto; então uma jubilosa gritaria vinda da crista anunciou que ainda podiam perder a batalha.

Pois os vivas marcavam o momento em que uma falange de infantaria de uniforme vermelho arremetia contra o ataque francês e o expulsava da borda da crista. Agora, debaixo de suas brilhantes bandeiras, o contra-ataque inglês estava varrendo a ladeira em direção à vila. Os *voltigeurs* franceses estavam abandonando as rochas altas e fugiam ladeira abaixo para buscar a segurança dos muros de pedra da povoação. De repente, os granadeiros franceses que estavam na frente entraram em pânico e começaram a ceder terreno aos vingadores casacas-vermelhas, mas Loup não sentia nada além de euforia. Ao que parece, Deus seguia um plano diferente ao do marechal André Masséna. O desbloqueio da rua podia esperar, porque de repente havia se apresentado a oportunidade de Loup.

A providência tinha situado a sua brigada no flanco esquerdo do contra-ataque irlandês. Os casacas-vermelhas desciam gritando da colina, acometendo seus inimigos com as baionetas e as culatras de seus mosquetes, alheios aos dois batalhões de infantaria que esperavam. Atrás dos irlandeses, vinha uma turbamulta de infantaria aliada, atraída sem ordem nem controle para a nova batalha para dominar as ruas empapadas em sangue de Fontes de Onor.

— Calar baionetas! — gritou Loup, ao mesmo tempo em que desembainhava sua espada reta de dragão. E Masséna acreditava que ia manter a sua brigada afastada da glória? Loup se virou para olhar seu estandarte pagão de caldas de lobo, mantido bem no alto, e depois, enquanto as tropas inglesas que contra-atacavam se dispersavam pelas ruas da povoação, deu a ordem de avançar.

Como um redemoinho que traga até o último resto de detritos flutuantes, a vila havia se convertido de novo num lugar de luta com todas as forças.

— *Vive l'Empereur!* — gritou Loup, e se lançou à batalha.

Sharpe desabotoou a casaca verde do fuzileiro morto. O homem havia sido um dos atiradores do montículo rochoso, mas um *voltigeur* o derrubara no momento culminante do ataque francês, e agora Sharpe tirou de um puxão a casaca levemente ensanguentada de seus rígidos braços.

— Perkins! Aqui tem! — Lançou a casaca verde ao fuzileiro. — Diga a sua pequena que lhe encurte as mangas.

— Sim, senhor.

— Ou faça você mesmo, Perkins — acrescentou Harper.

— Não sou bom... Com a agulha, sargento.

— Sim, isso é o que Miranda diz — disse Harper, e os fuzileiros estouraram em gargalhadas.

Sharpe caminhou até as rochas que se alçavam sobre a vila. Havia regressado com todos seus fuzileiros incólumes de sua missão com a Divisão Ligeira, para se encontrar com que o major Tarrant que não tinha novas ordens para ele. A batalha havia se transformado em uma luta despiada pelo domínio da povoação, seu cemitério e a igreja, e os homens estavam usando menos as armas de fogo que as espadas, as baionetas e as culatras. O capitão Donaju havia pedido permissão para se unir aos homens que disparavam contra os franceses da borda da crista. Mas Tarrant estava tão preocupado com a proximidade dos atacantes que havia ordenado à Real Companhia Irlandesa que permanecesse perto das carroças de munição, que estavam sendo engatadas a toda pressa a seus cavalos ou bois.

— Se tivermos que nos retirar — Sharpe lhe dissera —, isto vai ser um caos! E tem que estar preparados para afrontá-lo.

A Real Companhia Irlandesa se abriu em uma fina linha entre as carroças e o combate, mas depois o ataque do 74º de Highlanders e das tropas de assalto de Connaught haviam apaziguado a urgência de Tarrant.

— Pelo amor de Deus, Sharpe, que calor está fazendo! — O coronel Runciman havia estado vagueando pelas carroças de munição, ansioso e preocupado, mas agora avançou para dar uma espiada ao tumulto da povoação. Estendeu as rédeas de seu cavalo para um dos fuzileiros, e olhou nervoso por cima da crista para a luta lá embaixo. De fato, as coisas tinham ficado muito quentes. A vila, que fedía e fumegava após os combates anteriores travados em suas ruas, era outra vez um turbilhão de fumaça de mosquetes, alaridos e sangue. O 74º e o 88º se introduzira no coração do labirinto de ruas, mas agora seu progresso fora freado com o aumento das defesas francesas. Os obuses franceses da outra margem do riacho tinham começado a lançar de novo seus projéteis sobre o cemitério e as casas de cima,

incrementando a fumaça e o ruído. Runciman estremeceu ante a horrenda visão, depois, ao dar dois passos para trás, tropeçou em um *voltigeur* morto cujo corpo marcava o ponto de penetração que os franceses haviam alcançado. Runciman franziu o cenho ao ver o corpo. — Por que os chamam de saltadores? — perguntou.

— Saltadores? — perguntou Sharpe, que não entendia a pergunta.

— *Voltigeur*; Sharpe — explicou Runciman. — Quer dizer “saltador” em francês.

Sharpe meneou a cabeça.

— Sabe Deus, senhor.

— Porque saltam como pulgas, senhor, quando lhes dispara — sugeriu Harper. — Mas não se preocupe com esse daí, general — Harper havia visto a preocupação no rosto de Runciman. — Esse é um bom *voltigeur* porque está morto.

Wellington não estava muito longe de Sharpe e Runciman. O general estava montado em seu cavalo sobre a faixa de terra embebida em sangue onde a estrada cruzava a passagem entre a igreja e as rochas, e atrás dele não restava nada mais além da bagagem do exército e o parque de munição. Para o norte e o oeste, suas divisões protegiam o planalto da ameaça francesa, mas ali, no centro, até onde há pouco o inimigo penetrara, não restava nada mais. Já não restavam mais reservas, e ele não podia reduzir as outras linhas de defesa da crista, pois dessa forma abriria uma porta traseira para a vitória francesa. A batalha tinham que ser ganha por seus *highlanders* e seus irlandeses, e até agora estes estavam recompensando sua confiança ao capturar de novo a vila casa por casa, quadra atrás de quadra.

Quando, de repente, viu a infantaria de lobos cinzentos atacando desde o flanco.

Sharpe viu o estandarte de caldas de lobo entre a fumaça. Por um instante, ficou congelado. Queria fingir que não o havia visto. Queria uma desculpa, qualquer desculpa, para não descer por aquela macabra ladeira para aquela vila que soltava tal fedor devido aos mortos que só o ar podia fazer um homem vomitar. Já havia lutado uma vez dentro de Fontes de Onor, e com uma vez havia tido bastante, mas suas dúvidas só duraram um abrir e fechar de olhos. Sabia que não havia desculpas. Seu inimigo chegara a Fontes de Onor para proclamar sua vitória, e Sharpe tinha que detê-lo. Virou-se.

— Sargento Harper! Cumprimente de minha parte ao capitão Donaju e peça-lhe que forme uma coluna. Vamos! Depressa! — Sharpe olhou para seus homens, para seu punhado de bons homens do maldito e lutador 95°. — Carreguem, garotos. É hora de trabalhar.

— O que está fazendo, Sharpe? — perguntou Runciman.

— Quer que nos livremos dessa maldita comissão, general ? — perguntou Sharpe.

Runciman olhou boquiaberto para Sharpe sem entender por que lhe havia feito essa pergunta.

— Claro que sim, certamente — conseguiu dizer.

— Então vá onde Wellington está, general — disse Sharpe —, e peça permissão a milorde para levar a Real Companhia Irlandesa para a batalha.

Runciman ficou branco.

— Refere-se a...? — começou, mas não pôde articular o terror que sentia. Baixou o olhar para a vila, que se convertera em um matadouro. — Refere-se a...? — voltou a começar, e sua boca ficou totalmente aberta só de pensar em descer para aquele inferno fumegante.

— Eu perguntarei se o senhor não for — disse Sharpe. — Em nome de Cristo, senhor! A bravura faz que se perdoe tudo! A bravura significa que o senhor é um herói. A bravura lhe conseguirá uma esposa. Agora, em nome de Cristo, faça-o! — gritou para Runciman como se o coronel fosse um recruta bisonho.

Runciman parecia estar constrangido.

— Você virá comigo, Sharpe? — Atemorizava-lhe tanto se aproximar de Wellington como ir ao encontro do inimigo.

— Vamos! — soltou Sharpe, e conduziu ao perturbado Runciman pelo sombrio grupo de oficiais de Estado Maior que rodeavam a Wellington. Hogan estava ali, observando nervoso enquanto a onda de violência na vila virava uma vez mais contra os aliados. Os franceses avançavam lentamente colina acima, obrigando os casacas-vermelhas e as infantarias portuguesa e alemã a sair em retirada da povoação. Mas desta vez não havia linhas de mosquetes esperando na borda da crista, para disparar contra o inimigo quando este subisse pela estrada e atravessasse correndo o arrasado cemitério.

Runciman vacilou quando os dois chegaram junto dos oficiais de Estado Maior, mas Sharpe abriu caminho entre os cavalos e puxou o resistente coronel.

— Peça — disse Sharpe.

Wellington pôde ouvir aquelas palavras, e olhou carrancudo para os dois homens. O coronel Runciman hesitou, tirou seu chapéu, tentou falar e só conseguiu emitir um balbucio incoerente.

— O general Runciman solicita permissão, milorde... — começou a dizer Sharpe friamente.

—... Para levar os irlandeses para a batalha — conseguiu dizer Runciman, completando a frase com um apuro pouco coerente. — Por favor, milorde!

Alguns oficiais do Estado Maior sorriram ante a ideia do general pela bagagem liderando tropas, mas ao voltar-se sobre sua sela, Wellington, com o cenho franzido de preocupação, viu que a Real Companhia Irlandesa, com seus casacas-vermelhas, havia formado uma coluna. A unidade era tão pequena que era patética, mas lá estava, formada, armada e evidentemente ansiosa. E não havia ninguém mais. O general olhou para Sharpe e levantou uma sobrancelha. Sharpe consentiu.

— Adiante, Runciman — disse Wellington.

— Vamos, senhor — Sharpe puxou a manga do homem obeso para afastá-lo do general.

— Um momento! — A voz de Wellington soava gélida. — Capitão Sharpe?



Sharpe se virou.

— Milorde?

— A razão, capitão Sharpe, pela qual não executamos prisioneiros inimigos, não importando o quão vil tenha sido seu comportamento, é porque o inimigo nos devolveria o favor em nossos homens, sem se importar o quão pequena tenha sido sua provocação. — O general lançou uma olhada para Sharpe tão fria como um riacho no inverno. — Expliquei-me com clareza, capitão Sharpe?

— Sim, senhor! Milorde.

Wellington fez um levíssimo gesto com a cabeça.

— Vão.

Sharpe se afastou puxando Runciman.

— Vamos, senhor!

— O que estou fazendo, Sharpe? — perguntou Runciman. — Pelo amor de Deus, o que estou fazendo? Se eu não sou um lutador!

— Permaneça em nossa retaguarda, senhor — disse Sharpe —, e deixe todo o resto comigo — Sharpe desembainhou sua comprida espada com um só movimento. — Capitão Donaju!

— Capitão Sharpe? — Donaju estava pálido.

— O general Wellington solicita — Sharpe gritou alto o bastante para que todos os homens da Real Companhia Irlandesa ouvissem — que o corpo de guarda do rei da Espanha desça à vila e mate a todos os malditos franceses que encontre! As tropas de assalto de Connaught estão ali embaixo, capitão, e necessitam um pouco de ajuda irlandesa. Está pronto?

Donaju desembainhou sua própria espada.

— O senhor daria a honra de nos guiar, capitão?

Sharpe indicou a seus homens que se unissem às filas. Desta vez não haveria escaramuçadores nem minuciosa matança a longa distância, só haveria uma luta ensanguentada em uma vila esquecida por Deus ali onde acabava a Espanha, uma briga na qual o inimigo jurado de Sharpe havia comparecido para converter a derrota em vitória.

— Calar baionetas! — gritou Sharpe. Por um ou dois segundos, assaltou-lhe o estranho pensamento de que era exatamente assim como teria querido lorde Kiely que lutassem seus homens. O lorde só queria lançar seus homens a uma batalha suicida, e aquele lugar era tão bom como qualquer outro para um gesto dessa índole. Nenhuma instrução podia preparar um homem para essa batalha. Aquilo era uma briga de rua e, ou já estava nos tutanos de um homem, ou nunca estaria. — Marchem! — gritou Sharpe. — A passo ligeiro! — Conduziu a pequena unidade pela estrada até a borda da crista, onde o solo estava levantado pelos canhões inimigos; depois cruzaram a linha do horizonte e desceram. Desceram para a fumaça, o sangue e o massacre.



---

## CAPÍTULO 11

Na parte superior da ladeira jaziam corpos em desordem. Alguns estavam imóveis, outros ainda se moviam levemente com o pouco que lhes restava de vida. Um *highlander* vomitou sangue, e depois caiu sobre uma tumba tão removida pelos canhões e as explosões que os ossos da pelve e de um braço de um cadáver sobressaíam do solo. Um tamborileiro francês estava sentado junto à estrada segurando com as mãos as tripas, que se espalhavam entre seus dedos. As baquetas de seu tambor ainda estavam presas em sua bandoleira. Olhou inexpressivo para Sharpe quando este passou correndo a seu lado, e depois rompeu a chorar. Um casaca-verde jazia morto desde um dos primeiros ataques. Tinha uma baioneta francesa cravada e dobrada entre as costelas, justo acima de seu ventre distendido, enegrecido e coberto de moscas. Um projétil estourou perto do corpo, e alguns fragmentos de sua carcaça passaram assobiando junto à cabeça de Sharpe. Um dos guardas foi atingido e caiu, arrastando dois homens com ele. Harper gritou para que deixassem o ferido.

— Sigam correndo! — gritou com aspereza. — Sigam correndo! Deixem que esse desgraçado se ocupe de si mesmo! Vamos, os sacanas que nos fuderam em São Isidro estão ali!

A meio caminho da povoação, a estrada virava bruscamente para a direita. Sharpe saiu aqui da estrada, saltando de um pequeno desnível para uma zona de matagal. Não muito longe podia ver à brigada Loup. A infantaria cinzenta havia penetrado na vila vida do norte e agora estava ameaçando dividir em dois o 88°. O ataque de Loup havia detido primeiro o impulso do contra-ataque inglês, e depois o virara contra eles; a sua direita, Sharpe pôde ver alguns casacas-vermelhas que se retiravam da povoação para cobrir-se atrás dos restos do muro do cemitério. Um enxame de franceses empurrava para cima desde as casas da parte baixa, animados a fazer um último e bravo esforço pelo exemplo da brigada de Loup.

Mas agora a brigada de Loup tinha seu próprio inimigo, um inimigo pequeno, mas que tinha algo a demonstrar. Sharpe conduziu a Real Companhia Irlandesa através do matagal até um pequeno horto de feijão; depois saltou outro desnível e correu a toda velocidade para o flanco do batalhão da infantaria cinzenta que estava mais perto.

— Matem-nos! — gritou Sharpe. — Matem-nos! — Era um grito de batalha horrível, selvagem e aparentemente inapropriado, pois superavam em número à Real Companhia Irlandesa e, a menos que caíssem sobre o inimigo com faminta ferocidade, seriam repelidos e destroçados. A luta ia depender de seu selvagismo. — Matem esses sacanas! — berrou Sharpe. Sentia um medo enorme, e isso fez que sua voz soasse brava e desesperada. Notava o estômago revirado pelo terror, mas havia aprendido fazia tempo que o inimigo sofria o mesmo medo, e que ceder ante ele era um convite ao desastre. A chave para a sobrevivência na luta residia em se aproximar depressa do inimigo, em cruzar os espaços abertos onde seus mosquetes eram letais, e assim fazer que seus homens caíssem com dureza sobre as filas

inimigas, onde a luta degeneraria em uma briga grosseira.

Portanto pronunciou seu espantoso grito de ânimo mesmo ainda se perguntando se sua coragem viria abaixo e o faria se refugiar atrás de um dos muros desmoronados, mas ao mesmo tempo estava sopesando ao inimigo que tinha na frente. Justo em frente de Sharpe havia um beco abarrotado de inimigos, e a sua esquerda um tapume baixo cercava um pequeno horto. Alguns homens de Loup tinham entrado no horto por uma seção derrubada do tapume, mas a maioria avançava pelo beco para a grande batalha que ficava mais forte no centro da povoação. Sharpe se dirigiu ao beco. Os franceses se viraram e deram a voz de alarme. Um homem disparou seu mosquete para velar com a fumaça branca a entrada da ruela, então Sharpe arremeteu contra a retaguarda da tropa cinzenta com sua espada para frente. O alívio que lhe proporcionou o contato foi enorme, e liberou uma terrível energia que ele dirigiu para a ponta perversamente afiada da lâmina de sua espada. Chegavam homens com baionetas por seus dois flancos. Gritavam e estocavam, homens nos quais o terror estava se transformando da mesma forma em um frenesi bárbaro. Outros guardas foram desimpedir o horto, enquanto Donaju lutava para abrir caminho em uma rua que estava mais abaixo.

Foi uma luta de rua, e, se nos primeiros momentos os homens de Sharpe a tinham encontrado mais fácil do que esperavam, foi porque haviam surpreendido a retaguarda das tropas de Loup, no lugar onde haviam encontrado refúgio os homens com menos entusiasmo para lutar em ruelas estreitas como animais. Mas quanto mais os homens de Sharpe lutavam, mais se aproximavam dos melhores combatentes de Loup, pelo que a luta foi se tornando mais e mais encarniçada. Sharpe viu um enorme sargento com bigode que voltava para trás atravessando as filas agrupando seus homens conforme se aproximava. O sargento gritava, batia nos homens, obrigava aos covardes a dar a volta e a usar suas baionetas contra os novos atacantes, mas de repente sua cabeça caiu para trás e, por um momento, ficou rodeado por uma névoa vermelha de gotinhas de sangue quando uma bala de fuzil o matou. Hagman e Cooper haviam encontrado um telhado de onde combater como franco-atiradores.

Sharpe caminhou pisando corpos, afastou os mosquetes de um golpe e depois estocou com sua espada. Não havia espaço para dar estocadas, só pequenas aberturas nas quais apunhalar, golpear e retorcer a lâmina. A única autoridade que se esperava dele agora era ser visto lutando, e a Real Companhia Irlandesa o seguia de bom grado. Era como se lhes tivessem soltado a correia que os segurava antes da caçada. Agora lutavam como amigos, enquanto varriam os inimigos de uma ruela e depois da seguinte. Os franceses se retiraram do implacável ataque, buscando algum lugar mais fácil de defender. Donaju, com o rosto e o uniforme salpicados de sangue, reuniu-se com Sharpe na pracinha triangular onde convergiam as duas ruelas. Um francês morto havia caído sobre um monte de esterco, e outro bloqueava uma porta. Havia corpos jogados nas sarjetas, empilhados dentro das casas e amontoados contra os muros. As pilhas de mortos mostravam o progresso da batalha, pois havia escaramuçadores do primeiro dia cobertos por franceses, depois *highlanders*, depois granadeiros franceses com seus imensos chapéus de pele de urso debaixo de mais casacas-vermelhas, e agora os uniformes cinzas de Loup acrescentavam uma nova camada acima de tudo. O fedor da morte era tão espesso como a névoa. Quando se podiam ver entre os

cadáveres, os sulcos no chão de terra estavam inundados de sangue. As ruas estavam saturadas de morte e cheias de homens que procuravam saturá-las ainda mais.

Hagman e Cooper saltaram de um telhado meio desmoronado para outro.

— Grandes canalhas a sua esquerda, senhor! — gritou Cooper de seu ninho de águia, apontando uma ruela que descia sinuosa pela colina desde a pracinha triangular. Os franceses haviam recuado para longe o bastante para dar aos homens de Sharpe um momento para recarregar ou para envolver com sujas tiras de tecido as mãos e braços feridos. Alguns bebiam de sua reserva particular de rum. Alguns poucos já estavam totalmente bêbados, mas lutariam melhor ainda por isso, e Sharpe não se importava. — Aqueles sacanas se aproximam, senhor! — gritou Cooper para avisar.

— Baionetas! — gritou Sharpe. — Agora, em frente! — Cuspiu a última palavra enquanto metia seus homens na ruela. Não chegava a ter dois metros de largura, não havia espaço para mover a espada. A primeira curva ficava a apenas três metros, e Sharpe a alcançou ao mesmo tempo em que uma multidão de franceses. Notou uma baioneta furar sua casaca, ouviu o tecido se rasgar e logo depois já estava golpeando com a empunhadura de ferro de sua espada uma cara com bigode. Estava brigando com um granadeiro que ofegava entre seus lábios sangrentos, mostrando dentes amarelos e apodrecidos, enquanto tentava chutar a virilha de Sharpe. O capitão dos fuzileiros descarregou sua espada para baixo, mas a negra e gordurenta pele de urso do grosso chapéu amorteceu o golpe. O bafo daquele homem era horrível. O granadeiro havia deixado seu mosquete cair e estava tentando estrangular Sharpe, mas este agarrou a parte de cima de sua lâmina com a mão esquerda, agarrou com força a empunhadura com a direita e a empurrou com força contra a garganta do francês. Empurrou a cabeça do granadeiro tão para trás que podia ver o branco de seus olhos, e mesmo assim o homem seguia apertando seu pescoço, portanto Sharpe fez correr a espada para sua direita, somente uma vez, e seu mundo se tingiu de vermelho quando a espada seccionou a jugular do francês.

Passou por cima do trêmulo corpo do agonizante granadeiro. Guardas alienados pelo rum arremetiam com suas baionetas, golpeavam com as culatras, davam chutes e gritavam para um inimigo que não podia igualá-los em ferocidade. O guarda Rourke, cujo mosquete tinha quebrado, agarrara uma viga enegrecida e agora a investia contra as caras dos franceses. O inimigo começou a recuar. Um oficial da brigada de Loup tentou voltar a reunir seus homens, mas de um telhado Hagman o escolheu como alvo, e a retirada à contragosto do inimigo se converteu em uma súbita debandada. Um francês se refugiou em uma casa e assinou sua sentença de morte ao disparar de uma janela contra os guardas que avançavam. Um grupo de irlandeses entrou em tropel na casa e matou a todos os fugitivos franceses que havia lá dentro.

— Deus salve a Irlanda! — Harper deixou escapar ao lado de Sharpe. — Jesus, isto é um trabalho bem duro — respirou com dificuldade. — Por Cristo, senhor, já se viu? Empapado em sangue, assim como está.

— Não é meu, Pat — Sharpe enxugou o sangue que caía sobre seus olhos com o punho da casaca. Havia chegado à esquina de uma rua que conduzia ao coração da povoação. Um oficial francês morto jazia no meio da rua, com a boca aberta convertida em um fervedouro de

moscas. Alguém já lhe havia rasgado os bolsos, costuras e mochila, e havia descartado um tosco jogo de xadrez com um tabuleiro de tela pintado, as peças reais talhadas em madeira, e os peões feitos com balas de mosquete. Sharpe podia cheirar o cadáver quando se agachou na esquina da rua e tentou adivinhar o curso da batalha pelo barulho de ruído e fumaça. Intuiu que agora estava detrás do inimigo, e que se pudesse atacar por sua direita isolaria à cinzenta infantaria de Loup e os granadeiros de chapéus de pele de urso, que agora estavam mesclados totalmente. Se o inimigo pensasse que estava a ponto de ser rodeado, provavelmente se retiraria, e essa retirada podia conduzir a uma retirada completa dos franceses. Algo que podia levar os aliados à vitória.

Harper deu uma espiada desde o canto.

— Há milhares desses filhos de puta — disse. Levava um pique que havia tirado de um sargento de Connaught que tinha morrido. Havia cortado um metro e meio da haste, o que fazia que a arma fosse mais manejável para a nefasta tarefa de matar em um espaço reduzido. Olhou o corpo saqueado do oficial francês. — Não valia nada esse jogo de xadrez — disse com gravidade. — Lembra daquele sargento em Busaco que encontrou peças de xadrez de prata? — Levantou o pique. — Por favor, Deus, mande-me um oficial morto que seja rico.

— Ninguém ficará rico comigo — disse Sharpe com expressão austera, depois deu uma espiada desde a esquina e viu que, atrás de uma barricada de granadeiros mortos que bloqueava a rua, havia uma multidão da infantaria francesa esperando. — Quem tem a arma carregada? — perguntou Sharpe aos homens que estavam agachados atrás dele. — À frente — ordenou à dúzia de homens que levantaram a mão. — Iremos depressa! Dobraremos a esquina — disse —, vocês esperam minha ordem, se ajoelham, disparam e depois carregam como demônios. Pat? Você vem com os outros, cinco passos pelas atrás — Sharpe estava comandando uma estranha mescla confusa de fuzileiros, tropas de assalto de Connaught, *highlanders*, guardas e *caçadores*. — Preparados, garotos? — dedicou um sorriso com seu rosto coberto de sangue inimigo. — Então, avançar!

Gritou a última palavra enquanto dobrava a esquina com seus homens. Os franceses de trás da barricada receberam Sharpe disparando de imediato, mas aterrorizados pelos horrendos gritos dos atacantes dispararam cedo demais e muito alto.

— Alto! De joelhos! — Sharpe permaneceu em pé entre os homens ajoelhados. — Apontar! — Harper já estava saindo da rua com a segunda carga. — Fogo! — gritou Sharpe, e a descarga voou sobre os granadeiros mortos, ao mesmo tempo em que os homens de Sharpe carregavam atravessando a fumaça e se lançavam por cima do morno monte de homens mortos. Os franceses que estavam diante de Sharpe recarregavam com desespero, mas as baionetas caladas dificultavam o uso das baquetas, e ainda estavam tentando carregar seus mosquetes quando a carga de Sharpe chegou ao seu destino e a matança começou de novo. O braço com o qual Sharpe esgrimia a espada estava cansado, sua garganta estava irritada de tanto gritar e lhe ardiam os olhos pela fumaça da pólvora, o suor e o sangue, mas não podia descansar. Atacou com sua espada, retorceu-a, liberando-a e voltou a atacar com ela. Um francês apontou com seu mosquete para Sharpe, apertou o gatilho e foi recompensado com um fracasso, pois a pólvora da caçoleta acendeu, mas não disparou a carga do interior do cano. O

homem gritou quando caiu sob a espada do oficial dos fuzileiros. Sharpe estava tão cansado de matar que já agarrava a espada com as duas mãos, sua mão direita na empunhadura e a esquerda na parte mais baixa da lâmina, para poder esfaquear bem com ela a massa de homens. A aglomeração de homens era tão grande que às vezes não podia se mover, assim que arranhou as caras que tinha mais perto, deu chutes, mordidas e cabeçadas, até que os malditos franceses se moveram ou caíram ou morreram, e ele pôde passar por cima de outro corpo e avançar entre grunhidos com sua espada ensanguentada gotejando.

Harper se uniu a ele. A afiada ponta de lança de quase meio metro de seu pique tinha um pequeno tope em sua base para impedir que a arma se afundasse demais no inimigo ou em seu cavalo, e Harper havia fincado o fio repetidas vezes até esse tope, e depois golpeava, chutava e retorcia para afrouxar a arma antes de investir de novo. Uma das vezes, quando um sargento francês tentava reunir um grupo de homens, Harper levantou um homem moribundo com a ponta de sua lança truncada e usou seu maltratado corpo como um ensanguentado aríete, com o qual investiu contra as filas inimigas. Um par de soldados de assalto de Connaught com os rostos ensanguentados acompanhavam Harper, e os três iam lançando seus gritos de guerra em irlandês.

Uma onda de *highlanders* saiu de uma rua à direita de Sharpe. Pressentia que a sorte da batalha estava mudando. Agora eles atacavam descendo a colina, não a defendiam desde cima, e a infantaria cinzenta da brigada de Loup estava se retirando junto com o restante. Solto sua mão esquerda da lâmina de sua espada, e viu que se cortara na palma. À sua esquerda, um mosquete disparou desde uma janela e um guarda caiu ao solo, ofegando. O capitão Donaju comandou uma carga contra aquela casa sem telhado, que se encheu com o eco dos gritos enquanto os fugitivos franceses eram perseguidos pelos diminutos quartos e a pocilga de trás. Um terrível bramido de triunfo se elevou à direita de Sharpe, quando uma companhia das tropas de Connaught pegou duas companhias de franceses em um beco sem saída. Os irlandeses começaram seu sangrento avanço até o fundo do beco, e nenhum oficial se atreveu a deter a carnificina. Nos pastos ao norte de Poço Velho, aquela batalha havia visto como as mais delicadas manobras salvavam à Divisão Ligeira, e agora estava assistindo a uma primitiva luta selvagem saída do mais horripilante pesadelo, mas que ainda podia salvar todo o exército.

— À esquerda! — gritou Harper, e Sharpe se virou para ver uma multidão de franceses com uniforme cinza que chegava por uma Ruela. Os guardas já não necessitavam de ordens para contra-atacar, simplesmente entraram em tromba na ruela lançando um grito selvagem e penetrante, ao mesmo tempo em que empurravam uns aos outros contra o inimigo. A Real Companhia Irlandesa havia recuperado o gozo de uma vitoriosa luta de morte. Um dos homens recebeu uma bala no peito e não sentiu nada: em vez de cair lamentando-se de sua sorte, seguiu estocando e investindo com seu mosquete. Fazia pouco que Donaju havia deixado de tentar exercer o controle. Agora lutava como seus homens, com um horrível sorriso em um rosto que sangue, fumaça, suor e esforço tornavam espantoso.

— Viu Runciman? — Sharpe lhe perguntou.

— Não.

— Sairá desta — disse Sharpe. — Não é dos que morrem em batalha.

— E nós somos? — perguntou Donaju.

— Sabe Deus — Sharpe descansou por um momento em um canto do muro. Respirava com profundos ofegos. — Viu Loup? — perguntou a Harper.

— Nem rastro desse filho da puta, senhor — respondeu Harper. — Mas estou reservando isto para ele. — Tocou o feixe de canos de sua espingarda, que levava pendurada nas costas.

— Aquele sacana é meu — disse Sharpe.

Alguns vivos anunciaram outro progresso em algum lugar da povoação. Os franceses se retiravam em toda parte, e Sharpe sabia que era o momento de evitar que o inimigo mantivesse sua posição ou se reagrupasse. Entrou em uma casa com um esquadrão de homens, passaram por cima de dois franceses e um *highlander* mortos para sair em um jardimzinho traseiro. Abriu de um chute a porta do jardim, e viu alguns franceses a uns poucos metros de sua posição.

— Vamos! — Gritou ao mesmo tempo em que saía correndo para a rua e se jogava com seus homens contra os restos de uma barricada. Alguns mosquetes dispararam, algo bateu contra a culatra do fuzil que Sharpe levava pendurado; pouco depois, ele estava lançado estocadas com sua espada por cima da barricada e os guardas afastavam de lado as carroças, bancos e fardos de palha meio queimados. Não longe dali havia uma casa ardendo, a fumaça fez que Sharpe tossisse enquanto abria caminho aos pontapés entre os últimos obstáculos e esquivava uma baioneta com a qual um magro sargento francês tentava atingi-lo. Harper espetou o homem com seu pique. O riacho estava somente a alguns poucos passos. Um canhão francês disparou, cuspindo metralha estrada acima, e derrubando a uma dúzia de *highlanders*; depois, os artilheiros franceses se viram impotentes quando um estouro de franceses apareceu tentando escapar do vingativo contra-ataque aliado voltando a cruzar o riacho *Dos Casas*.

Um grito alterado soou à direita de Sharpe, e viu que se tratava de Loup, que tentava reagrupar os franceses. O brigadeiro estava de pé sobre os restos da antiga ponte de ardósias, de onde insultava aos franceses que fugiam, em uma tentativa de que dessem a volta ameaçando-lhes com sua espada. Harper desceu sua espingarda de sete canos, mas Sharpe fez que a baixasse.

— Esse filho da puta é meu, Pat.

Alguns casacas-vermelhas perseguiam os franceses pelo riacho quando Sharpe saiu correndo para a ponte.

— Loup! Maldito sacana! Loup! — gritava. — Loup!

O brigadeiro se voltou e viu ao fuzileiro coberto de sangue que corria para ele. Loup saltou da ponte quando Sharpe entrou chapinhando no riacho, e os dois homens se encontraram a meio caminho, afundados até as coxas em uma poça formada por uma represa de cadáveres tingida por seu sangue. As espadas se chocaram, Loup arremeteu, mas Sharpe o esquivou e contra-atacou só para ver detido seu própria golpe. Deu um chute para um dos joelhos de Loup, mas a profundidade da água o impediu e quase perdeu o equilíbrio, ficando descoberto



para uma estocada da espada reta de Loup; contudo, Sharpe se recuperou no último momento e desviou o golpe com a empunhadura de sua espada, com a qual golpeou Loup em seu olho leitoso. O brigadeiro retrocedeu veloz e tropeçou, mas recuperou o equilíbrio com outro mal-intencionado ataque de sua espada. A batalha ainda estava se travando, mas tanto os ingleses como os franceses deixaram os espadachins em paz. Os franceses se refugiavam atrás dos muros e hortos da margem leste do riacho, de onde haviam partido seus primeiros ataques do dia, ao mesmo tempo em que os ingleses e os portugueses perseguiam os últimos inimigos até tirá-los da povoação. Enquanto isso, no riacho, os dois homens enlouquecidos pela batalha empregavam suas embotadas espadas como se fossem garrotes.

Suas habilidades eram mais que equilibradas. Loup era melhor espadachim, mas carecia da altura e do alcance de Sharpe, e estava mais acostumado a lutar do lombo de um cavalo que a pé. Os dois arremetiam, lançavam estocadas e se esquivavam no que era uma grotesca zombaria da fina arte da esgrima. Seus movimentos eram entorpecidos pelo riacho e por sua fadiga; além disso, a delicadeza da luta com espada era desperdiçada com lâminas tão compridas e pesadas como as espadas da cavalaria. O som do choque das espadas recordava à forja de um ferreiro.

— Sacana — disse Sharpe, e lançou uma estocada. — Sacana — disse outra vez, e investiu com a ponta da espada.

Loup desviou o golpe.

— Isto é por meus dois homens assassinados — disse, e lançou um corte por cima que obrigou Sharpe a detê-lo com um movimento estranho. Loup cuspiu um insulto e depois lançou uma estocada para o rosto de Sharpe, obrigando o fuzileiro a afastar-se de lado. Sharpe devolveu a arremetida e gritou triunfante quando sua espada fatiou o estômago de Loup, mas na realidade só havia conseguido atravessar a bolsa do francês, e agora a ponta de sua espada estava travada, circunstância que Loup aproveitou para dar a estocada mortal. Sharpe também deu um passo adiante, reduzindo o espaço entre eles para frear o golpe, e lhe deu uma cabeçada quando estava perto. O francês evitou a arremetida e levantou um joelho. Sharpe lhe golpeou com a mão esquerda, depois liberou sua espada e desferiu-a para Loup com a empunhadura, justo quando a guarnição da espada do brigadeiro se chocava com o lado esquerdo de sua cabeça, provocando-lhe uma dor pungente.

Os dois homens se afastaram. Olhavam um para o outro, mas já não trocavam insultos, pois necessitavam de todas suas forças para lutar. Os disparos dos mosquetes assobiavam por cima do riacho, mas ninguém interrompia os duelistas, pois reconheciam que estavam travando uma batalha de honra que só dizia respeito a eles. Um grupo de soldados de uniforme cinza observava da ribeira oriental, enquanto que uma mistura de fuzileiros, guardas, *highlanders* e tropas de assalto animavam Sharpe desde o oeste.

Sharpe pegou um pouco de água com a mão esquerda e a levou à boca. Relambeu os lábios.

— É hora de acabar contigo — disse com voz esforçada ao mesmo tempo em que avançava. Loup levantou sua espada quando Sharpe lançou o golpe. Desviou a estocada e

voltou a desviá-la. Sharpe havia pego uma nova e desesperada energia, e lançava estocada atrás de estocada contra o francês, poderosos golpes, grandes talhos com a pesada espada que desarmava a guarda de Loup, e os encadeava a tal velocidade que o francês não tinha tempo de retroceder e levantar sua própria lâmina para atacar. Cambaleou para trás, impulsionado pela força de Sharpe, e golpe a golpe sua defesa foi se debilitando enquanto o fuzileiro, com os dentes apertados, seguia atacando. Um último golpe se chocou com a espada que Loup mantinha no alto e fez que o grisalho francês caísse de joelhos na água, e Sharpe lançou um grito de vitória ao mesmo tempo em que levantava sua espada para a última e terrível estocada.

— Cuidado, senhor! — gritou Harper desesperado.

Sharpe levantou o olhar para sua esquerda, e viu a um dragão com uniforme cinzento montado em um cavalo cinza e com um penacho de cabelo negro e brilhante que saía de baixo de seu capacete e lhe chegava à cintura. Mantinha uma carabina de cano curto apontada para Sharpe. O fuzileiro deu um passo para trás, controlando seu golpe assassino, e viu que aquele cabelo negro não era o penacho do capacete.

— Joanhina! — gritou. Vinha para salvar Loup, assim como uma vez havia salvado a vida de Kiely a fim de ter uma desculpa para permanecer atrás das linhas inglesas, ainda que agora salvaria a de Loup por amor. — Joanhina! — gritou Sharpe, apelando àquela única recordação de um amanhecer cinzento em uma cama de lobo cinzento no alto das colinas.

Ela sorriu... E disparou. Depois se virou para fugir, mas Harper estava perto com sua espingarda de sete canos na mão, e a descarga derrubou Joanhina de seu cavalo com grande efusão de sangue. Expirou com um gemido antes que seu corpo golpeasse o solo.

Sharpe também estava caindo. Havia recebido um golpe terrível abaixo do ombro direito, e a dor já palpitava como se por sua mão, que bruscamente tinha ficado sem forças, descesse uma labareda. Cambaleou e caiu sobre um joelho, e Loup se lançou sobre ele sem esperar, com a espada para o alto. A fumaça de uma casa em chamas flutuava sobre o riacho quando Loup lançou seu grito triunfal e começou a descarregar sua espada.

Sharpe agarrou o tornozelo direito do francês com a mão esquerda e o puxou. Loup gritou ao cair. O fuzileiro grunhiu e se lançou adiante, passando por debaixo da espada que descia, e agarrou sua própria espada com sua ensanguentada mão esquerda, de forma que segurou a lâmina de quase um metro de comprimento como se fosse uma vara, e arremeteu com ela contra o pescoço de seu inimigo. O sangue que manava de seu ombro se perdia no riacho enquanto empurrava o brigadeiro debaixo da água, contra o fundo de cascalho do riacho, e o mantinha ali com sua espada. Manteve seu braço direito estirado e segurou a ponta da espada com o esquerdo, apertando as mandíbulas para suportar a dor do braço enquanto aproveitava todo seu peso para imobilizar ao homem, que era menor que ele, sob as rápidas águas. Na água pintada de sangue se viam bolhas que depois eram arrastadas corrente abaixo. Loup dava chutes e se remexia, mas Sharpe o manteve ali em baixo, ajoelhado no riacho de maneira que só sua cabeça e seu ombro ferido assomavam por cima da água, e segurava sua espada sobre a garganta do francês agonizante, para afogar o brigadeiro assim como um homem afogaria a um

cachorro raivoso.

Fuzis e mosquetes seguiam disparando desde a margem ocidental, enquanto os homens de Sharpe afastavam a infantaria de Loup da margem oriental. A infantaria de uniforme cinza havia avançado para resgatar o seu brigadeiro, mas Loup estava a ponto de morrer, afogado pela água e espetado no aço, desvanecendo-se sob o riacho. Uma bala afundou na água perto de Sharpe, mas ele não se moveu. Ignorando a dor, simplesmente apertava sua espada com força contra a garganta de seu inimigo. E devagar, muito devagar, as últimas bolhas se perderam na corrente; e devagar, muito devagar, cessou a agitação debaixo de Sharpe; e devagar, muito devagar, Sharpe compreendeu que tinha acabado com o monstro e que Loup, seu inimigo, estava morto; e devagar, muito devagar, Sharpe soltou o corpo daquele homem, que subiu à superfície enquanto ele cambaleava, ensanguentado e dolorido, em direção à margem oeste, onde Harper se reuniu com ele e o levou depressa para uma proteção atrás de um muro mordido pelas balas.

— Deus salve a Irlanda — sussurrou Harper enquanto pegava a molhada espada da mão de Sharpe. — Contudo, o que foi que fez?

— Ganhei, Pat, ganhei por uma maldita cabeça — e, apesar da dor, sorriu. Porque era um soldado e havia ganhado por uma maldita cabeça.

— Fique quieto, homem, pelo amor de Deus. — A voz do cirurgião soava pastosa e seu bafo fedia a conhaque. Fez uma careta enquanto manipulava a sonda, que estava bem afundada no ombro de Sharpe. O cirurgião também segurava umas pinças que metia e tirava a cada pouco na ferida aberta, causando assim pontadas agudas de dor. — A maldita bala meteu fiapos de seu uniforme — disse. — Por que demônios o senhor não veste seda? A seda não se desfaz em fiapos.

— Não posso me permitir — disse Sharpe. A igreja fedia a sangue, pus, fezes e urina. Era de noite, e a pequena igreja de Fontes de Onor estava até a borda de feridos de ambos os exércitos, deitados à defumada luz das velas de junco, enquanto esperavam sua vez com os cirurgiões, que iam ficar ocupados por toda a noite com seus ganchos, suas serras e seus bisturis.

— Somente Deus sabe se o senhor viverá. — O doutor arrancou outro farrapo de lã ensanguentada da ferida e limpou as pinças esfregando-as em seu sujo avental. Sharpe notou seu pestilento bafo com odor de conhaque quando o médico sacudiu a cabeça com cansaço. — É provável que esta ferida se infecte. É o que costuma ocorrer. O senhor vai feder como a latrina de um leproso, seu braço cairá e, em dez dias, estará morto. Mas antes disso terá muita febre, gaguejará como um lunático e suará como um cavalo, ainda que será um herói quando voltar para casa. Claro que dói, homem! Pare de se queixar como uma maldita criança, pelo amor de Deus! Nunca suportei às malditas crianças choronas. E sente-se direito, homem!

Sharpe se endireitou. A dor que lhe causava a sonda era insuportável, como se tivesse cravado um gancho de açougueiro ao vermelho vivo que se movesse na articulação de seu ombro. Fechou os olhos e tentou não prestar atenção ao crispante som que produzia a sonda do

cirurgião ao raspar o osso enquanto este procurava a bala de carabina.

— Já tenho a essa canalha. Não se mova. — O cirurgião pegou alguns fórceps de ponta estreita e os introduziu na ferida atrás da sonda. — E diz que foi uma mulher a que lhe fez isto?

— Uma mulher, sim — disse Sharpe, mantendo os olhos fechados. Um prisioneiro da brigada de Loup havia confirmado que Joanhina havia avançado junto com os dragões. Na brigada de Loup ninguém imaginava que os franceses iam ser desalojados da povoação e empurrados para o outro lado do riacho, assim que ninguém havia falado a Joanhina do perigo que corriam. Ainda que ela não teria se importado. Havia sido uma aventureira que amava o odor do combate, e agora estava morta.

Loup também estava, e com sua morte havia desaparecido a última possibilidade de que o general Valverde encontrasse uma testemunha que confirmasse a confissão de Sharpe de ter fuzilado a alguns prisioneiros franceses, precipitando assim a derrota do São Isidro. Só restava uma testemunha com vida, e havia aparecido na igreja ao anoitecer, quando Sharpe ainda estava esperando a chegada do cirurgião.

— Eles me perguntaram — dissera um nervoso Runciman a Sharpe. O coronel havia estado na vila durante todo o combate, e ainda que ninguém pudesse afirmar que o antigo general responsável pela bagagem tivesse desempenhado um papel destacado na batalha, tampouco havia ninguém que negasse que o coronel Runciman havia estado no lugar mais exposto ao perigo, onde nem tinha se acovardado nem tinha evitado o enfrentamento.

— Quem lhe perguntou o que, general ? — havia respondido Sharpe.

— Wellington e aquele desgraçado general espanhol — gaguejou Runciman excitado. — Perguntaram-me diretamente, olhando minha cara, se você havia admitido o fuzilamento dos dois franchinotes. Foi isso o que me perguntaram.

Sharpe teve um sobressalto quando um homem deu um berro debaixo da faca do cirurgião. Braços e pés amputados formavam um horripilante monte junto ao altar, que fazia as vezes de mesa de operações.

— Eles lhe perguntaram — disse então Sharpe —, e o senhor nunca mente.

— E não menti! — alfinetou Runciman. — Eu disse que era uma pergunta ridícula. Que nenhum cavalheiro faria algo semelhante, e que você era um oficial e, portanto, um cavalheiro, e que com o maior dos respeito por milorde, a pergunta me era ofensiva. — Runciman não cabia em si de gozo. — E Wellington me respaldou! Ele disse a Valverde que não queria voltar a ouvir mais acusações contra oficiais ingleses. E já não haverá nenhuma comissão de investigação, Sharpe! Nosso comportamento de hoje, disseram, está ouvindo? Nosso comportamento de hoje faz desnecessária qualquer pergunta sobre os tristes fatos de São Isidro! O que também é bastante bom!

Sharpe havia sorrido. Soube que estava isentado desde o momento em que Wellington, justo antes que a Real Companhia Irlandesa contra-atacasse na vila, tinha lhe repreendido por fuzilar os prisioneiros franceses; mesmo assim, as excitadas notícias de Runciman eram bem-

vindas e confirmavam esse perdão.

— Felicidades, general — disse Sharpe. — E agora, o quê fará?

— Voltarei para casa, acho. Para casa. Para casa... — Runciman sorria só de pensar. — Talvez possa ser útil na milícia de Hampshire. Portanto sugeri a Wellington, e ele foi bastante amável em estar de acordo. A milícia, disse, necessitava de homens com experiência marcial, homens com visão de futuro e com experiência de comando, e teve a consideração de insinuar que eu possuía as três qualidades. Um homem muito amável este Wellington.

Você não acha, Sharpe?

— Muito amável, sim, senhor — disse Sharpe secamente, olhando como alguns ordenanças seguravam um homem cuja perna se estremecia enquanto os cirurgiões a serravam pela coxa.

— Portanto partirei para a Inglaterra! — disse Runciman com entusiasmo. — Minha querida Inglaterra, toda ela boa comida e prudente religião! E você, Sharpe? O que fará?

— Seguirei matando franchinotes, general. É a única coisa em que sou bom. — Olhou para o doutor e viu que quase havia terminado com o paciente que lhe precedia, assim que se preparou para a dor que se aproximava. — E a Real Companhia Irlandesa, general — perguntou. — O que será deles?

— Partirão para Cádiz. Mas irão como heróis, Sharpe. Uma batalha ganha! Almeida segue sitiada, e Masséna foge de volta para Cidade Rodrigo. Tem minha palavra, Sharpe, de que agora todos nós somos heróis!

— Estou seguro de que seu pai e sua mãe sempre lhe diziam que algum dia o senhor seria um herói, general.

Runciman negara com um movimento de cabeça.

— Não, Sharpe, isso nunca me disseram. Tinham esperanças postas em mim, isso não o nego, coisa que não me admira, pois foram abençoados com um único filho e eu fui sua afortunada benção, e grandes foram os dons que me prometeram, Sharpe, muito grandes, mas acho que nenhum foi o heroísmo.

— Bem, pois agora o senhor é um herói, senhor — disse Sharpe —, e pode dizer a quem perguntar que isso foi o que eu lhe disse — Sharpe levantou seu braço direito e, apesar da dor, deu a mão para Runciman. Harper acabava de aparecer pela porta da igreja e levantou uma garrafa para mostrar que havia algum consolo esperando para quando extraíssem a bala de Sharpe. — Eu o verei lá fora, senhor — disse a Runciman —, a menos que queira presenciar como o cirurgião me tira a bala.

— Oh, Meu Deus, Sharpe! Meus amados pais nunca acreditaram que eu tivesse estômago para estudar medicina, e temo que tenham razão — Runciman havia ficado pálido. — Deixarei que sofra na solidão — disse, e se retirou a toda pressa com o olhar extraviado para frente e um lenço posto sobre a boca para o caso dos nocivos eflúvios do improvisado hospital lhe provocarem alguma náusea.

O doutor extraiu a bala da ferida, antes de apertar um trapo sujo contra o ombro de Sharpe para parar a hemorragia.

— Não há ossos quebrados — disse com voz decepcionada —, mas tem algumas lascas soltas que lhe doerão por alguns dias. Pode ser que para sempre, se sobreviver. Quer conservar a bala? — perguntou a Sharpe.

— Não, senhor.

— Nem como uma recordação para as damas? — perguntou o doutor; logo depois, sacou um cantil de conhaque de um bolso de seu crostoso avental, deu um gole comprido e depois usou um canto de seu ensanguentado avental para limpar as pontas do fórceps. — Conheço um sujeito da artilharia que tem dúzias de balas usadas engastadas em ouro e penduradas em uma corrente — disse o cirurgião. — Diz que todas estiveram alojadas cerca perto de seu coração. E tem a cicatriz para demonstrá-lo, veja só, e presenteia uma bala a cada mulher a quem quer impressionar, e lhe conta a cada uma dessas prostitutazinhas que sonhou com uma mulher que era exatamente como ela quando acreditava estava morrendo. Diz que funciona. É um canalha com cara de porco, mas diz que as mulheres não podem esperar para arrancar seus calções. — Voltou a oferecer a bala para Sharpe. — Está seguro que não quer esta maldita coisa?

— Bastante seguro.

O doutor jogou a bala de um lado.

— Farei que o vendem — disse. — Mantenha a venda úmida se quer viver, e não ponha a culpa em mim caso morra. — Afastou-se vacilante e chamou um ordenança para que vendasse o ombro de Sharpe.

— Odeio esses malditos doutores — disse Sharpe quando se reuniu com Harper fora da igreja.

— Meu avô dizia o mesmo — disse o irlandês ao mesmo tempo em que oferecia a Sharpe a garrafa de conhaque confiscada. — Só viu um doutor uma vez em toda sua vida, e uma semana depois estava morto. E já tinha oitenta e seis.

Sharpe sorriu.

— É o mesmo avô que deixou cair um boi por um barranco?

— O mesmo, e o bicho berrou durante toda a queda. Igualzinho como quando o porco de Grogan caiu dentro de um poço. Acho que rimos por uma semana, mas o maldito porco não teve nem um arranhão! Só se molhou.

Sharpe sorriu.

— Tem que me contar isso algum dia.

— Então, o senhor ficará conosco?

— Não haverá comissão de investigação — disse Sharpe. — Foi o que Runciman me disse.

— Não tinham que ter organizado nenhuma desde o princípio — disse Harper com desdém, depois pegou a garrafa das mãos de Sharpe e a levou à boca.

Passearam por um acampamento impregnado pela fumaça das fogueiras e atormentado pelos lamentos dos feridos que haviam ficado no campo de batalha. Os gritos se desvaneceram na distância quando Sharpe e Harper se afastaram da povoação. Ao redor das fogueiras, os homens cantavam sobre seus distantes lares. Eram canções sentimentais o bastante para que inclusive Sharpe sentisse uma pontada de melancolia, ainda que sabia bem que seu lar não ficava na Inglaterra, mas aqui, no exército, e não podia se imaginar deixando seu lar. Era um soldado, e marcharia para onde lhe ordenassem que fosse, e lá mataria a tantos outros inimigos do rei. Esse era seu trabalho, e o exército era seu lar, e amava ambas as coisas, ainda que soubesse que teria que lutar como um filho da rua por cada ascensão que outros homens davam por certo. Também sabia que nunca lhe presenteariam nada por seu nascimento, sua inteligência ou sua riqueza, mas essa convicção o fez sorrir. Porque a última batalha do capitão dos fuzileiros havia sido contra o melhor soldado que a França tinha, e Sharpe afogara àquele sacana como a um rato. Sharpe havia vencido, Loup estava morto e tudo o que havia chegado a seu fim era a batalha de Sharpe.

---

## NOTA HISTÓRICA

A guarda real da Coroa espanhola em tempos de Napoleão era formada por quatro companhias: a espanhola, a americana, a italiana e a flamenca; porém, aí, não havia nenhuma Real Companhia Irlandesa. Mas havia, contudo, três regimentos irlandeses ao serviço da Coroa (da Irlanda, de Hibernia e de Ultonia), compostos todos eles por exilados irlandeses e seus descendentes. O exército inglês também era formado em boa parte por irlandeses; alguns dos regimentos de condados ingleses na Península contavam com mais de um terço de irlandeses, e se os franceses tivessem conseguido sublevar àqueles homens, o exército teria ficado em uma situação desesperada.

Na primavera de 1811, a situação era de fato bastante desesperada, mas não por culpa do desencanto, mas simplesmente pelo desequilíbrio no número de tropas entre ambos os exércitos. O governo inglês ainda tinha que perceber que com Wellington, haviam descoberto por fim um general que sabia como lutar, e ainda eram muito mesquinhos na hora de lhe enviar soldados. A escassez foi remediada em parte pelos excelentes batalhões portugueses que estavam sob o comando de Wellington. Em algumas divisões, como a Sétima, havia mais soldados portugueses que ingleses, e todos os relatos sobre a guerra rendem homenagem às qualidades de luta daqueles aliados. A relação com os espanhóis nunca foi tão fácil nem tão frutífera, nem mesmo depois do general Álava se converter no oficial de enlace para Wellington. Álava acabou sendo um bom amigo de Wellington, e de fato esteve a seu lado no campo de batalha de Waterloo. Os espanhóis terminaram por nomear a Wellington generalíssimo de seus exércitos, mas esperaram até depois da batalha de Salamanca, em 1812, que expulsou os franceses de Madri e da Espanha central.

Contudo, em 1811 os franceses estavam ainda muito perto de Portugal, e o haviam ocupado duas vezes nos três anos anteriores. Cidade Rodrigo e Badajoz obstavam os progressos de Wellington na Espanha, e até que não caíram essas duas fortalezas gêmeas (a princípios de 1812), ninguém pôde estar seguro de que os franceses não fossem tentar outra invasão a Portugal. Tal invasão se tornou muito menos provável depois da batalha de Fontes de Onor, mas não teria sido impossível.

Fontes de Onor nunca foi uma das batalhas favoritas de Wellington, que eram aquelas que podia recordar com certo prazer dentro de sua próprio generalato. A de Assaye, na Índia, é a batalha da qual se sentia mais orgulhoso, e Fontes de Onor é provavelmente aquela da qual menos se orgulhava. Cometeu um de seus escassos erros quando permitiu que a Sétima Divisão marchasse afastando-se tanto do restante do exército, mas foi resgatada pela brilhante atuação da Divisão Ligeira sob o comando de Crauford naquele domingo pela manhã. Foi uma demonstração de arte militar que impressionou a todos os que foram testemunhas dela; a divisão estava muito afastada de qualquer auxílio, estava cercada, e mesmo assim se retirou sã e salva e só sofreu um punhado de baixas. A luta no interior da povoação foi de longe muito



pior, pouco mais que uma briga encarniçada que deixou as ruas inundadas de mortos e feridos agonizantes, se bem ao final, apesar da bravura francesa e seu único momento de glória quando capturaram a igreja e o cume, os ingleses e seus aliados defendiam a crista e negaram a Masséna o acesso à estrada de Almeida. Masséna, decepcionado, distribuiu as rações destinadas à guarnição de Almeida entre suas famintas tropas, e depois partiu de volta para Cidade Rodrigo.

Portanto, apesar de seu erro, Wellington ficou com a vitória, ainda que tenha sido uma vitória amarga porque a guarnição de Almeida acabou escapando. Aquela guarnição havia sido bloqueada por sir William Erskine, quem, lamentavelmente, não tinha muitos “intervalos de lucidez”. A carta da Guarda Montada que descrevia a loucura de Erskine é autêntica, e mostra um dos problemas que Wellington tinha ao tentar prosseguir a guerra. Erskine não fez nada quando os franceses explodiram as defesas de Almeida, e estava dormindo enquanto a guarnição escapulia na noite. Toda aquela tropa teria que ter sido capturada, mas zombaram do débil bloqueio e foram reforçar os já numerosos exércitos franceses da Espanha.

A maioria daqueles exércitos lutavam contra guerrilheiros, não contra soldados ingleses, e um ano depois alguns deles estariam combatendo a um inimigo ainda mais terrível: o inverno russo. Mas para os ingleses também se aproximavam dificuldades, dificuldades que Sharpe e Harper compartilharão, sofrerão e, felizmente, superarão.

**Fim.**